

**Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
PUC-SP**

Sandra Regina Soares Pereira

**As desigualdades sociais e o acesso ao ensino superior:
o que pensam os beneficiários do ProUni**

Mestrado em Psicologia da Educação

São Paulo
2017

**Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
PUC-SP**

Sandra Regina Soares Pereira

**As desigualdades sociais e o acesso ao ensino superior:
o que pensam os beneficiários do ProUni**

Mestrado em Psicologia da Educação

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Educação, área de concentração Psicologia da Educação, sob a orientação do Prof. Dr. Antônio Carlos Caruso Ronca.

São Paulo
2017

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Antonio Carlos Caruso Ronca
Presidente e orientador
PUC-SP

Profª Drª Mitsuko Aparecida Makino Antunes
Examinadora titular
PUC-SP

Profª Drª Ligia Carvalho Aboes Vercelli
Examinadora titular
Universidade Nove de Julho

Dedico este trabalho a todos os meus alunos. Aos que nesses 29 anos de profissão docente estiveram comigo em sala de aula, permitindo-me trocar aprendizados, e aos futuros alunos. Parceiros que sempre me transformam em melhor profissional e pessoa: a vocês, o meu muito obrigada.

Agradeço ao povo brasileiro, contribuintes que colaboraram para que a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e o Programa de Suporte à Pós-Graduação de Instituições de Ensino Particulares (Prosup) me mantivessem na condição de bolsista, permitindo o desenvolvimento deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

Muitas pessoas fizeram parte deste processo; a elas sou grata pelos incentivos recebidos, pelas trocas de informações e pela cumplicidade em tantos momentos de estudo. Porém, destaco aqui algumas pessoas que participaram diretamente desses momentos.

Ao professor Antonio Carlos Caruso Ronca, meu orientador, pois sem ele esta dissertação certamente não existiria. Graças à sua constante dedicação, conhecimento, paciência, bom humor, firmeza, acolhimento e parceria, fez-se possível a cumplicidade que nos conduziu à completa caminhada.

À professora Mitsuko Aparecida Makino Antunes (Mimi), por seu vasto conhecimento na área da História da Psicologia da Educação, pelas preciosas contribuições oferecidas na qualificação e por ter aceito compor a banca deste trabalho.

À professora Ligia Carvalho Aboes Vercelli, que sempre me incentivou e colaborou para que este momento se tornasse realidade, e que prontamente aceitou o convite para fazer parte da banca desta pesquisa, contribuindo com seus valiosos conhecimentos.

À professora Ana Mercês Bahia Bock, que me estimulou, sem saber, a não desistir no primeiro ano do curso, porque suas aulas deram-me a certeza de que tornar-se mestre é ter autonomia com responsabilidade.

Agradeço imensamente aos professores Ana Maria Saul, Laurinda Ramalho de Almeida, Maria Regina Maluf, Melania Moroz e Sergio Vasconcelos de Luna, por partilharem tantos conhecimentos adquiridos ao longo de uma vida de estudo e dedicação.

Às alunas que tão gentilmente aceitaram participar da entrevista, disponibilizando seu tempo e contando parte de suas vidas para que esta pesquisa se realizasse.

Aos meus familiares e amigos, por ouvirem tantos “não posso ir porque vou estudar”, por suportarem minhas ansiedades e conflitos, permanecendo na torcida para que tudo desse certo.

À Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), por priorizar a formação de seus alunos investindo na excelência de seus profissionais.

Ao “universo”, que sempre me coloca no lugar certo e no momento certo para trilhar os caminhos de novas aprendizagens e aperfeiçoamento humano.

A todos, o meu muito obrigada!

RESUMO

PEREIRA, Sandra Regina Soares. **As desigualdades sociais e o acesso ao ensino superior:** o que pensam os beneficiários do ProUni.

Esta pesquisa teve como objetivo conhecer o que os alunos que participam da experiência de serem beneficiários de um programa de ação afirmativa, o Programa Universidade para Todos (ProUni), pensam sobre esse programa de inclusão social à educação superior. Para maior compreensão da realidade daqueles que utilizam a bolsa ProUni, fez-se necessário um breve histórico do ensino superior, desde a época do Brasil Colônia até os dias atuais, cuja trajetória privilegiou a classe dominante e culminou no aumento das instituições privadas em detrimento das públicas. Investigar as desigualdades sociais como consequência da permanente e injusta distribuição de renda que acomete o país colaborou para justificar a necessidade de políticas públicas que viabilizem o acesso ao ensino superior para a classe menos favorecida economicamente. Por meio de entrevista semiestruturada, cinco alunas do último semestre do curso de Pedagogia noturno de uma universidade privada da zona oeste de São Paulo prestaram depoimentos que possibilitaram estabelecer categorias para a Análise de Conteúdo. Contribuiu para a realização desta pesquisa a consulta a diversos autores, entre eles Afrânio Mendes Catani; Alípio Márcio Dias Casali e Maria José Viana M. Mattos; Ana Mercês Bahia Bock; Antonio Carlos Caruso Ronca; Cristiane Pereira de Melo Oliveira; Dermeval Saviani; Júlio César Godoy Bertolin e Cristina Firenze; Ligia Carvalho Aboes Vercelli; Luiz Fernandes Dourado; Maria Laura Puglisi Barbosa Franco; Marta Arretche; Mitsuko Aparecida Makino Antunes; Otaíza de Oliveira Romanelli e Paulo Freire. A investigação se desenvolveu a partir dos seguintes temas: origem e situação familiar das alunas entrevistadas, visão dos pais em relação à filha universitária, contexto social das alunas, sua escolarização básica, suas rotinas de lazer, mudanças pessoais que obtiveram no transcorrer do curso, dificuldades e preconceitos que enfrentaram durante a graduação, pontos positivos e negativos do ProUni, representação do programa em suas vidas e perspectivas profissionais ao concluírem o curso. A análise dos temas acima citados conduziu à conclusão de que as alunas pertencem à classe menos favorecida economicamente, sendo oriundas de famílias que valorizam os estudos, embora, por diversas dificuldades, tenham baixa escolarização; e que as alunas consideram o ProUni um programa que, além de permitir o acesso e a permanência no ensino superior, promove mudanças pessoais, profissionais e sociais profundas para a classe desfavorecida economicamente.

Palavras-chave: ProUni. Opinião de alunos. Desigualdades e inclusão social.

ABSTRACT

PEREIRA, Sandra Regina Soares. **Social inequalities and access to higher education: what the ProUni beneficiaries think.**

This research aimed to know what students who participate in the experience of beneficiaries of an affirmative action program, Universidade para Todos (Program University for All – ProUni), think about this program of social inclusion to higher education. For a better understanding of the reality of those who use the ProUni scholarship, a brief history of higher education has been necessary since the time when Brazil was colonized until the present day, whose trajectory privileged the ruling class, and culminated with the increase of the private institutions to the detriment of the public ones. Investigating social inequalities as a consequence of permanent and unfair distribution of income that affects the country collaborated to justify the need for public policies that enable the economically disadvantaged class access to higher education. Through a semistructured interview, five students of the last semester of the nocturnal course of Pedagogy, of a private university of the west zone of São Paulo, gave testimonies that made possible to establish categories for Content Analysis. Contributed to the accomplishment of this research the consultation to several authors, such as Afrânio Mendes Catani; Alípio Márcio Dias Casali and Maria José Viana Marinho Mattos; Ana Mercês Bahia Bock; Antonio Carlos Caruso Ronca; Cristiane Pereira de Melo Oliveira; Dermeval Saviani; Júlio César Godoy Bertolin and Cristina Firenze; Ligia Carvalho Aboes Vercelli; Luiz Fernandes Dourado; Maria Laura Puglisi Barbosa Franco; Marta Arretche; Mitsuko Aparecida Makino Antunes; Otaíza de Oliveira Romanelli and Paulo Freire, among others. The research was developed from the following themes: origin and family situation of the students interviewed, the parents' vision about the University's daughter, social context of the students, their basic schooling, their leisure routines, personal changes they had during the course, difficulties and prejudices they faced during graduation, positive and negative points of ProUni, the representation of the Pprogram in their lives and career prospects upon completion of the course. The analysis of the above mentioned subjects led to the conclusion that the students belong to the economically disadvantaged class, coming from families that value studies, although, due to several difficulties they have low schooling. And those students consider ProUni a program that, in addition to allowing access and permanence to higher education, also promotes deep personal, professional and social changes to the economically disadvantaged class.

Keywords: ProUni; Student opinion; Inequalities and social inclusion.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	11
INTRODUÇÃO	14
1 BREVE HISTÓRICO DO ENSINO SUPERIOR NO BRASIL	19
1.1 O ensino superior na Colônia	19
1.2 O ensino superior no Império	20
1.3 O ensino superior na Primeira República	22
1.4 O ensino superior na Segunda República	24
1.5 O ensino superior na ditadura militar	25
1.6 O ensino superior no governo do presidente Fernando Collor de Mello ..	28
1.7 O ensino superior no governo do presidente Fernando Henrique Cardoso	29
1.8 O ensino superior no governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva	31
1.9 O ensino superior no governo da presidenta Dilma Rousseff	34
2 AS DESIGUALDADES SOCIAIS E O ACESSO AO ENSINO SUPERIOR: O PROUNI EM FOCO	38
2.1 As desigualdades sociais no Brasil	38
2.2 O ProUni e o acesso ao ensino superior	45
2.3 As críticas ao ProUni	49
3 PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA	53
3.1 Metodologia	53
3.2 Procedimentos	53
3.3 Caracterização da instituição de ensino superior	56
3.4 Caracterização dos sujeitos da pesquisa	57
4 O PROUNI SOB A PERSPECTIVA DAS ALUNAS DO CURSO DE PEDAGOGIA	59
4.1 Perfil das alunas entrevistadas	59
4.2 Análise das entrevistas	63
4.2.1 Análise da categoria <i>Origem familiar</i>	65
4.2.2 Análise da categoria <i>Contexto social</i>	70
4.2.3 Análise da categoria <i>O ProUni na vida da aluna</i>	76
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	93

REFERÊNCIAS	102
APÊNDICE A – DADOS PESSOAIS E EDUCACIONAIS DO (A) ENTREVISTADO (A)	114
APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO	115
APÊNDICE C – ENTREVISTA-PILOTO	116
APÊNDICE D – ENTREVISTAS	122
APÊNDICE E – CATEGORIZAÇÃO	183

APRESENTAÇÃO

*Os sonhos são flores altas de umas distantes
montanhas que um dia se alcançarão.*

(MEIRELES, 1976, p. 29)

Minha trajetória profissional começou cedo: com 16 anos, arrumei meu primeiro emprego, como balconista de uma papelaria; aos 20 anos, ingressei em uma imobiliária para trabalhar com contas a pagar, e com 22, migrei para o escritório de uma metalúrgica, porque lá não trabalharia aos sábados.

Nesse período, dos 16 aos 20 anos, abri uma poupança e arrecadei um valor que me possibilitou prestar vestibular e continuar meus estudos.

Entrei no curso de Pedagogia, na Universidade São Judas. Na época, eram quatro anos de formação; quando estava no 2º ano, casei-me e pude finalmente trabalhar meio período e iniciar meu percurso na Educação. Fui auxiliar de sala e professora na educação infantil; ministrei aulas para o ensino fundamental I e II, ensino médio magistério e regular, até chegar ao ensino superior, em 2007.

Em 28 anos de trabalho, minha maior experiência foi em escolas particulares. Durante seis anos, ministrei aulas em escola pública do Estado, à noite, simultaneamente à coordenação pedagógica, que exercia durante o dia em uma instituição privada.

Com minha separação matrimonial, em 1994, voltei a trabalhar intensamente e, durante 16 anos, acumulei as funções de coordenadora pedagógica de educação infantil e ensino fundamental I e professora de Psicologia da Educação no ensino médio e de Orientação Sexual no ensino fundamental II.

Fiz uma segunda graduação, em Psicologia, na Universidade de Guarulhos (UNG), e pós-graduação na Universidade de São Paulo (USP), em Psicologia e Educação: Processos de Aprendizagem e Escolarização, além de diversos cursos livres na área da Educação: O Papel do Coordenador no Processo Reflexivo do Professor; Avaliação na Educação; O Socioconstrutivismo: Planejando e Analisando a Sala de Aula; Projeto Reggio Emília; Entrelaces Psíquicos entre Mães e Filhas, entre outros.

Em 2010, fui aluna ouvinte no mestrado em outra instituição, mas não concretizei a matrícula por motivos pessoais: tive um repentino descolamento de retina, com perda total de visão do olho direito, que me exigiu fazer três cirurgias sucessivamente, e no mesmo período tive importantes perdas familiares.

Essas vicissitudes da vida levaram-me a adiar o mestrado e a valorizar outros aspectos além do trabalho e do estudo.

Em 2014, a coordenadora da universidade na qual trabalho solicitou que eu fizesse o mestrado. Repensei a necessidade desse curso, pois não me sinto pesquisadora. Sou professora, meu grande prazer é estudar para planejar e ministrar aulas; mas percebi que o mestrado também me tornaria uma profissional mais preparada para lecionar no ensino superior e, dessa forma, cheguei à PUC. Escolhi esta universidade devido ao seu bom conceito na área da Educação, e resolvi dedicar-me ao curso a fim de dar mais esse salto qualitativo em minha formação.

Diante da minha história de vida, não é difícil saber por que me interessei por pesquisar a desigualdade social, pois sou fruto dessa desigualdade.

Nascida em uma família pobre, com pais sem muito estudo, tive a grande sorte de, apesar dessa ausência de escolarização familiar, ter aprendido com eles a valorizar o conhecimento, a escola e a educação. Embora sem muitas condições financeiras, sempre me incentivaram a estudar, ajudaram no que foi possível e tinham imenso orgulho da filha professora.

Por outro lado, tive a recompensa de tanto sacrifício pessoal, de poder ajudá-los em vida, principalmente minha mãe, que faleceu 20 anos depois de meu pai e teve, graças ao fruto do meu trabalho, um conforto maior nos momentos de doença e velhice.

Os estudos possibilitaram muitas melhorias em minha vida, porque de balconista em um bazar tornei-me professora de educação infantil, ensino fundamental e médio. Atualmente, ministro aulas no ensino superior, das disciplinas de Psicologia da Educação, Coordenação do Trabalho Educacional, Avaliação Educacional e Educação em Tempo Integral, em universidade privada, na qual trabalho com alunos de classe econômica semelhante à da minha origem, e tento despertá-los para a importância do conhecimento que possibilita mudanças

profundas no olhar para a vida. Acredito que, quando se nasce sem condições financeiras, o estudo é o grande portal para adentrar uma vida mais digna.

Participando das aulas do mestrado, deparei-me com o tema da desigualdade social, que se tornou o foco de minha pesquisa. Confesso que tenho enorme dificuldade de ler sobre esse tema. Não pelos autores e textos selecionados, mas pelo quanto despertam em mim sentimentos diversos. Em alguns momentos, indignação, revolta, inconformismo, porque me levam a entender o quanto sofri – e sofro – desse mal para chegar e me manter onde estou profissionalmente. Outras pessoas atingiram um nível social, cultural e intelectual muito acima do meu com mínimo esforço, só porque nasceram em “berço de ouro”, enquanto os nascidos em “berço de palha”, mesmo fazendo parte da grande maioria, não conseguem emergir das desigualdades sem sacrifícios e sequelas da luta diária.

Conviver com alunos trabalhadores, pobres, que conseguem estudar graças a uma política pública que criou programas como o Fundo de Financiamento Estudantil (Fies) e o Programa Universidade Para Todos (ProUni), também me motivou a realizar esta pesquisa. Observo diariamente meus alunos jantando salgadinhos, aqueles chamados de “isopor”, para assistirem aula; já aconteceu de socorrer discentes que passaram mal porque estavam sem comer o dia inteiro, saíram cedo de casa para procurar emprego e foram para a aula com o café da manhã que tomaram em casa; presenciei aluna tendo convulsão porque não teve dinheiro para comprar o remédio de uso contínuo para epilepsia; alunos que no inverno vão para a faculdade com uma malha tão fina que tremem de frio enquanto assistem à aula. Alunos que lutam muito para estudar, ter uma formação universitária e buscar uma melhoria financeira, social e cultural em suas vidas.

Para finalizar, esta pesquisa é fruto de experiência pessoal com a desigualdade social e de felizes encontros com alunos batalhadores, persistentes e crentes em si.

Meu maior desejo é que ela valha além de uma reflexão, que se torne um impulso a mais, uma possibilidade de maior conscientização na luta contra as desigualdades sociais e que vá ao encontro das políticas públicas educacionais, para que a escolaridade seja fruto de um processo democrático que supere o abismo entre os que têm muito e os que quase nada possuem.

INTRODUÇÃO

No mundo da História, da cultura, da política, constato não para me adaptar mas para mudar.

(FREIRE, 2000, p. 90)

Ao pesquisar a história do ensino superior e as desigualdades sociais no Brasil, foi possível constatar que o país é marcado por inúmeras exclusões, de pobres, negros, mulheres, homossexuais, grupos religiosos e muitos outros (BOCK; RONCA, 2013). Tais desigualdades se refletem na baixa escolarização do povo brasileiro, que teve acesso tardio ao ensino superior, já que as primeiras instituições nesse nível de ensino foram criadas em 1808, e as universidades, no século XX, mais precisamente na década de 1930 (DURHAM, 2003). Essas instituições já nasceram marcadas pela prevalência da classe dominante; os menos favorecidos não tinham acesso porque, para sobreviver, dedicavam-se prematuramente ao trabalho, desempenhando funções menos qualificadas e se mantendo longe dos cursos superiores.

Desde os anos 1970, o governo estimulou a criação de universidades privadas, visando a minimizar a pressão social dos candidatos excedentes às vagas das instituições públicas (MARTINS, 2009). Dessa forma, o ensino superior privado expandiu-se e os alunos oriundos das classes populares – nascidos em família com baixo nível sociocultural e que cursaram a educação básica em escolas públicas, apresentando frágil formação acadêmica – puderam ingressar nos cursos noturnos que não existiam nas instituições públicas, dando continuidade aos estudos e almejando ascensão social por meio de maior qualificação para o trabalho.

Em 2001, o governo do então presidente Fernando Henrique Cardoso, por meio da criação do Fies, sob a Lei nº 10.260 (BRASIL, 2001), facilitou a entrada de 30.410 alunos economicamente menos favorecidos no ensino superior (BRASIL, 2016h).

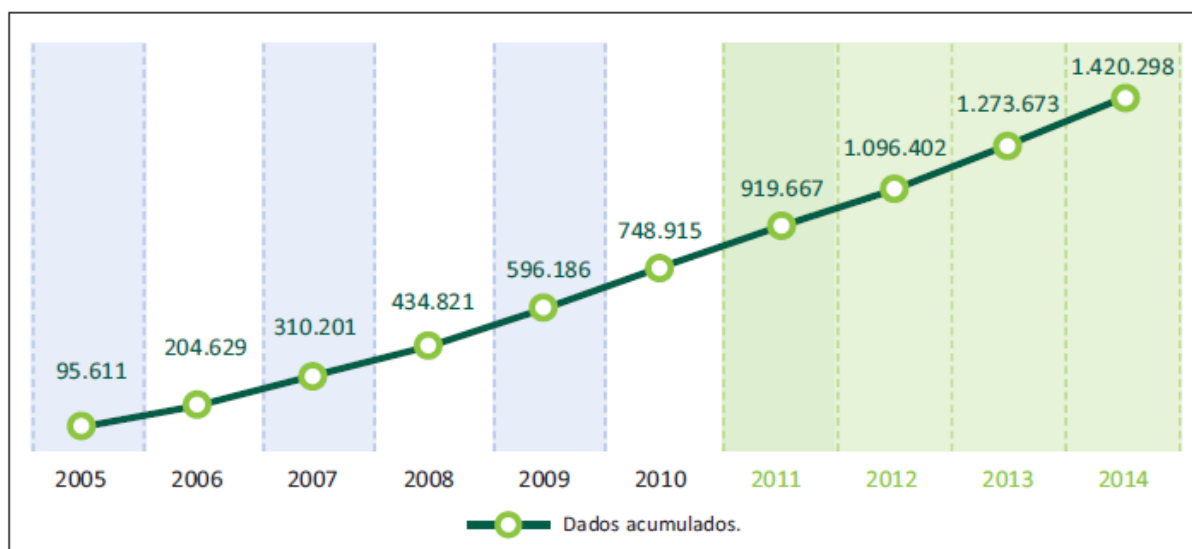
A partir de 2004, com o então presidente Luiz Inácio Lula da Silva, o governo investiu em ações afirmativas e em 2005 criou o ProUni, instituído pela Lei nº

11.096/2005, ampliando a democratização do acesso ao ensino superior, na tentativa de diminuir as desigualdades educacionais no Brasil (NOGUEIRA, 2013).

O governo da presidenta Dilma Rousseff deu continuidade às ações afirmativas na educação superior e, em 2014, o número de bolsas integrais e parciais disponibilizadas aos estudantes chegou perto de 1,5 milhão. Segundo o Sistema do ProUni (SisProUni), quase a metade (49%) dos estudantes que utilizam as bolsas do ProUni são afrodescendentes, e 87% frequentam cursos noturnos, o que afirma a intenção do governo em investir naqueles que não eram vistos como cidadãos de direito.

No Gráfico 1, é possível visualizar o crescente número de bolsas disponibilizadas ao longo dos anos pelo governo federal. Ele mostra que no início do programa foram disponibilizadas 95.611 bolsas e, em 2014, esse número chegou a 1.420.298.

Gráfico 1 – ProUni: bolsas ocupadas



Fonte: CUNHA (2016, p. 365).

Diante das políticas públicas dos governos dos presidentes Lula e Dilma, as desigualdades sociais diminuíram no Brasil. No entanto, apesar disso o relatório do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud) mostrou que o país está ainda em 79º lugar entre 187 países e territórios reconhecidos pela

Organização das Nações Unidas (ONU) (PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO, 2014).

A diminuição das desigualdades não representa a erradicação das exclusões. O Brasil é um país de muitas discrepâncias, acostumado a ter as classes populares longe da escola e dos privilégios da minoria. Combater as desigualdades é uma luta constante, é uma luta de classes na qual as desigualdades são mais graves que a corrupção (SOUZA, 2006).

Para Ronca, a diminuição das desigualdades está intimamente atrelada às políticas públicas:

A situação atual da sociedade brasileira, com a desigualdade como característica fundamental, exige, para sua superação, a implementação de políticas públicas estruturantes “que permaneçam no tempo, envolvam vários atores, estejam integradas a outras políticas públicas setoriais, prevejam sistemas de monitoramento e avaliação, e, dessa forma, caracterizem-se como políticas de Estado e não apenas de governo”. (RONCA, 2015, p. 102)

Diante das emergências sociais das quais as desigualdades fazem parte, da convivência profissional com alunos universitários pobres e da consciência de que um sistema político democrático pode, com as ações afirmativas, provocar mudanças significativas na diminuição das desigualdades, proponho-me a investigar o que pensam os estudantes do curso de Pedagogia de uma universidade privada da zona oeste de São Paulo, beneficiários do ProUni.

A preocupação em ouvir os sujeitos que participam da experiência de serem bolsistas de um programa de ação afirmativa já esteve presente em alguns estudos recentes, que versaram sobre as ideias dos alunos em relação ao ProUni. Para Oliveira (2012), os alunos sentem-se gratos ao programa e estão satisfeitos com ele. A autora ressalta que os estudantes apresentam mais dificuldades financeiras do que acadêmicas e sugerem que a Bolsa Permanência seja disponibilizada a todos os bolsistas, que as vagas e a flexibilização da oferta sejam ampliadas. Segundo Oliveira (2012, p. 9), os alunos sabem que “o referido Programa não resolve, em sua totalidade, o problema da inclusão de jovens e adultos na educação superior, mas contribui para a mudança do cenário da Educação Brasileira”.

Ao pesquisar o tema, Ferreira (2012, p. 9) concluiu: “Os alunos compreendem o programa em suas múltiplas dimensões: inserção social, cultural e econômica”.

Em pesquisa recente, Fontele e Crisóstomo (2015, p. 739) concluíram:

Os resultados alcançados sinalizam que, de fato, o ProUni atende às demandas de determinado segmento da população por inclusão no ensino superior. No entanto, os beneficiários consideram que há necessidade de ajustes no programa e que a formação acadêmica que ora recebem foi definida mais por perspectivas do mercado de trabalho e por conveniências das instituições que pelo critério de aptidão. A atividade laboral foi apontada como justificativa ao baixo desempenho acadêmico dos bolsistas, tendo sido encontrados na fala dos beneficiários indícios da existência de discriminação.

Casali e Mattos (2015, p. 705) também deixaram sua contribuição, observando:

Há consenso no que se refere ao impacto positivo no acesso à educação superior; no aprendizado dos jovens e adultos de baixa renda; nas possibilidades de inserção no mercado de trabalho após o término do curso de graduação.

É possível constatar que o ProUni é mencionado nas pesquisas como um programa que promove o acesso e a permanência no ensino superior e:

[...] eleva o padrão de vida cultural e social dos beneficiários, aumentando as possibilidades de sucesso na sua formação e na sua vida profissional. Isso significa reconhecer que o ProUni é uma referência, um marco de implementação de uma política pública de ação afirmativa, respeitada e acatada nas esferas federal, estadual e municipal, [...]. (CASALI; MATTOS, 2015, p. 707)

Entende-se, ainda, que:

[...] o ProUni caracteriza-se, assim, como importante política de acesso à educação superior, e como tal é merecedor de estudos que possam contribuir para sua manutenção e desenvolvimento. Justifica-se, pois, o adensamento e o aperfeiçoamento das análises sobre sua aceitabilidade, seu desempenho e sua aprovação, na perspectiva de sua continuidade e aperfeiçoamento. (CASALI; MATTOS, 2015, p. 686)

Os resultados obtidos nesta pesquisa permitirão articular o conhecimento atual a respeito desse programa com novas ou semelhantes informações advindas dos alunos que utilizam a bolsa ProUni, do curso de Pedagogia estudado.

Sendo assim, os objetivos gerais desta pesquisa centram-se em conhecer um pouco da escolarização desses estudantes desfavorecidos economicamente, a forma como chegaram ao ensino superior, como conheceram o ProUni e suas expectativas após concluírem a graduação.

O objetivo específico é saber o que pensam os alunos beneficiários do ProUni a respeito desse programa e quais mudanças pessoais, sociais, culturais e econômicas ocorreram em suas vidas ao se tornarem universitários.

Para atingir esses objetivos, a organização deste trabalho aconteceu da seguinte forma:

- a) consulta bibliográfica e elaboração de capítulos sobre a história do ensino superior no Brasil, as desigualdades sociais, o ProUni e Análise de Conteúdo;
- b) entrevista semiestruturada com alunos com idade entre 18 e 35 anos, do último semestre do curso de Pedagogia noturno, favorecidos pelo ProUni;
- c) transcrição das entrevistas, para posterior análise das respostas por meio da Análise de Conteúdo, proposta por Franco (2012).

Como a proposta é ouvir alunos a respeito do ProUni, a escolha metodológica para este estudo é a abordagem qualitativa, que permite: colher dados descritivos por intermédio da transcrição das entrevistas realizadas; focalizar o percurso histórico da vida dos alunos; buscar o significado atribuído ao ProUni pelos beneficiários do programa (ANDRÉ; LÜDKE, 2015).

Na busca de compreender as ideias que os beneficiários do ProUni têm sobre o programa, fez-se necessário iniciar essa pesquisa pelo contexto histórico do ensino superior no Brasil.

1 BREVE HISTÓRICO DO ENSINO SUPERIOR NO BRASIL

Como conhecer a fonte da desigualdade entre os homens, se não se começar por conhecer os próprios homens.

(ROUSSEAU, [1754], p. 28)

Com o objetivo de informar ao leitor como foi constituído o ensino superior no Brasil, apresentarei neste capítulo um breve histórico da educação superior brasileira, desde a época do Brasil Colônia até o governo da presidenta Dilma Rousseff.

1.1 O ensino superior na Colônia

No período de 1500 a 1822, a colônia portuguesa não teve interesse em criar escolas de ensino superior no Brasil. Portugal ocupava-se com a política de colonização, pela qual a pouca preocupação com a escolarização consistia em “[...] atividade de um aparelho educacional posto a serviço da exploração da Colônia pela Metrópole” (CUNHA, 2007, p. 21).

Os jesuítas foram os primeiros professores da Colônia e, durante os 200 anos iniciais de colonização, monopolizaram a educação brasileira. As escolas jesuítas tinham como objetivo a catequização dos índios e a formação de novos sacerdotes. Dessa forma, “O primeiro estabelecimento de ensino superior no Brasil foi fundado pelos jesuítas em 1550, em Salvador, na Bahia, sede do governo geral, com a criação do curso de Artes e Teologia [...]” (RAMOS, 2011).

Em 1759, o Marquês de Pombal, então ministro de Estado em Portugal, com objetivos políticos, expulsou os jesuítas e comandou uma série de reformas, que consistia em:

[...] adaptar aquele país [Portugal] e as colônias às transformações econômicas, políticas e culturais que ocorriam na Europa. No campo cultural, o que se queria era a implementação em Portugal de ideias mais ou menos próximas do Iluminismo. (GHIRALDELLI JÚNIOR, 2008, p. 26)

O Iluminismo trouxe a ênfase na razão e nas experiências, rejeitando as crenças e religiões. Para Cunha (2007 p. 44), o Iluminismo é um “movimento intelectual [...] que] consistia na celebração da razão em oposição a qualquer religião

revelada, consistente com a fé na ordem racional do mundo, a exaltação da ciência experimental e da técnica”.

Em 1808, com a chegada da corte portuguesa ao Brasil, o Rio de Janeiro passou a ser a sede do governo central e o Império foi estabelecido.

1.2 O ensino superior no Império

Naquele período, vários cursos foram criados em forma de cátedras, com a intenção de gerar um ambiente favorável à corte e às novas relações comerciais advindas da abertura dos portos. O ensino “foi estruturado em três níveis: primário, secundário e superior” (GHIRALDELLI JÚNIOR, 2008, p. 28), sendo que no ensino superior os cursos estavam localizados em diferentes estados:

[...] os cursos jurídicos de São Paulo e Olinda. Quem desejasse seguir carreira médica deveria se contentar com a Bahia e Rio de Janeiro. A engenharia estava restrita, de certo modo, à Escola Politécnica do Rio de Janeiro. Havia ainda os cursos militares do Rio Grande do Sul, do Rio de Janeiro e de Fortaleza. Existia também o curso da Marinha, no Rio de Janeiro. O Rio de Janeiro detinha, ainda, escola para o ensino artístico e mais seis seminários para o ensino religioso. (GHIRALDELLI JÚNIOR, 2008, p. 29)

Os estabelecimentos militares preparavam especialistas em assuntos de guerra, os chamados burocratas para o Estado. Os cursos de Medicina surgiram em hospitais militares, com o objetivo de fornecer médicos e cirurgiões para o Exército e a Marinha (CUNHA, 2007).

Como não existia uma política pública do governo central para padronizar e acompanhar os cursos de ensino superior, era notória a baixa qualidade de ensino nas províncias, quando comparado ao ensino nas metrópoles (GHIRALDELLI JÚNIOR, 2008).

No Império, o positivismo dominou as ideias educacionais contra as doutrinas impostas pela igreja. Para Ghiraldelli Júnior (2008, p. 30), o positivismo:

Sustentava que a única forma de conhecimento, ou a mais elevada, era gerada a partir da descrição de fenômenos captáveis pelos sentidos. [...] por se limitar ao que é positivamente dado, sem qualquer especulação. [...] em princípio, aquele que levaria o estudante a um maior cuidado não com as grandes obras literárias e, sim, com os tratados a respeito das ciências experimentais.

No final do Império foram criadas também a Escola Politécnica, no Rio de Janeiro, e a Escola de Minas de Ouro Preto, para formar engenheiros, visando à construção de estradas de ferro para transportar o minério que, na época, era responsável pela prosperidade econômica do Estado (CUNHA, 2007).

O ensino superior no Império sofreu poucas mudanças quando comparado ao período colonial; porém faz-se importante citar que:

Antes da independência, mesmo durante a época pombalina, a educação escolar no Brasil era predominantemente estatal, religiosa ou secular. Raros eram os estabelecimentos de ensino dirigidos por particulares, embora houvesse quem lecionasse em suas residências [...]. Depois da independência, formaram-se dois setores, o do ensino estatal (laico) e o do ensino particular (religioso ou laico). O novo Estado ditava normas para o ensino por ele ministrado e deixava o ensino particular funcionando praticamente em regime de *laissez-faire*. (CUNHA, 2007, p. 79)

O ensino público como direito de todos e subsidiado pelo Estado começou a dividir espaço com o ensino privado, pago e organizado, de acordo com os interesses dos mantenedores.

Em 1879, o então ministro do Império, Carlos Leôncio de Carvalho, promulgou o Decreto nº 7.247, que instituiu a liberdade de ensino em todo país:

Pelo decreto, as escolas superiores particulares que viessem a ser criadas poderiam conceder diplomas com privilégios iguais aos expedidos pelas escolas estatais mediante o seu reconhecimento pelo Governo. Instituiu, também a frequência livre nos cursos superiores. (CUNHA, 2007, p. 85)

Para Durham (2003), essas escolas coexistiam com o mesmo objetivo: atender às necessidades do Estado mediante as mudanças políticas da época.

Em 1889, o General Deodoro da Fonseca proclamou a República. Essa forma de governo surgiu por meio de um movimento militar apoiado socialmente pelas classes sociais que lideravam a economia cafeeira e estavam descontentes com a política econômica do Império, que não conseguiu sobreviver à expansão da lavoura cafeeira, ao fim da escravidão, ao início do trabalho assalariado e à democracia que trouxe a descentralização do poder imperial. Dessa forma, entre 1889 a 1930 novas mudanças educacionais surgiram diante das necessidades sociais e poderão ser conhecidas a seguir (GHIRALDELLI JÚNIOR, 2008).

1.3 O ensino superior na Primeira República

A Primeira República, também chamada de República Velha ou República Oligárquica, foi marcada “pela facilitação do acesso ao ensino superior” (CUNHA, 2007, p. 150).

Novas formas de trabalho surgiram no início da República. O Brasil:

Assistiu uma relativa urbanização [...], e os grupos que estiveram junto com os militares na idealização e construção do novo regime vieram de setores sociais urbanos que privilegiavam, de certo modo, as carreiras de trabalho mais dependentes da posse de certa escolarização, as carreiras menos afeitas ao trabalho braçal. Associado a isso e ao clima de inovação política, surgiu então a motivação para que nossos intelectuais – de todos os níveis e projeções – viessem a discutir a necessidade de abertura de escolas. (GHIRALDELLI JÚNIOR, 2008, p. 32)

Nesse período aumentou o número das escolas superiores particulares, não dependentes do Estado, facilitando o ingresso a esse nível de ensino. Para Cunha (2007, p. 133): “Esse fenômeno foi produto de determinações técnico-econômicas, como a necessidade de aumentar o suprimento da força de trabalho dotada de alta escolaridade, e, também, de determinações ideológicas, como a influência do positivismo”.

Com a Constituição Federal de 1891, facilitou-se a abertura de novas instituições de ensino superior, como afirma o artigo 34:

O Congresso Nacional poderia criar, *mas não privativamente*, instituições de ensino superior nos estados. Assim, fora da capital do país, tanto o Congresso Nacional quanto as assembleias legislativas estaduais poderiam criar escolas superiores. (CUNHA, 2007, p. 152, grifo do autor)

Segundo Barreyro (2008), entre 1892 e 1910 criaram-se 27 instituições de ensino superior, o que elevou o número de alunos nesse nível de ensino; em 1880 havia 2 mil e 300 alunos; em 1915, mais de 10 mil alunos matriculados [...] (BARREYRO, 2008, p. 15).

Em 1915, com a Reforma de Carlos Maximiliano, o Decreto nº 11.530 instituiu a reorganização da criação de universidades, consolidando e normatizando a universidade brasileira.

Para Cunha (2007, p. 151), a expansão do ensino superior na Primeira República aconteceu devido a dois fatores:

Um fator foi o aumento da procura de ensino superior produzido, por sua vez, pelas transformações econômicas e institucionais [...]. Outro fator, este ideológico, foi a luta de liberais e de positivistas pelo “ensino livre” e destes últimos contra os privilégios ocupacionais conferidos pelos diplomas escolares.

Nesse momento, com a expansão do ensino superior, a elite sentiu-se ameaçada em seu poder e prestígio social. Introduziu-se, então, o exame vestibular, como forma de selecionar e limitar o acesso a esse nível de ensino. Segundo Cunha (2007, p. 134):

Os diplomas das escolas superiores tendiam a perder a raridade e, conseqüentemente, a deixar de ser instrumento de discriminação social eficaz e aceito como legítimo. A introdução dos exames vestibulares às escolas superiores foi uma tentativa de se restabelecer o desempenho daquela função.

Mesmo assim, o número de cursos e de escolas superiores aumentou consideravelmente e surgiram as primeiras universidades, em 1920, no Rio de Janeiro e, em 1927, em Minas Gerais (CUNHA, 2007). Cunha (2007, p. 134) acredita “não ser exagero dizer que o número de estudantes do ensino superior, em 1915, ultrapassava 10 mil, chegando a 20 mil, em ordem de grandeza, ao fim da primeira república”.

Para atender a esse contingente de alunos, foram criadas 27 escolas de ensino superior, sendo “9 de Medicina, Obstetrícia, Odontologia e Farmácia, 8 de Direito, 4 de Engenharia, 3 de Economia e 3 de Agronomia” (CUNHA, 2007, p. 158).

O resultado dessa expansão no ensino superior na época da Primeira República foi o aumento na quantidade de alunos e escolas e o questionamento da qualidade de ensino, já que o governo federal dividiu a abertura dessas instituições com os governos estaduais (CUNHA, 2007).

Em 1930, por intermédio do governo provisório, Getúlio Vargas assumiu a Presidência do Brasil, dando início a uma nova fase.

1.4 O ensino superior na Segunda República

No primeiro ano de seu mandato, o presidente Getúlio Vargas criou o Ministério da Educação e Saúde Pública e, apesar das resistências de grupos conservadores, em 1931, com o Decreto nº 19.851, ocorreu a primeira reforma do ensino superior, conhecida como Reforma Francisco Campos.

Era a primeira vez que uma reforma atingia profundamente a estrutura do ensino e, o que é importante, era pela primeira vez imposta a todo território nacional. Era, pois, o início de uma ação mais objetiva do Estado em relação à educação. (ROMANELLI, 1986, p. 131)

Logo após, em 1934, por meio do Decreto nº 6.283, foi fundada a Universidade de São Paulo (USP):

[...] a nova universidade seria formada por oito unidades de ensino e pesquisa. Sete dessas unidades já existiam muito antes do Decreto 6.283: a Faculdade de Direito (fundada em 1827), a Escola Politécnica (1893), a Faculdade de Farmácia e Odontologia (criada em 1899 e hoje dividida em duas unidades), a Faculdade de Medicina Veterinária (1911), a Faculdade de Medicina (1912), o Instituto de Educação (1933) – todas localizadas na capital – e a Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (1901), a Esalq, de Piracicaba.

A única unidade ainda não existente era a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Ela foi criada justamente para ser o “coração” da USP e dar a ela o caráter interdisciplinar que é inerente às universidades. (UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, 2016)

O ensino superior na USP surgiu com a finalidade de promover o progresso da ciência por meio da pesquisa, de ensinar conhecimentos úteis à vida, de formar especialistas em todos os setores da cultura, técnicos e profissionais com base científica, ministrar cursos breves e palestras para divulgação da ciência à sociedade. Diante desses objetivos, ela adotou uma metodologia de ensino diferenciada daquela tradicional oferecida aos estudantes. Para Cunha (2007, p. 183), a USP “procurou adotar nos seus cursos superiores métodos novos de ensino dando à realização da experiência, à apresentação do fato ou da demonstração papel que antes só cabia à explanação do professor”.

A partir de 1935, a abertura à autonomia das universidades passou a ser vista como um erro e as tendências centralizadoras e autoritárias voltaram a assombrar o ensino superior, por conta do estrito controle legal que ocorreu na sua origem.

Em meio à centralização do governo, graças ao esforço de Anísio Teixeira, na época secretário de Educação, o Decreto Municipal nº 5.513/35 instituiu a Universidade do Distrito Federal (UDF) no Rio de Janeiro, com perfil para materializar as atividades científicas livres e a produção cultural desinteressada. Inicialmente, essa instituição existiu por um curto período, aproximadamente quatro anos, e em 1937, ela ressurgiu como Universidade do Brasil, com grande importância na história do ensino superior no Brasil, devido à forma como exerceu as funções universitárias, que definiram as universidades como locais de investigação e produção do conhecimento, necessitando de autonomia para exercer suas funções.

Mas o Estado Novo, sob a presidência de Getúlio Vargas, estava longe de promover esse exercício intelectual democrático, e Anísio Teixeira foi afastado de suas funções de secretário de Educação. Em 1939, o ministro Capanema, em nome da disciplina e da ordem, por intermédio do Decreto nº 1.963 extinguiu a UDF e seus cursos foram transferidos para a Universidade da Bahia.

Com a queda do presidente Vargas, em 1945, o Brasil saiu de um regime autoritário e iniciou uma nova etapa rumo à democracia. A Constituição de 1946 trouxe um perfil liberal em relação aos direitos e garantias individuais. O Decreto-Lei nº 8.393/45 concedeu autonomia administrativa, financeira, didática e disciplinar às universidades brasileiras. Mesmo não se concretizando, essas ideias representaram um avanço na legislação; mas, com os 20 anos de ditadura militar, os avanços correram risco de retrocesso.

1.5 O ensino superior na ditadura militar

A partir dos anos 1950, o país sofreu alterações em seu ritmo de desenvolvimento. A Revolução Industrial gerou crescimento econômico e consequentes mudanças sociais, trazendo à tona a consciência da precariedade das universidades brasileiras e a necessidade de maior escolarização para suprir as necessidades de mercado.

Em 1961, a Lei nº 3.998 autorizou a criação da Universidade de Brasília (UnB), marco fundamental na história das universidades brasileiras. O antropólogo

Darcy Ribeiro e o educador Anísio Teixeira planejaram um modelo pedagógico inovador, com estruturas mais flexíveis para renovar o ensino superior. O arquiteto Oscar Niemeyer foi o responsável pela construção do *campus*. “Os inventores desejavam criar uma experiência educadora que unisse o que havia de mais moderno em pesquisas tecnológicas com uma produção acadêmica capaz de melhorar a realidade brasileira.” (UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 2016)

Com a força da União Nacional dos Estudantes (UNE), a luta era combater o padrão histórico elitista das instituições de ensino superior, exercer a autonomia universitária, desenvolver uma gestão democrática com a participação de grupos de professores e alunos, ampliar o número de vagas nas escolas públicas, flexibilizar a organização e o currículo.

O Congresso Nacional, por meio da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) nº 4.024/61, garantiu, no artigo 80: “As Universidades gozarão de autonomia didática, administrativa, financeira e disciplinar, que será exercida na forma de seus estatutos”, bem como a descentralização do ensino superior (BRASIL, 1961).

Com o golpe militar em 1964, a Lei nº 5.540/68 instituiu a reforma universitária, que:

[...] procurou responder a duas demandas contraditórias: de um lado, a demanda dos jovens estudantes ou postulantes a estudantes universitários e dos professores que reivindicavam a abolição da cátedra, a autonomia universitária e mais verbas e mais vagas para desenvolver pesquisas e ampliar o raio de ação da universidade; de outro lado, a demanda dos grupos ligados ao regime instalado com o golpe militar que buscavam vincular mais fortemente o ensino superior aos mecanismos de mercado e ao projeto político de modernização em consonância com os requerimentos do capitalismo internacional. (SAVIANI, 2010, p. 9)

Para evitar que os estudantes se organizassem nacionalmente, a UNE foi extinta. Os diretórios acadêmicos (DAs) e diretórios centrais dos estudantes (DCEs) podiam exercer suas atividades somente nos espaços dos cursos e universidades, sem terem participação política “subversiva” (FIGUEIREDO, 2005). “A Lei nº 5.540/68, Lei da Reforma Universitária, foi baseada nos estudos do Relatório Atcon (Rudolph Atcon, teórico norte-americano) e no Relatório Meira Matos (coronel da escola superior de Guerra) e aprovada de cima para baixo” (FIGUEIREDO, 2005).

Essa lei acabou com o sistema de cátedras, unificou o vestibular e o colocou como classificatório, criou o sistema de créditos autorizando a matrícula por disciplinas, e, com o objetivo de obter maior produtividade, concentrou os recursos integrando as faculdades às universidades e determinou que os reitores e diretores das instituições não necessariamente precisavam ser do corpo docente, podendo ser pessoas bem vistas na vida pública e empresarial (FIGUEIREDO, 2005).

Ghiraldelli Júnior (2008 p. 121) menciona: “O regime instaurado em 1964 superou todas as expectativas de duração e exacerbação do autoritarismo. Até mesmo para um pensamento conservador [...], os descaminhos do regime de 1964 foram inaceitáveis”.

Entre os anos de 1969 e 1973, o governo utilizou os empréstimos do exterior e investiu no desenvolvimento econômico. A inflação oscilava entre 15% e 20% ao ano, mas mesmo assim o Brasil viveu “o milagre econômico brasileiro” e a mídia divulgava slogans de “ninguém mais segura esse país” (MELO FILHO, 1972).

Nesse período, o Produto Interno Bruto (PIB) cresceu entre 7% e 13% ao ano, o desenvolvimento dos setores de infraestrutura em siderurgia, eletricidade e indústria petroquímica aumentou e ampliou a demanda de profissionais capacitados para tais setores, o que provocou a explosão do ensino superior no Brasil (MELO FILHO, 1972).

Segundo Volpato (2011), em 1968 o número de matriculados era 278.295; em 1980, esse número subiu para 1.377.286, ou seja, em quatro anos o número de alunos no ensino superior quadruplicou. Essa expansão aconteceu principalmente nas instituições privadas, no interior, e teve o apoio do Estado. A classe média conseguiu, assim, ascensão social por meio de maior qualificação para o trabalho.

Com o fim da ditadura, em 1985, o governo não ampliou o investimento em instituições públicas de ensino superior e perpetuou o incentivo às instituições de ensino superior privado.

1.6 O ensino superior no governo do presidente Fernando Collor de Mello

Nos anos de 1990 a 1992, o presidente Fernando Collor de Mello governou o Brasil e seu mandato foi marcado pela:

[...] agenda de “reformas” direcionadas pelos organismos internacionais, que tinham como principais determinações: o ajuste fiscal; privatização do patrimônio nacional; abertura desenfreada do mercado brasileiro, a desregulamentação da legislação trabalhista e do mercado de trabalho e a retirada intencional do Estado da execução e dos investimentos na área social. (LUZIA, 2009, p. 2-3)

Atendendo aos interesses internacionais do Banco Mundial, da Organização Mundial do Comércio (OMC), do Fundo Monetário Internacional (FMI), da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) e com o apoio da burguesia brasileira, o Brasil retrocedeu nos direitos sociais e rendeu-se à mercantilização da educação, priorizando a universidade privada em detrimento da pública, a quantidade e não a qualidade (LUZIA, 2009).

Collor implantou a modernização por meio das privatizações; segundo Barros e Lima (2016):

[...] a partir dos anos de 1990 o Ensino Superior começou a passar por bruscas mudanças. Essas mudanças estavam e ainda continuam vinculadas aos princípios neoliberais que foram implantados, de fato, no Brasil com a primeira eleição direta para Presidência da República.

Com o *impeachment* do presidente Collor, em 1992, o vice-presidente Itamar Franco assumiu o cargo, favorecendo a realização e a continuidade das reformas neoliberais.

Em 1995, ao final de seu mandato, Fernando Henrique Cardoso tornou-se presidente, intensificando o processo de democratização do ensino superior por intermédio do ensino privado.

1.7 O ensino superior no governo do presidente Fernando Henrique Cardoso

Na Conferência Mundial de Educação para Todos, em 1990, em Jomtien, o Banco Mundial sugeriu aos países pobres a redução do financiamento público às instituições de ensino superior e priorizou a educação básica, o que levou o governo

de Fernando Henrique Cardoso a incentivar ainda mais as faculdades e universidades privadas.

Em 1997, a média de abertura de cursos superiores no país foi de 200 por ano. Em 1999 foram autorizados 745 novos cursos superiores e em 2000 foram 865 novos cursos. Das 124 instituições de ensino superior criadas em 1999, 95% eram privadas. (PINTO, 2013, p. 3)

Sancionada pelo então presidente Fernando Henrique Cardoso e pelo ministro da Educação Paulo Renato Souza, a LDB nº 9.394/96 foi a que mais privatizou e democratizou o ensino superior. Conforme seu artigo 53:

No exercício de sua autonomia, são asseguradas às universidades, sem prejuízo de outras, as seguintes atribuições: I - criar, organizar e extinguir, em sua sede, cursos e programas de educação superior previstos nesta Lei, obedecendo às normas gerais da União e, quando for o caso, do respectivo sistema de ensino; II - fixar os currículos dos seus cursos e programas, observadas as diretrizes gerais pertinentes; III - estabelecer planos, programas e projetos de pesquisa científica, produção artística e atividades de extensão; IV - fixar o número de vagas de acordo com a capacidade institucional e as exigências do seu meio; V - elaborar e reformar os seus estatutos e regimentos em consonância com as normas gerais atinentes; VI - conferir graus, diplomas e outros títulos; VII - firmar contratos, acordos e convênios; VIII - aprovar e executar planos, programas e projetos de investimentos referentes a obras, serviços e aquisições em geral, bem como administrar rendimentos conforme dispositivos institucionais; IX - administrar os rendimentos e deles dispor na forma prevista no ato de constituição, nas leis e nos respectivos estatutos; X - receber subvenções, doações, heranças, legados e cooperação financeira resultante de convênios com entidades públicas e privadas. (BRASIL, 1996)

A autonomia foi concedida, mas as instituições ficaram sob um sistema de avaliação, conforme Art. 46: “A autorização e o reconhecimento de cursos, bem como o credenciamento de instituições de educação superior, terão prazos limitados, sendo renovados, periodicamente, após processo regular de avaliação” (BRASIL, 1996).

A LDB nº 9.394/96 também facilitou o acesso ao ensino superior. Ela flexibilizou o antigo vestibular, não estipulando o tipo de avaliação que as instituições aplicariam aos candidatos a cursos de graduação.

O Decreto nº 2.026/96 instituiu o Exame Nacional de Cursos (ENC), mais conhecido como “Provão”. Os alunos concluintes dos cursos de graduação eram

obrigatoriamente submetidos a uma prova de conhecimentos e, dependendo dos resultados, a instituição era avaliada com conceitos de A (melhor nota) a E (nota mais baixa). Após a mensuração dos resultados, era elaborado e publicado um *ranking* das universidades. O Provão era o parâmetro para a construção de novas políticas educacionais, mas foi abolido por seus resultados parciais, já que ele considerava somente uma única vertente do processo educacional e não demonstrava a realidade das instituições.

Em 2001, o governo Fernando Henrique Cardoso substituiu o Crédito Educativo (Ceduc) pelo Fies.

O Ceduc foi criado em 1975, pelo então presidente Ernesto Geisel, sob a Lei nº 8.436, mas em 2003, com a inflação próxima aos 10% e a taxa de juros entre 17% e 25% ao ano, dos aproximadamente 200 mil contratos ativos, 84% estavam inadimplentes e o governo viu-se obrigado a reverter o enorme rombo da inadimplência (COSTA, 2015).

[...] Na época, o valor da carteira do Ceduc era de R\$ 2,1 bilhões, sendo que R\$ 1,7 bilhão pertenciam à Caixa Econômica Federal (CEF) e o restante era recurso do Ministério da Educação (MEC). Com a inflação e taxa de juros elevadas, o passivo dos estudantes era considerado impagável pelos alunos e, ao mesmo tempo, a CEF não tinha estruturado um plano de cobrança, tampouco havia um fundo garantidor para cobrir os calotes. Cada aluno tinha em média uma dívida de R\$ 10 mil em 2003. Diante deste cenário, o governo federal publicou uma portaria em dezembro de 2003 autorizando uma renegociação da dívida com descontos que chegavam a 90% e houve até casos em que o beneficiário estava desempregado e teve sua dívida perdoadada. Estudantes que estavam com pagamento em dia também foram beneficiados pela portaria. (COSTA, 2015)

O Fies surgiu nesse contexto, sob a Lei nº 10.260/2001, facilitando a entrada de 30.410 alunos pobres no ensino superior privado (BRASIL, 2016h). Financiando até 100% do curso de graduação, o aluno começava a pagar após um ano de formado, mas se submetia a regras mais rígidas que as do Ceduc. Para ser bolsista do Fies exigia-se fiador, limite de até oito anos para amortização da dívida e taxa de juros de 6,5% ao ano.

Dessa forma, no governo de Fernando Henrique Cardoso o número de alunos matriculados no ensino superior aumentou consideravelmente: de 1.759.703, em

1995, para 3.479.913, em 2002 (INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA, 2004).

O ensino superior cresceu principalmente nos cursos noturnos de instituições privadas. Segundo Cunha (2003, p. 55), “o número de alunos matriculados nos cursos noturnos das instituições privadas praticamente dobrou em 2001, cerca de 67% dos estudantes do setor privado estudavam à noite, proporção que caía para 36% no setor público”.

Nesse período, a pressão social para a ampliação das vagas nas universidades públicas fez com que o governo do presidente Fernando Henrique Cardoso criasse medidas para facilitar o acesso das classes menos favorecidas às universidades públicas. A política das cotas, sancionada pela Lei nº 12.711/2012, garantiu a reserva de 50% das matrículas por curso e turno nas universidades federais para alunos oriundos do ensino médio público e da educação de jovens e adultos (EJA). Mesmo com essa medida, esse governo ficou marcado pelo incentivo ao ensino superior privado, diferentemente do que poderemos observar no próximo mandato presidencial.

1.8 O ensino superior no governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva

Segundo Antunes (2008, p. 469):

A escola adotou ao longo da história diversas formas, em função das necessidades a que teria que responder, tendo sido, em geral, destinada a uma parcela privilegiada da população, a quem caberia desempenhar funções específicas, articuladas aos interesses dominantes de uma dada sociedade.

Em 2003, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva assumiu a Presidência da República e seu governo incrementou as políticas públicas educacionais, incentivando a continuidade da expansão do ensino superior.

Com o então ministro da Educação Tarso Genro, mobilizou a reforma universitária que priorizava a universidade pública, combatia a ideia de a educação superior ser tratada como comércio, prezava a qualidade do ensino e o acesso democrático às universidades (NERY, 2005). Previa-se, ainda, que:

[...] um terço das vagas dos cursos de graduação das instituições públicas seja oferecido no turno da noite e contemplou a educação a distância. [...] tratava do aumento da oferta de vagas no ensino superior nos sistemas estadual e municipal por meio de consórcios ou convênios firmados entre as instituições e a União.

Em relação ao financiamento, a reforma propõe que a União aplique, anualmente, nas instituições federais, nunca menos de 75% da receita constitucionalmente vinculada à manutenção e ao desenvolvimento da educação. (NERY, 2005)

Na intenção de garantir a qualidade nesse nível de ensino, em 2004 foi sancionada a Lei nº 10.861 (BRASIL, 2004), surgindo o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (Sinaes), que avalia as instituições, os cursos e o desempenho dos alunos.

Com o ProUni, sob a Lei nº 11.096/2005, o governo passou a conceder bolsa de estudo integral para alunos com comprovação de renda de até um salário mínimo e meio e bolsas parciais aos alunos com renda mensal bruta de até três salários mínimos por pessoa.

Em 2005, foi criado o sistema Universidade Aberta do Brasil (UAB), ofertando nas universidades públicas e privadas cursos de licenciatura, formação inicial e continuada a distância aos professores da educação básica.

Por meio do Decreto nº 6.096/2007, foi instituído o Programa de Apoio aos Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni), visando a ampliar o acesso ao ensino superior público e a permanência nele. O Reuni era responsável por ampliar o número de vagas nos cursos de graduação, aumentar a oferta de cursos noturnos, promover inovações pedagógicas e combater a evasão, com o amplo objetivo de diminuir as desigualdades sociais no país.

O investimento do crédito educativo (Fies) também foi ampliado e com esses programas o governo aumentou o número de alunos matriculados no ensino superior em cursos presenciais e a distância.

De acordo com o Censo da Educação Superior, “com taxa média de crescimento anual de 8,4% nos últimos dez anos, a rede federal registrou aumento no número de ingressantes superior a 124% entre 2002 e 2012” (INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA, 2013).

Isso demonstra que nesse período o governo também financiou o ensino superior público, expandindo e interiorizando as universidades federais (NASCIMENTO; HELAL, 2015). Durante o governo Lula, 14 novas universidades federais foram criadas (PEREIRA; SILVA, 2010).

Quanto ao ensino privado, o censo de 2013 informa que, “entre os alunos de graduação, 5.373.450 – aproximadamente 71,4% – estão vinculados a instituições de ensino superior privada. [...] há cinco matriculados na rede privada para cada aluno na rede pública” (INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA, 2013).

Entre 2003 e 2013, o acesso ao ensino superior cresceu nas capitais e centros urbanos, principalmente nas instituições privadas. Ficaram os desafios de permanência dos alunos nos cursos, já que muitos desistem por não conseguir manter as despesas que envolvem o estudo, tais como alimentação fora de casa, transporte, livros e acesso à internet. Ainda assim, percebe-se que o número de acessos ao ensino superior dobrou de 3,5 milhões, em 2003, para 7.305.977, em 2013 (INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA, 2013).

Outro desafio é manter a qualidade diante do grande número de alunos que chegaram ao ensino superior oriundos das escolas públicas. Para Pereira e Silva (2010, p. 23):

[...] desafios qualitativos e de inclusão aos gestores e demais profissionais das instituições de ensino superior. Cabe, na medida em que diferentes políticas foram criadas e desenvolvidas, pensar formas de inclusão que contemplem segmentos da sociedade historicamente excluídos do ensino universitário.

Com o aumento do acesso dos menos favorecidos economicamente ao ensino superior privado e com a criação de novas universidades públicas, o governo do presidente Lula trouxe a esperança de que os avanços educacionais permaneceriam na pauta do governo que o sucedeu.

1.9 O ensino superior no governo da presidenta Dilma Rousseff

A partir de 2011, o governo da presidenta Dilma deu continuidade à expansão das universidades, criando o Plano de Desenvolvimento Institucional do Consórcio das Universidades Federais do Sul-Sudeste de Minas Gerais (PDIC). Esse plano constitui a integração de sete universidades federais do Sul-Sudeste de Minas Gerais, devido às características comuns e complementares entre si. A região possui sete universidades independentes em um raio de 200 km. A ideia foi mudar o modelo de competitividade para cooperação entre as instituições consorciadas.

Denominada de superuniversidade, megauniversidade ou multiuniversidade, ela tem objetivos grandiosos, como: ser parâmetro de referência nacional e internacional na educação superior por meio dos conhecimentos produzidos pelas pesquisas, promover a inovação tecnológica, a capacitação de mão de obra, o aumento da empregabilidade da população menos favorecida economicamente, o desenvolvimento econômico e social e a igualdade social.

O Decreto nº 7.642/2011 criou o programa Ciência Sem Fronteiras, que disponibilizava bolsas de estudo para promover a capacitação de estudantes e pesquisadores com elevada qualificação em instituições estrangeiras de excelência, além de atrair para o Brasil estudantes e pesquisadores com alta qualificação em áreas do conhecimento definidas como prioritárias. O objetivo desse programa era o desenvolvimento científico, tecnológico e a competitividade industrial por meio da mobilidade internacional.

Quanto às instituições privadas de ensino superior, o governo manteve os programas de incentivo – ProUni e Fies –, estimulando o acesso dos jovens aos cursos de graduação.

Em 2010, a presidenta Dilma Rousseff flexibilizou as regras do Fies, baixou os juros de 6,5% para 3,4% ao ano, aumentou de oito para 12 anos o prazo para amortização da dívida e descartou a exigência de fiador. Atualmente, o número de alunos bolsistas do Fies encontra-se acima de 1 milhão (BRASIL, 2016i).

Nos governos dos presidentes Lula e Dilma o acesso e os incentivos ao ensino superior aumentaram e passaram a ser vistos como possibilidade de superar as desigualdades sociais típicas de um país em desenvolvimento. Em 2014, o

número de bolsas integrais e parciais disponibilizadas aos estudantes chegou perto de 1,5 milhão.

Ao assumir seu segundo mandato, em 1º de janeiro de 2015, a presidenta Dilma declarou no discurso de posse: “Daremos prioridade ao desenvolvimento da ciência, da tecnologia e da inovação, estimulando e fortalecendo as parcerias entre o setor produtivo e nossos centros de pesquisa e universidades”; e também:

Gostaria de anunciar agora o novo lema do meu governo. Ele é simples, é direto e é mobilizador. Reflete com clareza qual será a nossa grande prioridade e sinaliza para qual setor deve convergir o esforço de todas as áreas do governo. Nosso lema será: BRASIL, PÁTRIA EDUCADORA! [...]

Só a educação liberta um povo e lhe abre as portas de um futuro próspero. Democratizar o conhecimento significa universalizar o acesso a um ensino de qualidade em todos os níveis – da creche à pós-graduação; significa também levar a todos os segmentos da população – dos mais marginalizados, aos negros, às mulheres e a todos os brasileiros a educação de qualidade. (ROUSSEFF, 2015)

Mesmo que esse discurso não se conclua totalmente na prática, saber que o governo tem uma dimensão político-social, com olhar voltado à Educação, já é um avanço dentro de uma história de favorecimento educacional à elite brasileira na qual a equidade não pertencia à pauta das políticas públicas educacionais.

Um governo preocupado com as desigualdades sociais e a evolução da qualificação profissional das pessoas menos favorecidas por meio da aquisição do conhecimento poderia nos levar a políticas públicas mais eficazes para diminuir as desigualdades sociais. Mas, em 12 de março de 2016 a presidenta Dilma foi afastada do cargo por 180 dias, acusada de ter editado decretos suplementares do orçamento para pagar programas sociais, as chamadas “pedaladas fiscais”.

Em entrevista ao jornalista Pedro Rafael Vilela, no *site* de notícias Brasil de Fato, o professor de Direito Constitucional da PUC-SP, Pedro Estevam Serrano, declarou que a acusação de decretos suplementares do orçamento:

Não é motivo! Por duas razões, pelo menos. Primeiro, se houvesse ilegalidade nesses decretos seria o fato de não ter havido excesso de arrecadação, que é o fundamento para edição desses decretos. E não é da função institucional da Presidência verificar excessos de arrecadação, quem faz isso é toda uma estrutura pública na Receita Federal. Além disso, a Constituição diz que o presidente responde por atos e condutas dele, e não pelas condutas de outros agentes públicos. Em segundo lugar, uma outra questão importante é que

tem que haver gravidade na conduta para poder cassar o mandato da presidente da República. Nesse caso, não houve dano ao erário, não houve desvio de dinheiro público, não há por que se falar em ilegalidade. Foi, no máximo, uma mera irregularidade formal. (VILELA, 2015)

Serrano afirmou, ainda, que, “Se o *impeachment* prosperar, a política brasileira vai entrar na era do ‘vale-tudo’, o que pode acarretar risco aos projetos de inclusão social e à democracia” (VILELA, 2015).

Em 31 de agosto de 2016, o afastamento da presidenta Dilma Rousseff terminou com o *impeachment* e consequente afastamento definitivo da Presidência da República.

Com o fim do mandato presidencial do Partido dos Trabalhadores (PT), houve retomada do poder pelo Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB). Pela terceira vez em aproximadamente 30 anos, o PMDB assumiu o poder por meio da vice-presidência. Em 1985, após a morte do presidente Tancredo Neves, José Sarney tornou-se presidente; em outubro de 1992, quando Fernando Collor de Mello sofreu o *impeachment*, seu vice Itamar Franco assumiu a presidência; e em 2016, com a saída da presidenta Dilma Rousseff, o vice Michel Temer tomou posse.

O PMDB é o maior partido político brasileiro. Madeiro (2016) lembra que:

O PMDB nasceu como MDB, em 24 de março de 1966, após o Ato Institucional 2, que instalou o bipartidarismo no país. Em 30 de junho de 1981, o partido se transformou em PMDB e é hoje a legenda mais antiga e com maior número de filiados do país: 2,4 milhões de pessoas.

Mesmo assim, por duas vezes nos últimos 27 anos, o PMDB pleiteou a Presidência da República pelas urnas e perdeu. Em 1989, o candidato Ulysses Guimarães perdeu para Fernando Collor de Mello, e em 1994 Orestes Quécia perdeu para Fernando Henrique Cardoso.

Madeiro (2016) explica essa derrocada do PMDB nas urnas citando o cientista político Michel Zaidan Filho, da Universidade Federal de Pernambuco (Ufpe):

[...] uma das explicações para os insucessos do PMDB nas urnas é a falta de um conteúdo ideológico definido. “Não há nenhuma sinergia entre os setores nacional e regional. Esses chefes políticos não se movem por ideologia. Eles fazem alianças que avalizem os projetos políticos”, afirmou.

Dessa forma, com a ideologia de um partido centrado em seus próprios interesses políticos e que chegou ao poder sem nunca ter conquistado o voto popular, o Brasil encontra-se ameaçado em seus avanços contra as desigualdades sociais, que não são poucas e que estarão, em parte, descritas no próximo capítulo.

2 AS DESIGUALDADES SOCIAIS E O ACESSO AO ENSINO SUPERIOR: O PROUNI EM FOCO

O mapa da exclusão mostra que a desigualdade quanto à aquisição de renda é estrutural. A maioria obtém menos recursos porque outros obtêm demais.

(ALMEIDA et al., 2011, p. 34)

2.1 As desigualdades sociais no Brasil

O fenômeno da desigualdade no Brasil é estrutural. Ela se faz presente desde a época do Brasil Colônia e o acesso tardio à escolarização dos menos favorecidos economicamente, iniciado apenas na década de 1930, também concorreu para a permanência da desigualdade até os dias atuais (MARCASSA, 2012).

Em 1755, Rousseau descreveu a origem da desigualdade humana de duas formas: uma física, natural, que é determinada pela natureza e engloba as diferenças de idade, de espírito, de força, de alma; e a outra, política, moral, que é estabelecida, consentida pelos homens. Esta última consiste nos privilégios de uns sobre os outros. Varia entre ricos, poderosos que dominam os considerados menos relevantes.

Essas desigualdades políticas e morais têm origem na antiguidade. Os povos primitivos eram solitários e se juntavam em bandos somente quando tinham necessidades emergenciais ligadas a alimentação, proteção e procriação.

Para Segal (2016):

Os homens viviam em estado selvagem. Alimentavam-se de vegetais, que encontravam ao acaso: legumes, frutas silvestres, raízes. A descoberta do fogo foi de muita importância, pois permitiu ampliar as fontes de alimentação.

Os seres humanos viviam na condição de nômades, porque o alimento que conseguiam em determinado território tornava-se insuficiente para sustentar muitas pessoas ao mesmo tempo. Dessa forma, o acúmulo de bens não existia e até os alimentos eram conquistados diariamente, sem previsão para os dias futuros (SEGAL, 2016).

Com o passar do tempo, a população passou a viver em tribos, compostas em clãs, com centenas de pessoas. Não existia a propriedade privada: os meios de produção, caça, pesca, preparo e consumo dos alimentos eram administrados por todos, coletivamente, (SEGAL, 2016).

Dessa forma, o comunismo primitivo instalou-se socialmente. Para Segal (2016, grifo do autor):

O regime comunista primitivo *foi necessário* para a sociedade humana naquela época de desenvolvimento. Numa vida isolada, dispersiva, teriam sido impossíveis a invenção e o aperfeiçoamento das armas e dos instrumentos primitivos. Graças somente à vida coletiva, os homens primitivos puderam alcançar seus primeiros êxitos na luta contra a natureza. A união, no “clã comunista”, constituiu, nessa época, sua principal força.

Na sociedade comunista primitiva, não existia nem poderia existir a exploração do homem pelo homem. O trabalho era dividido entre homens e mulheres. No clã conviviam membros mais fortes e membros mais fracos, mas não existia a exploração de uns pelos outros.

A exploração entre seres humanos só é possível quando se tem o excedente, isto é, quando um homem produz meios de existência para si e para os outros, permitindo que uma pessoa viva à custa do trabalho do outro.

Dessa forma:

Entre os homens da sociedade primitiva, obrigados a conseguir alimentos para o consumo pessoal de cada dia e incapazes de produzir mais do que o estritamente necessário, não podia haver lugar para a exploração [...] seria um erro imaginar-se que os homens primitivos criaram esse regime conscientemente, pois ele se formou e se desenvolveu de maneira natural, *alheia à vontade e à consciência dos homens*. (SEGAL, 2016, grifo do autor)

Posteriormente, novas necessidades materiais surgiram e o comunismo primitivo foi, aos poucos, desaparecendo. Uma nova divisão de trabalho se estabeleceu, nasceu a propriedade privada e a sociedade dividiu-se em classes.

Para Segal (2016, grifo do autor), o fim do comunismo primitivo aconteceu porque houve:

[...] a domesticação dos animais e a substituição da caça pela criação, o que aconteceu, em primeiro lugar, entre as tribos acampadas nos territórios mais ricos de pasto (principalmente nas regiões dos grandes rios da Ásia e das Índias, às margens do Amú-Baria, do Sy-Daria, do Tigre e do Eufrates). A criação foi para essas

tribos fonte permanente de leite, carne, peles e lã. As tribos pastoris possuíam dessa forma objetos de uso que faltavam às outras. A introdução da criação do gado assinalou, assim, a *primeira divisão social do trabalho*.

A partir da divisão do trabalho, as trocas entre as tribos deixaram de ser acidentais e se tornaram regulares.

Com o desenvolvimento da produção de gado, da agricultura e dos serviços manuais, o trabalho humano tornou-se cada vez mais capaz de criar novos produtos e mais do que era necessário ao próprio consumo. A ambição levou a busca de novas forças de trabalho, aumentou a produtividade e gerou riqueza, resultando na primeira grande cisão entre as classes: foi o início da escravidão.

Segal (2016) define esse período da seguinte forma:

Aumentando a produtividade do trabalho, por conseguinte, dando origem à riqueza; estendendo-se o campo da produção, a primeira grande divisão do trabalho, por força mesmo das condições históricas determinaria necessariamente a escravidão, para fazer face a tal produção. Da primeira divisão social do trabalho nasceu a primeira grande divisão da sociedade em duas classes: senhores e escravos, exploradores e explorados.

Os escravos não faziam parte do clã, não pertenciam às famílias e, com o aparecimento das forças produtivas escravocratas, introduziram-se na sociedade as desigualdades sociais.

Para Segal (2016):

A diferença entre ricos e pobres surge paralelamente à diferença criada entre homens livres e escravos. Da segunda divisão do trabalho resulta uma nova cisão da sociedade em classes. A desproporção entre os bens dos chefes de famílias individuais destrói os antigos agrupamentos comunitários em todos os lugares onde se haviam mantido até então, e, com eles, desaparece o trabalho em comum, da terra, por conta das coletividades. O solo próprio para o cultivo é distribuído entre as famílias particulares, a princípio provisoriamente e mais tarde para todo o sempre. Realiza-se, assim, a transição da propriedade coletiva para a propriedade privada.

Dessa forma, a desigualdade permaneceu marcada pela ideia de superioridade e inferioridade entre pessoas e entre grupos sociais.

Essa concepção leva a julgamentos, conseqüentemente, à apreciação de mais ou menos valia e de estima, gerando preconceitos sociais. Os preconceitos levam a comportamentos discriminatórios entre brancos e negros, ricos e pobres,

heterossexuais e homossexuais, entre religiões, culturas, entre os diferentes. Essas ideias de mais ou menos valia de acordo com as diferenças acarretam possibilidades de evolução humana diferentes, acarretam as desigualdades sociais.

Os desiguais podem também ser chamados de excluídos, porque o rótulo da exclusão joga os pobres para fora da sociedade, para fora de condições melhores e justas nas relações sociais (BOCK; RONCA, 2013).

Essas desigualdades tornaram-se tão comuns que são vistas como algo natural, normal e não como uma construção social histórica, consequência de oportunidades diferentes oferecidas às diversas classes sociais (SOUZA, 2006).

Para Bock e Ronca (2013, p. 16):

A naturalização da desigualdade no Brasil se deve ao fato de uma disseminação de valores transmitidos pela classe dominante, de forma que os setores desfavorecidos assimilam estes valores sem questionar, aceitando passivamente a condição de exclusão social, negando sua identidade posta como hierarquia valorativa.

Dados recentes indicam que o Brasil diminuiu as desigualdades, mas mesmo assim elas ainda são grandes. Em outubro de 2015, a organização não governamental britânica Oxfam divulgou que “a riqueza acumulada pelo 1% mais abastado da população agora equivale, pela primeira vez, à riqueza dos 99% restantes [... e] as 62 pessoas mais ricas do mundo acumularam o equivalente à riqueza dos 50% mais pobres da população mundial [...]” (REUBEN, 2016).

A desigualdade na distribuição de renda faz do Brasil um país com muitas injustiças no que se refere a oportunidades. A diferença entre as escolas disponibilizadas à elite e aos pobres acentuam as desigualdades. Guzzo e Euzébios Filho (2005) afirmam que “O avanço do investimento privado na Educação reflete-se em todos os níveis de ensino, sendo acentuado na medida em que vão progredindo”, o que significa que a maior parte do ensino superior está concentrada nas instituições privadas e é destinada aos menos favorecidos economicamente, que não conseguem vaga em uma universidade pública.

Conforme dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) (2014), das 7.526.681 matrículas no ensino superior, 5.421.639 são no ensino privado, o que corresponde a 74% das

matrículas. Esses dados confirmam a manutenção da desigualdade, já que as instituições privadas geralmente não disponibilizam a mesma qualidade de ensino das públicas.

Estes dados refletem a “exclusão” progressiva efetivada pelo sistema educacional na medida em que a maioria da população fica sem alternativas para ingressar em uma IES pública, por um motivo: o ensino público de base, precarizado, não consegue prover o aluno de condições para que passe pela barreira social representada pelo vestibular, ainda mais se considerar que este mesmo aluno entra em disputa com os da escola particular, que conta com uma estrutura moderna e voltada para a inserção no mercado de trabalho. (GUZZO; EUZÉBIOS FILHO, 2005)

A qualidade do ensino superior é refletida na formação dos seus docentes. Segundo dados do Inep (2014), 53,2% dos professores das instituições públicas são doutores, enquanto nas privadas, apenas 18,2%, o que indica que as universidades públicas estão mais voltadas à pesquisa e à produção de novos conhecimentos, enquanto as privadas dedicam-se, via de regra, à formação rápida de profissionais para o mercado de trabalho.

Para Gois (2015), “[...] não é apenas aumentando o acesso dos mais pobres aos bancos escolares que o Brasil ainda poderia reduzir mais a desigualdade pela educação. Há também o desafio, ainda mais complexo, da qualidade”.

Os alunos que chegam ao ensino superior privado, em sua grande maioria, têm um nível socioeconômico baixo e cursaram a educação básica em escolas públicas. Esses alunos chegam ao terceiro grau com desvantagens; muitos trabalham e estudam no período noturno, sacrificam seu descanso para adquirir um certificado de curso superior. Mais tarde competirão com alunos das universidades públicas, que cursaram o ensino fundamental em escolas privadas, com melhor infraestrutura e professores mais qualificados, que muitas vezes desconhecem a rotina de trabalho e estudo simultaneamente, que têm oportunidade de adquirir conhecimentos além da universidade, por meio de leituras, viagens, roteiros culturais e o ambiente familiar com nível sociocultural elevado.

A desigualdade no Brasil é tão marcante que “Em 2012, o abandono escolar precoce atingia cerca de metade dos jovens de 18 a 24 anos de idade pertencentes ao quinto mais pobre (53,8%), enquanto no quinto mais rico essa

proporção era de apenas 10,2% [...]” (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2013).

Nos países mais desenvolvidos, para compensar as desigualdades são oferecidas escolas básicas de melhor qualidade aos estudantes de baixa renda, mas no Brasil acontece o oposto: com a falta de políticas públicas educacionais inclusivas, os pobres são agraciados com uma escola de baixa qualidade e cursam o ensino superior com muito esforço e de maneira tão desigual quanto vivenciaram nos níveis escolares anteriores, perpetuando dessa maneira as desigualdades sociais.

Para Arretche (2015, p. 442):

[...] a política educacional afeta a renda futura dos indivíduos na medida em que determina as desigualdades de oportunidades educacionais, isto é, a extensão em que a escolaridade é dependente da origem social dos indivíduos.

No final do ensino superior, essas desigualdades educacionais se reproduzirão em subempregos, com baixa remuneração, dando continuidade às diferenças originadas na época do final da escravidão, quando a relação de trabalho era de mando e subserviência.

Como dito anteriormente, pesquisas mostram que o Brasil tem diminuído sua taxa de desigualdade. O acesso de jovens entre 18 e 24 anos ao ensino superior aumentou significativamente em relação ao total da população nessa faixa etária, que era de 9,8% em 2002, passando para 15,1% em 2012. Outro dado mostra que, em 2010, 52% dos jovens entre 18 e 24 anos não tinham terminado o ensino médio, porém, em 2012, o número de acesso ao ensino superior era maior do que os concluintes do ensino médio, o que significa que pessoas com mais de 24 anos retomaram seus estudos para cursar o ensino superior. A escolaridade média da população de 25 anos ou mais aumentou de 2002 a 2012, passando de 6,1 anos para 7,6 anos de estudos completos (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2013).

O desafio agora está em cumprir as metas do Plano Nacional de Educação (PNE) 2014-2024, aprovado por intermédio da Lei nº 13.005, de 25 de junho de

2014 e que determina diretrizes, metas e estratégias para a política educacional desse decênio.

A meta 12 do PNE estipulou o aumento de matrícula dos alunos de 18 a 24 anos no ensino superior:

Meta 12: elevar a taxa bruta de matrícula na educação superior para 50% (cinquenta por cento) e a taxa líquida para 33% (trinta e três por cento) da população de 18 (dezoito) a 24 (vinte e quatro) anos, assegurada a qualidade da oferta e expansão para, pelo menos, 40% (quarenta por cento) das novas matrículas, no segmento público. (BRASIL, 2014a)

O PNE também visa à diminuição da desigualdade, ao apresentar, na estratégia 12.9, a intenção de “ampliar a participação proporcional de grupos historicamente desfavorecidos na educação superior, inclusive mediante a adoção de políticas afirmativas, na forma de lei” (BRASIL, 2014a).

Por meio da formação dos professores, meta 13 do PNE, procura-se também melhorar a qualidade do ensino superior:

Elevar a qualidade da educação superior e ampliar a proporção de mestres e doutores do corpo docente em efetivo exercício no conjunto do sistema de educação superior para setenta e cinco por cento sendo, do total, no mínimo, trinta e cinco por cento doutores. (BRASIL, 2014a)

Se cumprir as metas do PNE 2014, o Brasil poderá atingir em 2024 mais alunos com maior tempo de escolaridade em seus currículos, com melhor qualificação profissional e com mais condições de concorrer profissionalmente no mercado de trabalho, o que acarretará a diminuição da desigualdade e dos preconceitos sociais.

Para atingir esse objetivo, muitas medidas se fazem necessárias. Como já foi dito na “Introdução”, a Lei nº 11.096/2005, que instituiu o ProUni, foi sancionada pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva, facilitando o acesso ao ensino superior. A seguir, dissertarei sobre o ProUni, na intenção de compreender como o programa ajuda a classe menos favorecida economicamente a conquistar o certificado da graduação.

2.2 O ProUni e o acesso ao ensino superior

Ao falar de direitos humanos no ensino, Bock (2010) afirmou: “A educação para os direitos humanos é incompatível com o individualismo”. Isto conduz a pensar que um país marcado por muitas desigualdades precisa de um governo que crie políticas públicas eficazes no combate às exclusões sociais.

Para Ronca (2015, p. 101), políticas públicas são

[...] o conjunto de intenções e ações coletivas, que buscam atender necessidades da sociedade e que visam à efetivação dos direitos sociais [...] Assim sendo, as políticas públicas se referem a um compromisso público para atender determinados desafios ou demandas [...].

Tais políticas podem contribuir para a inclusão de negros, mulheres, índios, pessoas com necessidades especiais e pobres, de modo mais igualitário socialmente. Para que essa inclusão aconteça, é necessário que o governo invista em ações afirmativas, no intuito de possibilitar a todos o acesso a uma vida digna na qual saúde, segurança, moradia e educação não signifiquem direito de poucos e ausência para a maioria.

Ronca (2015, p. 102) afirma que “as políticas públicas estão voltadas para assegurar os direitos humanos e sociais, reconhecidos pela Constituição Federal, e partem do reconhecimento do ser humano enquanto sujeito de direitos”.

Para ampliar o acesso das camadas menos favorecidas economicamente ao ensino superior, em 2004 o governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva criou o ProUni. Em 13 de janeiro de 2005, o Congresso Nacional decretou e sancionou a Lei nº 11.096 que, em seu artigo 1º, determina:

Fica instituído, sob a gestão do Ministério da Educação, o Programa Universidade para Todos - ProUni, destinado à concessão de bolsas de estudo integrais e bolsas de estudo parciais de 50% (cinquenta por cento) ou de 25% (vinte e cinco por cento) para estudantes de cursos de graduação e sequenciais de formação específica, em instituições privadas de ensino superior, com ou sem fins lucrativos. (BRASIL, 2005)

O ProUni é destinado aos candidatos que não possuem curso superior e que, ao saírem do ensino médio, submeteram-se ao Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), obtendo no mínimo 450 pontos na média das notas e nota acima de zero na

redação. Para obter 450 pontos de média, é tirada a média das provas de Ciências da Natureza e Suas Tecnologias; Ciências Humanas e Suas Tecnologias; Linguagens, Códigos e Suas Tecnologias; Matemática e Suas Tecnologias; e Redação.

Para que o candidato tenha direito a bolsa integral, ele deve pertencer a uma família que tenha renda mensal bruta de até um salário mínimo e meio por pessoa. As bolsas parciais, de 50%, são destinadas a candidato com renda familiar bruta mensal de até três salários mínimos por pessoa. O candidato deve também estar incluso em uma das condições a seguir:

Ter cursado o ensino médio completo em escola pública; ter cursado o ensino médio completo em escola da rede privada, na condição de bolsista integral da própria escola; ter cursado o ensino médio parcialmente em escola da rede pública e parcialmente em escola da rede privada, na condição de bolsista integral da própria escola privada; ser pessoa com deficiência; ser professor da rede pública de ensino, no efetivo exercício do magistério da educação básica e integrando o quadro de pessoal permanente da instituição pública e concorrer a bolsa exclusivamente nos cursos de licenciatura. Nesses casos não há requisitos de renda. (BRASIL, 2016c)

A inscrição no ProUni é gratuita, realizada em uma única etapa e feita somente pela internet, na página do SisProUni. Para realizar a inscrição, é necessário o candidato informar seu número de inscrição e senha no Enem. Ao se inscrever, o candidato escolhe até duas opções de instituições, curso e turno, nas quais tem interesse em estudar. No caso de o candidato desejar alterar suas opções, ele poderá fazê-lo no *site* do ProUni durante o período em que as inscrições estão abertas; a última inscrição confirmada é a que terá validade.

Após as inscrições, o ProUni classifica os candidatos de acordo com suas opções, considerando apenas uma das opções na ordem da preferência escolhida e as notas que obteve no Enem. São realizadas duas chamadas e o candidato tem um prazo para comparecer à instituição escolar portando os documentos necessários para a matrícula. A instituição pode submeter o candidato ao processo seletivo ou considerar seu desempenho no Enem como forma de acesso ao ensino superior. No caso de processo seletivo, a prova não pode ser cobrada nem pode ser diferente da dos candidatos que não se inscreveram no ProUni (BRASIL, 2016c).

Após a segunda chamada, o candidato pode solicitar a participação na lista de espera do ProUni, a qual será destinada às bolsas não preenchidas nas duas chamadas realizadas. As bolsas são de dois tipos: integral e parcial. A bolsa integral é destinada a estudantes que possuem renda familiar bruta mensal, por pessoa, de até um salário mínimo e meio. A bolsa parcial refere-se a 50% do valor da mensalidade e é destinada a estudantes que possuem renda familiar bruta mensal de até três salários mínimos (BRASIL, 2016c).

Visando a garantir também a permanência dos alunos que usufruem a bolsa integral, o governo criou a Bolsa Permanência:

A Bolsa Permanência destina-se a estudantes com bolsa integral em utilização do ProUni, matriculados em cursos presenciais com no mínimo 6 (seis) semestres de duração e cuja carga horária média seja igual ou superior a 6 (seis) horas diárias de aula, de acordo com os dados cadastrados pelas instituições de ensino junto ao MEC. (BRASIL, 2016c)

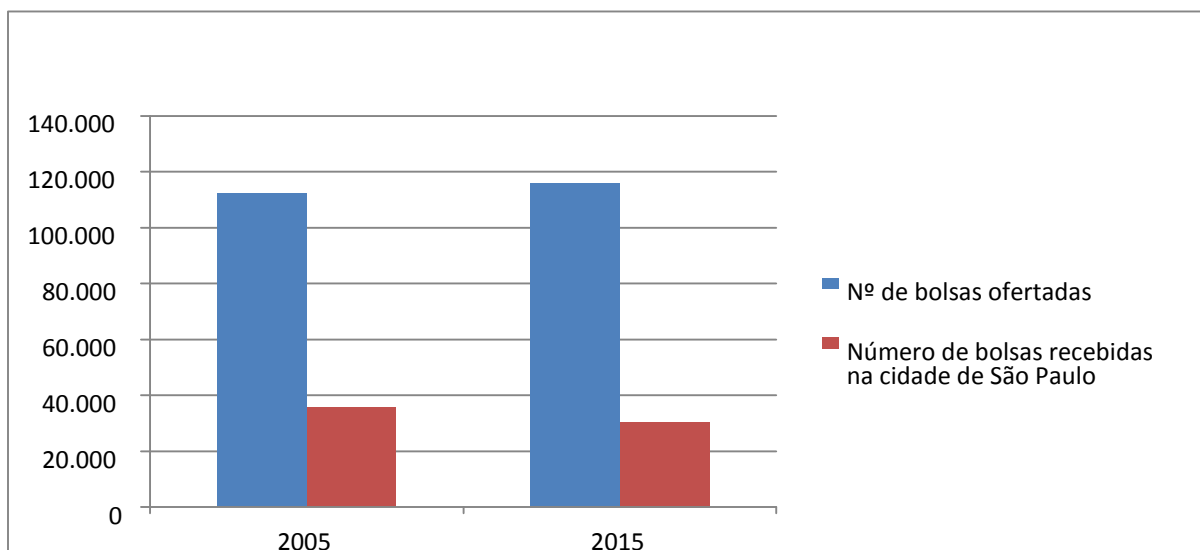
O valor da Bolsa Permanência é definido “em edital publicado pela Secretaria da Educação Superior do Ministério da Educação [... e constitui] o valor máximo equivalente ao praticado na política federal de bolsas de iniciação científica, destinada ao custeio das despesas educacionais [...]” (BRASIL, 2016a).

Para que as instituições privadas adiram ao ProUni, o governo federal oferece a isenção de quatro tributos fiscais:

[...] Imposto de Renda das Pessoas Jurídicas (IRPJ), Contribuição Social sobre o Lucro Líquido (CSLL), Contribuição Social para o Financiamento da Seguridade Social (Cofins) e Contribuição para o Programa de Integração Social (PIS). A isenção vale a partir da assinatura do Termo de Adesão e durante seu período de vigência (dez anos). (BRASIL, 2016c)

Com a adesão das instituições privadas e a oferta de bolsas do ProUni, o número de vagas no ensino superior aumentou significativamente. Em 2005, foram ofertadas no país 112.275 bolsas parciais e integrais, sendo que São Paulo recebeu 35.652 delas. No segundo semestre de 2015, a quantidade de bolsas concedidas foi de 116.004, e São Paulo recebeu 30.519 (BRASIL, 2013).

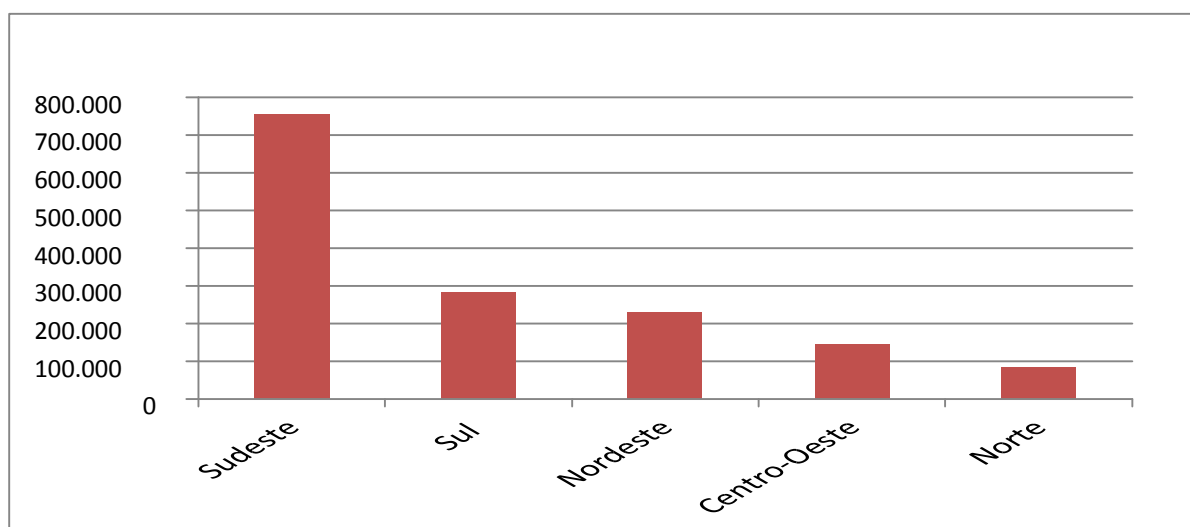
Gráfico 2 – Número de bolsas ProUni ofertadas no Brasil e na cidade de São Paulo – 2005 a 2015



Fonte: BRASIL (2016g).

A Região Sudeste é a que mais recebe bolsas do ProUni. No segundo semestre de 2014, o Sudeste recebeu 755.889 bolsas; o Sul, em segundo lugar, 281.826 bolsas; o Nordeste, 229.865, o Centro-Oeste, 145.218; e o Norte, 84.427. (BRASIL, 2016f).

Gráfico 3 – Número de bolsas ProUni por região brasileira – segundo semestre de 2014



Fonte: BRASIL (2016g).

O Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (Enade) avalia o rendimento dos alunos dos cursos de graduação, ingressantes e concluintes. Pela primeira vez no Enade de 2014, o MEC aplicou um questionário socioeconômico aos estudantes e os dados obtidos demonstraram que 19% utilizam programas de ações afirmativas ou de inclusão social para entrar no ensino superior e, durante o curso, 30,3% contam com algum financiamento ou bolsa para se formar.

Atualmente, o governo federal é responsável por 50% das bolsas concedidas nas instituições privadas e com esse incentivo muitas famílias de baixa renda sentiram pela primeira vez o orgulho de ter dentro de casa um formando no ensino superior. Essa conquista não alimenta somente a autoestima do estudante, mas é capaz de incutir nos demais membros da família e nos amigos a esperança e a certeza de que o pobre pode chegar ao ensino superior. O acesso dos estudantes de baixa renda às universidades significa o rompimento das crenças de que o pobre não pode estudar, não pode evoluir como cidadão de direitos e mudar sua história de estagnação social. Os programas de ações afirmativas ou inclusão social possibilitam ampliar as perspectivas daqueles que não tiveram a sorte de nascer em uma família abastada, permitem vencer o medo de frequentar a universidade, que durante anos era somente dos mais favorecidos economicamente, e mudar a própria vida, a da família e a daqueles que estão ao redor.

Sólon Caldas, diretor executivo da Associação Brasileira de Mantenedoras de Ensino Superior (Abmes), às vésperas do décimo aniversário de existência do ProUni, declarou, em entrevista, que o programa “Foi uma parceria público-privada que deu certo, pois houve um grande empenho das instituições em aderir ao programa” (PROUNI..., 2014).

2.3 As críticas ao ProUni

Apesar do sucesso do ProUni, ele também recebe críticas pela ausência do controle do MEC sobre o número de bolsistas e os motivos que os levam a abandonar o programa: “na campanha da TV, o ProUni é ressaltado como o programa que garante o diploma, quando o mais correto seria garantir o acesso” (PROUNI..., 2014).

Outra crítica que o ProUni recebe é sobre o valor da Bolsa Permanência, que chega no máximo a R\$ 400,00, valor considerado baixo para aqueles alunos que moram em cidade diferente da que estudam. Em matéria intitulada “ProUni completa 10 anos: veja os avanços e críticas ao programa”, o diretor executivo da Abmes afirma:

A Bolsa Permanência ajuda, mas não é suficiente. Esse fato aumenta a taxa de evasão. O governo poderia desenvolver um estudo para avaliar as possibilidades nesses cursos em que existem muito mais despesas além do valor do curso. Deveria haver uma política para arcar com esses valores. (PROUNI..., 2014)

Caldas também observa que a *renda per capita* das classes C e D aumentou no país e, quando o programa foi criado, a bolsa integral era destinada aos candidatos com renda bruta máxima de um salário mínimo e meio; se o valor aumentasse, poderia incluir maior número de estudantes: “Com vista a uma maior inclusão social, se a renda fosse aumentada para, no máximo, dois salários mínimos, uma parcela maior de jovens brasileiros poderia concorrer às bolsas integrais” (PROUNI..., 2014). Essa alteração foi encaminhada ao MEC e está em análise; o ministério esclarece que a renda foi definida pelo Congresso e, para ser alterada, teria de ser mudada a lei que instituiu o ProUni (PROUNI..., 2014).

A Abmes também defende a ideia de que os alunos poderiam concorrer às vagas do ProUni independentemente de serem egressos de escolas públicas ou privadas, porque:

Ao longo da formação, muitas mudanças ocorrem. O indivíduo pode ter tido condições de pagar uma instituição privada durante o ensino médio e essa condição ter mudado no momento de entrar na universidade. (PROUNI..., 2014)

Na Universidade de São Paulo (USP), as críticas ao ProUni aconteceram na terceira mesa do seminário Diferenças, Desigualdades e Educação: em Busca de Novas Abordagens, em 2012 (GIOVINAZZO, 2012). Os sociólogos Wilson Mesquita de Almeida e Ruy de Deus e Mello Neto consideram que em algumas instituições privadas a baixa qualidade de ensino se faz presente em contrapartida ao elevado número de bolsas que lhes é permitido ofertar.

Para Almeida, a política de estímulos estatais para universidades privadas "ocorreu paralelamente a uma omissão em desenvolver um sistema de Ensino Superior que combinasse instituições de

pesquisa de ponta com um sistema público de ensino de massa, indo em direção oposta àquela de países desenvolvidos". (PELLEGRINI, 2014)

Almeida critica, ainda, a falta de supervisão do governo, alegando que quem fiscaliza as bolsas são as instituições que se favorecem com elas. O sociólogo entende que o programa prioriza as instituições privadas em detrimento das públicas e que:

[...] os incentivos fiscais transformam pequenas universidades em grandes grupos de educação com ações comercializadas na Bolsa de Valores. A transferência de dinheiro público continua a pleno vapor, agora fazendo novos milionários que vendem seus grupos a investidores estrangeiros e nacionais. (PELLEGRINI, 2014)

Para Catani, Hey e Gilioli (2006), o ProUni só se preocupa com o acesso ao ensino superior e não com a permanência do aluno na universidade até a conclusão da graduação, já que a Bolsa Permanência está destinada somente aos cursos com no mínimo seis semestres de duração e com carga horária diária de seis ou mais horas. Os autores consideram o ProUni um programa assistencialista, que oferece benefícios aos mais carentes, mas não o direito ao ensino superior público, promovendo um impacto popular benéfico ao governo:

O princípio do ProUni segue essa orientação: promove o acesso à educação superior com baixo custo para o governo, isto é, uma engenharia administrativa que equilibra impacto popular, atendimento às demandas do setor privado e regulação das contas do Estado, cumprindo a meta do Plano Nacional de Educação (PNE – Lei nº 10.172/2001) de aumentar a proporção de jovens de 18 a 24 anos matriculados em curso superior para 30% até 2010. Pretende, ainda, atender ao aumento da demanda por acesso à educação superior, valendo-se da alta ociosidade do ensino superior privado (35% das vagas em 2002, 42% em 2003 e 49,5% em 2004). (CATANI; HEY; GILIOLI, 2006, p. 127)

Catani, Hey e Gilioli (2006) questionam, ainda, a qualidade dos cursos oferecidos pelas instituições, que segundo eles estão voltados às demandas imediatas do mercado. Para os autores, o ProUni:

[...] traz uma noção falsa de democratização, pois legitima a distinção dos estudantes por camada social de acordo com o acesso aos diferentes tipos de instituições (prioridade para a inserção precária dos pobres no espaço privado), ou seja, contribui para a manutenção da estratificação social existente. (CATANI; HEY; GILIOLI, 2006, p. 136)

Como em quaisquer atividades nas quais há participação de muitas pessoas e grupos com interesses diversos, o ProUni não ficou ileso às críticas, mas não se pode negar o quanto o programa ampliou o acesso de estudantes de baixa renda ao ensino superior. Entre 2005 e 2013, o programa beneficiou 1,2 milhão de alunos (BRASIL, 2016g), oferecendo novas perspectivas de vida por meio de empregos mais qualificados, experiências culturais e sociais antes desconhecidas.

Diante dessas colocações, torna-se importante saber a opinião daqueles que precisam e contam com a ajuda do ProUni para continuar seus estudos. Sendo assim, esta pesquisa se desenvolverá na direção de alguns beneficiários do ProUni, para conhecer suas ideias sobre o programa.

Em um país com tantas desigualdades sociais, não se pode negar a importância das políticas de ações afirmativas. O ProUni representa a possibilidade dos menos favorecidos economicamente irem além do acesso ao ensino superior e terem a oportunidade de ingresso no mundo do conhecimento, da cultura e da igualdade social. Representa a possibilidade de equidade moral, por meio da qual os pobres podem emergir socialmente, por terem a oportunidade que muitas vezes foi negada à classe social na qual nasceram: a oportunidade de se tornarem sujeitos de direitos e ingressarem em uma vida digna, que todos merecem.

3 PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA

Estudar é desocultar, é ganhar a compreensão mais exata do objeto, é perceber suas relações com os outros objetos. Implica que o estudioso, sujeito do estudo, se arrisque, se aventure, sem o que não cria nem recia.

(FREIRE, 1993, p. 33)

3.1 Metodologia

Com a intenção de investigar o que pensam os beneficiários do ProUni, esta pesquisa fundamentou-se em estudos bibliográficos que descrevem a trajetória do ensino superior no Brasil, as desigualdades sociais e o programa em estudo.

Para essa investigação, foi escolhida a técnica da pesquisa qualitativa, que, segundo André e Lüdke (2015, p. 14), é aquela que:

[...] envolve a obtenção de dados descritivos, obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada, enfatiza mais o processo do que o produto e se preocupa em retratar a perspectiva dos participantes.

Dessa forma, a pesquisadora pôde conversar com os alunos selecionados para a pesquisa no ambiente escolar, compreender como o problema se manifesta em seu cotidiano e, baseando-se nas descrições realizadas, conhecer quais significados atribuem ao ProUni.

3.2 Procedimentos

A segunda etapa da pesquisa consistiu na realização de cinco entrevistas semiestruturadas. Essa escolha se deu por permitir a presença da pesquisadora, utilizando perguntas abertas que ajudaram na obtenção de dados importantes para responder ao problema (GIANFALDONI; MOROZ, 2002).

A entrevista também foi escolhida pela “[...] vantagem de envolver uma relação pessoal entre pesquisador/sujeito, o que facilita um maior esclarecimento de pontos nebulosos” (GIANFALDONI; MOROZ, 2002, p. 66); porém, fez-se necessário

que a pesquisadora estivesse atenta, para que as respostas não se perdessem em devaneios, dificultando a compreensão do problema.

Após a definição dos critérios acima mencionados, iniciou-se a busca e o contato com os alunos. Inicialmente, as entrevistas foram destinadas a discentes de ambos os sexos; porém, por se tratar de um curso no qual a grande maioria dos estudantes são do sexo feminino, a escolha aconteceu de forma independente do sexo, priorizando que fossem bolsistas do ProUni e que estivessem no último semestre (6º semestre) da graduação em Pedagogia no período noturno (Ver Apêndice A).

Depois de as escolhidas serem informadas acerca da pesquisa e aceitarem participar, foram realizadas as entrevistas, as quais aconteceram no *campus* da universidade, no final da tarde, antes do horário das aulas, com o intuito de facilitar o acesso às alunas e não alterar demasiadamente suas rotinas.

Antes de iniciarem as entrevistas, a pesquisadora informou sobre o objetivo da pesquisa, a liberdade de escolherem um pseudônimo para preservar o anonimato, o sigilo a ser mantido, a gravação em áudio para posterior transcrição e o direito de cessarem o depoimento quando sentissem necessidade. Após todos esses esclarecimentos, as entrevistadas assinaram o Termo de Assentimento e preencheram a ficha com os Dados Pessoais e Educacionais (Ver Apêndices A e B).

Nessa fase introdutória, as entrevistadas foram informadas também sobre o envio do resultado da pesquisa após a conclusão do trabalho, por intermédio do e-mail pessoal disponibilizado por cada participante no Termo de Assentimento.

Nas entrevistas, o foco foi conhecer a opinião das alunas sobre o ProUni. Para atingir tal objetivo, foi solicitado que falassem sobre os seguintes temas:

- História de vida;
- Escolarização;
- Trabalho;
- Religião;
- Tempo de estudo e lazer;
- Preconceitos enfrentados durante o curso;

- Mudanças pessoais, sociais, culturais e econômicas que ocorreram durante a graduação;
- Expectativas profissionais após concluírem o ensino superior;
- Aspectos positivos e negativos do ProUni;
- Significado pessoal do ProUni.

Após a realização das entrevistas, a Análise de Conteúdo foi utilizada para sua compreensão e teve como ponto de partida as diferentes mensagens: “verbal, (oral ou escrita), gestual, silenciosa, figurativa, documental ou diretamente provocada” (FRANCO, 2012, p. 21). São mensagens que dão significado e sentido por meio do contexto no qual o sujeito está inserido, conforme menciona Franco (2012, p. 13):

O significado de um objeto pode ser absorvido, compreendido e generalizado a partir de suas características definidoras e pelo seu *corpus* de significação. Já o sentido implica a atribuição de um significado pessoal e objetivado que se concretiza na prática social e que se manifesta a partir das Representações Sociais, cognitivas, subjetivas, valorativas e emocionais, necessariamente contextualizadas.

Para aprofundar a compreensão dos significados das falas das alunas, foi realizada a transcrição dos áudios e a leitura flutuante das entrevistas. Segundo Franco (2012, p. 53), esse momento:

[...] é a fase de organização propriamente dita. Corresponde a um conjunto de buscas iniciais, de intuições, de primeiros contatos com os materiais, mas tem por objetivo sistematizar os “preâmbulos” a serem incorporados quando da constituição de um esquema preciso para o desenvolvimento das operações sucessivas e com vistas à elaboração de um plano de análise.

A leitura flutuante foi seguida da categorização das falas, realizada por intermédio da Análise do Conteúdo. Ainda de acordo com Franco (2012, p. 17):

[...] o que está escrito, falado, mapeado, figurativamente desenhado, e/ou simbolicamente explicitado sempre será o ponto de partida para a identificação de conteúdo, seja ele explícito e/ou latente. A análise e a interpretação dos conteúdos são passos (ou processos) a serem seguidos. E, para o efetivo caminhar neste processo, a contextualização deve ser considerada como um dos principais requisitos, e mesmo como pano de fundo para garantir a relevância dos sentidos atribuídos às mensagens.

As categorias de análise foram definidas por meio da “Classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação seguida de um reagrupamento baseado em analogias, a partir de critérios definidos” (FRANCO, 2012, p. 63).

Dessa forma, as categorias criadas serviram para buscar respostas específicas nas falas das entrevistadas, como, por exemplo, aspectos positivos e negativos que contemplam o ProUni, dificuldades e preconceitos enfrentados pelos bolsistas e opiniões contrárias ao programa.

Para que as categorias fossem satisfatórias, foram consideradas: a *exclusão mútua*, na qual um único princípio de classificação deve orientar sua organização, evitando que diferentes níveis de análise sejam agrupados; a *pertinência*, que determinará se a categoria está adaptada ao material de análise, no caso às respostas das entrevistas semiestruturadas; a *objetividade e fidedignidade*, nas quais as diferentes partes do material colhido serão codificadas da mesma maneira; e, finalmente, a *produtividade*, que promoverá resultados férteis e dados relevantes à pesquisa (FRANCO, 2012, p. 72).

Assim, esta pesquisa visa a contribuir para o conhecimento do que pensam os alunos bolsistas sobre o ProUni, que atende às necessidades de inclusão educacional previstas na meta 12.9 do PNE 2014-2024: “Ampliar a participação proporcional de grupos historicamente desfavorecidos na educação superior, inclusive mediante a adoção de políticas afirmativas, na forma da lei” (BRASIL, 2014a).

A partir da análise dos sentidos presentes nas falas dos entrevistados, foi possível compreender quais significados os estudantes atribuem ao ProUni, tornando a pesquisa relevante para os estudos na área da educação superior.

3.3 Caracterização da instituição de ensino superior

A identificação da universidade será preservada com o objetivo de manter o anonimato dos alunos; mas, para contextualizá-la na pesquisa, faz-se importante mencionar que é uma universidade privada, fundada há mais de 60 anos, localizada na zona oeste da cidade de São Paulo, com mais de 150 mil alunos,

acolhidos em amplas e modernas instalações, próximas aos terminais urbanos e linhas de metrô.

Atualmente, a instituição oferece mais de 90 cursos no ensino superior, nas modalidades presenciais e a distância. Os alunos são, na maioria, oriundos das periferias de São Paulo e frequentam a universidade utilizando as bolsas de estudo do ProUni, do Fies ou da própria instituição.

3.4 Caracterização dos sujeitos da pesquisa

Os critérios de escolha das cinco entrevistadas foram: serem bolsistas do ProUni e estarem na faixa etária entre 18 e 35 anos, idade que possibilita conhecer as possíveis mudanças individuais e sociais que a graduação pode promover na vida de jovens adultos.

As alunas do período noturno foram selecionadas em detrimento das do matutino, por sofrerem mais preconceitos em relação ao interesse pelo estudo e às possibilidades de aprendizagem.

Para Almeida (2010), muitas vezes o aluno do curso noturno é visto como de segunda categoria, fraco, indisciplinado e como alguém que não gosta de estudar; mas quando lecionamos e nos aproximamos da realidade desses alunos, constatamos que não é assim. O aluno do curso noturno “tem menos chance, porque trabalha, porque não tem tempo para estudar, tem mais problemas, é pobre, tem menos base” (ALMEIDA, 2010, p. 28).

Esse aluno deve ser visto como uma pessoa que trabalha e merece respeito (ALMEIDA, 2010, p. 29), como alguém que sofre as consequências das desigualdades sociais do país e busca, por meio do estudo, melhores oportunidades para viver dignamente.

O quadro a seguir apresenta as cinco alunas participantes das entrevistas, identificadas pelo número da entrevista (Ver Apêndice A) e pelo pseudônimo que escolheram, seguidas da idade e da ocupação profissional.

Quadro 1 – Dados pessoais das alunas entrevistadas

Nº da entrevista	Pseudônimo	Idade	Ocupação profissional
1	Ellen Santos	33	Assistente SAC – <i>telemarketing</i>
2	Shelly	22	Assistente de maternal – auxiliar de classe
3	Andressa Santos	27	Assistente administrativo
4	Paula	25	Estagiária – auxiliar de classe
5	Tamy	20	Estagiária – auxiliar de classe

Fonte: a autora, com base em dados da pesquisa.

Anteriormente às entrevistas utilizadas para a análise, uma entrevista-piloto foi realizada com uma aluna do 3º semestre, bolsista do ProUni, com o objetivo de familiarizar a pesquisadora com os procedimentos e colher informações a respeito do roteiro definido para as demais entrevistas. Essa entrevista-piloto pode ser vista no Apêndice C, porém não foi utilizada para análise dos dados.

4 O PROUNI SOB A PERSPECTIVA DAS ALUNAS DO CURSO DE PEDAGOGIA

*Que possamos pegar nossos livros e canetas
[...] São as nossas armas mais poderosas.
Uma criança, um professor, um livro e uma
caneta, podem mudar o mundo.*

(YOUSAFZAI; LAMB, 2013, p. 324)

4.1 Perfil das alunas entrevistadas

Antes de iniciar a análise das entrevistas, será descrito o perfil das alunas, para que se conheça um pouco da história dos que vivenciam as desigualdades sociais no cotidiano.

A primeira entrevista refere-se à aluna que escolheu o pseudônimo “Ellen Santos”. Ellen nasceu em Alagoas e veio para São Paulo aos 15 anos, para cuidar da avó, que estava doente. Reside no Jardim Vista Alegre, periferia da zona norte paulistana, e mora sozinha desde o falecimento da avó.

Ela sempre estudou em escola pública e, ao chegar a São Paulo, teve dificuldade em matricular-se para terminar o ensino fundamental II, porque as escolas alegavam que Ellen era menor de idade, transferida e não tinha a presença dos pais. Diante dessa dificuldade, sua tia, que era tutora de Ellen, procurou a delegacia de ensino pleiteando uma vaga e só assim ela pôde retornar à escola.

Atualmente, Ellen está com 33 anos, é solteira, diz-se católica não praticante e trabalha como assistente em um serviço ao cliente/*telemarketing* (SAC). Pretende fazer concurso público e trabalhar na área da Educação.

Soube do ProUni por intermédio de uma vizinha que trabalha na universidade e mora no mesmo quintal que ela.

Ellen conta como concilia estudos, trabalho e lazer:

[...] normalmente, de final de semana eu fico estudando... Eu saio 5 e meia da manhã, eu entro às 7h20 no trabalho, saio às 4 horas e vou para casa, tenho uma hora na verdade até chegar em casa, eu chego em casa umas 17 horas, tomo um banho e venho para a faculdade... Aí chego aqui umas 7. Depois eu chego em casa meia-noite e no final de semana tem bastante trabalho da faculdade para fazer, então acho que... Um lazer de vez em quando eu não vou dizer que eu não tenho, mas às vezes é época de estudar para a

prova e eu não consigo, mas quando consigo aí eu vou ao cinema, ao *shopping*, dar uma espairecida. Porque eu também não consigo estudar, ficar estudando, estudando, porque eu acho que, pelo menos para mim, cansa e eu acabo esquecendo tudo. (Ellen Santos)

A segunda entrevista foi com a aluna que escolheu o pseudônimo de “Shelly”. Ela veio do Paraná para São Paulo aos 2 anos de idade, trazida para adoção por um tio-avô; desconhece seu pai biológico e sua mãe é usuária de drogas. Shelly acredita que sua mãe se envolveu com entorpecentes porque, quando criança, presenciou o pai matar a mãe. Por esse motivo, Shelly optou por uma profissão na qual pudesse ajudar crianças.

A família que a adotou já tinha três filhos homens; assim, ela se tornou a irmã caçula e única menina da família. Os pais e irmãos adotivos são evangélicos, da Congregação Cristã; porém, mesmo praticando a religião e sendo casada com um evangélico, ela se define como “ecclética”.

Shelly diz ter o desejo de conhecer sua mãe biológica, mas os familiares a impedem porque acham que, por ser usuária de drogas, a mãe poderia trazer problemas; pensa também em não magoar seus pais adotivos, porque eles têm ciúmes quando ela manifesta esse desejo. Diante dessa realidade, ela considera ter diferentes famílias: “Eu falo que tem a família do meu esposo, minha família de adoção, minha mãe biológica e a família dos meus irmãos biológicos, então são quatro famílias [...]” (Shelly)

Atualmente, Shelly está casada, não tem filhos e mora no centro de Barueri, na Vila Sargento José de Paula. Ela sempre estudou em escola pública e fez o Enem depois de casada, porque, segundo ela, seus pais diziam que:

[...] mulher não nasceu para estudar, mulher nasceu para cuidar de casa e, como eu estava prestes a casar e cresci vivenciando isso, vivendo aquela coisa que mulher era submissa ao homem, que mulher tinha que ficar em casa cuidando de criança e cuidando do marido, que o marido tinha uma liberdade de sair e entrar na casa na hora que queria e a mulher tinha que abaixar a cabeça, então acho que eu fui crescendo [pausa], só que eu não cresci igual, eu cresci diferente, eu cresci buscando sempre mudar. (Shelly)

Essa mudança que Shelly busca também se refere ao percurso profissional. Hoje ela trabalha em uma escola privada como assistente de maternal (auxiliar de

sala) e pretende dar continuidade aos estudos para exercer a Pedagogia Hospitalar e a Psicanálise.

A terceira entrevistada se automeinou “Andressa Santos”. Andressa é filha única do primeiro casamento dos pais; tem 27 anos, é solteira, católica, mora no bairro de Vila Matilde, zona leste de São Paulo, com a mãe, a avó e mais dois irmãos por parte de mãe. Seu pai casou-se novamente, tem mais dois filhos e, após a separação, manteve-se presente na vida dela.

Ela trabalha como assistente administrativo em uma empresa de recreação infantil e exerce diferentes funções na empresa: “eu ajudo eles no que for preciso: faço eventos, se precisar ir vou às festas [...]” (Andressa Santos).

Ao falar das maiores dificuldades que enfrentou na vida, Andressa citou:

[...] a batalha com a minha mãe. Porque somos só nos duas em casa para sustentar a casa. Eu acho que isso é bem positivo para a gente, porque uma ajuda a outra em tudo e não tem tempo ruim para nada. O ponto negativo é a questão financeira, porque, nossa, a gente trabalha, trabalha, trabalha, sempre faz “bico” aqui, faz “bico” ali e nem sempre a gente consegue cobrir o orçamento. (Andressa Santos)

Andressa sempre estudou em escola pública e foi informada sobre o ProUni na escola em que cursou o ensino médio: “eles falavam que a gente poderia fazer a prova do Enem para conseguir bolsa em qualquer faculdade que a gente quisesse entrar” (Andressa Santos).

Ela começou o curso na modalidade de educação a distância (EAD). Fez essa opção pelo fato de o valor ser menor do que o curso presencial, mas preferiu mudar porque:

[...] na minha casa era impossível eu conseguir estudar, tanto que, no primeiro e segundo semestres, que eu fiz em EAD, eu só tirei nota ruim, eu não conseguia o tempo hábil para fazer as aulas, e fora que o movimento na minha casa era grande. Eu tentando estudar e um falando, o outro assistindo televisão... Nossa, era muito difícil. (Andressa Santos)

Após terminar a graduação, pretende descansar e posteriormente retomar seus estudos em uma pós-graduação em Neurociência ou em algum curso que trabalhe o lúdico como forma de aprendizagem.

Ao falar sobre sua forma de lazer, Andressa comentou que, às vezes, vai ao cinema com o namorado nos finais de semana.

A quarta entrevistada autodenominou-se “Paula”, mora com o marido em Ribeirão Pires e trabalha como estagiária em uma escola privada de educação infantil.

Paula sempre estudou em escola pública. Seu pai é alcoólatra e esse fato motivou uma distância emocional entre eles. Sua mãe trabalhou como pajem na rede municipal de Ribeirão Pires e, por intermédio do convênio firmado entre a prefeitura e a PUC, graduou-se em Pedagogia na modalidade a distância; depois fez pós-graduação na área da educação infantil.

Paula disse que não queria ser professora:

[...] porque na minha infância foi um pouco traumático ter a minha mãe professora. Nos finais de semana, que eu podia ficar com ela, tinha atividade para elaborar, tinha uma série de coisas, então eu falava que eu nunca seria professora para trabalhar o final de semana. (Paula)

Porém, ao observar o desenvolvimento profissional da mãe, acabou se interessando pela profissão. Ela diz não gostar muito de estudar; comentou que fazer a faculdade nunca foi um sonho, mas resolveu cursá-la porque vê nos estudos uma perspectiva de crescimento.

Paula disse que a maior dificuldade que enfrentou durante o curso foi o cansaço por acumular trabalho e estudo. No início da graduação, seu marido ficou desempregado e o casal teve sérios problemas financeiros.

[...] chegava aqui chorando e falando: ai, meu Deus, eu não vou aguentar... Não, eu vou aguentar! [...] Teve horas que eu queria desistir, porque eu não conseguia, então eu falo que o ProUni me salvou muito, foi a única coisa que me fez não desistir nesse período que a gente estava muito apertado, com dívidas. (Paula)

Ao terminar o curso, ela pretende fazer uma pós-graduação e futuramente quer fazer outra graduação, de Psicologia ou História, porque gosta muito dessas duas áreas.

A quinta e última entrevistada escolheu o pseudônimo de “Tamy”, é solteira, reside no Itaim Paulista, zona leste de São Paulo, com os pais e duas irmãs. Tamy tem uma irmã casada que cursou a graduação como bolsista do ProUni.

Sua mãe concluiu o ensino médio por meio da Educação de Jovens e Adultos (EJA) e é do lar. O pai cursou o ensino médio pelo Centro Educacional de Jovens e Adultos (Ceja) e trabalha como autônomo, realizando a manutenção elétrica em postos de gasolina.

Tamy sempre estudou em escola pública e atualmente trabalha como estagiária em uma Escola Municipal de Educação Infantil (Emei). O estágio proporciona à aluna trabalhar meio período e, conseqüentemente, ter maior facilidade em administrar seu tempo de estudo, trabalho e lazer:

[...] como o estágio é só quatro horas por dia, eu consigo conciliar os trabalhos, estudar durante a semana e aos sábados eu decretei que não faço nada da faculdade para aproveitar a família, o namorado, as minhas irmãs. No domingo, se tem alguma coisa, provas na semana, eu estudo e não faço nada com eles, eu pego a tarde toda no domingo e fico estudando. (Tamy)

Tamy se intitula *merchandising* do ProUni. Acompanha a página do programa e mantém informados seus conhecidos que não têm condições financeiras, mas querem estudar:

Eu conheço muita gente e faço de tudo para ajudar, eu acompanho a quantidade de bolsas, eu acompanho quando aumenta ou diminui para avisar e ajudar essas pessoas, porque eu sei que se não fosse o ProUni muita gente não estaria estudando e é muita gente mesmo! (Tamy)

Tamy pretende continuar sua formação; tem intenção de fazer especialização, mestrado e doutorado com bolsas de estudo.

4.2 Análise das entrevistas

Foi realizada uma pré-análise das entrevistas, objetivando a “organização sistemática dos documentos e mensagens” (FRANCO 2012, p. 54).

A pré-análise é composta de três momentos de atividades. O primeiro é a fase da leitura flutuante, que possibilitou conhecer as mensagens contidas nos textos das entrevistas; o segundo momento permitiu definir a escolha *a priori* dos relatos obtidos nas entrevistas; segundo Franco (2012, p. 55), a escolha *a priori* concede ao pesquisador a possibilidade de escolher o universo de documentos adequados para fornecer informações sobre o problema levantado; e o terceiro e

último momento de atividade foi a referência aos índices, a elaboração dos indicadores que podem ser a menção, explícita ou subjacente, de um tema em uma mensagem que, quanto mais for mencionado, mais importante se torna para a análise dos dados (FRANCO, 2012, p. 60).

Como resultado da pré-análise, as categorias extraídas das entrevistas realizadas foram:

Quadro 2 – Apresentação das categorias e subcategorias

Categoria	Subcategoria	Discurso	Significado
Origem familiar	Escolarização da família nuclear		
	Profissão dos pais		
	Visão dos pais em relação à filha universitária		
Contexto social	Região de residência		
	Escolarização básica		
	Tipo de lazer que usufrui		
O ProUni na vida da aluna	Mudanças pessoais durante a graduação		
	Dificuldades durante o curso		
	Preconceitos vividos durante o curso		
	Pontos positivos e negativos do programa		
	O que pensa sobre o ProUni		
	Perspectivas profissionais		

Fonte: a autora, com base em dados da pesquisa.

Com a intenção de promover maior clareza e compreensão das falas das entrevistadas, a análise foi realizada a partir de cada categoria, conforme se pode constatar a seguir.

4.2.1 Análise da categoria *Origem familiar*

Neste primeiro momento, a categoria denominada *Origem familiar* foi analisada seguindo a sequência de dados abaixo:

Quadro 2a – Categoria *Origem familiar*

Categoria	Subcategoria	Discurso	Significado
Origem familiar	Escolarização da família nuclear		
	Profissão dos pais		
	Visão dos pais em relação à filha universitária		

Fonte: a autora, com base em dados da pesquisa.

O nome *Origem familiar* foi selecionado por ser a categoria que nos permite entender a gênese familiar das alunas que utilizam a bolsa do ProUni.

Nesta categoria a baixa escolaridade da família nuclear é uma característica recorrente. Dos dez progenitores, quatro cursaram somente o ensino fundamental e três concluíram o ensino médio; em dois casos, as alunas não souberam responder que nível de ensino os pais atingiram, limitando-se a dizer que não cursaram o ensino superior; e apenas uma das mães cursou a graduação e pós-graduação.

Os três pais que concluíram o ensino médio realizaram o curso fora da faixa etária esperada para esse nível de ensino, utilizando o Telecurso 2000, o Ceja e a EJA.

A entrevistada Ellen Santos mencionou a escolarização da mãe da seguinte forma: “Ela fez isso e concluiu o fundamental e o ensino médio. Então eu acho que

na minha família já vem de se superar, superar os obstáculos, e é isso que eu estou fazendo” (Ellen Santos).

Os pais de Tamy cursaram o ensino médio na fase adulta:

O meu pai tinha parado de estudar e voltou quando eu já tinha 12 anos, ele fez o Ceja. [...] A minha mãe também, ela não fez o ensino superior e ela sempre estudou em escola pública. [...] minha mãe fez a EJA para o ensino médio também, quando eu tinha 10 anos, mais ou menos. (Tamy)

Paula explicou que em um momento de desemprego o pai tentou retomar os estudos, mas não conseguiu concluir:

[...] ele retomou os estudos, concluiu o ensino fundamental através do supletivo a distância, que na época fazia por correspondência, alguma coisa assim, e aí ele chegou a entrar no supletivo para o ensino médio que é o presencial, tradicional mesmo, mas ele nunca chegou a concluir, porque ele já estava envolvido com alcoolismo. Quando ele ficou sem emprego, então teve que procurar o estudo, mas ele não chegou a concluir, meu pai tem só o ensino fundamental. (Paula)

Entre as cinco alunas entrevistadas, apenas a mãe da Paula é graduada e pós-graduada na área da Educação. Ela é pedagoga, professora da rede municipal e estudou com o incentivo da prefeitura.

Paula contou que a mãe

[...] fez o magistério, concluiu o ensino médio com magistério e depois fez Pedagogia, que a lei obrigou. Foi logo que mudou a legislação, a prefeitura financiou o curso, então foi um curso modular, na verdade, porque ela fez pela PUC, mas era a distância. Depois disso, ela fez a pós-graduação também, agora não me lembro em qual universidade que ela fez, mas foi voltada à educação infantil, ensino lúdico [...]. (Paula)

Todas as alunas entrevistadas têm irmãos, mas apenas duas delas têm irmãos que concluíram o ensino superior.

Ellen Santos tem uma irmã que mora no estado de Alagoas e cursou Pedagogia com o incentivo da prefeitura, porque é professora da rede municipal.

[...] É um benefício que eles têm lá no estado de Alagoas. A faculdade também é privada, é particular, só que eles dão desconto porque ela já tinha o magistério, ela já trabalha na área, então ela ganhou esse desconto. Ela pagava um valor bem menor do que o valor correto do curso [...]

Tamy também tem uma irmã formada no ensino superior, que cursou História utilizando a bolsa do ProUni: [...] a minha irmã Maria era bolsista do ProUni, cursou História; e tenho mais duas irmãs, a Fernanda, que está no superior agora, cursando Nutrição, e a Clara, que tem 14 anos.

Tamy explicou que a irmã que entrou na universidade para cursar Nutrição não conseguiu a bolsa do ProUni e a família se uniu para ajudar a custear seus estudos.

A minha irmã, como ela não é bolsista, eles [os pais] estão ajudando ela. Todo mundo está trabalhando para ajudar ela, eu também ajudo, o dinheiro que consigo no estágio é para ajudar em casa, porque a minha mãe também está ajudando na mensalidade dela, então todo mundo ajuda para ela conseguir estudar. (Tamy)

Apesar da baixa escolarização dos pais, esse testemunho reflete o quanto a família valoriza o ensino superior e é solidária entre si para que os filhos consigam cursar a graduação.

Os demais irmãos das alunas que usufruem a bolsa ProUni ou não estão na faixa etária do ensino superior ou não chegaram a esse nível de ensino.

Shelly tem três irmãos homens que não deram continuidade aos estudos; ela justificou esse fato por serem evangélicos e terem constituído família precocemente.

Eles casaram cedo, por conta da religião, porque não podiam ter contato físico antes do casamento. Casaram cedo, tiveram filhos e hoje ambos têm três filhos cada um, os filhos estão crescendo [...]. (Shelly)

Os depoimentos acima apontam não somente para a baixa escolarização da família nuclear, mas também para vivências permeadas de dificuldades que impedem a continuidade dos estudos: pais e irmãos que pararam de estudar para trabalhar e sustentar a família ou, ainda, o alcoolismo como causa da interdição da escolarização.

As alunas entrevistadas que chegaram ao ensino superior, muitas vezes, são as primeiras da família a cursarem esse nível de ensino. A entrevistada Paula confirmou a baixa escolaridade da família quando comentou: “Em relação à família, eu sou uma das primeiras netas que está fazendo faculdade, então ainda tem um pouco isso também. Acho que é uma valorização geral da família [...]”. A aluna Tamy

também se expressou sobre esse fator dizendo que em sua família poucos estudaram.

As entrevistadas não tiveram modelo de escolarização no núcleo familiar, mas mesmo assim alguns pais conseguiram incentivá-las a estudar com o objetivo de “serem alguém na vida” e se desenvolverem além do que eles próprios conseguiram.

Falando da profissão paterna, as alunas Shelly e Paula contaram que seus pais são motoristas. O pai de Tamy é autônomo e trabalha fazendo a manutenção elétrica em postos de gasolina. Ao falarem das profissões das mães, ficou claro que a única que tem uma profissão é a mãe da Paula, que é pedagoga e trabalha como professora de educação infantil em uma escola da prefeitura de Ribeirão Pires. A profissão das demais mães não foram nomeadas; apenas ficou subentendido que são “do lar”.

Pode-se aqui refletir sobre se a baixa escolaridade dos pais fez com que eles desenvolvessem profissões que não exigem maior nível de escolarização. Consequentemente, esses subempregos oferecem remunerações precárias, que muitas vezes possibilitam apenas garantir a sobrevivência dos filhos, sem condições de investimentos na educação formal.

Ao abordarem a visão que os pais têm das filhas universitárias, apenas na fala de Shelly os pais mostraram-se receosos quanto à escolarização da filha, porque são evangélicos e sustentam ideias conservadoras em relação à mulher.

Eu queria fazer faculdade, mas os meus pais falam que mulher não nasceu para estudar, mulher nasceu para cuidar de casa e, como eu estava prestes a casar e cresci vivenciando isso, vivendo aquela coisa que mulher era submissa ao homem, que mulher tinha que ficar em casa cuidando de criança e cuidando do marido, que o marido tinha uma liberdade de sair e entrar na casa na hora que queria e a mulher tinha que abaixar a cabeça, então acho que eu fui crescendo [pausa], só que eu não cresci igual, eu cresci diferente, eu cresci buscando sempre mudar. (Shelly)

A prática religiosa dos pais conduziu-os a ver a escolarização da filha como algo ameaçador à formação familiar. Shelly descreveu-se como alguém diferente, que acabou enfrentando resistência por continuar os estudos.

Eu brinco, às vezes, que eu sou a “ovelhinha negra” da família, porque eles acham que eu sou muito para frente, que isso não é

bom, ao mesmo tempo que é bom, não é, aquela coisa, assim, que eles falam para o meu esposo que ele tem que tomar cuidado porque ela é muito precoce, sempre está evoluindo. E na cabeça deles é isso que eles veem, agora nem tanto e não tem nada a ver, no começo recebi mais críticas... (Shelly)

Os pais das demais entrevistadas mostram-se felizes, emocionados e orgulhosos por ter alguém com o curso superior na família.

O pai de Ellen Santos é falecido, mas em relação à mãe Ellen comentou:

[...] a minha mãe chorou comigo ao telefone quando eu falei, ela ficou feliz e falou que eu tinha que buscar, que ir em busca do meu sonho mesmo, terminar, estudar, foi sempre o que ela incentivou... (Ellen Santos)

Andressa Santos falou que seus pais:

[...] falam muito... Falam bastante, falam que têm muito orgulho de mim, que eu sou muito esforçada, que querendo ou não eles não tiveram esse incentivo. Nossa!! A minha mãe, então, dá força para caramba, me pergunta se tem como ajudar de alguma coisa...

É interessante citar que os pais de Andressa Santos concluíram o ensino médio, mas mostram desconhecimento da pós-graduação. Ela comentou que eles “não falam muito disso, dessa qualificação, até porque eles fizeram até o ensino médio, então eles não pensam que tem uma pós, um mestrado, eles acham que parei por aqui” (Andressa Santos).

Tamy é a segunda filha a cursar o ensino superior, fato que deixa os pais muito satisfeitos, por conseguirem conduzir as filhas a esse nível de escolarização. Segundo Tamy, “eles comentam com muito, muito orgulho, porque eu já sou a segunda que está terminando a faculdade e eles se enchem de orgulho para falar, porque na família são poucos que estudaram”.

A entrevistada Paula apresenta uma escolarização familiar diferente das demais, porque sua mãe é pedagoga e pós-graduada na área da Educação e, por ter escolhido a mesma profissão da mãe, atualmente elas trocam informações profissionais, o que parece tornar a mãe muito satisfeita com a formação da filha.

A minha mãe está super orgulhosa [risos] [...] é muito bacana a troca de experiências com a minha mãe, é muito legal. Eu pergunto: “o que é que você fez para turma do berçário, quando você era professora?” Aí a gente troca atividades, experiências, conto que tem uma criança assim e assado na escola e, nossa, a minha mãe está

superorgulhosa, agora está querendo me ajudar no direcionamento para a pós-graduação. (Paula)

Ao falar do sentimento do pai em relação à sua formação Paula alterou o discurso. Ele é alcoólatra desde a infância dela, o que motivou um certo distanciamento entre eles e segundo ela foi o que impediu o pai de dar continuidade aos estudos e dessa forma se manteve apenas com o ensino fundamental. Paula descreveu que ele

Deixou de ser um pouco uma referência, mas eu tenho certeza que ele está orgulhoso, acho que um pouco, como que eu posso dizer, não sei a palavra [...] triste de não ter participado tanto da minha formação profissional, por ele não ter uma formação que me estruturasse, porque ele fez só até o fundamental, então ele queria me auxiliar em alguns momentos, mas não podia porque ele não fazia parte dessa realidade, da realidade acadêmica dele [pausa]. O orgulho dele é ainda maior, por eu ter chegado onde ele não chegou.

É possível constatar que os pais reconhecem a importância do estudo e que se sentem felizes por verem suas filhas galgarem níveis de escolarização acima do deles.

Vale ressaltar que, inicialmente, nesta categoria *Origem familiar* caberia uma subcategoria para analisar a formação religiosa das alunas entrevistadas; porém, as informações obtidas não foram relevantes para uma análise específica, sendo que, das cinco alunas ouvidas, três se declararam católicas não praticantes, uma não mencionou o tema e uma, Shelly, nomeou-se “ecclética”, mesmo descrevendo uma família influenciada e frequentadora da Congregação Cristã, inclusive ela e o marido.

Dessa forma, os depoimentos que mostram a interferência religiosa sobre a vida acadêmica das alunas, quando se fazem pertinentes à análise, estão inclusos no texto.

4.2.2 Análise da categoria *Contexto social*

Esta segunda categoria tem como objetivo refletir sobre as informações que possibilitam compreender a escolarização e a rotina das alunas entrevistadas.

A categoria *Contexto social* ficou estruturada da seguinte forma:

Quadro 2b – Categoria *Contexto social*

Categoria	Subcategoria	Discurso	Significado
Contexto social	Região de residência		
	Escolarização básica		
	Tipo de lazer que usufrui		

Fonte: a autora, com base em dados da pesquisa.

De acordo com dados fornecidos no momento das entrevistas, pode-se constatar que as cinco alunas entrevistadas moram em regiões distantes do centro da cidade de São Paulo.

A aluna Ellen Santos reside na zona norte de São Paulo, no bairro Jardim Vista Alegre. O bairro recebeu esse nome por situar-se numa encosta com uma bela vista para a Serra da Cantareira; mas, apesar da visão privilegiada, o local pertence à periferia da zona norte. O Jardim Vista Alegre é caracterizado por falta de vagas nas creches, carência de espaços de lazer, ausência de atendimento nos postos de saúde devido à alta demanda, problemas de saneamento básico, violência e falta de emprego na região (ZOTTIS, 2012).

A distância do centro também é um fator complicador. A entrevistada Ellen Santos chama a atenção para a dificuldade de escolher uma instituição de ensino superior devido ao local em que mora. Ela pensou em tentar uma vaga na Universidade de São Paulo (USP), mas, ciente da distância de sua residência até a universidade, desistiu: “[...] como a USP; mesmo que eu estudasse ia ser difícil também, mesmo se eu conseguisse uma bolsa, para chegar até a USP...” (Ellen Santos).

Andressa Santos mora na Vila Matilde, zona leste de São Paulo. O bairro é considerado de classe média e dispõe de vasto comércio, que inclui desde lojas de rua até agências bancárias e correios. Os problemas do bairro incluem roubos de carros, assaltos a pessoas e a agências bancárias próximas à estação de metrô (OLIVEIRA, 2011).

A Linha Vermelha do metrô é conhecida como a que transporta mais usuários por dia: em média, 30 mil dos 105 mil moradores do bairro, os quais, na maioria das

vezes, precisam utilizar algum meio de transporte para chegar à estação, que está localizada paralelamente à Avenida Radial Leste (COMPANHIA DO METROPOLITANO DE SÃO PAULO, 2016).

A entrevistada Tamy reside no Itaim Paulista, considerado o maior distrito da zona leste de São Paulo, que sofre com o adensamento populacional de 400 mil habitantes.

Em 2015, a população do Itaim Paulista teve a oportunidade de se reunir com os vereadores de São Paulo para reivindicar melhores condições de acessibilidade aos deficientes físicos, construções públicas em terrenos que hoje abrigam viciados em drogas e lixo e a construção de um novo corredor de ônibus. Lamentavelmente, enquanto a população expunha suas necessidades nesse encontro, constatou-se, durante as falas, a saída de vários vereadores do local e outros que se distraíam ao celular ou em conversas entre si (REIS; AMORIM, 2015). Mais uma vez, a voz dos menos favorecidos economicamente perdeu-se no vácuo entre o respeito aos direitos e o desprezo de seus representantes, fato que permite pensar sobre a manutenção das desigualdades sociais e a indiferença por parte dos eleitos aos cargos públicos.

Shelly mora no centro de Barueri, cidade conhecida como centro empresarial e também por um forte comércio popular. Deve-se ressaltar a estação de trem, que facilita o acesso à cidade de São Paulo (BRANCO, 2016).

Desde a década de 1990, devido à desburocratização e a incentivos fiscais, Barueri atrai novas empresas para a região. Ainda assim, é considerada uma cidade pobre, marcada pelos muros de um condomínio horizontal – Alphaville – que separa as pessoas das classes A e B dos demais moradores da região, inclusive Shelly, que percorre 23 quilômetros para chegar à universidade onde estuda (BARROS, 2016).

A entrevistada Paula mora em Ribeirão Pires, no bairro de Vila Aliança, local chamado de “interior” por localizar-se em uma área de mananciais, com vasta extensão de Mata Atlântica, chácaras, parques e pesqueiros. Porém, Ribeirão Pires não é somente sinônimo de tranquilidade: um dos grandes problemas que enfrenta é a má administração pública, que levou o Executivo a declarar uma dívida de R\$ 35

milhões. A população clama por médicos e equipamentos nos hospitais e Unidade de Pronto Atendimento (UPA).

Diante da breve descrição das regiões nas quais as alunas entrevistadas residem é possível constatar que todas moram a mais de 15 quilômetros de distância da universidade em que estudam. A entrevistada Ellen Santos é a que mora mais perto, a 15,2 quilômetros, e Paula é a que mora mais longe, a 58 quilômetros da universidade.

A classe menos favorecida reside longe dos grandes centros e isso pode representar dificuldade para o acesso às melhores universidades, devido ao tempo de locomoção e aos gastos com transporte.

Em 2015, o estado de São Paulo atingiu a segunda maior renda *per capita* do país: R\$ 1.482,00 (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2016). Porém, ela é “calculada somando-se a renda bruta dos componentes do grupo familiar e dividindo-se pelo número de pessoas que formam este grupo familiar” (BRASIL, 2016b); assim, o indicador falha ao não considerar as desigualdades na distribuição de renda das grandes cidades.

Lembramos que, para obter a bolsa do ProUni, se o resultado da renda *per capita* familiar “for até um salário mínimo e meio, o estudante poderá concorrer a uma bolsa integral. Se o resultado for maior que um salário mínimo e meio e menor ou igual a três salários mínimos, o estudante poderá concorrer a uma bolsa parcial de 50%” (BRASIL, 2016b).

Dessa forma, apesar de morarem no estado com a segunda maior renda *per capita* do país, as entrevistadas fazem parte da população que tem renda familiar entre R\$ 1.500,00 e R\$ 3.000,00, valores distantes dos 10% que detêm 41,9% da renda total do país.

Em 2010, o município de São Paulo passou a fazer parte da faixa do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) muito alto: atingiu 0,805 em uma escala que vai de 0 a 1, sendo que, quanto mais próximo de 1, maior é o desenvolvimento da região (ÍNDICE..., 2013).

Apesar desse dado, faz-se necessário advertir que há limitações no levantamento dos indicadores:

A grande limitação desse indicador é não considerar a desigualdade de renda entre os habitantes do município. Assim, um município pode apresentar uma elevada renda *per capita*, mas, ao mesmo tempo, pode ter uma grande parcela de sua população vivendo na pobreza. (ATLAS..., 2012b)

Dessa forma, embora morem em regiões que apresentam alto IDH, seus depoimentos mostram que as entrevistadas fazem parte da população que vive imersa nas desigualdades sociais de uma grande metrópole.

A subcategoria *Escolarização básica* tem como objetivo apontar em que tipo de instituição as entrevistadas cursaram a educação básica. O resultado obtido foi unânime, todas as alunas estudaram na rede pública.

Nenhuma aluna estudou na rede privada anteriormente ao ensino superior, o que remete às trajetórias de alunas cujas famílias não tiveram condições de ter outra opção de ensino, devido às dificuldades mencionadas.

A entrevistada Shelly contou um pouco do seu difícil começo de vida, no qual a família biológica não teve condições nem de fazê-la pertencer ao núcleo familiar:

[...] tenho 22 anos e a minha infância teve uma história muito comovente. Eu fui adotada com 2 anos de idade. Minha mãe biológica – que hoje eu não tenho conhecimento dela, mas desejo muito ter, anseio por isso – tinha problemas com drogas, bebidas, e aí o meu tio acabou me trazendo para São Paulo para ser adotada.

Andressa Santos contou que seus pais são separados desde que ela era criança e as dificuldades financeiras provavelmente a distanciaram de ter escolha sobre sua escolarização básica. Segundo ela, o ponto negativo de sua vida é “a questão financeira, porque, nossa, a gente trabalha, trabalha, trabalha, sempre faz “bico” aqui, faz “bico” ali e nem sempre a gente consegue cobrir o orçamento” (Andressa Santos).

Pode-se constatar que, para as famílias menos favorecidas economicamente, o ingresso à educação básica pública é a única oportunidade de escolarização dos filhos.

Alisson (2014) descreve o exposto no simpósio Excellence in Higher Education, que aconteceu na Universidade Estadual de Campinas, no qual o professor Marcelo Knobel afirmou que a maioria dos alunos (aproximadamente 70%) que frequentam o ensino superior público são egressos da educação básica privada

e apenas 30% são oriundos das escolas públicas, o que reforça a ideia de que a classe desprivilegiada economicamente tende a cursar a educação básica em escolas públicas e o ensino superior em instituições privadas, assim como ocorreu com as alunas entrevistadas para esta pesquisa.

Na subcategoria *Tipo de lazer que usufrui*, as entrevistadas mostraram uma tendência a desfrutarem de poucos momentos de lazer. A aluna Ellen Santos comentou: “Um lazer de vez em quando eu não vou dizer que eu não tenho, mas às vezes é época de estudar para a prova e eu não consigo, mas quando consigo aí eu vou ao cinema, ao *shopping*, dar uma espairecida”.

A entrevistada Shelly, mesmo dizendo que cresceu diferente, não mencionou o lazer como parte da sua vida. Ela é jovem: tem 22 anos, e foi criada em família evangélica. Está casada com um evangélico também e, talvez por esse motivo, parece ter sido educada para “os bons comportamentos femininos”, dos quais o lazer não faz parte.

A aluna Tamy comentou que divide seus finais de semana com a família e os estudos:

[...] aos sábados eu decretei que não faço nada da faculdade para aproveitar a família, o namorado, as minhas irmãs. No domingo, se tem alguma coisa, provas na semana, eu estudo e não faço nada com eles, eu pego a tarde toda no domingo e fico estudando. (Tamy)

Andressa Santos falou sobre seus momentos de lazer da seguinte forma: “O que eu faço mais é no final de semana, quando dá tempo para poder fazer alguma coisa de lazer: um cineminha, que eu gosto, com o namorado e a princípio é só”.

As poucas opções de lazer usufruídas pela classe pobre podem ser entendidas pela ausência de recursos financeiros. Ir ao cinema, ao teatro, a *shows*, a parques temáticos, a restaurantes e bares inclui o consumo, porque o lazer está interligado ao consumo; é preciso pagar para usufruir esses benefícios e essa constatação pode limitar o acesso ao lazer (ARAÚJO; CHAUVEL; SCHULZE, 2011).

Quando pensam em usufruir momentos de lazer, os menos favorecidos economicamente lembram de gastos e acabam não desfrutando desses momentos de descanso.

Ao justificar a falta de lazer, a entrevistada Andressa Santos deixou nítida essa preocupação: “Quase nunca eu consigo dizer: “hoje a gente vai sair, vai gastar horrores”, vamos supor... Num parque. Não dá, é uma vez num mês, uma vez a cada seis meses e olhe lá se eu conseguir fazer isso”.

Dessa forma, é possível constatar que a situação financeira não limita somente o acesso à educação formal: os limites se expandem aos momentos de entretenimento, que poderiam contribuir para a formação geral das estudantes.

4.2.3 Análise da categoria *O ProUni na vida da aluna*

A última categoria, denominada *O ProUni na vida da aluna*, visa a compreender o que representa a possibilidade de cursar o ensino superior por meio de uma bolsa de inclusão social.

Quadro 2c – Categoria *O ProUni na vida da aluna*

Categoria	Subcategoria	Discurso	Significado
O ProUni na vida da aluna	Mudanças pessoais durante a graduação		
	Dificuldades durante o curso		
	Preconceitos vividos durante o curso		
	Pontos positivos e negativos do programa		
	O que pensa sobre o ProUni		
	Perspectivas profissionais		

Fonte: a autora, com base em dados da pesquisa.

A subcategoria *Mudanças pessoais durante a graduação* apresenta as transformações individuais que as entrevistadas conquistaram na experiência universitária.

Observa-se nos depoimentos que essa vivência contribuiu para diversas mudanças qualitativas na vida das alunas.

Quanto a essas modificações, a entrevistada Ellen Santos declarou:

Eu acho que a maneira de pensar, a maneira de falar, que quando a gente sai da escola [do ensino médio] eu acho que a gente está muito naquela fase de adolescente [...] Fala muitas gírias e coisas que não se deve também [risos] e quando a gente entra na faculdade, acho que é, assim... Como se fosse uma lâmpada acendendo. Você cresceu, você precisa tomar um rumo e arcar com suas responsabilidades e verificar o que você quer do futuro [...] eu acho que socialmente melhorei bastante o modo de agir, o modo de falar, o modo de me colocar, isso mudou. [...] mudou o meu modo de ver o mundo e mudou a minha realidade. (Ellen Santos)

Ela comentou também a alteração no seu grupo de amigos: “Hoje em dia os meus amigos são na maioria pessoas que têm também faculdade. Não quer dizer que as pessoas que não têm não sejam mais amigas, mas até os seus amigos, eles mudam um pouco [pausa]”. (Ellen Santos)

Ao falar de suas mudanças durante o curso, Andressa Santos declarou: “Mudou o meu temperamento. Eu era muito nervosa, eu sempre fui muito explosiva e agora, com esse curso, consegui me controlar mais, consigo ser mais, como eu posso dizer, eu consigo ter mais calma, pensar um pouco mais com a cabeça [...]”.

Andressa Santos lembrou que no campo profissional também se sentiu diferente: “No meu trabalho eu acho que foi onde mais mudei, porque eles percebem que a gente tenta se esforçar, que a gente está fazendo o possível para se manter atendida [...]”.

Paula contou que desejava ser psicóloga, mas, ao conseguir a bolsa para o curso de Pedagogia, mudou de ideia e se surpreendeu, porque: “Fazendo a faculdade eu também encontrei a minha identidade profissional, [...] eu me achei, me encontrei, eu nasci para isso! A faculdade me trouxe a minha própria identidade, algo que eu não conhecia de mim [...]”.

Além de se encontrar profissionalmente, Paula mostrou sentir-se confiante, com perspectivas pessoais e profissionais positivas baseadas em suas potencialidades:

Eu me vejo outra pessoa, porque acho que os meus ideais mudaram. Eu não me via cursando uma faculdade, não me via me descabelando por causa de trabalho e hoje eu vejo o quanto isso me potencializou. Consigo enxergar as minhas capacidades, consigo fazer planos de mais formação, que eu antes da faculdade eu não tinha ideia nem da primeira formação quem dirá das próximas, Então eu acho que a faculdade conseguiu desencadear em mim um desejo de crescimento profissional e um desejo de crescimento pessoal mesmo, de querer me conhecer mais, de não parar de ter, de buscar o conhecimento contínuo, de coisas novas para estudar, enfim, eu acho que eu mudei completamente. (Paula)

A aluna disse que, por ser universitária, foi mais valorizada no trabalho:

Mudou, mesmo não sendo na área que eu estou estudando, porque quando comecei a faculdade eu trabalhava em *call center*, mas já fez diferença. Na empresa que eu trabalhava me abriu outras portas dentro da própria empresa. Não digo que recebi promoção de cargo, porque eu já tinha mudado de cargo, mas ele me deixou mais, como posso dizer... Eu fui mais valorizada profissionalmente depois que comecei a cursar a universidade e até em momentos de corte na empresa eu não fui desligada por que eu era universitária. (Paula)

O depoimento da entrevistada Shelly retrata como o conhecimento pode modificar opiniões cristalizadas:

[...] quando eu entrei na faculdade eu não concordava com as cotas para negros, por um pouco de ignorância da minha parte, porque eu pensava assim: “poxa, a pessoa é negra, ela vai entrar na faculdade porque ela tem cota, mas eles não vão avaliar o empenho dela e não é todos que vão entrar aqui e vão perseverar”. Era esse meu ponto de vista, [...] qualquer um ia ter este tipo de comportamento, mas eu achava que tinha que ter mérito para entrar [...] Eu tinha um conhecimento inválido sobre o Brasil. [...] ela [a professora] conseguiu abrir a minha mente, mostrando o que os escravos passaram e que a escravidão ainda existe. (Shelly)

Tamy percebe que a graduação lançou-a para outra forma de viver: “eu vejo que a importância do curso superior para uma pessoa vai muito além de qualificação para o trabalho, é para a gente sair da nossa zona de conforto mesmo, porque a gente acaba se acomodando”.

As transformações pessoais de Tamy também proporcionaram mudanças comportamentais em seu cotidiano:

Quando eu entrei na faculdade, eu brinco com as meninas que eu era uma criança, hoje eu me vejo de outra forma, eu já sou uma mulher, eu vejo o quanto amadureci. [...] Eu era muito menina, muito criança, eu enxergava só aquilo, de um jeito, eu não, eu via de outras formas. Por exemplo: brincava com o feminismo, agora não, não é

assim, porque eu acabava pensando pequeno, agora eu penso grande, vejo de várias formas. [...]

O meu relacionamento com as pessoas mudou, na família, com os amigos, com o namorado mudou, porque antes a gente acabava aceitando tudo, depois que entrei na graduação a gente vê que não é desta forma e a gente entra com aquele senso crítico, rebatendo tudo. (Tamy)

Ela reafirmou como suas mudanças alteraram sua forma de viver: “a minha postura mudou, eu me sinto muito mais madura, eu enxergo as coisas de outra forma, a questão da cultura, eu tento procurar ao máximo complementar a minha formação, pesquisar, ler...” (Tamy)

Os relatos das entrevistadas revelam o quanto o acesso ao ensino superior pode conduzir a uma nova forma de ver a vida, de se relacionar com as pessoas, de proporcionar mudanças de objetivos de vida, de aumentar a autoestima por intermédio do conhecimento, acreditando mais em si e nas suas possibilidades de desenvolvimento. São mudanças que talvez não acontecessem sem a experiência universitária. Oportunidades de uma carreira que poderá conduzi-las à mobilidade social e permitir que modifiquem a história familiar por meio das mudanças profundas que as tornaram pessoas mais aptas a uma vida digna.

A subcategoria *Dificuldades durante o curso* pretende mostrar quais dificuldades o aluno pobre, que trabalha e estuda à noite, enfrenta para manter-se na universidade e concluir a graduação.

A entrevistada Shelly tem bolsa parcial e comentou a dificuldade que tem para pagar 50% das mensalidades: “Eu sei que, mesmo eu pagando metade desse valor – que é suado, muito suado, [...] tiro por mim, que sou bolsista de 50% e consigo pagar com o meu suor”.

Outra dificuldade que Shelly vivencia é conciliar o horário de trabalho e do curso: “chego atrasada porque estou trabalhando agora, chego todos os dias às 8 horas, peço para as minhas colegas guardarem um lugar para mim e me sinto até perdida, porque eu perdi algum conteúdo”.

Por pertencer a uma família evangélica, Shelly não recebeu o incentivo dos pais para estudar, pois, para eles, *mulher não nasceu para estudar*. Ela conseguiu convencê-los, até porque começou a faculdade depois de casada, mas a outra crítica enfrentada foi a escolha do curso: “Eu sempre quis fazer Pedagogia, mas eu

também tive muitas críticas na família por causa da Pedagogia. Minha mãe fala que ganha muito pouco, que Pedagogia é cuidar de criança”.

Apesar de se ter rebelado contra essa ideia, ela teve uma educação religiosa rígida e se define como “perfeccionista”, o que a levou a ter dificuldade de trabalhar em grupo:

Essa é a minha maior dificuldade, lidar com o ser humano em si, em alguns aspectos, e não entender eles, como conseguem ser assim? Queria entrar no mundinho deles e falar: “meu, você está fazendo errado, tem gente que queria estar aqui dentro, tem gente que teve que largar o curso porque o filho ficou doente, teve que largar porque tem que cuidar da mãe que está enferma ou queria ter esse privilégio e você não dá valor”. (Shelly)

Mesmo sendo bolsista do ProUni, Andressa Santos comentou a dificuldade financeira que vivencia. Seus pais são separados; ela mora com a mãe, a avó e três irmãos menores. Andressa e a mãe são responsáveis pelo sustento da casa e “nem sempre a gente consegue cobrir o orçamento. Esse é o ponto mais negativo da minha vida [...]”.

Inicialmente, Andressa fez a opção pelo curso a distância (EAD), porque era mais acessível financeiramente. Mas a falta de privacidade em casa prejudicou seu aproveitamento, então ela fez a transferência para o curso presencial; no entanto, mesmo assim a dificuldade em estudar em casa permaneceu:

[...] tive que me esforçar muito. Na minha casa tinha dia que era eu estudando e meus irmãos pulando atrás, tipo eu dando berros para eles pararem para eu conseguir ficar em paz, então a minha maior dificuldade foi manter a disciplina para conseguir estudar e tirar as notas que eu tenho hoje, [...]. (Andressa)

A entrevistada Paula também falou sobre dificuldades financeiras:

[...] logo que eu comecei a faculdade, em 2014, meu marido estava desempregado, mas ele ainda estava recebendo seguro desemprego, então a gente conseguiu levar o primeiro semestre. No segundo semestre ele não tinha arrumado trabalho ainda, foi outro desgaste, [...] praticamente os dois anos da minha formação, ele [marido] passou desempregado. Ele começou a trabalhar no final do semestre passado que foi onde “deu um gás”, um respiro para a gente continuar e isso implicou diretamente nos meus estudos. Juntou a pressão do trabalho, a pressão das despesas de casa, mais o ser dona de casa [risos], são multitarefas para conciliar. Então foi bem complicado, [...]. (Paula)

Além da dificuldade financeira, Paula teve de conviver com o cansaço que acomete quem dorme pouco por trabalhar e estudar simultaneamente.

Eu sempre entrei cedo no trabalho, entrava 7 horas da manhã, eu tinha que acordar às 5, às vezes às 4 e meia, para chegar às 7 no trabalho e depois ir dormir só meia-noite e meia. Então acho que o que mais me pesou mesmo durante todo este trajeto foi o cansaço. (Paula)

Apesar dessas dificuldades, Paula não pensou em desistir; ela sente que a faculdade:

[...] desperta na gente [pausa], não sei a palavra [pausa], um sentimento de desafio, de “quanto mais eu testo os meus limites, mais eu vou conseguir avançar”, então eu chegava aqui chorando e falando: “ai, meu Deus, eu não vou aguentar... Não, eu vou aguentar! Eu já passei por isso, por aquilo, então eu vou aguentar [...]”. (Paula)

Porém, a maior dificuldade que Paula enfrentou não se refere à praticidade diária ou à falta de recursos materiais. Para ela, as dificuldades foram várias, mas a maior delas foi desenvolver o pensamento crítico:

Quando eu entrei na faculdade, percebi o quanto a minha cabeça era fechada para algumas verdades e o quanto a gente não pensa a respeito de algumas coisas. [...]quando você entra em um curso e começa a ter esse pensamento crítico, é muito difícil, é muito difícil você sair da caixinha [...]. (Paula)

As dificuldades de Tamy são semelhantes às das demais entrevistadas. Conciliar trabalho, estudo, tempo, cansaço e a falta de dinheiro, inclusive para se alimentar adequadamente fora de casa, devido ao longo tempo que permanece em atividade diária, constituem o rol de suas dificuldades durante o curso.

[...] quando eu entrei na faculdade, eu tentei trabalhar como recreacionista em um parque, era das 8 às 2, então eu tinha que acordar muito cedo e sair de lá às 2 horas; eu ia ter que ficar aqui na faculdade até 7 e meia esperando começar a aula. Eu não fiquei nem uma semana nesse emprego, porque não deu. Eu não estava conseguindo comer, eu não estava conseguindo fazer nada, nem estudar, porque chegava morrendo de sono e aí não deu, então eu saí e fiquei alguns meses sem trabalhar. Quando eu consegui o estágio, foi melhorando, porque o estágio é perto de casa, eu entrava às 7 e saía às 11, ia para a casa, almoçava, conseguia fazer os meus trabalhos, passei a aproveitar a família, porque no outro eu não conseguia nem ver a minha mãe. Agora mudou o meu horário, eu trabalho da 1 e meia às 5 e meia e é melhor ainda, porque eu venho direto da escola para a faculdade. Só que a questão da alimentação ficou ruim, estou sentindo muito, porque eu estou comendo muito mais besteira e vou jantar meia-noite, meia-noite e meia, quando chego em casa. (Tamy)

A aluna Ellen Santos focou sua dificuldade exclusivamente na questão do estudo. Sua preocupação foi estudar e ter boas notas para não perder a bolsa do ProUni. Indiretamente, isso mostra uma preocupação financeira, porque, se perder a bolsa, terá de custear seu curso e talvez não tenha condições de fazê-lo.

[...] com a bolsa você não pode tirar nota vermelha: ou você estuda, ou você perde a bolsa, porque eles te tiram a bolsa se você ficar pelo menos, eu acho que é, se você pegar três dependências. Então você acaba perdendo a bolsa. Isso incentiva você também, além de você já estar fazendo o curso, você quer ter seu diploma, e estudar com o ProUni, você tem que estudar 100% a mais que os outros alunos da sala, que foi isso que eu fiz desde o primeiro semestre. (Ellen Santos)

Conhecer as dificuldades das entrevistadas permite pensar o quanto é árdua a vida dos estudantes desfavorecidos financeiramente. As alunas entrevistadas trabalham durante o dia, estudam à noite, alimentam-se inadequadamente por não terem renda que possibilite pagar seu jantar, desfrutam de pouco tempo de descanso e, além dessa rotina, precisam manter-se atentas ao bom desempenho no curso, conquistando boas notas para não perderem a bolsa do programa.

Em meio a tantas dificuldades, a entrevistada Paula comentou o quanto formar vínculos é importante.

[...] o meu grupo me ajudou muito também. Acho que isso é muito importante, os vínculos que a gente estabelece com o grupo, com os professores, eu sempre tive ótimos professores, sempre me ajudaram bastante, eu acho que isso conta para a gente conseguir superar as dificuldades. (Paula)

Shelly também conta com a ajuda das colegas; diariamente, ela chega atrasada na aula, vai direto do trabalho para a universidade e se preocupa com seu atraso: “peço para as minhas colegas guardarem um lugar para mim”. Essa atitude aparentemente simples pode transmitir a Shelly a mensagem de que ela pertence e tem seu lugar reservado no grupo, o que supera o seu sentimento de ficar “perdida” por precisar chegar mais tarde.

Os depoimentos acima remetem à reflexão acerca da importância que o acolhimento tem na dura rotina dessas alunas. O ProUni pode facilitar o acesso ao curso superior já que, ao isentar os alunos das mensalidades, diminui a preocupação financeira. No entanto, a solidariedade que recebem dos colegas e professores as mantém se superando a cada dificuldade que vivenciam.

A próxima subcategoria a ser analisada foi denominada *Preconceitos vividos durante o curso* e visa a conhecer se as alunas que usufruem a bolsa do ProUni sofrem algum preconceito por sua condição de bolsistas.

A aluna Ellen Santos sabe que semestralmente aumenta a mensalidade e presencia os colegas reclamando em sala, mas prefere não se manifestar porque “eles falavam que as pessoas que são bolsistas não ligam para o direito dos outros, da sala, porque quem está pagando é o governo”. Assim, por medo de perder a bolsa ela introjetou essa ideia e comentou: “eu exatamente não posso reclamar, porque eu sou bolsista, então não posso assinar nada, não posso reclamar de nada, senão perco a bolsa” (Ellen Santos).

A entrevistada Shelly comentou um episódio no qual se sentiu prejudicada e foi reclamar para as colegas que não concordaram, e ela atribuiu essa discordância ao fato de ser bolsista:

Eu fiquei horrorizada o semestre passado ao saber que a última prova do semestre, que era uma prova que você tinha que ler um livro e que seria a distância. [...] Eu fui conversar com as minhas colegas e elas olharam para mim e falaram: “como você é velha, careta”. (Shelly)

Para Shelly, outro preconceito vivido surge por ter conseguido a bolsa mediante pontuação na prova do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem). Os colegas consideram-na mais inteligente e a desprezam: “quando você menciona que é bolsista, as pessoas, eles ou elas te ignoram pelo fato de te acharem inteligente”.

A aluna Tamy sente que o preconceito é velado ao perceber que suas colocações não são bem-vindas pelos colegas de classe: “o preconceito direto a gente não sente, mas indiretamente, sim. Quando a gente vai falar alguma coisa, a gente escuta: ‘mas você não paga a faculdade, tipo assim, do que você está reclamando?’”.

Tamy considera que o preconceito permanece o mesmo durante todo o curso e agora ela conduz a situação como se fosse “uma brincadeira delas [das colegas], eu penso assim e não me sinto mal por isso, nem respondo... É melhor ficar quieta [risos]”.

O distanciamento de vários amigos fora da universidade também fez Tamy considerar um preconceito contra quem faz o ensino superior.

Eu perdi muitos amigos por causa da faculdade, porque a gente entra na faculdade e acaba se dedicando aos estudos e eles não entendem isso. De dez amigos se manteve três, o restante não entendeu que não dava mais para sair aos sábados, porque eu tinha que estudar para prova, então foram se distanciando e não entenderam. (Tamy)

Andressa Santos também comentou que as colegas a consideram inteligente, mas ela escutou esse comentário de modo positivo, sem sentir-se rejeitada: “as minhas amigas achavam legal, falavam você é ‘maior’ inteligente, ainda bem que você conseguiu passar. Mas acho que não é uma questão de inteligência, qualquer uma que tentar consegue também”.

Paula disse não ter sido vítima de preconceito na universidade por utilizar a bolsa do ProUni e acrescentou: “eu acho que na faculdade, aqui, nem se divulga isso”. Para ela, a sociedade tem preconceito para com quem não cursa o ensino superior:

Eu acho que é um pouco de preconceito com as pessoas que não estavam cursando uma graduação, mas em contrapartida eu acho que é uma valorização profissional. [...] tem um paradigma de *status* de você estar na faculdade. Na sociedade, é diferente você falar: “estou fazendo um cursinho de manicure”, todo mundo fala “nossa, manicure por quê?” Quando você fala “estou na universidade”, as pessoas falam: “nossa, que legal!”

Diante dos depoimentos, é possível observar o quanto as alunas que utilizam a bolsa ProUni são coibidas pelos colegas de sala. Ao darem opiniões, expressarem-se diante de um fato, são vistas como privilegiadas, receptoras de benefícios do governo, como se estivessem levando vantagem sobre os demais e tivessem de agradecer por meio da obediência ou se calar pelo favor recebido. Provavelmente são vítimas da falta de informação e da reflexão de que a educação é um direito de todos.

Em contrapartida, ao comentarem que a sociedade tem preconceito contra quem não cursa o ensino superior, emerge a valorização social. Como se a graduação as colocasse em um novo paradigma social, que muitos amigos não conseguem compreender e que motiva seu afastamento.

A subcategoria *Pontos positivos e negativos do programa* tem como objetivo saber a opinião das alunas sobre o ProUni.

Os depoimentos apontam diversos pontos positivos. Para elas, o programa favorece muita gente que quer cursar o ensino superior, mas não tem condições financeiras de pagar as mensalidades.

Na opinião da aluna Paula, essa questão financeira é importante:

[...] um dos pontos positivos é que eu acho que ele abre as portas, facilitando principalmente a questão financeira, ele vai custear a faculdade, então isso é muito bom para quem depende de um salário mínimo, por exemplo. A mensalidade da faculdade é um salário mínimo, e o que eu faço com o resto das dívidas de casa? (Paula)

Ellen Santos considera a bolsa integral uma proteção financeira para frequentar o ensino superior: “quem tem o ProUni 100%, amém. É uma benção realmente, porque, para você fazer particular e pagar o curso inteiro, dependendo do curso é caro, principalmente na faculdade particular”. O outro ponto positivo que ela considera é que o ProUni é para todos: “Eu estudei para ganhar bolsa, como todo mundo poderia também entrar no *site*, ou concorrer à bolsa”.

Na opinião de Tamy, usufruir a bolsa diminui a preocupação com o trabalho, porque a mensalidade está garantida e, dessa forma, ela acaba se dedicando mais ao curso: “quando a gente tem a bolsa, a questão do trabalho para pagar a mensalidade não é assim uma coisa rígida e isso ajuda muito. [...] acho que a gente acaba se dedicando mais ao curso [...]”. Para ela, o ProUni tem outro ponto positivo, porque ele “auxilia muita gente que quer estudar, ajuda a cursar o curso que a pessoa quer”.

A motivação para o estudo também apareceu no depoimento da aluna Paula:

[...] bom, pelo menos para mim foi assim, enquanto eu tinha o pensamento que era bolsista, consegui me empenhar mais para não perder a bolsa [risos]. Acho que eu me senti valorizada de ter conseguido entrar e manter a bolsa.
[...] eu acho que o fato de você não pagar a mensalidade é um tranquilizador enorme para se empenhar, aprender com mais tranquilidade, então no decorrer da graduação ele auxilia neste ponto. (Paula)

Entre os pontos negativos do ProUni, as entrevistadas citaram sua pouca divulgação. Para Andressa Santos,

[...] falta um pouco mais de informação, porque tem gente que não sabe que ele existe, que tem a possibilidade de entrar nesse sistema de programa. Eu acredito que, se as pessoas soubessem mais, se tivessem mais informações em relação a isto, muitas, muitas outras pessoas também teriam esta oportunidade.

Paula pronunciou-se da mesma forma:

Acho que a mídia divulga pouco, muito mal explicado, eu vejo, por exemplo, a minha irmã, que saiu do ensino médio agora e ela nunca tinha ouvido falar na escola. Falta ressaltar a importância desses programas para que os alunos busquem mais, que vejam que todo mundo tem oportunidade. (Paula)

A aluna Ellen Santos obteve a bolsa ProUni de 50% e financiou os outros 50% pelo Fies.

[...] mesmo conseguindo a bolsa do ProUni, só era 50% do curso. Não era 100%. Então, mesmo com os 50% da bolsa do ProUni eu não conseguiria manter o curso inteiro, então eu tinha que dar um jeito de arrumar os outros 50%, porque com o salário também que eu ganho como operadora de *telemarketing*, que dá assistência [ao consumidor] SAC, eu não conseguiria pagar o curso inteiro. Foi quando eu lembrei que tinha também o Fies, eu fui e fiz o Fies e consegui os outros 50%, a metade do curso. (Ellen Santos)

Tamy lamentou não poder participar de outros programas governamentais porque utiliza o ProUni.

[...] as faculdades acabam, as faculdades particulares, elas acabam restringindo o número de programas que a gente pode participar. Por exemplo, você é ProUni, não pode participar do [*Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência*] Pibid, dos estágios remunerados [...]. Eu queria muito entrar no Pibid, mas não deixaram por eu ser bolsista. (Tamy)

A fala das alunas Ellen Santos e Shelly despertou para algo curioso. Elas citaram como ponto negativo do ProUni ele não se expandir para a pós-graduação. Ellen Santos disse: “pena que também não tem ProUni para fazer pós, não existe”. Shelly comentou: “hoje eu tenho o ProUni, mas amanhã eu não vou ter e aí eu também, se pudesse falar, eu queria falar que o ProUni tem que estender mais, para conseguir dar continuidade”. Esses depoimentos mostram o desconhecimento delas sobre as bolsas concedidas pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e as fundações estaduais de amparo à pesquisa.

Paula falou da importância do programa, mas considera que ele poderia abranger muito mais pessoas. “O ProUni é um programa muito bom, porque favorece muita gente, mas essa muita gente ainda é pouco para o que deveria favorecer”.

Diante desses depoimentos, é possível constatar que o ProUni promove o acesso dos menos favorecidos ao ensino superior, que muitas pessoas são favorecidas pelo programa e, pelo fato de utilizarem a bolsa, sentem-se mais estimuladas a estudar. Porém, consideram que o ProUni precisa ser mais divulgado, para que todos saibam de sua existência e possam usufruí-lo.

Na penúltima subcategoria, chamada de *O que pensa sobre o ProUni*, a intenção é conhecer quais significados o programa tem na vida dessas alunas.

Ellen Santos conseguiu somente a bolsa parcial do ProUni e para quitar a outra metade do curso ela utiliza o Fies. Mesmo assim, declarou:

[...] se eu não tivesse os 50% eu não ia fazer 100% Fies porque fica caro, como é que eu vou pagar? Porque você tem que devolver o valor, então ficava muito caro e eu não tenho condições de pagar tudo isso, e com 50% desse valor, ele ficou bem inferior ao valor de muita gente que tem 100% Fies [...]. (Ellen Santos)

A ideia que Ellen tem sobre o programa é que ele “me deu o curso, porque está pagando o meu curso, independente que ainda vou pagar os outros 50%” e graças à bolsa “hoje eu sou a segunda da família a ter um curso superior”. Ela definiu o ProUni como “mudança, a única palavra que eu digo é mudança e mudança para melhor”.

Para Shelly, utilizar a bolsa do ProUni representa um benefício que, ao ser comparado a outros gastos, é um valor expressivo na renda da aluna:

[...] quando você tem esse privilégio de ganhar, é como se você tivesse ganho na loteria, porque se você for parar para analisar, o valor que você ia gastar, não é pouco [...] São 400 reais por mês, se juntar, no final do ano quanto que você tinha, dá para dar de entrada numa casa, para comprar... Vamos supor que fosse fazer um papel altruísta, você ia pegar este dinheiro e comprar roupas, alimentos para dar às pessoas, e quantas pessoas você ia suprir com este valor? (Shelly)

Ela demonstra ter consciência de que o programa faz parte de uma importante política pública de inclusão:

Muitos falam que o Brasil é um país desinteressado na Educação, mas não é, senão não teria o ProUni. O ProUni, ele quer que o Brasil dê oportunidade para as pessoas que querem estudar, pessoas que não tinham condições de estudar, de continuar, de crescer profissionalmente. [...] eu luto e quero encontrar pessoas que lutem junto à inclusão social. Na inclusão social eu acredito que entre também o ProUni, que isso é uma inclusão [...]. (Shelly)

A importância do programa ficou clara para Shelly quando ela ficou desempregada.

[...] não fosse pela bolsa eu não conseguiria concluir, porque em janeiro eu fiquei desempregada, saí da empresa e peguei minha rescisão, um valor simbólico, digamos, mas claro que, como qualquer um que recebe uma rescisão, você vai querer quitar suas dívidas mais antigas para poder ficar tranquila. (Shelly)

A entrevistada Andressa Santos estava com dificuldades para pagar as mensalidades do curso e pensava em desistir, quando conseguiu a bolsa do ProUni. Ela contou:

Estava numa época que eu já não conseguiria mais pagar, a faculdade estava indo para uns 600 reais por mês e, nossa, eu pensei: “a partir do semestre que vem eu vou ter que trancar a faculdade, porque para mim não vai dar mais”. E aí foi quando surgiu a oportunidade e eu consegui a bolsa, então pra mim caiu do céu. [...] o ProUni representou uma luz no fim do túnel, porque, quando eu achei que eu não tinha mais esperança, que eu não ia mais conseguir fazer a faculdade, que eu não ia mais ter opção porque não ia ter outra possibilidade para mim, apareceu o ProUni. [...] foi uma bênção na minha vida. O ProUni caiu do céu. (Andressa Santos)

A bolsista Paula afirmou que o ProUni possibilitou seu acesso ao ensino superior:

[...] definitivamente se não fosse o ProUni eu não teria começado a faculdade, isso para mim é o ponto principal, se eu não tivesse conseguido a bolsa eu não teria ingressado na faculdade naquele ano, eu ia postergar, postergar [...]. Então, para mim, ter conseguido a bolsa do ProUni foi fundamental, se eu não tivesse conseguido a bolsa talvez eu não tivesse começado a faculdade até agora, porque para custear mesmo eu não teria possibilidade. (Paula)

Paula revelou que, quando o marido ficou desempregado, o ProUni a manteve no curso:

Teve horas que eu queria desistir porque eu não conseguia, então eu falo que o ProUni me salvou muito, foi a única coisa que me fez não desistir nesse período que a gente estava muito apertado, com dívidas. [...] se não fosse pela bolsa eu teria desistido pelo caminho, então o ProUni foi fundamental para a minha formação, isso eu tenho plena certeza, que foi fundamental para eu estar aqui prestes a me formar, se não fosse ele, com certeza eu não estaria aqui. (Paula)

Ainda segundo Paula, o ProUni permite estudar com tranquilidade sem a preocupação com as mensalidades: “o ProUni é o melhor caminho para estar na

faculdade, porque você cursa despreocupada, a sua faculdade está paga e você tem a consciência tranquila para focar nos estudos”.

O ProUni para Tamy é a possibilidade de as pessoas menos favorecidas economicamente poderem estudar: “para mim, o ProUni é perfeito. É um programa que ajuda muita gente, tem muita gente que quer estudar e não tem condições de pagar. [...] eu sei que, se não fosse o ProUni, muita gente não estaria estudando, e é muita gente mesmo!”

Ao pronunciar “muita gente”, ela se incluiu nesse grupo contando o porquê tinha de conseguir a bolsa. “Na época eu pensei: ‘Eu tenho que conseguir uma bolsa, porque eu não posso parar de estudar’ [...]” (Tamy).

A possibilidade de cursar o ensino superior por intermédio do ProUni fez com que Tamy comente com as colegas de classe: “se não fosse a bolsa do ProUni eu não estaria estudando, porque na época eu estava muito apertada, não dava nem para imaginar...”

Ao definir o ProUni, Tamy disse que é “um programa ótimo, que ajuda muito, tem muitas amigas que estavam querendo também e eu sempre saio divulgando o programa”. Ela gosta tanto do ProUni que sua mãe fala “que eu sou *merchandising* gratuito deles, porque eu apresento mesmo, quando abre inscrições eu faço inscrições de todo o mundo que quer estudar”.

Para as alunas entrevistadas, o ProUni significa principalmente a possibilidade de acesso e permanência no ensino superior privado. O fato de não precisarem se preocupar em pagar as mensalidades do curso faz com que se sintam tranquilas para se dedicarem aos estudos.

Elas consideram que o programa permite mudanças pessoais para melhor e consideram que o Brasil está preocupado com a escolarização dos que não têm renda para bancar a graduação: “Muitos falam que o Brasil é um país desinteressado na educação, mas não é, senão não teria o ProUni” (Shelly).

O ProUni também muda a história familiar dessas alunas. Elas romperam o legado da baixa escolarização das famílias de baixa renda.

A última subcategoria, denominada *Perspectivas profissionais*, refere-se às pretensões de estudo e trabalho das alunas depois de concluírem a graduação.

Ellen Santos declarou que pretende sair da função de Assistente de Serviço de Atendimento ao Cliente (SAC) e trabalhar na área da Educação, além de continuar seus estudos na pós-graduação.

Tentar passar em concurso público, se eu não conseguir passar, mandar currículo, nem que seja em uma escola particular, [...], mas conseguir estar na área, engajada na área, trabalhando na área [...]. futuramente eu quero fazer pós, eu ainda estou meio em dúvida, mas é em Psicologia, que foi uma área que eu estudei no primeiro semestre. Foi com a professora... E eu gostei da Psicologia, tanto que as colegas da sala pediram para eu fazer Psicopedagogia, porque envolve mais a Pedagogia, só que eu quero primeiro fazer a Psicologia, depois fazer Psicopedagogia. (Ellen Santos)

Shelly continuará a colocar em prática seu objetivo de ajudar as pessoas por meio da Educação. Ela anseia essa prática devido à experiência com sua mãe biológica.

O meu desejo sempre foi buscar auxiliar pessoas com os problemas como os que a minha mãe teve. Então, o meu desejo era ser psiquiatra infantil, porque ela teve transtornos infantis. Ela viu a mãe dela ser morta pelo pai quando tinha 5 anos de idade e acho que isso acarretou toda a sua trajetória de vida, e por isso eu acabei me dedicando à Educação. (Shelly)

Shelly contou também que está trabalhando na área: é auxiliar de classe em uma turma do maternal e mostrou interesse em continuar seus estudos. A preocupação dela está em não ter uma bolsa para fazer a pós-graduação.

Eu admiro quem consegue dar continuidade, fazer mestrado, doutorado, eu tenho muito anseio por isso, mas não sei o dia de amanhã. Hoje eu tenho o ProUni, mas amanhã eu não vou ter e aí eu também, se pudesse falar, eu queria falar que o ProUni tem que estender mais, para conseguir dar continuidade. Comecei a fazer uma formação, fui até o fim, como se fosse uma honra, e se você se formou naquilo, você consegue fazer uma pós, dar continuidade com o ProUni, então é isso, só isso. (Shelly)

Andressa Santos mostra-se feliz no cargo de assistente administrativo, em que também exerce a função de recreacionista. Porém, no final do curso cogita a ideia de prestar concurso público e trabalhar mais especificamente na área da Educação.

Eu comecei o curso, na verdade, para eu ganhar melhor no trabalho onde eu estou. Porque inicialmente eu não queria sair de lá, eu adoro o que eu faço, é muito legal trabalhar onde eu estou e eu estou “felizona”, tipo, eu trabalho do lado de casa, vou andando, não pego

condução, então eu sempre adorei o que eu faço. Então a minha ideia era me preparar mais para ajudar eles onde eu estou, mas claro que se um dia eu tiver oportunidade de prestar um concurso, dar aula [...] aí sim, mesmo gostando do meu trabalho, eu saio. (Andressa Santos)

Andressa também tem planos de continuar seus estudos: “no próximo ano eu posso pensar numa pós. Eu gosto da Neurociência, eu gosto do lúdico, a parte do brincar, aprender brincando eu acho muito bacana [...]”

Paula é estagiária e trabalha como auxiliar de classe. Ela iniciou os trabalhos na área da Educação este ano, desligando-se de um trabalho no qual tinha a função de intermediar o contato da empresa com os clientes.

Agora eu trabalho na educação infantil, mas até o início do ano, em março, me desliguei da empresa que eu trabalhava como supervisora de *call center* e consegui um estágio num colégio particular, comecei agora e tenho o contrato do meu estágio até o fim do ano. (Paula)

Sua intenção é fazer uma pós-graduação e futuramente a segunda graduação:

[...] eu sempre soube que gostava muito de Psicologia, quando eu entrei na faculdade essa foi uma das primeiras disciplinas que mais gostei, nossa! Aí os olhos brilharam mesmo! Eu falo que é isso que eu quero, dá aquela sede, mas agora que eu aprendi muitas outras coisas me deu sede também por História, me apaixonei por História, então eu quero cursar, mas as duas [risos] eu acho que não. Então ainda vou decidir, mas acho que isso mais lá na frente, posso colocar em um longo prazo, daqui uns dez, quinze anos. Inicialmente, eu quero sair da faculdade e fazer uma pós para me especializar mais e mais à frente, quando tiver oportunidade da segunda graduação, aí sim vou tomar essa decisão: História ou Psicologia. (Paula)

A entrevistada Tamy pretende exercer sua profissão como funcionária pública. Na visão dela, lecionar na escola pública é dar continuidade às possibilidades de escolarização que vivenciou: “pretendo prestar concurso público para voltar ao ensino público, então o governo está influenciando a gente a voltar e ajudar, fazer a manutenção disso tudo aí fora”.

Tamy tem a intenção de continuar sua formação e chegar ao doutorado com direito às bolsas de estudo.

Quando eu terminar, pretendo continuar me especializando na área, pretendo fazer especialização em alfabetização, porque no estágio eu acompanho turmas de 1º ano e é muito gostoso, eu estou

gostando muito e quero continuar nessa área. Pretendo fazer mestrado, doutorado, tudo isso com bolsa, conquistando as minhas bolsas por aí. (Tamy)

Os depoimentos possibilitam constatar que a intenção de continuar os estudos é unânime. Mesmo Paula – que no início da entrevista confessou ser “meio preguiçosa para estudar, então eu nunca tive muita vontade ou aquele sonho de falar que queria me formar na faculdade” – declarou que deseja fazer pós-graduação e está em dúvida sobre se cursará Psicologia ou História na segunda graduação.

Das cinco alunas entrevistadas, três estão trabalhando como estagiárias na educação infantil, em instituições privadas. Duas estão fora da área, mas pretendem prestar concurso público e iniciar suas carreiras na Educação.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa possibilitou conhecer a opinião de cinco alunas do curso de Pedagogia de uma universidade privada da zona oeste de São Paulo a respeito do ProUni.

Ao dar voz às alunas, a pesquisa permite aos gestores de políticas públicas e aos gestores de instituições do ensino superior rever as práticas adotadas tendo em vista o ensino de qualidade para as camadas desfavorecidas da população.

As alunas que utilizam a bolsa do ProUni nasceram em famílias com baixa escolarização. Seus pais estudaram no máximo até o ensino médio, por meio de modalidades de ensino disponíveis àqueles que apresentam dificuldade de frequentar a escola regular, como Telecurso 2000, EJA ou Ceja. Apenas uma das mães das cinco alunas que participaram da pesquisa cursou o ensino superior e a pós-graduação, cursos que, por ser professora da rede municipal, foram subsidiados pela prefeitura. Duas das alunas entrevistadas têm uma irmã com nível universitário cuja formação se fez possível utilizando o ProUni e o benefício de ser professora da rede municipal.

As diversas dificuldades – como necessidade de trabalhar, casamentos prematuros e o alcoolismo – reduziram as oportunidades de estudo de seus pais e, conseqüentemente, estes desempenham funções profissionais simples, que não exigem conhecimentos acadêmicos, levando-os a remunerações insuficientes para oferecerem aos filhos uma educação básica além da ofertada pela escola pública.

As famílias das entrevistadas representam grande parte das famílias brasileiras, mergulhadas nas desigualdades sociais que as impedem de escolher que tipo de educação formal oferecerão aos filhos, porque

O processo de expansão das liberdades inclui as dinâmicas sociais, econômicas, políticas e ambientais necessárias para garantir uma variedade de oportunidades para as pessoas, bem como o ambiente propício para cada um exercer na plenitude seu potencial. (ÍNDICE..., 2013, p. 23)

Entretanto, as dificuldades financeiras não apenas limitam as capacidades e as escolhas dos pais; elas tendem a se perpetuar na família, por meio da falta de oportunidades.

Se as capacidades das pessoas são restringidas, assim são também suas oportunidades. Se uma jovem brasileira tem pouco acesso ao sistema educacional, ela deixa de aprender a ler e escrever, participa menos dos processos decisórios à sua volta, conhece menos sua realidade, encontra poucas oportunidades de trabalho, reivindica menos os seus direitos. Seu rol de escolhas fica limitado e, conseqüentemente, suas capacidades não podem ser exercidas na plenitude. (ÍNDICE..., 2013, p. 23)

A ausência de oportunidades é marcada pela baixa escolarização familiar, tão presente entre as alunas que fazem parte desta pesquisa. Elas se tornaram a primeira ou, quando muito, a segunda pessoa da família a cursar o ensino superior.

Em 2012, a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad) divulgou o aumento da média de anos de estudo dos brasileiros: de 5,7 em 1992 para 8,8 em 2012 (INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA, 2013); porém, considerando que o tempo do ensino fundamental no Brasil é de nove anos, essa média de estudo não é suficiente para chegar ao ensino superior, e a exclusão atinge “as crianças e os adolescentes negros, os pobres, aqueles oriundos de famílias cujos pais ou responsáveis têm pouca escolaridade [...]” (RONCA, 2015, p. 103).

Os mesmos pais que não atingiram níveis mais altos de escolarização reconhecem a importância do estudo como forma de mobilidade e valorização social. Sentem-se orgulhosos e emocionados por terem uma filha na universidade e, ao conversarem com elas, chegam a chorar de felicidade.

O perfil escolar das alunas entrevistadas revelou que todas cursaram a educação básica em escolas públicas. Para a classe menos favorecida economicamente, a “escolha” da escola na qual os filhos estudarão limita-se ao que é disponibilizado pelo governo.

Entretanto, contrariando as expectativas, as alunas oriundas da educação básica pública apresentam bom desempenho no ensino superior. Para Bertolin e Fioreze, os beneficiários do ProUni apresentam desempenho superior aos alunos pagantes, porque o

[...] esforço desses estudantes é significativamente maior. Nesse caso, os estudantes ProUni, mesmo com *background* inferior aos dos colegas pagantes, se dedicariam com mais afinco, teriam mais foco

nos estudos, já que, reconhecendo a importância da, talvez, única oportunidade que terão de cursar a Educação Superior, são desejosos de aproveitá-la da melhor maneira possível, viabilizando com isso a sua ascensão social. (BERTOLIN; FIOREZE, 2016, p. 303-304)

As alunas também se esforçam pelo fato de morar em bairros distantes do centro. Mesmo optando por uma universidade de fácil acesso, próxima ao metrô, às linhas de trem e ônibus, elas necessitam de um tempo maior para se locomover e administrar as dificuldades financeiras com os gastos de transporte e alimentação fora de casa.

Morar nas periferias e dispor de baixa renda diminui suas disponibilidades de lazer. Nos finais de semana permanecem em casa, desfrutando a companhia da família; às vezes vão ao cinema ou ao *shopping* e dificilmente saem dessa rotina. Peças de teatro, *shows*, parques temáticos, visitas a livrarias, museus e viagens são formas de lazer a que a classe menos favorecida economicamente dificilmente tem acesso. Esses momentos de entretenimento colaborariam para a formação das estudantes; contudo, representam mais gastos no orçamento e, diante das prioridades do cotidiano, o lazer torna-se algo supérfluo.

Essas alunas superam várias dificuldades para cursar a graduação. Trabalham de dia e estudam à noite, jantam alimentos de rápido consumo e baixo custo, dormem pouco, porque o deslocamento da universidade às suas casas é demorado e acordam cedo para trabalhar. Além dessas dificuldades, precisam concentrar-se nas aulas a fim de manter o bom desempenho e a bolsa do ProUni.

Para vencer esses desafios, contam com o apoio da família, que faz tudo o que está ao alcance para minimizar o esforço diário; com a ajuda dos colegas de turma, que guardam um lugar no grupo e transmitem as informações da aula quando elas chegam atrasadas, tirando-lhes a sensação de estarem perdidas diante das atividades; e com o auxílio dos professores, que permitem que entrem atrasadas na aula e se disponibilizam para tirar dúvidas.

Segundo Oliveira (2012, p. 14):

[...] os jovens beneficiados por este programa de bolsas possuem muita força de vontade para dar segmento aos estudos e [...] a experiência adquirida com o relacionamento com os professores e demais alunos é algo que acrescenta bastante tanto na formação profissional quanto na formação pessoal.

A empatia, solidariedade e parceria com os colegas e professores representam estímulos para superarem as dificuldades enfrentadas. Algo tão importante talvez quanto a ajuda financeira atribuída ao ProUni, porque

O vínculo afetivo é fundamental para o desenvolvimento físico e psíquico, pois nenhum ser humano sobrevive ao desamor. Os afetos servem de critério de valoração positiva ou negativa para as situações do cotidiano, é por meio deles que preparamos nossas ações. (VERCELLI, 2013, p. 58)

Além dessas dificuldades, as participantes enfrentam preconceitos por fazerem uso de uma bolsa de estudo. Segundo depoimentos colhidos, elas sentem que os colegas de sala as privam de emitirem opiniões sobre os aumentos das mensalidades e modificações na rotina pedagógica da universidade. São tratadas como quem tem o privilégio de estar em uma instituição privada sem arcar com o ônus financeiro.

Também são consideradas mais inteligentes, por terem atingido a pontuação necessária para obtenção da bolsa no Enem, e se sentem rejeitadas em determinados grupos na sala de aula.

Os depoimentos também mencionaram o preconceito dos amigos de fora da universidade, que se afastaram por não aceitarem as mudanças na rotina de quem estuda. Em contrapartida, as entrevistadas sentem-se muito mais valorizadas socialmente, inclusive no trabalho, por estarem frequentando o ensino superior.

O ambiente universitário e tudo o que o envolve acarretaram diversas mudanças pessoais na vida das alunas. Elas percebem que amadureceram, mudaram qualitativamente para melhor. Adquiriram uma nova maneira de viver e ver o mundo, ampliaram o vocabulário, convivem mais harmoniosamente com as diferenças, possuem novos objetivos profissionais e de vida. Acreditam mais em suas capacidades de superação, tanto que pretendem continuar seus estudos e construir carreira na área educacional.

A fala das entrevistadas permite afirmar que o crescimento pessoal é fruto dos diferentes conhecimentos que a graduação proporciona, porque conhecimento e crescimento são indissociáveis.

Segundo Freire (1993, p. 121):

O processo de saber e o processo de crescer têm tudo a ver um com o outro. Ou ainda, o processo de saber implica o de crescer. Não é possível saber sem uma certa forma de crescimento. Não é possível crescer sem uma certa forma de sabedoria.

O fato de frequentarem o ensino superior elevou a autoestima das alunas, permitindo-lhes sentir que é possível conquistar um padrão de vida mais digno do que o que desfrutam.

[...] a percepção do ProUni como um programa que promove acesso e permanência no ensino superior, eleva o padrão de vida cultural e social dos beneficiários, aumentando as possibilidades de sucesso na sua formação e na sua vida profissional. Isso significa reconhecer que o ProUni é uma referência, um marco de implementação de uma política pública de ação afirmativa, respeitada e acatada nas esferas federal, estadual e municipal [...]. (CASALI; MATTOS, 2015, p. 707)

Ao falarem do ProUni, as bolsistas evidenciaram que a ajuda financeira é o principal ponto positivo do programa. Até mesmo para as alunas com bolsa parcial, o ProUni permite o acesso e a permanência na graduação àqueles que não podem pagar. Mencionam a bolsa como uma “proteção financeira”, por libertá-las da preocupação de custear as mensalidades.

Isentas desse compromisso e com a obrigatoriedade de obter 75% de aproveitamento no curso, “o número de horas de estudo dedicadas fora de sala de aula dos bolsistas é superior ao das escolas públicas” (BRASIL, 2014b). Essa dedicação se refletiu no Enade:

[...] quem recebe o benefício tem média de acertos de 49,35 na avaliação do governo federal com concluintes do ensino superior, enquanto a nota dos alunos de ensino público é de 47,87. Os resultados dos prounistas são superiores à média nacional e dos alunos de faculdades públicas. Apesar das condições menos favoráveis, dentro da estrutura de seleção e de incentivos do programa, o bolsista do ProUni na rede privada compensa sua desvantagem com base no esforço individual, se dedicando ao programa e obtendo resultado acima da média. (BRASIL, 2014b)

As entrevistadas reconhecem o quanto o programa as ajuda e lamentam não existir ProUni na pós-graduação *lato sensu* e *stricto sensu*. Conforme mencionado nas análises, nesse momento elas mostraram desconhecer as bolsas destinadas a esse nível de ensino.

Para as alunas, os pontos negativos do ProUni restringem-se principalmente à pouca divulgação do programa. Consideram que mais pessoas poderiam utilizá-lo se fosse amplamente divulgado pela mídia.

Também apontaram como aspecto negativo o impedimento de participarem de outro programa governamental que envolve rendimento direto, como o Pibid e os estágios remunerados.

A exigência de diversos documentos e o reduzido prazo de entrega no momento de obtenção da bolsa foram criticados; porém, reconhecem que esse procedimento pode evitar fraudes.

As alunas pensam que o ProUni representa um benefício expressivo na renda mensal delas, que permitiu o acesso e a permanência na universidade. O programa proporcionou a possibilidade de se dedicarem aos estudos porque não se preocupam em pagar as mensalidades.

Reconhecem que o programa faz parte de uma política pública de inclusão que favorece muitas pessoas, destinado a todos que querem estudar, mas não têm condições de arcar com o custo do curso.

O ProUni abrange uma expressiva parcela dos estudantes desse nível, uma vez que três em cada dez alunos do ensino superior privado têm bolsa ou financiamento, sendo que 17,0% são estudantes com bolsas não-reembolsáveis, como as oferecidas pelo Programa. (CASALI; MATTOS, 2015, p. 685)

As entrevistadas não questionaram a qualidade das instituições de ensino superior privado; entretanto, reconhecem que não conseguiriam estudar em universidades públicas, devido ao local no qual residem e por serem oriundas da educação básica pública.

Considerando que o Brasil é um país de muitas desigualdades sociais, ter acesso, permanecer e concluir o curso superior é uma vitória para as alunas de baixa renda.

[...] o país ainda apresenta, hoje, grandes desigualdades. São vários Brasis dentro do Brasil. É possível encontrar municípios em que a renda *per capita* mensal é de aproximadamente R\$ 1.700,00, e outros em que o cidadão ganha, em média, cerca de R\$ 210,00. Há municípios em que mais de 80% dos adultos têm o ensino fundamental completo, enquanto em outras regiões isso não chega a 13%. É possível encontrar, no Sul brasileiro,

municípios com esperança de vida ao nascer de mais de 78 anos, enquanto no Nordeste brasileiro há municípios em que um cidadão ao nascer tem expectativa de vida menor que 66 anos. A comparação entre municípios realça as desigualdades e evidencia o abismo ainda existente entre as oportunidades dos brasileiros. (ÍNDICE..., 2013, p. 23)

Considerando as origens familiares dessas alunas e suas trajetórias de vida, o ensino superior privado representa para elas um grande avanço qualitativo em suas histórias pessoais.

Para Fontelle e Crisóstomo (2016, p. 756), o

[...] ProUni é uma oportunidade para estudantes que não conseguem passar em instituição pública terem uma graduação superior [...] Um dos melhores programas feito pelo governo federal, pois dá oportunidade de pessoas mais carentes frequentarem uma faculdade privada, já que as públicas têm vagas muito reduzidas.

Com a ajuda do ProUni, essas alunas romperam a herança da baixa escolaridade familiar, provando que as desigualdades sociais podem e devem ser minimizadas por meio do direito de todos à educação, garantido no artigo 205 da Constituição brasileira: “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (BRASIL, 2012, p. 121).

Como parte de uma política pública de inclusão social, o ProUni contribui para diminuir as desigualdades, reconhecendo que:

A equidade é um imperativo de ordem ética que diz respeito à necessidade da realização de direitos. Dessa forma, enquanto proposta de superação de diferenças que não são aceitáveis do ponto de vista ético, deverá se constituir no princípio norteador de todas as políticas públicas e também das ações desencadeadas pelos inúmeros atores e entidades sociais.

Na organização das políticas públicas, os interesses [...] estarão voltados para a satisfação de todas as necessidades do ser humano. Contudo, as necessidades básicas (educação, saúde, transporte, habitação, emprego) serão priorizadas. (RONCA, 2015, p. 101)

Criar condições para que as pessoas de baixa renda frequentem a universidade é repensar a educação que durante anos privilegiou a elite.

Essa concepção de educação remete ao compromisso com a concretização de políticas públicas de educação radicalmente comprometidas com os interesses das classes populares. Isso

significa garantir pleno acesso e condições de permanência de todos os educandos na escola, independentemente de suas condições, cabendo à escola transformar-se para possibilitar-lhes condições efetivas de escolarização; essa questão traduz o princípio de educação inclusiva, que incorpora não só a educação de alunos com deficiência, mas todos aqueles que, por diversos motivos, são alijados da escola e de seus bens. (ANTUNES, 2008, p. 474)

Entretanto, a inclusão das classes populares nos níveis mais altos de escolarização necessita de políticas públicas estruturantes e focalizadas que perdurem até que a equidade se torne realidade.

A situação atual da sociedade brasileira, com a desigualdade como característica fundamental, exige, para sua superação, a implementação de políticas públicas estruturantes “que permaneçam no tempo, envolvam vários atores, estejam integradas a outras políticas públicas setoriais, prevejam sistemas de monitoramento e avaliação, e, dessa forma, caracterizem-se como políticas de estado e não apenas de governo”.

As políticas estruturantes apresentam-se com um amplo nível de abrangência e exigem que os sistemas de monitoramento estejam voltados para a existência de controles sociais. As políticas focalizadas apresentam um caráter emergencial e pressupõem que, no decorrer do tempo, elas desapareçam assim que os objetivos tiverem sido atingidos. Em geral, se configuram como programas de intervenção imediata de um determinado governo. (RONCA, 2015, p. 102)

A mobilização social é fator imperativo para propor a construção, implantação e controle das políticas públicas que compreendem a educação como “condição fundamental para que as pessoas possam participar da sociedade, constituindo assim um direito necessário ao exercício da cidadania” (VERCELLI, 2013, p. 42).

Permitir que os menos favorecidos galguem níveis mais altos de escolaridade, que sejam valorizados no exercício da profissão que escolheram e que ascendam socialmente a padrões de vida mais dignos é direito constitucional que só será atingido mediante participação da sociedade na política do país.

Nós, representantes do povo brasileiro, reunidos em Assembleia Nacional Constituinte para instituir um Estado Democrático, destinado a assegurar o exercício dos direitos sociais e individuais, a liberdade, a segurança, o bem-estar, o desenvolvimento, a igualdade e a justiça como valores supremos de uma sociedade fraterna, pluralista e sem preconceitos, fundada na harmonia social e comprometida, na ordem interna e internacional, com a solução pacífica das controvérsias, promulgamos, sob a proteção de Deus, a seguinte CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL. (BRASIL, 2012, p. 9)

A Lei nº 11.096, de 13 de janeiro de 2005, estabeleceu a criação do ProUni como um programa de inclusão social que possibilita às pessoas de baixa renda terem acesso ao ensino superior. “Desde a criação até o processo seletivo do segundo semestre de 2016, mais de 1,9 milhões de estudantes foram beneficiados.” (BRASIL, 2016e)

Para Suely Ferreira (2012, p. 129-130):

As políticas para a educação superior do governo Lula da Silva (2003-2010) e do governo de Dilma Rousseff (2011-2014) assumiram a perspectiva da equidade social articulada à concepção de desenvolvimento econômico e social, de capacitação de mão de obra e da elevação da empregabilidade da população, ao priorizar a construção de *campi* de instituições federais de educação superior no interior do país, bem como a ampliação do acesso às IES privadas.

Considerando os resultados desta pesquisa, pode-se concluir que o ProUni supera os objetivos de acesso e permanência ao ensino superior. Por meio do ingresso nos níveis mais altos de escolarização, o programa viabiliza às pessoas de baixa renda desfrutarem de melhor qualidade de vida. Possibilita a mobilidade social daqueles cuja renda limita suas escolhas e possibilidades.

Ao criar o ProUni, o governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva reconheceu as desigualdades sociais e a necessidade de diminuí-las, porque, para nos tornarmos um país desenvolvido, “é preciso, absolutamente preciso, que o saber de minorias dominantes não proíba, não asfixie, não castre o crescer das imensas maiorias dominadas” (FREIRE, 1993, p. 127).

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Victor Rafael Laurenciano; MEDEIROS, Claudio Melquíades. Entrevistas na pesquisa social: o relato de um grupo de foco nas licenciaturas. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO – EDUCERE, 9.; ENCONTRO SUL BRASILEIRO DE PSICOPEDAGOGIA, 3., 26-29 out. 2009, Curitiba. *Anais...* Curitiba: Champagnat, 2009. Disponível em: <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/3041_1475.pdf>. Acesso em: 21 abr. 2016.
- ALISSON, Elton. “A grande massa de estudantes que concluem o ensino médio em escolas públicas não considera o ingresso em universidades públicas”, diz Marcelo Knobel. *Ensino Superior Unicamp*, Campinas, 7 fev. 2014. Reportagens. Disponível em: <<https://www.revistaensinosuperior.gr.unicamp.br/reportagens/a-grande-massa-de-estudantes-que-concluem-o-ensino-medio-em-escolas-publicas-nao-considera-o-ingresso-em-universidades-publicas-diz-marcelo-knobel>>. Acesso em: 24 nov. 2016.
- ALMEIDA, Cleide et al. Inclusão social. In: LIMENA, Maria Margarida et al. *ProUni e inclusão social*. São Paulo: Xamã, 2011. p. 23-40.
- ALMEIDA, Laurinda Ramalho de. *Ensino noturno: memórias de uma experiência*. São Paulo: Loyola, 2010.
- ANDRADE, Flávio Roberto Evangelista et al. Inovações nas políticas de acesso e expansão do ensino superior no Brasil: o caso da empresa Kroton Educacional. *Acta Brazilian Science*, São Luís, ano 1, v. 1, p. 112-143, abr. 2013.
- ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de; LÜDKE, Menga. *Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas*. Rio de Janeiro: EPU, 2015.
- ANTUNES, Mitsuko Aparecida Makino. Psicologia escolar e educacional: história, compromissos e perspectivas. *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*, Porto Velho, v. 12, n. 2, p. 469-475, jul./dez. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pee/v12n2/v12n2a20.pdf>>. Acesso em: 10 dez. 2016.
- ARAÚJO, Fábio Francisco de; CHAUVEL, Marie Agnes; SCHULZE, Marianne Fatio. *Percepções e significados do lazer do jovem de baixa renda: um estudo exploratório em uma comunidade da zona sul carioca*. Trabalho apresentado no XXXV Encontro da Anpad, Rio de Janeiro, set. 2011. Disponível em: <<http://www.anpad.org.br/admin/pdf/MKT2335.pdf>>. Acesso em: 24 nov. 2016.
- ARRETCHE, Marta. *Trajetórias das desigualdades: como o Brasil mudou nos últimos cinquenta anos*. São Paulo: Edunesp, 2015.
- ATLAS do Desenvolvimento Humano no Brasil. *O Atlas: IDHM: como ler o IDHM 2010*. Brasília, DF: Pnud Brasil; Ipea; Fundação João Pinheiro, 2012a. Disponível em: <http://www.atlasbrasil.org.br/2013/pt/o_atlas/idhm/>. Acesso em: 24 nov. 2016.

_____. *O Atlas: metodologia: dimensão renda*. Brasília, DF: Pnud Brasil; Ipea; Fundação João Pinheiro, 2012b. Disponível em: <http://www.atlasbrasil.org.br/2013/pt/o_atlas/metodologia/idhm_renda/>. Acesso em: 24 nov. 2016.

BARREYRO, Gladys Beatriz. *Mapa do ensino superior privado*. Brasília, DF: Inep, 2008.

BARROS, Jucilene Menom de; LIMA, Michelle Fernandes. O público e o privado no ensino superior: uma análise sobre o acesso dos estudantes nas universidades. In: SEMINÁRIO DE PEDAGOGIA, 1.; ENCONTRO DE EDUCAÇÃO INFANTIL, 4.; JORNADA DE COGNIÇÃO E APRENDIZAGEM, 2., 21-25 jun. 2010, Irati. *Anais eletrônicos...* Irati: Unicentro, 2016. Disponível em: <http://anais.unicentro.br/seped/2010/pdf/resumo_48.pdf>. Acesso em: 16 out. 2016.

BARROS, Jussara. *História de Barueri*. Disponível em: <<http://cidadebrasileira.brasile scola.uol.com.br/sao-paulo/historia-barueri.htm>>. Acesso em: 17 nov. 2016.

BERTOLIN, Julio Cesar Godoy; FIOREZE, Cristina. A (in)determinância do capital cultural e do background no desempenho dos bolsistas ProUni: das notas além do esperado às hipóteses de resultados improváveis. *Conjectura: Filosofia e Educação*, Caxias do Sul, v. 21, n. 2, p. 288-308, maio/ago. 2016. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/view/3816/pdf_585>. Acesso em: 9 dez. 2016.

BOCK, Ana Mercês Bahia. *Direitos humanos no ensino da Psicologia*. São Paulo, 2010. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=WIViYKkT-Uo>>. Acesso em: 19 mar. 2016.

_____. Subjetividade: o sujeito e a dimensão subjetiva dos fatos. In: GONZÁLEZ REY, Fernand (Org.). *Subjetividade, complexidade e pesquisa em psicologia*. São Paulo: Pioneira Thompson Learning, 2005. p. 109-126.

BOCK, Ana Mercês Bahia; GONÇALVES, Maria da Graça Marchina (Org.). *A dimensão subjetiva da realidade: uma leitura sócio-histórica*. São Paulo: Cortez, 2009.

BOCK, Ana Mercês Bahia; GONÇALVES, Maria da Graça Marchina; FURTADO, Odair (Org.). *Psicologia sociohistórica: uma perspectiva crítica em Psicologia*. São Paulo: Cortez, 2007.

BOCK, Ana Mercês Bahia; RONCA, Antonio Carlos Caruso. *Dimensão subjetiva da desigualdade social: sua expressão na escola. Relatório consolidado*. São Paulo: PUC-SP, 2013.

BRANCO, Leo. As melhores cidades para investir no Brasil – mesmo na crise. *Exame.com*, São Paulo, 29 out. 2016. Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/revista-exame/mais-fortes-que-a-cri se/>>. Acesso em: 17 nov. 2016.

BRASIL *Constituição da República Federativa do Brasil*. 35. ed. Brasília, DF: Centro de Documentação e Informação Edições Câmara, 2012.

_____. *Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961*. Fixa as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF, 1961. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L4024.htm>. Acesso em: 15 set. 2016.

_____. *Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996*. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF, 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em: 21 abr. 2016.

_____. *Lei nº 10.260, de 12 de julho de 2001*. Dispõe sobre o Fundo de Financiamento ao estudante do Ensino Superior e dá outras providências. Brasília, DF, 2001. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/LEIS_2001/L10260compilado.htm>. Acesso em: 21 abr. 2016.

_____. *Lei nº 10.861, de 14 de abril de 2004*. Institui o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior – Sinaes e dá outras providências. Brasília, DF, 2004. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/Lei/L10.861.htm>. Acesso em: 10 nov. 2016.

_____. *Lei nº 11.096, de 13 de janeiro de 2005*. Institui o Programa Universidade para Todos - ProUni, regula a atuação de entidades beneficentes de assistência social no ensino superior; altera a Lei nº 10.891, de 9 de julho de 2004, e dá outras providências. Brasília, DF, 2005. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/lei/L11096.htm>. Acesso em: 11 abr. 2016.

_____. *Lei nº 13.005, de 25 de junho 2014*. Aprova o Plano Nacional de Educação – PNE e dá outras providências Brasília, DF, 2014a. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l13005.htm>. Acesso em: 8 nov. 2016.

_____. Ministério da Educação. Programa Universidade para Todos. *Bolsa Permanência*. Brasília, DF. Disponível em: <<http://prouniportal.mec.gov.br/bolsa-permanencia>>. Acesso em: 6 abr. 2016a.

_____. Ministério da Educação. Programa Universidade para Todos. *Como calcular a renda familiar por pessoa*. Brasília, DF. Disponível em: <<http://prouniportal.mec.gov.br/informacoes-aos-candidatos/29-como-calculer-a-renda-familiar-por-pessoa>>. Acesso em: 4 dez. 2016b.

_____. Ministério da Educação. Programa Universidade para Todos. *Como funciona*. Brasília, DF. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/prouni-sp-1364717183/como-funciona>>. Acesso em: 6 abr. 2016c.

_____. Ministério da Educação. Programa Universidade para Todos. *Dados e estatísticas*. Brasília, DF. Disponível em: <<http://prouniportal.mec.gov.br/dados-e-estatisticas>>. Acesso em: 4 abr. 2016d.

_____. Ministério da Educação. Programa Universidade para Todos. *O programa*. Brasília, DF. Disponível em: <<http://prouniportal.mec.gov.br/o-programa>>. Acesso em 19 mar. 2016e.

_____. Ministério da Educação. Programa Universidade para Todos. *ProUni: como funciona*. Brasília, DF. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/prouni-sp-1364717183/como-funciona>>. Acesso em: 19 mar. 2016f.

_____. Ministério da Educação. Programa Universidade para Todos. *ProUni: quadros informativos*. Brasília, DF. Disponível em: <<http://prouniportal.mec.gov.br/dados-e-estatisticas/9-quadros-informativos>>. Acesso em: 15 jun. 2016g.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Superior. Diretoria de Políticas e Programas de Graduação. Coordenação Geral de Projetos Especiais para a Graduação. *Manual do Bolsista ProUni*. Brasília, DF, out. 2015. Disponível em: <http://prouniportal.mec.gov.br/images/pdf/manual_bolsista_prouni.pdf>. Acesso em: 19 mar. 2015.

_____. Ministério da Educação. SisFies. Programa de Financiamento Estudantil. *O que é o Fies*. Brasília, DF. Disponível em: <<http://sisfiesportal.mec.gov.br/>>. Acesso em: 21 abr. 2016h.

_____. Portal Brasil. Bolsistas do ProUni possuem melhores notas médias do Enade, aponta estudo. Brasília, DF, 5 nov. 2014b. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/educacao/2014/11/bolsistas-do-prouni-possuem-melhores-notas-medias-do-enade-aponta-estudo>> Acesso em: 10 dez. 2016.

_____. Portal Brasil. *Mais de 1 milhão de estudantes já pediram renovação do Fies*. Brasília, DF, 4 nov. 2016i. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/educacao/2016/11/mais-de-1-milhao-de-estudantes-ja-pediram-renovacao-do-fies>>. Acesso em: 25 nov. 2016.

_____. Portal Brasil. *Ministros apresentam evoluções brasileiras em relatório do Pnud*. Brasília, DF, 24 jul. 2014c. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2014/07/ministros-apresentam-evolucoes-brasileiras-em-relatorio-do-pnud>>. Acesso em: 13 abr. 2016.

_____. Portal Brasil. *Programa de bolsas abre período de adesão para instituições privadas*. Brasília, DF, 18 nov. 2013. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/educacao/2013/11/programa-de-bolsas-abre-periodo-de-adesao-para-instituicoes-privadas>>. Acesso em: 15 jun. 2016.

CARVALHO, Morillo; LÚCIA, Carmem. *Cora Coralina partia há 30 anos celebrada como poetisa do cotidiano*. Brasília, DF, 10 abr. 2015. Disponível em:

<<http://www.ebc.com.br/cultura/2015/04/cora-coralina-partia-ha-30-anos-celebrada-como-poetisa-do-cotidiano>>. Acesso em: 27 jul. 2016.

CASA DE CULTURA DO ITAIM PAULISTA. *A história do Itaim Paulista*. Disponível em: <<http://www.itaimpta.com.br/portal/itaimpaulista/historia/itaimpaulista.php>>. Acesso em: 17 nov. 2016.

CASALI, Alípio Márcio Dias; MATTOS, Maria José Viana Marinho. Análise de estudos e pesquisas sobre o sentido social do Programa Universidade para Todos (ProUni). *Ensaio: avaliação e políticas públicas em Educação*, Rio de Janeiro, v. 23, n. 88, p. 681-716, jul./set. 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ensaio/v23n88/1809-4465-ensaio-23-88-0681.pdf>>. Acesso em: 8 maio 2016.

CATANI, Afrânio Mendes; HEY, Ana Paula; GILIOLI, Renato de Souza Porto. ProUni: democratização do acesso às instituições de ensino superior? *Educar*, Curitiba, n. 28, p. 125-140, 2006.

COMPANHIA DO METROPOLITANO DE SÃO PAULO – METRÔ. *Informações sobre a demanda*. São Paulo, [2016]. Disponível em: <<http://www.metro.sp.gov.br/metro/numeros-pesquisa/demanda.aspx>>. Acesso em: 17 nov. 2016.

COMPARATO, Fábio Konder. O princípio da igualdade e a escola. São Paulo: IEA/USP, 2013. Disponível em: <<http://www.iea.usp.br/publicacoes/textos/comparatoigualdadeeescola.pdf>>. Acesso em: 18 jul. 2015.

CONSÓRCIO DE UNIVERSIDADES DO SUL-SUDESTE DE MINAS GERAIS. *Plano de Desenvolvimento Institucional – PDI: período 2011-2015*. Minuta. [s. l.], 2010. Disponível em: <https://www.unifei.edu.br/files/arquivos/consorcio/minuta_PDI.pdf>. Acesso em: 8 jul. 2015.

COSTA, Fernando Nogueira da. *Crédito educativo: alto risco de inadimplência, aqui e nos EUA*. Campinas, abr. 2015. Disponível em: <<https://fernandonogueiracosta.wordpress.com/2015/04/01/credito-educativo-alto-risco-de-inadimplencia-aqui-e-nos-eua/>>. Acesso em: 31 ago. 2016.

CUNHA, Célio da (Coord.) et al. *O MEC pós-Constituição*. Brasília, DF: Liber Livro, 2016.

CUNHA, Luiz Antônio. O ensino superior no octênio FHC. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 24, n. 82, p. 37-61, abr. 2003.

_____. *A universidade temporã: o ensino superior, da colônia à era Vargas*. São Paulo: Edunesp, 2007.

DIAS SOBRINHO, José. Democratização, qualidade e crise da educação superior: faces da exclusão e limites da inclusão. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 31, n. 113, p. 1.223-1.245, out./dez. 2010.

DOURADO, Luiz Fernandes. Políticas e gestão da educação superior: múltiplas regulações e reforma universitária no Brasil. In: SEMINÁRIO DE LA RED LATINOAMERICANA DE ESTUDIOS SOBRE TRABAJO DOCENTE – REDESTRADO: NUEVAS REGULACIONES EN AMÉRICA LATINA, 7., 3-5 jul. 2008, Buenos Aires. *Anais...* Buenos Aires: RedEstrado, 2008. Disponível em: <http://www.fae.ufmg.br/estrado/cdrom_seminario_2008/textos/ponencias/Ponencia%20Luiz%20Fernandes%20Dourado.pdf>. Acesso em: 8 nov. 2016.

DURHAM, Eunice Ribeiro. O ensino superior no Brasil: público e privado. São Paulo, s/v, s/n, s/p, 2003. Núcleo de Pesquisas sobre Ensino Superior da Universidade de São Paulo (Nupes). Disponível em: <<http://nupps.usp.br/downloads/docs/dt0303.pdf>>. Acesso em: 21 abr. 2016.

EDITORIAL: Sobram problemas em Ribeirão Pires. *Folha de Ribeirão Pires, Mauá e Rio Grande da Serra*, [s. l.], 14 ago. 2015. Disponível em: <http://www.folharibeiraopires.com.br/portal/exibeMateria.php?Sobram_problemas_em_Ribeirao_Pires-22409>. Acesso em: 24 nov. 2016.

FÁVERO, Maria de Lourdes de Albuquerque. *A universidade no Brasil: das origens à reforma universitária de 1968*. *Revista Educar*, Curitiba, 2006, n. 28, p. 17-36, 2006.

FERREIRA, José Ângelo. *A compreensão do sujeito bolsista em relação ao Programa Universidade para Todos – ProUni, à luz do pensamento complexo*. 2012. Tese (Doutorado em Educação)–Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Nove de Julho, São Paulo, 2012. Disponível em: <https://bibliotecatede.uninove.br/bitstream/tede/478/1/B_Jose%20Angelo%20Ferreira.pdf>. Acesso em: 22 abr. 2016.

FERREIRA, Suely. Reformas na educação superior: de FHC a Dilma Rousseff (1995-2011). *Linhas Críticas*, Brasília, DF, v. 18, n. 36, p. 455-472, maio/ago. 2012. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/6794>>. Acesso em: 8 nov. 2016.

FIGUEIREDO, Erika Suruagy Assis de. Reforma do ensino superior no Brasil: um olhar a partir da história. *Revista da Universidade Federal de Goiás*, Goiânia, ano VII, n. 2, dez. 2005. Disponível em: <http://www.proec.ufg.br/revista_ufg/45anos/C-reforma.html>. Acesso em: 8 ago. 2016.

FONTELE, Tereza Lúcia Lima; CRISÓSTOMO, Vicente Lima. ProUni: pontos controversos sob a análise de alunos bolsistas. *Revista da Avaliação do Ensino Superior*, Campinas; Sorocaba, v. 21, n. 3, p. 739-765, nov. 2016.

FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. *Análise de conteúdo*. Brasília, DF: Liber Livro, 2012.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: Edunesp, 2000.

_____. *Professora sim tia não: cartas a quem ousa ensinar*. São Paulo: Olho d'Água, 1993.

GHIRALDELLI JÚNIOR, Paulo. *História da educação brasileira*. São Paulo: Cortez, 2008.

GIANFALDONI, Mônica Helena Tieppo Alves; MOROZ, Melania. *O processo de pesquisa: iniciação*. Brasília, DF: Plano, 2002.

GIOVINAZZO, Mariana. Em seminário, pesquisadores apresentam críticas ao ProUni. *Agência Universitária de Notícias – USP*, São Paulo, ano 45, n. 67, 11 jul. 2012. Disponível em: <<http://www.usp.br/aun/exibir?id=4646&ed=810&f=5>>. Acesso em: 17 maio 2016.

GOIS, Antônio. Análise: longo caminho a percorrer. *O Globo*, Rio de Janeiro, 10 maio 2015. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/economia/analise-longo-caminho-percorrer-16111092>>. Acesso em: 18 jul. 2015.

GUZZO, Raquel Souza Lobo; EUZÉBIOS FILHO, Antonio. Desigualdade social e sistema educacional brasileiro: a urgência da educação emancipadora. *Escritos sobre Educação*, Ibité, v. 4, n. 2, dez. 2005. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-98432005000200005>. Acesso em: 25 maio 2016.

ÍNDICE de Desenvolvimento Humano Municipal Brasileiro. Brasília, DF: Pnud, Ipea, FJP, 2013. (Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil 2013). Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/130729_AtlasPNUD_2013.pdf>. Acesso em: 24 nov. 2016.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Diretoria de Pesquisas *IBGE divulga renda domiciliar per capita 2015*. Rio de Janeiro, 20 abr. 2016a. Disponível em: <ftp://ftp.ibge.gov.br/Trabalho_e_Rendimento/Pesquisa_Nacional_por_Amostra_de_Domicilios_continua/Renda_domiciliar_per_capita/Renda_domiciliar_per_capita_2015_20160420.pdf>. Acesso em: 4 dez. 2016.

_____. *Síntese de indicadores sociais 2007*. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaodevida/indicadoresminimos/sinteseindicsoais2007/default.shtm>>. Acesso em: 4 dez. 2016b.

_____. *Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira*. Rio de Janeiro, 2013. (Estudos e pesquisas, 32). Disponível em: <<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv66777.pdf>>. Acesso em: 1 ago. 2015.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. Acesso à educação superior no Brasil é tema de estudo do Ipea. *Blog do Ipea*, Brasília, DF, 30 abr. 2014. Disponível em: < <http://www.ipea.gov.br/blog/?p=2287>>. Acesso em: 20 jul. 2015.

_____. *Pnad mostra aumento da escolaridade média do brasileiro*. Brasília, DF, 1 dez. 2013. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=20012>. Acesso em: 6 dez. 2016.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. *Brasil teve mais de 7 milhões de matrículas no ano passado*. Brasília, DF, 17 set. 2013. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/visualizar/-/asset_publisher/6AhJ/content/brasil-teve-mais-de-7-milhoes-de-matriculas-no-ano-passado>. Acesso em: 21 abr. 2016.

_____. *Censo da educação superior*. Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/web/censo-da-educacao-superior>>. Acesso em: 6 fev. 2016.

_____. *Censo da educação superior 2003: resumo técnico*. Brasília, DF, out. 2004. Disponível em: <http://download.inep.gov.br/download/superior/censo/2004/resumo_tecnico_050105.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2016.

_____. *Censo da educação superior 2013: resumo técnico*. Brasília, DF, 2015. Disponível em: <http://download.inep.gov.br/download/superior/censo/2013/resumo_tecnico_censo_educacao_superior_2013.pdf>. Acesso em: 27 jul. 2015.

_____. *Matrículas no ensino superior crescem 3,8%*. Brasília, DF, 9 set. 2014. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/visualizar/-/asset_publisher/6AhJ/content/matriculas-noensino-superior-crescem-3-8>. Acesso em: 6 fev. 2016.

LOPES, Marcus; IDALINO, Rodrigo. *Companhia de Jesus: todos contra os jesuítas. Guia do Estudante*, São Paulo, 11 dez. 2013. Disponível em: <<http://guiadoestudante.abril.com.br/aventuras-historia/companhia-jesus-todos-jesuitas-762898.shtml>>. Acesso em: 21 abr. 2016.

LUZIA, Juliana Moitinho. *Contra-reforma do Estado e da educação superior no governo Lula*. In: JORNADA INTERNACIONAL DE POLÍTICAS PÚBLICAS, 4., 25-28 ago. 2009, São Luís. *Anais...* São Luís: Ufma/Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas, 2009. Comunicações orais, Eixo 11: Impasses e desafios das políticas de Educação. Disponível em: <http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinppIV/eixos/11_educacao/contra-reforma-do-estado-e-da-educacao-superior-no-governo-lula.pdf>. Acesso em: 16 out. 2016.

MADEIRO, Carlos. Sem ganhar nenhuma eleição, PMDB emplaca terceiro presidente em 30 anos. *UOL Notícias/Política*, Maceió, 12 maio 2016. Disponível

em: <<http://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2016/05/12/com-temer-terceiro-vice-peemedebista-chega-a-presidencia.htm>>. Acesso em: 31 ago. 2016.

MARCASSA, Luciana Pedrosa. Apresentação: Desigualdades sociais e escolares, formação e políticas públicas: compromissos e interesses no campo da Educação. *Revista Pedagógica*: Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação da Unochapecó, Chapecó, ano 15, v. 14, n. 29, p. 25-36, jul./dez. 2012. Disponível em: <<https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/pedagogica/article/view/1445>>. Acesso em: 8 nov. 2016.

MARTINS, Carlos Benedito. A reforma universitária de 1968 e a abertura para o ensino superior privado no Brasil. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 30, n. 106, p. 15-35, jan./abr. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v30n106/v30n106a02>>. Acesso em: 27 jul. 2016.

MARTINS, Luiza; FORMENTI, Lígia. Governo suspende novas vagas do Pronatec, ProUni e Fies. *Exame*, São Paulo, 23 maio 2016. Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/brasil/noticias/governo-suspende-novas-vagas-do-pronatec-e-do-fies>>. Acesso em: 12 jul. 2016.

MÁXIMO, Wellton. *Brasil sobe uma posição em ranking de desenvolvimento humano e ocupa 79º lugar*. Brasília, DF, 2014. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2014-07/brasil-sobe-uma-posicao-em-ranking-de-desenvolvimento>>. Acesso em: 21 mar. 2016.

MEIRELES, Cecília. *Poesias completas de Cecília Meirelles*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

MELO FILHO, Murilo. *O milagre brasileiro*. Rio de Janeiro: Bloch, 1972.

NASCIMENTO, Francivaldo dos Santos; HELAL, Diogo Henrique. Expansão e interiorização das universidades federais: uma análise do processo de implementação do Campus do Litoral Norte da Universidade Federal da Paraíba. *Gestão Universitária na América Latina – Gual*, Florianópolis, v. 8, n. 1, p. 45-67, jan. 2015.

NERY, Flávia. *Tarso Genro entrega projeto de reforma universitária a Lula na sexta-feira*. Brasília, DF, 25 jul. 2005. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/ultimas-noticias/212-educacao-superior-1690610854/3662-sp-2132052845>>. Acesso em: 17 ago. 2016.

NOGUEIRA, Makeliny Oliveira Gomes. *Educação, desigualdade e políticas públicas: a subjetividade no processo de escolarização da camada pobre*. 2013. Tese (Doutorado em Psicologia)–Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: <<https://tede2.pucsp.br/handle/handle/16080>>. Acesso em: 6 nov. 2016.

OLIVEIRA, André Luiz. *Vila Matilde: do nascimento aos tempos atuais*. São Paulo: minha cidade, São Paulo, 30 nov. 2011. Disponível em:

<<http://www.saopaulominhacidade.com.br/historia/ver/5677/Vila%2BMatilde%253A%2BDo%2Bnascimento%2Baos%2Btempos%2Batuais>>. Acesso em: 17 nov. 2016.

OLIVEIRA, Cristiane Pereira Melo de. *Programa Universidade para Todos: a percepção dos estudantes de uma universidade privada de São Paulo*. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação)–Programa de Mestrado em Educação, Universidade Cidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: <http://arquivos.cruzeirodosuleducacional.edu.br/principal/old/mestrado_educacao/dissertacoes/2012/dissertacao_cristiane_melo.pdf>. Acesso em: 22 abr. 2016.

OLIVEIRA, Natália Cristina de et al. Marquês de Pombal e a expulsão dos jesuítas: uma leitura do iluminismo português no século XVIII. In: JORNADA DO HISTEDBR, 11., 23-25 out. 2013, Cascavel. *Anais...* Organização de Paulino José Orso et al. Cascavel: HistedBR, 2013. Disponível em: <http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/jornada/jornada11/artigos/4/artigo_simposio_4_805_nat_oliveir@hotmail.com.pdf>. Acesso em: 14 jul. 2015.

PAULA, Nice de. “A desigualdade é mais grave que a corrupção” [entrevista com Jessé de Souza]. *O Globo*, Rio de Janeiro, 15 nov. 2015. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/economia/a-desigualdade-mais-grave-que-corrupcao-18054916>>. Acesso em: 18 nov. 2015.

PELLEGRINI, Marcelo. ProUni criou milionários em troca de má qualidade na educação. *Carta Capital*, [s. l.], 19 dez. 2014. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/educacao/prouni-criou-milionarios-em-troca-de-ma-qualidade-na-educacao-7396.html>>. Acesso em: 17 maio 2016.

PEREIRA, Thiago Ingrassia; SILVA, Luís Fernando Santos Corrêa. As políticas públicas do ensino superior no governo Lula: expansão ou democratização? *Revista Debates*, Porto Alegre, v. 4, n. 2, p. 10-31, 2010.

PINTO, Marialva Moog. Política de acesso e democratização da educação superior: o ProUni. *Revista Educação em Rede: Formação e Prática Docente*, Cachoeirinha, RS, v. 2, n. 3, p. 1-16, 2013. Disponível em: <<http://ojs.cesuca.edu.br/index.php/educacaoemrede/article/view/434>>. Acesso em: 4 nov. 2016.

POLIDORI, Marlis Morosini. Políticas de avaliação da educação superior brasileira: Provão, Sinaes, IDD, CPC, IGC e... outros índices. *Revista da Avaliação da Educação Superior*, Sorocaba, v. 14, n. 2, p. 439-452, jul. 2009.

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO. *Relatório do desenvolvimento humano 2014: sustentar o progresso humano: reduzir as vulnerabilidades e reforçar a resiliência*. [s. l.], 2014. Disponível em: <http://hdr.undp.org/sites/default/files/hdr2014_pt_web.pdf>. Acesso em: 21 mar. 2016.

PROUNI completa 10 anos: veja os avanços e críticas ao programa. *Terra*, [s. l.], 6 fev. 2014. Disponível em: <<http://noticias.terra.com.br/educacao/enem/prouni->

completa-10-anos-veja-os-avancos-e-as-criticas-ao-programa,8fa03f94133e3410VgnVCM20000099cceb0aRCRD.html>. Acesso em: 17 maio 2016.

RAMOS, Fábio Pestana. História e política do ensino superior no Brasil: algumas considerações sobre o fomento, normas e legislação. *Para entender a história*, [s. l.], ano 2, p. 1-17, 14 mar. 2011. Disponível em: <<http://fabiopestanaramos.blogspot.com.br/2011/03/historia-e-politica-do-ensino-superior.html>>. Acesso em: 13 jul. 2015.

REIS, Arthur dos; AMORIM, Daniele. Moradores do Itaim Paulista falam sobre os problemas sociais na câmara no seu bairro. *Central Leste Notícias*, São Paulo, 1 jun. 2015. Disponível em: <<http://www.centrallestenoticias.com.br/alro/noticia/Itaim-Paulista/2875/moradores-do-itaim-paulista-falam-sobre-problemas-sociais-na-camara-no-seu-bairro>>. Acesso em: 17 nov. 2016.

REUBEN, Anthony. 1% da população global detém mesma riqueza dos 99% restantes. *BBC News*, [s. l.], 18 jan. 2016. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/01/160118_riqueza_estudo_oxfam_fn>. Acesso em: 20 jan. 2016.

RIBEIRÃO PIRES (SP). *Conheça Ribeirão Pires*. Disponível em: <<http://www.ribeiraopires.sp.gov.br/content.php?type=1&cat=1&cont=31>>. Acesso em: 24 nov. 2016.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. *História da Educação no Brasil (1930/1973)*. Petrópolis: Vozes, 1986.

RONCA, Antonio Carlos Caruso. A qualidade da educação: políticas públicas e equidade. In: ALVES, Luiz Roberto; RONCA, Antonio Carlos Caruso. (Org.). *O Plano Nacional de Educação e o Sistema Nacional de Educação: educar para a equidade*. São Paulo: Santillana, 2015. p. 95-109.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Discurso sobre a origem da desigualdade (1754)*. Tradução: Maria Lacerda de Moura. Edição: Ridendo Castigat Mores. Versão para e-book: E-BooksBrasil.com. Disponível em: <<http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/desigualdade.pdf>>. Acesso em: 5 dez. 2016.

ROUSSEFF, Dilma. *Íntegra do discurso de posse da presidente Dilma Rousseff no Congresso*. Brasília, DF, 1 jan. 2015. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/noticias/POLITICA/480013-INTEGRA-DO-DISCURSO-DE-POSSE-DA-PRESIDENTE-DILMA-ROUSSEFF-NO-CONGRESSO.html>>. Acesso em: 8 fev. 2015.

SALES, Teresa. Raízes da desigualdade social na cultura política brasileira. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 9, n. 25, p. 26-34, jun. 1994.

SAVIANI, Dermeval. A expansão do ensino superior no Brasil: mudanças e continuidades. *Poiesis Pedagógica*, Catalão, v. 8, n. 2, p. 4-17, ago./dez. 2010.

SEGAL, Louis. O desenvolvimento econômico da sociedade. O comunismo primitivo. *Arquivo Marxista na Internet*, [s. l.], 21 fev. 2016. Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/tematica/livros/estudo/segal/02.htm>>. Acesso em: 16 ago. 2016.

SOUZA, Jessé. *Construção social da subcidadania: para uma sociologia política da modernidade periférica*. Belo Horizonte: EdUFMG, 2006.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. *Criação*. Disponível em: <http://unb2.unb.br/sobre/principais_capitulos/criacao>. Acesso em: 13 dez. 2016.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. A trajetória da USP. In: _____. *Manual do calouro*. São Paulo, 2016. Disponível em: <<http://www.scs.usp.br/manualdocalouro/?p=583>>. Acesso em: 11 out. 2016.

VERCELLI, Ligia Carvalho Aboes. Educação de jovens e adultos: as vozes dos oprimidos. *Revista de Ciências da Educação*, São Paulo, ano XV, n. 28, p. 42-61, jun. 2013. Disponível em: <<http://www.revista.unisal.br/ojs/index.php/educacao/article/viewFile/242/239>>. Acesso em: 10 dez. 2016.

VILELA, Pedro Rafael. “Se o impeachment prosperar, política brasileira vai entrar na era do ‘vale-tudo’”, afirma jurista. *Brasil de Fato*, Brasília, DF, 11 dez. 2015. Disponível em: <<http://antigo.brasildefato.com.br/node/33702>>. Acesso em: 12 jul. 2016.

VOLPATO, Gildo. A universidade na sua constituição: criação, reformas e implicações político-epistemológicas. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Brasília, DF, v. 92, n. 232, p. 678-701, set./dez. 2011.

YOUSAFZAI, Malala; LAMB, Christina. *Eu sou Malala: a história da garota que defendeu o direito à educação e foi baleada pelo Talibã*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

ZOTTIS, Juçara Terezinha. Série “De olho na História” retrata Jardim Vista Alegre. *Associação Cantareira*, São Paulo, 3 dez. 2012. Disponível em: <<http://www.cantareira.org/sem-categoria/periferia-brasilandia-historia-jardim-vista-alegre-dois>>. Acesso em: 17 nov. 2016.

APÊNDICE A – DADOS PESSOAIS E EDUCACIONAIS DO (A) ENTREVISTADO (A)

Entrevista nº _____

Caro (a) aluno (a)

Neste momento realizo uma pesquisa sobre o que pensam os beneficiários do ProUni a respeito desse Programa. Antes da entrevista, faz-se necessário fornecer as informações abaixo, mas desde já deixo claro que será garantido o total sigilo.

Agradeço a sua participação.

Sandra Regina Soares Pereira.

1- INFORMAÇÕES PESSOAIS

Sexo: () feminino () masculino

Idade: _____ anos

Estado civil: _____ Religião: _____

Ocupação atual: _____

Pseudônimo escolhido pelo (a) entrevistado (a):

2- ESCOLARIZAÇÃO

Em que tipo de escolas você estudou:

Ensino infantil () pública () particular () parte do curso na escola particular e parte em escola pública () bolsista () não cursou

Ensino fundamental I e II () pública () particular () bolsista

() parte do curso na escola particular e parte em escola pública

() supletivo presencial () supletivo a distância

Ensino médio () pública () particular () bolsista

() parte do curso na escola particular e parte em escola pública

() regular () técnico () supletivo presencial () supletivo a distância.

Eu, _____, estou ciente e autorizo a utilização de meus depoimentos no questionário e na entrevista, como informações para a pesquisa: “As desigualdades sociais e o acesso ao ensino superior: o que pensam os beneficiários do ProUni”.

São Paulo, _____ de _____ de 2016.

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

Entrevista nº _____

Eu, _____, entendi que a pesquisa realizada pela aluna do Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Psicologia da Educação, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, intitulada “As desigualdades sociais e o acesso ao ensino superior: o que pensam os beneficiários do ProUni”, tem como objetivo conhecer as ideias que os alunos da graduação em Pedagogia têm sobre o programa. Dessa forma, participarei de uma entrevista na qual falarei sobre minha história de vida, escolarização, lazer, religião, dificuldades e preconceitos vivenciados durante o curso, mudanças pessoais, sociais, culturais e econômicas que ocorreram durante a graduação, a importância do ProUni na vida do bolsista, expectativas após concluírem o ensino superior e sugestões para a melhoria do programa. Estou ciente da necessidade da entrevista ser gravada em áudio para posterior transcrição, sabendo que minha identidade será preservada, não sendo divulgados meu nome ou dados que facilitem minha identificação, e que também tenho o direito de cessar a entrevista a qualquer momento que julgar necessário.

Dessa forma, concordo em participar desta pesquisa.

São Paulo, _____ de _____ de 2016.

Nome completo do entrevistado em letra de forma

E-mail para devolutiva da conclusão do trabalho

Pseudônimo escolhido pelo (a) entrevistado (a)

Assinatura e RG do (a) entrevistado (a)

Pesquisadora: Sandra Regina Soares Pereira

Prof. Dr. Antônio Carlos Caruso Ronca
Orientador da pesquisa – Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação:
Psicologia da Educação – PUC-SP

APÊNDICE C – ENTREVISTA-PILOTO

Paloma

Idade: 22 anos

Estado civil: solteira

Residência: Pirituba, zona norte de São Paulo

Duração da entrevista: 13 m 13 s

Pesquisadora – Obrigada por ter permitido fazer a entrevista e me ajudar. Para fazer a pesquisa, eu preciso saber um pouquinho da sua história de vida. Onde você nasceu? Onde você mora? Com quem mora?

Entrevistada – Então, meu nome é Paloma, eu tenho 22 anos e moro com meus pais. Eles são separados há algum tempo, mas moram na mesma casa, mais minha irmã, minha prima, porque o pai dela faleceu, então o meu pai acolheu ela.

Eu sempre estudei em escola pública e não fiz educação infantil, comecei do ensino fundamental. Minha família sempre foi bem rígida, apesar dos meus pais não terem estudo.

Minha mãe tem até o ensino fundamental I, até a 7ª série, e meu pai não tem nenhum, mas eles sempre foram bem rígidos em relação à escola: “nunca vai faltar, sempre tem que ir, se não tirar nota boa não tem brinquedo...” [risos], “não pode sair, não vai ganhar tal coisa”, e eu também sempre tive essa vontade de estudar, porque eu sempre fui meio antissocial... Então eu sempre gostei de ficar mais no meu cantinho, lendo, brincando ali... Sozinha, então eu me interessei, sempre me interessei em estudar; nos intervalos eu ficava na biblioteca da escola, desde o ensino fundamental, lendo e ali no meu cantinho, mesmo lendo ou pelo menos folheando revistas, livros infantis. Então, eu sempre tive essa curiosidade por aprender... E os estímulos dos meus pais me ajudaram também.

P – Por que você acha que seus pais, apesar de não terem estudo, sempre incentivaram você a estudar?

E – Eu acho que é porque a vida deles já foi bastante difícil, então isso contribuiu; acho que eles pensaram: “puxa, não quero para ela o mesmo que aconteceu com a gente”, porque a minha mãe sempre trabalhou como cuidadora de idosos, então é

uma coisa que também não é fácil, e meu pai sempre trabalhou como pedreiro, ajudante de pedreiro, com vendas, ajudante de obras... Então eu acho que eles pensaram: “Puxa, quero que os meus filhos tenham uma profissão, que eles sejam alguém na vida, algo a mais”, então eu acho que por isso eles sempre incentivaram eu e os meus irmãos a estudarmos.

P – Quantos irmãos você tem?

E – Tenho dois.

P – Eles estudam também?

E – A minha irmã já é formada, ela é formada em História e o meu irmão, ele ficou até o ensino médio. [pausa]

P – E você, também sempre estudou em escola pública?

E – Sim.

P – Você fez o ensino médio normal ou você fez supletivo?

E – O normal.

P – Aqui na universidade, quais são as maiores dificuldades que você encontra?

E – As maiores dificuldades... [pausa] Eu acho que nenhuma... [pausa] [risos] Nenhuma.

P – Nenhuma?

E – Apenas o medo de ficar em [dependência] DP em alguma matéria... Eu sempre fico tensa quando as pessoas falam a palavra prova. [pausa] Mas, fora isso, eu acho que nenhuma. Esse é o meu maior medo mesmo. [risos]

P – Você é bolsista do ProUni?

E – Sim.

P – Como você ficou sabendo do ProUni?

E – Eu tinha um amigo – a gente era amigos desde o ensino fundamental – e quando a gente fez o Enem, na verdade eu não sabia para que servia o Enem, então ele foi lá e falou: “Poxa Paloma, quanto você tirou?” E a gente ficou comparando as notas e ele falou: “Eu vou me inscrever para...” Eu esqueci o curso

que ele ia se inscrever... Eu acho que era da área de Exatas... Ele falou: “por que você não se inscreve também?” E eu, como sempre acho que tenho azar em alguma coisa, que não vai dar certo, falei: “Tá, eu vou pensar primeiro no que eu quero”. Então eu pedi ajuda para minha irmã, um conselho no que ela acharia que eu me encaixaria melhor... Aí eu fui lá e acabei me inscrevendo... “Eu tinha escolhido Recursos Humanos e Pedagogia como opções.

P – Foi difícil se inscrever para o ProUni?

E – Não.

P – Você se inscreveu pelo *site*?

E – Me inscrevi pelo *site*... Foi supersimples e eu fiquei acompanhando para ver as posições, mas foi superfácil me inscrever; agora, a documentação que é muito difícil. Tem muitas pessoas que desistem, muita choradeira, muita correria para conseguir, porque muitas pessoas conseguem alcançar a nota, mas não conseguem trazer a documentação, que é muito rígida.

P – O teu curso é semestral? Você tem que fazer alguma atualização semestral do ProUni? Como que é?

E – Essa é a parte mais fácil. Eu achei que fosse difícil, que teria que comprovar tudo de novo, mas a universidade manda um e-mail para a gente falando que a gente precisa vir atualizar, assinar e atualizar os dados e eu venho até aqui e assino a ata, atualizo o meu cadastro e pronto, estou com a matrícula feita de novo.

P – Você enfrentou ou enfrenta alguma dificuldade em sala de aula por ser bolsista?

E – Acredito que não porque são poucas as pessoas que sabem e eu acho que isso, na verdade, é um grande mérito. Eu não acredito que seja uma coisa ruim, então eu tenho orgulho de falar.

P – Você está agora no 3º semestre, faltam mais três, praticamente dois, por que o 3º está acabando... Quais são suas expectativas para depois de formada?

E – Então... Depois que eu me formar, eu quero achar um bom emprego, porque agora eu estou como estagiária; isso ajuda, mas eu quero mais, e também quero fazer uma especialização em Psicologia ou em Educação Especial.

P – O que você acha do ProUni?

E – Eu acho que é um ótimo programa, porque ajuda bastante. As pessoas que não têm oportunidades, às vezes, ganham salário baixo, precisam ajudar na família também, como é o meu caso... Então, ficaria muito complicado ter que ganhar um salário que já não é bom e ainda ter que fazer faculdade. Muitas pessoas acabam deixando a faculdade de lado, nem pensam nessa opção, porque não teriam condições.

P – Você utiliza bolsa permanência do ProUni, que é uma ajuda de custo que o governo dá para quem tem bolsa integral?

E – A minha bolsa é integral, 100%, mas não recebo nada.

P – Quais os pontos positivos e negativos que você atribui ao ProUni?

E – Eu acho que, na verdade, é uma crítica, como posso dizer... Muitos detalhes na hora da comprovação dos documentos; eles querem que você recomprove três vezes uma coisa que já está comprovada, já foi firmado em cartório, você já está com todos os documentos... Mas tem uma coisa boa, porque, como dizem que existem muitas fraudes, eu acho que é para evitar, então nada contra. [pausa]

P – Alguma sugestão para melhorar o programa?

E – Não, até agora eu acho que está tudo... [pausa] Tudo de acordo.

P – Você conhece outros alunos que usam o ProUni e conversa com eles sobre o programa?

E – Então, eu conheço, assim, algumas amigas que trabalham comigo que também têm o ProUni... A gente tem uma história de vida parecida e a gente sempre conversa que é supertranquilo... A gente tem ajuda também em relação à passagem de ônibus, porque a gente não paga... A gente já recebe um salário baixo, então, como a gente não paga a faculdade, a gente consegue ajudar em casa, comprar as nossas coisas e nos manter... A gente conversa basicamente sobre isso. [pausa]

P – O ProUni foi criado pelo governo federal, na época do governo do presidente Lula. Hoje ele ainda se mantém. Se você pudesse conversar com alguém do governo, o que você diria para essa pessoa sobre o ProUni?

E – Eu diria que foi uma grande oportunidade para as pessoas que não têm condições e que o ProUni foi uma... Para mim foi um grande destaque... Um grande

investimento na área da Educação, na educação superior; porém, que eles também investissem na educação básica, que hoje em dia está bem precária, mas que o ProUni foi uma grande sacada.

P – Você é a única pessoa que está cursando universidade na sua família?

E – Sim.

P – O que seus familiares pensam sobre isso, de ter você na faculdade através de um programa do governo que ajuda os estudantes? Eles têm noção de como funciona o programa?

E – Bom, os meus pais e meus irmãos também... Apoiam bastante... A minha mãe fica superorgulhosa, porque, além de estar fazendo faculdade, ser por uma bolsa; só que eles não aprovam muito a profissão que eu escolhi [risos], mas fora isso eles apoiam bastante.

P – Por que eles não aprovam?

E – Porque eles falam que é uma profissão que ganha pouco, que não tem reconhecimento nenhum e que eu poderia ter optado por Recursos Humanos, que era a minha segunda opção.

P – Mas você quer ser professora e gosta do curso?

E – Eu gosto bastante do curso. Minha irmã também segue essa área de Educação, meu namorado também é professor, então eu gosto bastante. Gosto bastante de criança, sempre gostei bastante de ensinar e aprender, sou uma pessoa muito curiosa e eu acho que essa é uma área que sempre está se reinventando, sempre se atualizando... Então, é uma área que me interessa bastante e eu estou tentando terminar o curso e provar para eles o contrário.

P – O que mudou na sua vida depois que você começou a fazer faculdade? Na sua vida social, com a família, com os amigos?

E – Bom, eu acho que... [pausa] Eu me isolei mais um pouco, porque [risos] ficou bem corrido. Mas fora isso, eu particularmente me sinto mais realizada, mais completa, é uma sensação bem diferente... De você estar sem um objetivo, sem uma coisa... Sabe... Sem... Sem algo pra você fazer que realmente goste, então é

uma coisa que você gosta, é tipo um desafio diário, ir para a faculdade, ir alcançar boas notas, aprender. Então, é sempre uma correria, mas é algo muito satisfatório.

P – Que recado você deixa para alguém que também não tem condições de bancar uma faculdade, mas que tem vontade de fazer e não vê saída de como fazer? Qual recado você deixaria para essas pessoas mais carentes e que não estão estudando, mas que têm esta oportunidade de estudar?

E – Que basta força de vontade, se você quiser você vai até o final, porque este foi o meu caso. Não desistir, não achar que é incapaz pelo... Pela classe social que você vive, pelo meio que você vive, porque existem muitos casos de pessoas que venceram na vida apesar de não ter nada, chegaram de baixo e hoje estão lá em cima. Então, que não desista e vá atrás dos seus objetivos.

P – Você acha que é um esforço pessoal ou a ajuda do programa, das pessoas, das instituições em abrirem vagas para o ProUni também é importante? Você acha que sozinha conseguiria?

E – Eu acho que sozinha até daria, só que seria mais difícil, então eu acho que essa ajuda é uma ajuda importantíssima, abriu portas... Tem muita gente mesmo, eu já pesquisei, eu entro em *blogs* falando sobre o ProUni para ver quais são as possibilidades, o que aconteceu, se a pessoa conseguiu se formar ou não... Então, eu acho que foi uma [pausa] uma grande oportunidade que o governo deu para as pessoas que são de classes mais baixas.

P – Qual é o maior ganho com tudo isso? O ganho pessoal, para você? O que você acha que mais te marcou neste momento de estar em uma universidade?

E – Bom, foi ter escolhido uma coisa que eu gosto, ter a oportunidade de estar trabalhando na área e, com o pouco que a gente ganha como estagiária, como auxiliar de classe, poder pegar essa renda e ajudar a minha família, poder destinar às minhas despesas também e conseguir me realizar profissionalmente e, consequentemente, no pessoal, que é o que está acontecendo agora.

P – Quer deixar alguma mensagem, falar algo que eu não perguntei?

E – Não, só isso mesmo.

P – Obrigada, Paloma.

E – De nada.

APÊNDICE D – ENTREVISTAS

1) Ellen Santos

Idade: 33 anos

Estado civil: solteira

Residência: Jardim Vista Alegre, zona norte de São Paulo

Duração da entrevista: 38 m 29 s

Pesquisadora – Oi, Ellen. Bom, em primeiro lugar, obrigada por participar da pesquisa. Eu queria saber um pouco como foi sua vida, até você chegar na universidade. Conta um pouquinho da sua história...

Entrevistada – Bom... Eu nasci em Passos do Camaragibe, estado de Alagoas. Sempre estudei em escola pública, desde a educação infantil, ensino fundamental, e o ensino médio eu fiz aqui em São Paulo. Eu vim para cá com 15 anos, para cuidar da minha avó. Aí teve todo aquele processo de assinatura, porque eu era “de menor”, teve que dar a guarda para a minha tia e eu vim para cá.

Eu estava com 15 anos e só fui conseguir vaga na escola depois que a minha tia foi à delegacia de ensino, porque eles falaram que eu era transferida, então não consegui... Assim que eu cheguei, que foi em julho de [19]98, eu não consegui vaga na escola, porque eles falavam que eu era transferida e não tinha vaga.

Minha tia teve que ir à secretaria, à delegacia de ensino e o juiz assinou toda a documentação e assim ela me matriculou.

Terminei o ensino médio e fiz alguns cursos. Cursos de informática, cursos de atendimento ao cliente e tenho outros cursos que agora eu não me lembro no momento [risos], mas eu fiz vários cursos até chegar aqui. Depois eu terminei o ensino médio em 2000 e eu consegui um emprego, foi na época que minha avó faleceu, então eu não queria ir embora para casa, eu já estava aqui, resolvi arrumar um emprego e trabalhar. Em 2001... Eu passei todo esse tempo sem fazer faculdade. Fiz alguns cursos e não procurei para fazer a faculdade, sempre querendo, mas não tinha oportunidade, porque escola pública, faculdade que é pelo governo é difícil de se entrar, como a [Universidade de São Paulo] USP; mesmo que

eu estudasse ia ser difícil também, mesmo se eu conseguisse uma bolsa, para chegar até a USP...

Eu fiquei esse tempo todo parada, mas sempre querendo estudar, e a minha vizinha que mora no mesmo quintal – tipo duas casas, sobrado, né? –, ela trabalhava na época aqui na universidade, em 2013 isso, no final de 2013 quase, e ela descobriu que a universidade estava oferecendo a bolsa ProUni. O que eles chamavam de... Vagas remanescentes que tinha do ProUni, que eram vagas que, eu não sei como é que explica, mas são vagas que ficaram e eles estavam pegando, quem trouxesse toda a documentação ia passar por um processo seletivo, e ela pediu para eu enviar os dados e ela ia me inscrever, e que eu ficasse aguardando. Eu me inscrevi, a documentação deu toda certa porque eu tinha tudo e aí eles me chamaram, eu vim fazer a prova... A prova, se não me engano, na época era para eu fazer uma redação de no máximo 15 linhas e tinha que ser uma redação dissertativa... Como é que chama? Dissertativa [pausa] e argumentativa referente a um determinado assunto.

P – Você lembra o assunto?

E – Não, mas envolvia um pouco de política. O que estava acontecendo na época, e tinha que ter no máximo 15 linhas e era para você defender o porquê que estava sendo discutido o assunto. Eu fiz o máximo, a nota desejada era pelo menos 6. Até hoje eu não descobri qual foi a minha nota, eu perguntei, mas não descobri até hoje e já perguntei também na secretaria e eles falam que, mesmo eu terminando todo o curso de Pedagogia, não vou saber a minha nota da redação. Mas eu passei e podia começar no ano seguinte ou podia trancar. Fazer a matrícula, trancar e aguardar para começar no início de 2014, que foi o que eu fiz.

Só que tem um porém: mesmo conseguindo a bolsa do ProUni, só era 50% do curso. Não era 100%. Então, mesmo com os 50% da bolsa do ProUni eu não conseguiria manter o curso inteiro, então eu tinha que dar um jeito de arrumar os outros 50%, porque com o salário também que eu ganho como operadora de *telemarketing*, que dá assistência [ao consumidor] SAC, eu não conseguiria pagar o curso inteiro. Foi quando eu lembrei que tinha também o Fies, eu fui e fiz o Fies e consegui os outros 50%, a metade do curso.

Quando recebi a proposta de vir fazer a prova, a redação, para conseguir a bolsa de 50%, isso me ajudou porque eu não tinha perspectiva de fazer a faculdade ainda, porque eu estava só trabalhando, querendo fazer, mas não tinha chance; aí, depois que eu consegui a bolsa, eu consegui os outros 50%.

Eu acho, no caso do ProUni, que quem tem o ProUni 100%, amém. É uma benção realmente, porque, para você fazer particular e pagar o curso inteiro, dependendo do curso é caro, principalmente na faculdade particular. Pelo governo, para você fazer uma USP, é difícil.

Com o ProUni, eu acho que abriu uma porta para mim, eu fazer o meu curso, ter o meu curso superior. Na minha família ninguém tem; só agora minha irmã, agora no final de 2015, não, agora em janeiro de 2016 ela concluiu o curso dela também, de Pedagogia, que foi quem me incentivou também a fazer o curso de Pedagogia. Ela terminou o dela, então ela foi a primeira na família a ter curso superior.

P – Ela usou o ProUni também?

E – Não. É um benefício que eles têm lá no estado de Alagoas. A faculdade também é privada, é particular, só que eles dão desconto porque ela já tinha o magistério, ela já trabalha na área, então ela ganhou esse desconto. Ela pagava um valor bem menor do que o valor correto do curso, por causa também do que eles tinham. Eu acho também que eles têm convênio com a prefeitura, mas para fazer lá a faculdade, então ela fez particular.

P – Mas com incentivo da prefeitura

E – Isso, mas também com o incentivo da prefeitura, porque o [Ministério da Educação] MEC estava exigindo que eles tivessem não só o magistério, mas o curso superior. Como ela já dava aula, foi obrigada a fazer o curso superior, então eu fiz também.

Quem tem ProUni, na minha opinião, eu acho que é assim: tem perspectiva de fazer a faculdade, você ganha a bolsa do ProUni e consegue fazer o seu curso superior independente. Porque às vezes eles escolhem o tipo de curso que a bolsa vai cobrir, que nem, nessa ela só podia Pedagogia, História, Letras; não podia Medicina, não podia Engenharia nem Direito. Então, digamos que ela só podia na área de Humanas, né? Então eu escolhi Pedagogia. Antes eu queria fazer História, mas a

minha irmã deu a ideia de eu também fazer Pedagogia, porque futuramente a gente pode até montar uma escola.

Eu acho que é importante o incentivo [pausa] um incentivo até mesmo ao cidadão, né? Como pessoa buscar os seus ideais, buscar ter o seu curso superior, estudar cada vez mais, que é o que eu já estou fazendo, que eu já termino este ano. Graças a Deus. Pegar o meu diploma [risos] e vou continuar. Pena que também não tem ProUni para fazer pós [-graduação]. Não existe, então tem que ser, ou você concorre à bolsa dentro da universidade onde você quiser fazer a sua pós, ou você paga normalmente. Ela vai de um ano a dois anos, não é?

Então é isso, é importante, eu acho que... Ao meu ver, depois que eu ganhei a bolsa do ProUni me incentivou mais a fazer a faculdade e, mesmo que eu não tivesse conseguido o Fies, eu ia tentar fazer e pagar de algum jeito, nem que eu tivesse que estar em dois empregos, para pagar os outros 50%.

P – Você então conseguiu a bolsa do ProUni diretamente com a faculdade? Não pelo site do MEC?

E – Não, consegui diretamente na faculdade.

P – Quais foram as maiores dificuldades que você encontrou durante a graduação?

E – [pausa]. Você diz nas disciplinas, ou...?

P – Qualquer dificuldade, nas disciplinas ou outras.

E – Eu acho que não, me incentivou mais a estudar, porque com a bolsa você não pode tirar nota vermelha: ou você estuda, ou você perde a bolsa, porque eles te tiram a bolsa se você ficar pelo menos, eu acho que é, se você pegar três dependências. Então você acaba perdendo a bolsa. Isso incentiva você também, além de você já estar fazendo o curso, você quer ter seu diploma, e estudar com o ProUni, você tem que estudar 100% a mais que os outros alunos da sala, que foi isso que eu fiz desde o primeiro semestre.

P – Você sentiu alguma forma de preconceito dentro da sala de aula por ser bolsista do ProUni?

E – Não, só alguns alunos que, quando você fala que você é bolsista ou você tem Fies, eles meio que... Em qualquer situação na sala, acho que foi no terceiro

semestre, cada semestre a mensalidade muda um pouco e eles ficavam reclamando, eu exatamente não posso reclamar, porque eu sou bolsista, então não posso assinar nada, não posso reclamar de nada, senão perco a bolsa.

P – Você diz que a mensalidade aumenta um pouco todo semestre?

E – Isso, aumenta um pouco todo semestre. Então, eles falavam que as pessoas que são bolsistas, têm Fies, não ligam para o direito dos outros, da sala, porque quem está pagando é o governo, e não é bem assim...

Eu estudei para ganhar bolsa, como todo mundo poderia também entrar no *site*, ou concorrer à bolsa entrando em contato com a universidade e fazer a prova e também ganhar. Porque, entre dez vagas que sobraram – quando me ligaram, eram dez vagas –, quando eu fiz a redação foram 50 pessoas para dez vagas, para fazer. Então, de 50 pessoas eu fui uma das nove, entre as dez... Que ganhou a bolsa, então, não quer dizer porque eu sou bolsista que eu não tenho voz também dentro da sala, eu só não posso assinar nenhum documento que vai contra a faculdade.

P – Você se sente diferente dos demais alunos?

E – Não. Normal como qualquer outro aluno dentro da sala, só não posso assinar nada, porque sou bolsista.

P – Alguns professores comentaram a questão do ProUni, de bolsistas em sala de aula?

E – Também não, eles não falam, também não criticam quem tem o ProUni, nem quem tem Fies.

P – Como você define a importância do ProUni na sua vida?

E – Eu acho que, para a minha vida, foi mudança, eu acho que mudança para melhor, mudança para... Uma visão de futuro diferente.

P – O que mudou?

E – Eu acho que a maneira de pensar, a maneira de falar, que quando a gente sai da escola eu acho que a gente está muito naquela fase de adolescente, né? Fala muitas gírias e coisas que não se deve também [risos] e quando a gente entra na faculdade, acho que é, assim... Como se fosse uma lâmpada acendendo. Você

cresceu, você precisa tomar um rumo e arcar com suas responsabilidades e verificar o que você quer do futuro. [pausa]

P – Quais são os pontos positivos e negativos do ProUni?

E – Agora está mais difícil. [pausa]

P – Mais difícil?

E – É, porque agora, se não me engano, acho que mudou alguns procedimentos. Para você tem que ter a nota do Enem. Ela aumentou. Na época que eu fiz, eu só precisava ter o Enem, eu não precisava alcançar o que agora eles estão exigindo. Eu só precisava ter feito o Enem, terminado o ensino médio, ter as notas todas boas e ser de escola pública e, como eu tinha tudo, eu passei.

Agora eu acho que é mais difícil porque, além de você ter a nota do Enem, nem todo mundo alcança. Quem estuda em escola pública, eu acho que, por mais que você estuda, é lógico que tem aqueles alunos que estudam e conseguem aquela média que eles exigem, mas tem alunos que não conseguem aquela média e isso atrapalha conseguir o ProUni.

Se fosse como antes... Que nem, tem uma colega da minha sala que tentou pegar o ProUni, se não me engano no quarto semestre, para ver se ela conseguia a bolsa, só que ela não conseguiu porque ela não alcançou a média do Enem, faltou dois pontos na verdade para ficar na média, e com isso ela não conseguiu. Então eu acho que... Isso atrapalha um pouco, eu acho que um ponto negativo seria isto. Nem todo mundo alcança esta média que eles idealizam para o aluno.

No ponto positivo [pausa] eu acho que é, porque, dependendo da universidade, dependendo do curso também que você vai fazer e dependendo do valor do curso... A bolsa te ajuda, nem que não seja 100%, mas até 50% te ajuda. Então eu acho que o ponto positivo é isso, porque 936 reais todo mês, você não tem como tirar do seu bolso de uma vez e pagar a universidade, ninguém, acho que tem condições de pagar esse valor. Eu mesma não tenho condições de pagar 936 reais, que é o curso, e com 50% do ProUni eu consigo pagar, porque 50% ele vai para 400 e alguns centavos, mais o desconto que eu tenho ele chega a ficar 300 e alguma coisa, e com isso facilita bastante. A bolsa te incentiva a estudar, digamos assim.

P – Quais são suas expectativas daqui para frente?

E – Acho que correr atrás, né? Tentar passar em concurso público, se eu não conseguir passar, mandar currículo, nem que seja em uma escola particular, aí conseguir pelo menos como estagiária, mas conseguir estar na área, engajada na área, trabalhando na área que estou concluindo, a Pedagogia. E futuramente eu quero fazer pós, eu ainda estou meio em dúvida, mas é em Psicologia, que foi uma área que eu estudei no primeiro semestre. Foi com a professora... E eu gostei da Psicologia, tanto que as colegas da sala pediram para eu fazer Psicopedagogia, porque envolve mais a Pedagogia, só que eu quero primeiro fazer a Psicologia, depois fazer Psicopedagogia.

P – Você diz o quê? A faculdade de Psicologia?

E – Isso!!

P – E depois fazer Psicopedagogia?

E – Sim, Psicopedagogia.

P – Então você pretende trabalhar na área?

E – Pretendo trabalhar na área.

P – Você falou que veio de uma cidade...

E – De Passos de Camaragibe, interior da, da capital que é Maceió, estado de Alagoas.

P – Seus pais moram lá?

E – Minha mãe mora lá ainda, meu pai já faleceu, faz uns dois anos. A minha irmã mais velha – que é a que é professora já formada – também mora lá, e tem uma outra irmã que ela tem o magistério, não é formada, mas tem o magistério, também mora lá. E tem uma outra irmã que é cabeleireira profissional, ela tem cursos e certificados e tudo.

P – Aqui em São Paulo, você mora com quem?

E – Aqui em moro sozinha, porque minha avó faleceu. A minha avó faleceu, mas tem a minha tia que mora aqui também em São Paulo. Na verdade, eu tenho dois tios e uma tia que moram aqui em São Paulo ainda, mas não na mesma casa. Eu moro sozinha.

P – Por que você não quis voltar para Alagoas?

E – Então, na época, quando a minha avó faleceu, eu estava terminando o ensino médio, já estava com, deixa eu ver, em 2001 eu estava com 20 e alguns anos... Não sou boa em matemática, então não vou somar [risos], mas eu estava com 20 e poucos anos quando terminei o ensino médio, então eu estava aqui e terminei os estudos, era para eu procurar alguma coisa... Eu pensei... Eu vou arrumar um emprego, trabalhar, arrumar algum dinheiro e, se eu conseguisse fazer a faculdade, tudo bem, se eu não conseguisse, eu ia embora.

Aí foi a época que eu arrumei um emprego e falei: então eu vou continuar e tentar ver se eu volto a estudar. Eu demorei este tempo todo porque eu não estava tendo perspectiva de fazer a faculdade ainda, nem outros cursos, que eu já tinha parado... Brasil, né? O dinheiro acaba rápido e você não pode assumir um compromisso que no final não vai conseguir pagar, você tem que conseguir um compromisso que você consiga pagar e consiga terminar ele. Então por isso que na época que eu terminei o ensino médio eu não fui logo fazer uma faculdade. Porque eu iria fazer particular e eu tinha que assumir... Você assume um compromisso, então você tem que terminar o compromisso e pagar e isso eu não tinha ainda, então por isso eu fiquei esse tempo todo parada e aí, quando eu consegui a bolsa, vamos dar um jeito, vamos fazer e vamos terminar.

P – O que a sua família acha de você ser universitária? Como ela te vê hoje?

E – Nossa... A minha irmã, a minha mãe, por exemplo, a minha mãe chorou quando eu falei que tinha conseguido a bolsa e aí, mesmo sendo 50%, mas eu consegui também a outra metade pelo Fies, a minha mãe chorou comigo ao telefone quando eu falei, ela ficou feliz e falou que eu tinha que buscar, que ir em busca do meu sonho mesmo, terminar, estudar, foi sempre o que ela incentivou, não só eu como as minhas irmãs, sempre estudar, buscar ser, como dizem os mais velhos, ser alguém na vida, isso que eu estou buscando por enquanto: ser alguém na vida.

P – Mudou alguma coisa na sua vida social depois que você se tornou universitária?

E – Social?

P – Sim, na convivência com os amigos... Com a própria família...

E – Ah... Mudou um pouco, na empresa mesmo que eu trabalho, eu não gosto, mas acontece, eles falam muito errado [risos] e aí, como eles falam muito errado, eu não sou a certa, mas existem palavras que você vê que tá nítido que está errado, aí eu começo a corrigir... Então as meninas ficam me chamando de professora.

Então, eu acho que socialmente melhorei bastante o modo de agir, o modo de falar, o modo de me colocar, isso mudou.

Antes de estudar, eu tinha uma vida meio corrida, digamos assim... Era só trabalho, gastar, trabalhava, ganhava dinheiro e gastava, ficava na balada, só “curtindo”, era o dia inteiro andando com as pessoas que só “curtem”, e não queria nada com a vida. Depois que eu comecei a fazer faculdade, isso parou. Eu não digo que eu não tenho que “curtir”, que eu não tenho que aproveitar, mas eu acho que, quando você está estudando, eu acho que você tem um foco, você deve ter um foco no que você quer e aí esses amigos que eram da curtição começaram a chamar eu de chata, que eu estava chata, que eu estava me sentindo a superior porque eu estava fazendo a universidade, e não é bem assim. É que você, depois que começa a estudar, eu acho que a sua mente, ela meio que evolui um pouco e você tem que ver isso, eu acho que, não é bem a palavra, “evolução”, mas eu acho que você começa a mudar sim, eu acho que o seu modo de vida, o modo de agir, os amigos mudam. Hoje em dia os meus amigos são na maioria pessoas que têm também faculdade. Não quer dizer que as pessoas que não têm não sejam mais amigas, mas até os seus amigos, eles mudam um pouco [pausa] ai como é a palavra... Eu acho que as pessoas que estão à sua volta, acho que também mudam, eu acho que isso você também busca um pouco... Porque você não vai querer estar só naquele mundo de balada, sendo que você está estudando e aquilo pode te atrapalhar no futuro.

P – Você trabalha e estuda?

E – Trabalho e estudo.

P – Qual é o seu lazer?

E – É raro. [risos] Porque normalmente, de final de semana eu fico estudando... Eu saio 5 e meia da manhã, eu entro às 7h20 no trabalho, saio às 4 horas e vou para casa, tenho uma hora na verdade até chegar em casa, eu chego em casa umas 17 horas, tomo um banho e venho para a faculdade... Aí chego aqui umas 7. Depois eu

chego em casa meia-noite e no final de semana tem bastante trabalho da faculdade para fazer, então acho que... Um lazer de vez em quando eu não vou dizer que eu não tenho, mas às vezes é época de estudar para a prova e eu não consigo, mas quando consigo aí eu vou ao cinema, ao *shopping*, dar uma espairecida. Porque eu também não consigo estudar, ficar estudando, estudando, porque eu acho que, pelo menos para mim, cansa e eu acabo esquecendo tudo. Então, eu tiro três dias antes da prova, eu estudo, e no dia da prova eu dou uma olhada no caderno, fecho e faço a minha prova.

Pelo menos comigo, desde o primeiro semestre isso está funcionando... Comigo funciona, então lazer eu tenho, mas é coisa rara, é mais estudar mesmo.

P – Você falou que é católica...

E – Por enquanto, não praticante. [risos]

P – O que você diria para alguém que quer fazer faculdade e acha que não consegue, que não pode fazer por questão financeira?

E – Eu já contaria a minha história, por exemplo. Eu não tinha perspectiva de fazer a faculdade, não estava vendo caminho para entrar na faculdade e eu acho que assim, se a pessoa quer realmente, corre atrás, porque eu pesquisei e a grande maioria das faculdades, das universidades, elas têm alguma bolsa, mesmo que não seja o ProUni, e aí dá para se inscrever e eles chamarem, é estudar e fazer a prova. Se você está trabalhando, lógico, você consegue pagar o restante do valor, então, eu acho que estudar é o melhor caminho para você conseguir... Se você baixar a cabeça e ficar esperando... Alguém chegar e pagar a sua faculdade... [pausa] Você tem que correr atrás.

P – Qual o significado do ProUni para você?

E – Eu acho que o significado é esse: é importante para mim. Na verdade, digamos assim, me deu o curso, porque está pagando o meu curso, independente que ainda vou pagar os outros 50%. No sentido de importante para mim... Eu acho que mudou, mudou o meu modo de ver e mudou a minha realidade... O ProUni para mim é isso... Tem gente na sala que tem 100% do ProUni... Não sei, a pessoa é mais inteligente do que eu, né?

Quando a senhora fala importante, importante no sentido de importante?

P – Isso, importante na sua vida, para você.

E – Eu dou Graças a Deus por ter conseguido esta bolsa [pausa]. Até hoje eu agradeço a minha vizinha, porque eu sempre falava a ela, porque ela trabalhava aqui na universidade, eu falava: se você ver alguma informação sobre a bolsa, ou seja, bolsa para trabalhar dentro da faculdade – porque quem trabalha aqui dentro não paga o curso, ganha bolsa –, você me avisa?

Porque eu já consegui também uma bolsa da faculdade, mas como eu tinha o ProUni, a moça falou que eu não poderia mais fazer. Então, eu falava para ela [vizinha] que qualquer notícia que tivesse, ela me falasse que eu vinha correndo tentar. Foi na época, eu estava no metrô, na época eu ainda pegava metrô, trabalhava no Belém, na zona leste, e ela me ligou, perguntou: “tem vaga para o ProUni, você quer? Só tem um problema, você vai ter que escolher um destes cursos”. Aí ela citou, porque não podia Medicina, mas também eu não queria fazer Medicina porque eu não consigo ver sangue [risos]. Quando ela falou isso, eu quase chorei. Realmente, sabe quando você recebe uma notícia que é como se tivesse uma porta abrindo para você? Ou você entra, ou você fica parada. Então eu falei para ela: “pode falar que a bolsa é minha, eu vou lá, faço a prova e a bolsa é minha, uma vaga dos dez é minha”, e foi o que aconteceu. Eu não acreditei quando o moço da universidade ligou e falou: “Ellen, você pode vir aqui”. Foi num sábado, eu fiz a prova numa quinta-feira e ele falou que era um prazo de mais ou menos 48 horas para receber a resposta da minha prova, que seria a redação. Quando foi no sábado de manhã, eu estava dormindo ainda e me ligaram, aí falaram: “Ellen, você passou, só que você tem que vir aqui na universidade já e segurar a sua bolsa e a sua vaga para início de 2014”. E realmente, nesse dia eu chorei, porque, mesmo eu falando que uma das vagas era minha, das dez vagas que tinha, uma era minha, eu não estava tão confiante, porque, apesar de eu ter feito a redação, tinha gente lá que sempre estudou em escola particular, digamos assim que tinha gente muito mais capacitada que eu, né? Fez escola particular, eu não estou generalizando, mas tem pessoas que fazem escola particular e se acham melhor do que quem faz escola pública e não é bem assim. Tem escola pública muito melhor do que particular e na verdade, quando eu vi aquelas 50, quase 60 pessoas dentro da sala, eu falei: “Nossa, dez vagas para 60 pessoas, eu não vou conseguir”. Aí eu quase chorei, eu

falei para a minha vizinha: “Eu não vou fazer mais”, eu estava pensando até em desistir. Quando eu cheguei na secretaria, o moço falou assim: “Ah, se você chegou aqui, vai se inscrever, fazer a prova e não vai desistir não, vai lá, faz a prova, faz a sua redação, explica lá o que você acha, que você passa”. Aí eu fiz assim, não custa nada tentar, então na vida não custa nada você tentar, é como o ditado, né? O não você já tem; você só precisa correr atrás do seu sim. Então eu corri atrás do meu sim e consegui a bolsa. Eu acho que ela é importante para mim porque hoje eu sou a segunda da família a ter um curso superior, graças ao ProUni, independente de eu ter Fies também, mas se eu não tivesse os 50% eu não ia fazer 100% Fies porque fica caro, como é que eu vou pagar? Porque você tem que devolver o valor, então ficava muito caro e eu não tenho condições de pagar tudo isso, e com 50% desse valor, ele ficou bem inferior ao valor de muita gente que tem 100% Fies. Tanto que, quando elas fazem, tem sempre um aditamento que a gente faz que é como se fosse renovação de um contrato, então nesse contrato o valor do financiamento delas é como se tivesse... É uma taxa baixa que o governo te dá, mas que ele triplica esse valor do seu curso dentro destes quase quatro anos e o meu ele quase permanece da mesma forma, altera centavos. Tanto que elas até falam: “por que o seu é assim, por que o seu é diferente do meu, sendo que você também tem Fies?” Eu falo: “porque o meu não é 100%, é 50%”. Eu tenho ProUni, então 50% do ProUni eu não preciso devolver, eu só estou pagando os outros 50%. Futuramente para pagar o Fies, eu acho também que me ajudou, porque eu não vou arcar com esse valor todo, né? São quase 14 mil que elas vão ter que devolver e o meu valor fica bem abaixo, o meu valor não dá nem 7 mil para devolver.

P – Em quanto tempo?

E – Ah... Eu acho que são 28 meses. Acho que termina em 2018. Então, eu tenho todo esse tempo para pagar. Aí, terminando o curso virá uma taxa fixa e você devolve o valor, que eu também acho que não deveria devolver, né? O governo tem mais é que pagar o seu curso, já que ele não abre as portas da USP para você entrar. Eu soube também que, se você quiser, pode entrar com recurso e não precisa devolver o valor para o governo. Só que eu não tenho entendimento das leis, né? Então não posso dizer que vou fazer isso. Eu vou pagar porque era uma coisa que era para você devolver.

O ProUni para mim é isso, foi mudança. A única palavra que eu digo é mudança, e mudança para melhor.

P – Alguma coisa a mais que você quer falar, deixar registrado para a pesquisa?

E – No começo da entrevista eu acho que a senhora perguntou a escolaridade da minha família. Eu acho que entre todos, tirando a minha irmã, que já é professora formada, o meu pai só tinha até a 4ª série; a minha mãe só tinha até a 5ª série, terminou e ganhou a conclusão de ensino, antigamente chamava de supletivo, que eu acho que não tem mais; não sei, ainda tem?

P – Ainda tem.

E – Então ela fez supletivo, não, não é supletivo... Que vai à escola, tem uns que vão à escola [pausa]. Ela fez Telecurso 2000! Ela concluiu. Estudava em casa e assistia às aulas e depois ia à escola e fazia a prova. Ela fez isso e concluiu o fundamental e o ensino médio. Então eu acho que na minha família já vem de se superar, superar os obstáculos, e é isso que eu estou fazendo, porque eu nasci e fui quase criada aqui, porque eu vim para cá com 15 anos, para São Paulo. Eu nasci em Alagoas e, se não me engano, acho que estava passando no jornal e a minha irmã fez uma pesquisa também, para a faculdade, e ela verificou o *ranking* de Educação: Alagoas está bem abaixo, mas não é porque ele está bem abaixo que todo mundo quer sair de lá, não pode estudar, não pode ser alguém. Então acho que eu vindo para cá e conseguindo, acho que me supero. Isso quer dizer que nem todo mundo é igual, porque, se a gente estuda, a gente tenta, a gente se supera e supera os limites, você consegue.

P – Obrigada por ter contribuído com a pesquisa, Ellen.

E – De nada.

2) Shelly

Idade: 22 anos

Estado civil: casada

Residência: Vila Sargento José de Paula, centro de Barueri

Duração da entrevista: 42 m 13 s

Pesquisadora – Oi Shelly, obrigada por ter vindo, por aceitar participar da pesquisa. E, para começarmos, eu queria que você contasse um pouquinho da sua história de vida. Como foi sua infância até chegar aqui na universidade?

Entrevistada – Boa noite, eu sou a Shelly, tenho 22 anos e a minha infância teve uma história muito comovente. Eu fui adotada com 2 anos de idade. Minha mãe biológica – que hoje eu não tenho conhecimento dela, mas desejo muito ter, anseio por isso – tinha problemas com drogas, bebidas, e aí o meu tio acabou me trazendo para São Paulo para ser adotada.

Vim do Paraná, sou de Cascavel e fui adotada por um casal aqui em São Paulo, que hoje eles têm 65 anos. Já tinham uma família estabilizada, filhos mais velhos, e eu sou a única menina, de três homens.

O meu desejo sempre foi buscar auxiliar pessoas com os problemas como os que a minha mãe teve. Então, o meu desejo era ser psiquiatra infantil, porque ela teve transtornos infantis. Ela viu a mãe dela ser morta pelo pai quando tinha 5 anos de idade e acho que isso acarretou toda a sua trajetória de vida, e por isso eu acabei me dedicando à Educação.

Sempre fui aluna de escola pública, sempre fui tagarela, então os professores sempre tiveram esse problema comigo: terminava a lição rápido e ia ajudar os amigos, ou seja, conversar com os amigos. E hoje estou terminando a minha graduação de Pedagogia e, se Deus quiser, vou dar continuidade em Pedagogia Hospitalar, depois psicanalista.

Fui bolsista. Tive o privilégio de, quando eu fiz 18 anos, ganhar uma bolsa no curso de Arquitetura, mas pela ignorância dos meus pais [motivos religiosos] eu acabei não fazendo o curso. Mas após casar, conscientizei meu esposo de que era o meu desejo fazer uma faculdade, mudei para a área da Educação e estou nela, amando cada dia mais, apesar de todas as adversidades, que eu acho que todas as áreas

vão ter, mas a educação em si no nosso estado, no nosso país principalmente, ela está numa situação muito crítica, onde precisa de profissionais competentes, não só competentes, mas com força de vontade para fazer a evolução. Então por isso que eu estou lutando para dar continuidade nesta formação.

Tive o privilégio de passar no [Exame Nacional do Ensino Médio] Enem, eu fiz o Enem depois de casada, paguei a taxa – que na época era de 35 reais –, tive sorte, consegui entrar com 50% de bolsa aqui na [...]. Não foi assim fácil, foi bem burocrático, mas vale a pena.

Eu sei que, mesmo eu pagando metade desse valor – que é suado, muito suado, ainda mais para uma profissão que não é reconhecida em valores salariais e isso para mim, eu vejo, tiro por mim, que sou bolsista de 50% e consigo pagar com o meu suor. Mas aí eu percebo que tem colegas da minha sala que não tiveram esse privilégio, trabalham para ganhar 900 reais, 800 reais ou até mesmo quando ganha um pouquinho a mais, e entrega todo o seu salário para a faculdade, para ter uma formação, eu acho, assim, que é muita coisa... Eu acabo achando muita injustiça para a educação em si no Brasil.

O meu ponto de vista sobre o ProUni... [pausa]. Esta é minha visão, eu esclareci o porquê que eu tenho vontade de me dedicar nessa área também e superapoio quem escolhe a área da Educação porque é uma área maravilhosa.

P – Você falou que tem bolsa de 50% do ProUni?

E – Isso.

P – E os outros 50%? Você tem alguma outra bolsa?

E – Não.

P – Você é quem banca?

E – Eu pago do meu salário mesmo. Agora, eu trabalhei durante dois anos, foi quando eu dei início na faculdade, trabalhava no financeiro de uma empresa e aí eu fiquei desempregada no começo do ano, fiquei praticamente seis meses sem receber nenhum salário, meu esposo que me ajudou e agora eu estou trabalhando na área, como assistente maternal, e estou amando.

P – Por que você só conseguiu 50% de bolsa?

E – Na época eu não atingi a pontuação do Enem para poder ser pelo ProUni. Foi uma “sorte de principiante”, a faculdade me ligou e falou que tinha desistentes do ProUni e falou que a bolsa só ia ser de 50%, mas eu já tinha me matriculado e eu ia pagar integral, então eu tive sorte de conseguir 50%, para quem não tinha nada.... Eu tinha perdido a vantagem em tudo, eu consegui ainda ter essa sorte de pagar só 50%.

P – Você está para se formar agora, no sexto semestre. Nesse tempo todo, você sofreu algum preconceito por ser bolsista do ProUni?

E – Não, não sofri. Assim, na verdade, não sofri preconceito; mas, quando você menciona que é bolsista, as pessoas, eles ou elas te ignoram pelo fato de te acharem inteligente. Elas não percebem que elas não sabem a minha história, elas não sabem que eu não atingi meu percentual, que foi uma mera sorte eu ter sido chamada pela faculdade. Mas é como as pessoas fazem: elas pré-julgam, elas não têm conhecimento do fato que aconteceu e o que realmente está acontecendo, elas pré-julgam como se você fosse uma pessoa diferenciada delas, mas não é um preconceito em si, é uma... [pausa] crítica, elas acabam sendo críticas... Há quem diga que seja até um pouco de “dor de cotovelo”, né? Mas não por mim, mas falando geral, quando você se destaca em algum aspecto – que isso para mim não é um destaque, eu acho que é uma coisa que tem que ter, não só para mim. Eu já tenho um ponto de vista diferente: se eu olho para elas e vejo que elas estão trabalhando suado para pagar sua faculdade, já penso: “poxa, por que elas não poderiam ter esta oportunidade” e elas não teriam este ponto de vista que eu tenho, humanitário, né?

P – Quais foram as maiores dificuldades que você encontrou durante o curso?

E – A minha dificuldade... Que eu encontrei no curso. Durante estes três anos eu mudei de grupo uma vez só e foi por opção. As meninas até pediram para eu retornar ao grupo. Eu sou uma pessoa que... [pausa] eu sei que eu sou difícil, não porque eu sou perfeccionista, mas eu acho que todo mundo está aqui para estudar e as pessoas são muito levianas em alguns aspectos, então nisso que eu tive dificuldade, em lidar com as pessoas.

Levar de qualquer maneira e saber que elas estão pagando integral, que elas trabalham para aquilo ou o pai ou a mãe pagam, e não dão valor, isso me deixa

abismada. Saber que eu estou vindo, chego atrasada porque estou trabalhando agora, eu chego todos os dias às 8 horas, peço para as minhas colegas guardarem um lugar para mim e me sinto até perdida, porque eu perdi algum conteúdo; e saber que tem gente que chega nesse horário e fala que veio porque tem que vir, senão fica com falta, e fala: “eu vou vir todos esses dias para no final ter as 20 faltas e ficar na boa”. Eles pensam assim e eu não concordo, falo: “meu Deus, são adultos, imaturos, em vez de dar valor, porque têm tantos que queriam estar aqui dentro!”

Então... Essa é a minha maior dificuldade, lidar com o ser humano em si, em alguns aspectos, e não entender eles, como conseguem ser assim? Queria entrar no mundinho deles e falar: “meu, você está fazendo errado, tem gente que queria estar aqui dentro, tem gente que teve que largar o curso porque o filho ficou doente, teve que largar porque tem que cuidar da mãe que está enferma ou queria ter esse privilégio e você não dá valor”.

Essa é a minha indignação, e também algumas coisas que me deixaram, assim, revoltada. Eu fiquei muito revoltada com a faculdade no semestre passado, porque você paga para estar aqui, porque tem o curso a distância que é opcional, e aí a gente tem que fazer a prova *online*! Eu fiquei horrorizada no semestre passado ao saber que a última prova do semestre, que era uma prova que você tinha que ler um livro e que seria a distância. Se as notas principais para eu passar para o outro semestre ia fazer a distância... Aí eu fui conversar com as minhas colegas e elas olharam para mim e falaram: “como você é velha, careta”, e eu falei: “gente, é seu dinheiro que está indo para o esgoto!”

Ouvi falar – não sei se é verdade, se é mentira; também não procurei saber, porque não cabe a mim – que a impressora, a faculdade não tinha impressora suficiente, lógico que tem as rádios peões, né? Bem, não sei se é verdade, falaram que não tinha impressora para imprimir e aumentou o valor da matrícula. Aumentou o valor da mensalidade e o Brasil está em crise, tudo é motivo agora. Isso me frustrou, e saber que eu era aluna de uma sala de 75 alunos e era uma entre as cinco que pensava deste jeito.

P – Mas você acha que isso tem a ver com o fato de você ser bolsista, de ter esse outro pensamento?

E – Eu acredito que sim, porque, por eu ser bolsista, eu corri atrás para conseguir a bolsa. Eu me frustrei por não ter passado em duas universidades: uma de Arquitetura, na [Universidade Paulista] Unip lá em Alphaville, e outra de Engenharia, na Oswaldo Cruz. Eu queria fazer faculdade, mas os meus pais falam que mulher não nasceu para estudar, mulher nasceu para cuidar de casa e, como eu estava prestes a casar e cresci vivenciando isso, vivendo aquela coisa que mulher era submissa ao homem, que mulher tinha que ficar em casa cuidando de criança e cuidando do marido, que o marido tinha uma liberdade de sair e entrar na casa na hora que queria e a mulher tinha que abaixar a cabeça, então acho que eu fui crescendo [pausa], só que eu não cresci igual, eu cresci diferente, eu cresci buscando sempre mudar.

Hoje eu até estava conversando com o meu esposo no caminho para cá [para a faculdade] e falamos que eu sou praticamente a psicóloga dos meus pais. Eles são meus amigos, não eu amiga deles, eles se abrem comigo, contam para mim como é que foi a infância deles, e assim você vê que junta religião, que junta a ignorância de antigamente.

P – Você acha que eles são assim por causa de religião?

E – Boa parte, sim.

P – Eles fizeram algum curso universitário?

E – Não.

P – Nenhum dos dois?

E – Não. Hoje eu conversei com o meu pai – porque ele está trabalhando no emprego dele, ele tem 65 anos e trabalha como motorista, e ele tem labirintite – e aí eu falei: “pai, o senhor não pode ficar mais com este tipo de serviço, o senhor precisa arrumar um serviço mais tranquilo. Eu estou trabalhando numa escola que os guardas, os vigias, tem os vigias diurnos e vigias noturnos, eles não precisam ficar armados e só dão uma ronda na escola. Eu vou ver se eu acho, se eu consigo colocar o senhor lá, numa dessas escolas”. Aí eu falei assim, e ele falou: “será que não precisa ter o ensino médio? Porque eu só tenho até a 4ª série”. Eu falei: “pai, não seja por isso”. Eu fiz estágio, tive uma experiência gostosa no semestre passado. Eu fui mandada embora por conta dos estágios. Eu tinha que fazer os

estágios e era uma empresa de análises clínicas e eu era do financeiro e, como não tinha nada a ver com a graduação que eu estava fazendo, toda a vez que eu falava que tinha que me ausentar por conta de trabalho da faculdade ou alguma coisa assim, era críticas e críticas, falavam: “você não trabalha na área, não está estudando na área e vai faltar e não sei o que...” E aí eu fazia acordos, ia trabalhar no sábado. Só que chegou um momento que conseguiram realmente fazer a cabeça do chefe e me mandarem embora, e nessa experiência que eu tive eu não podia me ausentar no serviço; o que eu fiz: eu faltei uma semana aqui na universidade e fiz estágio na [Educação de Jovens e Adultos] EJA e tive a sorte de fazer estágio na EJA de terceira idade, nunca tinha presenciado e achei tão gostoso, a paciência do professor, e você vê que é difícil, porque para eles desistirem é “1, 2”. Eles viveram a vida inteira sem aquilo, sem saber ler, sem saber escrever, então para eles falarem que nem precisam, porque já criaram os filhos, já viveram a vida... É diferente de criança. Criança, automaticamente ela tem facilidade para se alfabetizar, para você ter um jogo de cintura com ela, e ela tem a cabeça bem mais aberta pra poder aprender, ela não tem preocupação. Então eu falei para o meu pai fazer o EJA ou qualquer coisa que eu ajudo em tudo, estimulei, por mais que ele não entre nesse emprego, mas para ele ter o fim da vida dele sabendo... Tipo... Eu concluí os estudos. Eu acho gratificante isso, nunca é tarde pra você aprender.

P – Você falou que tem três irmãos homens. Eles são formados?

E – Não. Eles casaram cedo, por conta da religião, porque não podiam ter contato físico antes do casamento. Casaram cedo, tiveram filhos e hoje ambos têm três filhos cada um, os filhos estão crescendo, eles gostam muito de transporte, caminhão, ônibus, estas coisas, então eles trabalham nesta área, mas tem um que gosta, que adora matemática, tem o desejo de ser professor de matemática e é muito inteligente; o outro gosta de química, tanto que teve uma época ele fez perfumes pra vender; e o outro ele gosta de música, ele é fascinado por música, ele toca na igreja, os três tocam na igreja e minha mãe também toca na igreja, e não têm estudo. Minha mãe toca órgão, mas ela não tem estudo, ela é bem sem conhecimento teórico, mas muito, muito sábia em outros aspectos.

P – E o que eles acham de você estar quase formada, terminando um curso superior?

E – Hum... Eu brinco, às vezes, que eu sou a “ovelhinha negra” da família, porque eles acham que eu sou muito para frente, que isso não é bom, ao mesmo tempo que é bom, não é, aquela coisa, assim, que eles falam para o meu esposo que ele tem que tomar cuidado porque ela é muito precoce, sempre está evoluindo. E na cabeça deles é isso que eles veem, agora nem tanto e não tem nada a ver, no começo recebi mais críticas...

P – Então eles não gostam de ver você na faculdade?

E – Os meus irmãos, o mais novo e o mais velho e o do meio, na época que eu estava estudando fundamental, tem o [Instituto Técnico de Barueri] ITB lá em Barueri. O ITB é uma escola que você faz curso profissionalizante também, você se forma, além de você se formar no ensino médio, você se forma com uma especialização, com um curso técnico...

P – Sei, mas e sua família, como a vê com o curso superior?

E – E na época eu não passei no ITB, na época eu ia fazer Edificações – como eu fui chamada para fazer –, Análises Clínicas ou, eu não lembro, era Análises Químicas, eu não quero fazer isso, então eu não quis. Esse meu irmão do meio que é fascinado por matemática brigou comigo, que ele passou na época, quando ele era jovem, e ele não fez, ele parou de estudar. Ele parou de estudar no ensino médio, no 1º ano do ensino médio e não retornou os estudos. Tentou fazer supletivo, fez supletivo, tem supletivo, mas ele não terminou e ele se arrepende por isso e aí ele quis cobrar em cima de mim o arrependimento dele, e eu falei: “mas eu vou fazer uma coisa que eu não quero, vou fazer uma coisa que você quer eu faça, porque você não fez quando era mais novo?” Ele é uma pessoa que eu vejo que tem vontade de voltar a estudar, tem uma filha de 15 anos, a filha dele está nessa escola que é o ITB, ela faz Análises Clínicas e ela fala que quer ser médica e ele dá total apoio para ela, mas eu penso que é porque eles não estudam.

P – Porque você acha que eles não estudam?

E – Pela correria da vida, que eles têm que arcar com as responsabilidades da casa, mas é tão fácil... Tem [ensino a distância] EAD, semipresencial, ou então tira um sábado, vem à faculdade no sábado, só que aí é difícil colocar isso na cabeça da pessoa.

P – Como você colocou isso na sua cabeça, que você tinha que estudar?

E – Eu sempre gostei de estudar, sempre fui muito participativa, tanto que eu estudei em escola estadual no ensino médio e fiz estágio nela. Esses dias fiquei super-horrorizada porque a escola que eu era do grêmio estudantil, meio ambiente, eu era da parte do meio ambiente, está acabada. A escola, os professores que me deram aula estão frustrados porque os alunos só querem saber de ficar fumando maconha, pichando as paredes, desvalorizando a propriedade da escola que são as mesas, cadeiras, e aí isso pra mim me fez ver que a administração da escola em si não está levando nada firme, tá sendo tudo de qualquer maneira.

Eu sempre gostei mesmo de estudar, sou participativa em escola e como eu sempre tive pra mim, na minha cabeça, que eu queria conhecer a minha mãe, eu nunca tive esta sorte de conhecer ela, eu tenho contato com toda a minha família de sangue, biológica, que é meu tio-avô, que me trouxe, e tenho contato com minha família de adoção, ou seja, eu falo que tenho quatro famílias, mas com minha mãe mesmo eu não tenho; por ela ter todo este histórico [de drogas] eles evitam, não deixam eu ter esse contato, porque ela é uma pessoa que do nada pode aparecer na minha casa e trazer problemas junto.

P – E seu pai biológico?

E – Não tenho nem nome do meu pai, não sei nem quem é. Meu tio conhece os meus irmãos que é filho dela. Eu falo que tem a família do meu esposo, minha família de adoção, minha mãe biológica e a família dos meus irmãos biológicos, então são quatro famílias, né?

Eu não falo assim para todo mundo, que eu sou adotada nem falo para ninguém... Da minha mãe biológica, eu falo agora que eu estou participando da entrevista, porque meus pais têm ciúmes também, então eu chamo ela de... a... a... a... Porque eu entendo o lado deles também, não é fácil pegar uma pessoa para criar e aí ela, do nada, fica transtornada e abandona eles e vai atrás de uma que não a valorizou, por mais que ela não queria, porque ela não tinha condição, então acho que é isso [risos].

P – Quais pontos positivos e negativos você vê no programa?

E – No ProUni, quando eu entrei na faculdade eu não concordava com as cotas para negros, por um pouco de ignorância da minha parte, porque eu pensava assim: “poxa, a pessoa é negra, ela vai entrar na faculdade porque ela tem cota, mas eles não vão avaliar o empenho dela e não é todos que vão entrar aqui e vão perseverar”. Era esse meu ponto de vista, como qualquer um, não só porque ela é negra ou só não, qualquer um ia ter este tipo de comportamento, mas eu achava que tinha que ter mérito para entrar, igual eu, se eu não entrei porque eu não passei, porque eu não atingi a pontuação, eu ia me conformar com aquilo, mas eu ia continuar o estudo... Por mais que fosse árduo para pagar, entendeu? E aí, eu acho que, quando você tem esse privilégio de ganhar, é como se você tivesse ganho na loteria, porque se você for parar para analisar, o valor que você ia gastar, não é pouco, é 50%. Ah, mas é só 50%? Mas o que dá para fazer com este 50%? São 400 reais por mês; se juntar no final do ano quanto que você tinha, dá para dar de entrada numa casa, para comprar... Vamos supor que fosse fazer um papel altruísta, você ia pegar este dinheiro e comprar roupas, alimentos para dar às pessoas, e quantas pessoas você ia suprir com este valor? Então é isso que eu acho, que esse é um ponto positivo.

Os pontos negativos são esses, de você não valorizar aquilo que muitos podiam estar no seu lugar. Eu fico horrorizada com pessoas que fazem o Fies, porque elas não têm uma noção de quanto elas vão pagar depois, falam: “ah, mas eu só vou pagar depois”. Mas você vai pagar depois, você já fez as contas de quanto você vai pagar depois?

Ganhar um salário, conhecer pessoas que ganham salários bons e não guardar o dinheiro da faculdade, que seja 70 reais, que tem que pagar por mês do Fies ou a cada três meses, não sei, só para dizer, eu gasto hoje e amanhã ou depois eu pago o Fies de qualquer jeito... E você pensa assim, nossa! Qual é o pensamento? Qual a administração desta pessoa? Leva tudo com tanta leveza assim, as coisas...

E o ProUni eu vejo como uma forma de, para muitos, é um mérito, e para outros é só uma bolsa. Bom, o Brasil tem mais é que favorecer mesmo o povo.

P – E o mérito você diz em que sentido?

E – Mérito de você ter corrido atrás, de você ter buscado, estudado, mostrado o seu potencial, de uma forma boa. Muitos falam que o Enem não serve para nada, mas

se não fosse por isso, muitos não estariam aqui dentro. Eu já ouvi tantas pessoas falando assim: “o Enem eu só vou fazer para testar os meus conhecimentos”. Nesse teste de conhecimento aumentou o conhecimento, porque ele conseguiu entrar na faculdade e hoje está com formação e está se dando bem na vida. O que mais eu ouvi na minha vida foi: “o Enem não serve para nada”.

P – Qual é a importância do ProUni na sua vida?

E – É um programa que, para mim, ele tem que permanecer, não só permanecer como ele tem que transpassar para os demais a importância do estudo. Acho que o estudo não deve ser uma coisa pausada, mas sim uma coisa que “aperta o *play*” sempre, para dar continuidade, porque é isso que vai te levar para frente. O ritmo pode ser lento porque a vida ela tem certas adversidades, tem hora que você tem que dar uma pausa. Por exemplo, se eu ficar grávida durante o curso, por mais que eu me precavi, mas vamos supor [pausa] vamos colocar a religião: Deus me honrou e me deu um filho no meio da minha graduação, eu ia dar uma pausa e ia dar continuidade, depois do susto eu ia ter essa força de vontade, eu falo com todas as letras, e iria continuar sim os estudos. Tem muitos que desistem muito fácil das coisas, é típico do ser humano, ele desiste fácil, muitas vezes porque vem fácil, eu que estou pagando, não desisto.

P – Quando você pensa na sua graduação, agora que você está terminando o curso, o que você pensa sobre tudo o que aconteceu nestes três anos com a bolsa do ProUni?

E – Se não fosse pela bolsa eu não conseguiria concluir, porque em janeiro eu fiquei desempregada, saí da empresa e peguei minha rescisão, um valor simbólico, digamos, mas claro que, como qualquer um que recebe uma rescisão, você vai querer quitar suas dívidas mais antigas para poder ficar tranquila. Mas eu perdi, tive um prejuízo porque a empresa demorou quatro meses para fazer minha homologação e aí foi assim, minhas dívidas foram acumuladas, não consegui entrar no seguro desemprego e isso me apavorou. Se eu estivesse pagando integral, meu esposo não ia conseguir me ajudar e não ia ser nada justo eu falar pra ele “você vai pagar porque eu tenho que continuar a minha faculdade”; mas como pagava só 350 reais na época, ele conseguiu pagar. Nossa, foi maravilhoso, porque imagina no último ano, você fica frustrada, você pensa: “não é culpa minha ter parado de

estudar”. Você começa a ficar revoltada com a empresa, por também saber que foi injustiça da empresa ter mandado você embora por você ter escolhido uma área que não é valorizada, entendeu?

Eu ressalto muito: a educação é importante, você tem que valorizar e eu quero lutar para isso, para valorizar, porque eu até brinco quando é muito menosprezada a área da Educação; quando você fala para alguém que estudou com você no ensino médio, você encontra uma pessoa antiga, você encontra e fala:

“Oi, tudo bem como você?” “E aí, está fazendo o que dá vida?” Eu falo: “estou estudando Pedagogia.” “Ah... Pedagogia...” Eu olho e respondo: “é, Pedagogia, e você está fazendo o quê?” “Estou fazendo Engenharia.” Aí eu falo: “nossa, que engraçado, você precisa de quem para você aprender as coisas? De um professor, não é?” Aí a pessoa fica sem graça... Eu fico indignada, falo como pode ser tão hipócrita, né? Saber que precisa de um professor e, quando você fala que está fazendo Pedagogia, acha que Pedagogia é lidar com criança??!!

P – Por que você escolheu a Pedagogia?

E – Eu sempre quis fazer Pedagogia, mas eu também tive muitas críticas na família por causa da Pedagogia. Minha mãe fala que ganha muito pouco, que Pedagogia é cuidar de criança. Minha mãe mesmo tinha muita crítica, então quando eu falava que ia ser professora ela falava que não, que queria que eu fosse médica, mas eu respondia: “mãe eu não consigo nem ver sangue na minha frente, como é que eu vou ser médica?”

É aquela ideologia antiga, né? Que o pai escolhia o que o filho queria ser, não dava essa liberdade de expressão nem de opção. Então eu sempre bati o pé que eu queria fazer Pedagogia.

P – O que você falaria sobre o ProUni para outra pessoa que quer fazer um curso superior, mas acha que não tem condições?

E – Nossa, eu falaria superbem. Já aconteceu de muitas pessoas terem bolsa porque eu incentivei. Algumas reclamaram que têm que pagar 60 reais para fazer o Enem, aí eu falava: “mas pensa que você está gastando 60 reais agora, você ia gastar 600 reais com a matrícula de uma faculdade, você vai ter um lucro”, ter um, como eu falo... Eu falo “você tem um lucro depois disso”. Né? Um lucro muito

grande, porque o valor que você iria pagar numa inscrição que seja... E outra: querendo ou não, se você faz o Enem é igual a concurso público. Concurso público, dizem que você vai pegando as manhas; não é que você vai pegando as manhas, você vai aprendendo conforme você vai fazendo, aí você acaba automaticamente decorando algumas questões e, quando você vai fazer novamente, você já sabe aquela resposta e elimina mais uma... É assim que é...

Eu estou terminando agora, já não preciso mais da bolsa, mas ainda faço o Enem às vezes. Eu fiz dois anos depois que eu comecei, uma para conseguir alcançar 100% da bolsa, só que não consegui; e outra, também para poder ter esta técnica, de saber como é que é, ver como eu estou, se eu estou precisando estudar mais... Não é porque a gente está estudando, que a gente está aprendendo tudo.

P – O que vocêalaria para quem criou o ProUni?

E – Eu daria os meus parabéns, eu daria os parabéns por pensar que pessoas do Norte, Nordeste, que são mais precárias de educação, tivesse a oportunidade, porque nós aqui estamos num estado bom. São Paulo é um estado rico, em educação ele é maravilhoso, ele é assim, a gente tem as reclamações, você olha no jornal, você fala “não tenho nem parâmetro para poder analisar o Sudeste com o Norte, com Nordeste”, porque lá, se aqui já está ruim, imagine lá. Tem uma menina na minha sala que estudou lá e hoje ela está de licença maternidade, mas ela contou que ia de barco para escola. Ela veio da Bahia, ia de barco, imagina a força de vontade, você tem que acordar cedo, tem que atravessar de barco um rio, ia ter dias que, por mais que seja um lugar muito, muito quente, às vezes muito seco, ia ter chuva e ia estudar do mesmo jeito, porque queria ter e queria ser alguma coisa na vida.

P – Ela também tem bolsa do ProUni?

E – Ela teve o privilégio de casar com um rapaz que trabalha aqui na universidade [risos] e aí ela ganha a bolsa por ser esposa de funcionário. Ele também tem um histórico muito bonito. Ele trabalha na universidade, trabalha como engenheiro e assim ele conseguiu a bolsa para ela. Mas mesmo assim, eu acredito que, se ela não tivesse essa bolsa, ia ter o ProUni.

P – Alguma coisa a mais que você quer falar sobre o ProUni?

E – Não. Eu acho que não... É assim: eu luto e quero encontrar pessoas que lutem junto à inclusão social. Na inclusão social eu acredito que entre também o ProUni, que isso é uma inclusão, as pessoas misturam inclusão social com deficiência. Não é isso, inclusão social é tão abrangente que, se você parar para estudar, você vai encontrar cada detalhe de suma importância em que o ProUni se encaixa.

Como eu disse, é ignorância minha achar que as cotas eram uma coisa desnecessária, hoje eu tenho uma visão totalmente diferente.

P – Como você deixou de pensar desta forma?

E – Eu tive uma visão diferenciada no semestre passado, com a professora de História da Educação, porque ela pediu opinião sobre o dia da consciência negra, aí eu coloquei minha opinião. Eu falei que eu não concordo, porque não é só eles que têm que ter um dia, todos temos que ter, ou seja, teria que ser então um feriado da diversidade cultural, que tanto índios, quanto japoneses, quanto espanhóis, quanto qualquer ser de outro lugar, tem essa simbologia aqui dentro, que simboliza a diversidade cultural.

Ela respeitou, ouviu minha opinião, muitas negras na sala viraram a cara para mim, porque elas acharam assim: “ela é branquela, quem é ela para pensar assim”; era meu ponto de vista e até virou um debate. Em outras palavras, as meninas falavam: “é porque você não precisou de bolsa, você não passou por preconceito, você tem o cabelo bom, você não precisa se preocupar com se arrumar esteticamente e tudo mais”, e a professora começou a dar aulas sobre escravidão. Eu tinha um conhecimento inválido sobre o Brasil. Ele não foi descoberto pelos portugueses. Só que ela conseguiu abrir a minha mente, mostrando o que os escravos passaram e que a escravidão ainda existe.

Se for parar para analisar, a escravidão acabou não faz nem cem anos, acabou no papel, e com o tempo eu fui vendo que era ignorância minha, porque eu não passei por aquilo, eu não me coloquei no lugar do outro. E aí, num dia, numa explicação que ela estava dando sobre a escravidão, mostrando umas fotos de um fotógrafo que hoje eu não lembro o nome, ele estava mostrando a realidade delas, com cesto na cabeça, com filho no braço, carregando um cesto, e aí eu levantei a minha mão e falei: “professora, não sei se a senhora se recorda que eu falei sobre a consciência negra, e hoje eu tenho um conceito diferente. Graças à sua explicação, que abriu a

minha mente, eu vejo que nós não enxergamos a dificuldade do próximo, se para nós está bem, então tá bom, nosso calo não está apertando, nosso sapato está cabendo no pé e muitos que não têm nem sapato, que o pé fica calejado porque pisa em pedras...” Eu entendi assim...

P – Você acha que o ProUni pensa na dificuldade do próximo?

E – Pensa e muito. Muitos falam que o Brasil é um país desinteressado na Educação, mas não é, senão não teria o ProUni. O ProUni, ele quer que o Brasil dê oportunidade para as pessoas que querem estudar, pessoas que não tinham condições de estudar, de continuar, de crescer profissionalmente. Até você ouve assim: “para você ser alguma coisa aqui, você tem que ter no mínimo, no mínimo, o ensino médio”, e tem que ter no mínimo mesmo. Não é porque você quer falar “eu sou, tenho essa profissão”... Tem muitos advogados que têm faculdade de Direito, mas não exercem, mas é que eu apoio e falo assim: “se você está fazendo faculdade de Direito e você não conseguiu exercer, vai para outra profissão”, e eu aconselho todo mundo a fazer aquilo que gosta porque, além de virar um *hobby*... Porque você imagina, já é cansativo trabalhar naquilo que gosta; você é um ser humano, desgasta o psicológico, o físico... Imagina você fazer uma coisa que você não gosta. Além de você mostrar o descontentamento para os outros, você vai ficar descontente, você vai ser uma pessoa infeliz, uma pessoa que vai carregar isso pro resto da vida. Posso falar: eu sou contábil, eu tenho técnico contábil, pensa no dinheiro, mas não pensa na sua felicidade, não aproveita a família, não aproveita os pequenos momentos, e aí acho que o ProUni ainda dá essa oportunidade, do aluno escolher o que ele quer.

Eu admiro quem consegue dar continuidade, fazer mestrado, doutorado, eu tenho muito anseio por isso, mas não sei o dia de amanhã. Hoje eu tenho o ProUni, mas amanhã eu não vou ter e aí eu também, se pudesse falar, eu queria falar que o ProUni tem que estender mais, para conseguir dar continuidade. Comecei a fazer uma formação, fui até o fim, como se fosse uma honra e, se você se formou naquilo, você consegue fazer uma pós, dar continuidade com o ProUni, então é isso, só isso [risos].

P – Obrigada por participar da entrevista e colaborar na pesquisa.

3) Andressa Santos

Idade: 27 anos

Estado civil: solteira

Residência: Vila Matilde, zona leste de São Paulo

Duração da entrevista: 18 m 33 s

Pesquisadora – Obrigada por aceitar participar da entrevista. Para iniciarmos, peço que conte um pouco da sua trajetória de vida, desde a época em que você nasceu, onde você morou e com quem, onde estudou, até chegar à faculdade.

Entrevistada – Eu sou filha de pais separados; minha mãe e meu pai só têm eu. Sou filha única deles dois, mas cada um deles se casou e tem mais quatro filhos, dois de cada lado, então eu tenho meus irmãos do lado aqui de São Paulo e meus irmãos de Santos, que são da parte do meu pai.

Eu sempre morei com a minha mãe, mas no final de semana, alguns feriados prolongados, nas férias de escola, meu pai sempre me buscava.

Minha mãe e minha avó moram comigo e mais os meus, agora meus três irmãos, porque a minha mãe casou novamente.

P – Os seus pais ou alguém da família tem curso universitário?

E – Nenhum, ninguém...

P – Nem seus irmãos?

E – Nem meus irmãos. Eu sou a mais velha, eu sou a primeira deles, sempre estudei em escola pública e os outros também estudam em escola pública. Desde a educação infantil até o ensino médio estudei em escola pública. No ensino superior, comecei fazendo logística em uma universidade na Vila Maria, mas não deu muito certo e aí escolhi Pedagogia. No início eu comecei a pagar curso e estava fazendo normalmente, até que chegou no terceiro semestre, que foi aumentando o valor da mensalidade e eu me inscrevi para a bolsa. Eu tinha feito a prova do ProUni, só que não saiu a bolsa para o começo do ano; mas no meio do ano, quando eu fui pagar a rematrícula, a menina falou que eu poderia me cadastrar e verificar, e aí foi quando eu alcancei o primeiro lugar para poder conseguir a bolsa.

Então ficou perfeito. A única coisa de ruim, na verdade, foi o prazo de entrega dos documentos: falaram até o prazo “x” e tipo tinha que ter certidão de nascimento da minha mãe, que foi difícil de achar, mas a gente conseguiu e até então foi uma bênção na minha vida. O ProUni caiu do céu.

Quanto ao meu trabalho, eu trabalho na área de recreação, sou assistente administrativa de uma empresa que é próximo da minha casa e lá eu ajudo eles no que for preciso: faço eventos, se precisar ir vou às festas, eventos eu vou também, eu trabalho próximo da minha casa, mas a faculdade é um pouco mais longe, moro na Zona Leste...

P – Que bairro?

E – Vila Matilde, eu sou da Vila Matilde e aí eu venho para cá, para a faculdade na Barra Funda, então meu trajeto mais ou menos é só esse. Da Vila Matilde até aqui, Barra Funda, e volto.

Em relação aos meus irmãos, todos eles ainda estudam na escola pública também. Eu sou católica, tive fé e a bolsa caiu do céu [risos], porque foi num momento bem apertado para mim... Em relação ao meu tempo de estudo e lazer... O que eu faço mais é no final de semana, quando dá tempo para poder fazer alguma coisa de lazer: um cineminha, que eu gosto, com o namorado e a princípio é só.

P – Como você soube do ProUni?

E – Eu soube do ProUni na escola. No ensino médio eles falavam que a gente poderia fazer a prova do Enem para conseguir bolsa em qualquer faculdade que a gente quisesse entrar. Só que naquela época eu acho que eu fiz e meu nome saiu na lista de chamada, só que eu não tinha o [Cadastro de Pessoa Física] CPF e eu não consegui nem entrar para saber minha nota, não consegui saber nada; depois de uns três, quatro anos foi que eu decidi fazer de novo o Enem. Eu fiz normal a prova e saiu o resultado depois de um ano, quase, que eu tinha passado, e a minha bolsa saiu só no meio do próximo ano.

P – Você comentou com alguém ou em sala de aula que você tem bolsa do ProUni?

E – Com a minha família, todos sabem, e na sala de aula com os meus amigos, a maioria eu acho que nem sabia que eu era do ProUni.

P – Depois que você contou, sentiu alguma diferença, algum preconceito por você ser bolsista?

E – Não, só as minhas amigas achavam legal, falavam você é “maior” inteligente, ainda bem que você conseguiu passar. Mas acho que não é uma questão de inteligência, qualquer uma que tentar consegue também.

P – Quais foram as maiores dificuldades que você enfrentou durante a graduação?

E – Nossa, para mim, eu acho que foi mais o acesso. Eu não sou de uma família que tem dinheiro, então para a gente é meio... Sei lá.

P – Como assim?

E – É mais difícil, até fico emocionada [lágrimas nos olhos] de falar porque os meus pais também, nenhum deles é formado. Eu, para mim, tive que me esforçar muito. Na minha casa tinha dia que era eu estudando e meus irmãos pulando atrás, tipo eu dando berros para eles pararem para eu conseguir ficar em paz, então a minha maior dificuldade foi manter a disciplina para conseguir estudar e tirar as notas que eu tenho hoje, que, nisso, Graças a Deus, eu sempre tive notas muito boas.

P – E agora, terminando o curso, qual é a sua expectativa em relação a ser uma pessoa com curso universitário, como você vê o seu futuro?

E – Eu comecei o curso, na verdade, para eu ganhar melhor no trabalho onde eu estou. Porque inicialmente eu não queria sair de lá, eu adoro o que eu faço, é muito legal trabalhar onde eu estou e eu estou “felizona”, tipo, eu trabalho do lado de casa, vou andando, não pego condução, então eu sempre adorei o que eu faço. Então a minha ideia era me preparar mais para ajudar eles onde eu estou, mas claro que se um dia eu tiver oportunidade de prestar um concurso, dar aula... [pausa] Eu adoro criança, eu acho que eles são o futuro do nosso país e é por isso que eu faço esse curso.

P – Então, se você passar em um concurso público trocará de emprego?

E – [risos] Ah... Aí sim, mesmo gostando do meu trabalho, eu saio.

P – Como seus pais lhe veem hoje, terminando o curso universitário?

E – Nossa, eles falam muito... Falam bastante, falam que têm muito orgulho de mim, que eu sou muito esforçada, que querendo ou não eles não tiveram esse incentivo.

Nossa!! A minha mãe, então, dá força para caramba, me pergunta se tem como ajudar de alguma coisa... Mas é tranquilo, esse último semestre eu acho que está mais tranquilo, porque nos outros a gente tinha uma pressão maior.

P – Tranquilo em que sentido?

E – Nossa... Eu estou me sentindo tipo no final da etapa, então estou bem mais “relax”; enquanto as meninas da sala estão se descabelando, eu estou tranquila. Eu falei: “gente, o resto já passou”. Sei lá, eu acho que a única preocupação nossa agora é o [trabalho de conclusão de curso] TCC, porque de resto eu acho que estou tranquila.

P – Como é que você se vê agora, praticamente formada?

E – Eu não vejo muita diferença.

P – Não vê diferença antes de você ser universitária e agora?

E – Sim, vejo! Mudou o meu temperamento. Eu era muito nervosa, eu sempre fui muito explosiva e agora, com esse curso, consegui me controlar mais, consigo ser mais, como eu posso dizer, eu consigo ter mais calma, pensar um pouco mais com a cabeça, porque antes eu sempre fui muito explosiva. Se a pessoa brigasse comigo, a gente se matava e eu nunca, tipo, deixava a chance da pessoa tentar se explicar, ou era do meu jeito ou era de jeito nenhum.

P – Qual a ligação você faz entre o curso universitário e você se tornar menos explosiva?

E – Total, porque, querendo ou não, a gente tem que viver com pessoas, e às vezes, vamos supor [pausa] Na minha casa, qualquer coisinha eu gritava, era um estresse muito louco e hoje eu percebo que estou “zen”, eu estou tão calma, muito tranquila, isso me ajudou muito e foi essa faculdade. Eu acho que me alertou contra isso, porque quando eu trabalhava numa fábrica de *jeans* antigamente, no Brás, nossa, eu acho que aí foi quando eu decidi mudar de rumo mesmo, falei: “não, tenho que escolher uma outra coisa”, porque, cara, trabalhar com logística não dá. Eu era muito estressada [pausa].

P – Você acha que o curso universitário mudou a sua relação com as pessoas, com a sociedade?

E – No meu trabalho eu acho que foi onde mais mudei, porque eles percebem que a gente tenta se esforçar, que a gente está fazendo o possível para se manter antenado, no trabalho eu acho que senti mais assim... Agora, em casa, eu acho que continuo a mesma coisa, a mesma pessoa e eles não falam muito disso, dessa qualificação, até porque eles fizeram até o ensino médio, então eles não pensam que tem uma pós, um mestrado, eles acham que parei por aqui.

P – O que você pretende fazer depois que terminar a graduação?

E – Nossa, sinceramente, eu acho que eu quero uma paz, durante um ano mais ou menos eu quero ficar descansada e no próximo ano eu posso pensar numa pós. Eu gosto da Neurociência, gosto do lúdico, a parte do brincar, aprender brincando eu acho muito bacana, que é o que a gente faz no meu trabalho, e acredito que seria minhas duas opções para a pós.

P – Em relação ao ProUni, o que você apontaria como pontos positivos e negativos do programa?

E – O ponto negativo para mim é a questão da inscrição, que eles pedem uma sequência de documentos muito grande e às vezes é até um pouco difícil para a gente, porque, vamos supor, se eles pedem o [registro geral] RG da minha mãe, o RG dela está atual e está tudo certinho, então não tem por que, eu acredito, pedir a certidão de nascimento dela, eu acho que é coisa meio, um pouco, sei lá, forçado. Entendo que deve ser para evitar fraudes, mas com essas exigências e o prazo curto que eles dão para entregar tudo, fica bem corrido.

Um ponto positivo, eu acho, nossa, pra mim a bolsa caiu do céu, de verdade. Estava numa época que eu já não conseguiria mais pagar, a faculdade estava indo para uns 600 reais por mês e, nossa, eu pensei: “a partir do semestre que vem eu vou ter que trancar a faculdade, porque para mim não vai dar mais”. E aí foi quando surgiu a oportunidade e eu consegui a bolsa, então pra mim caiu do céu. É incrível, não posso nem reclamar, eu não tenho nenhuma, nenhuma crítica em relação a esse ponto do ProUni.

P – Como é que você vê o ProUni? Para a sua vida, qual é a importância dele?

E – Ah... Total e eu acredito que falta um pouco mais de informação, porque tem gente que não sabe que ele existe, que tem a possibilidade de entrar nesse sistema

de programa. Eu acredito que, se as pessoas soubessem mais, se tivessem mais informações em relação a isto, muitas, muitas outras pessoas também teriam esta oportunidade.

P – Então, o que vocêalaria para estas pessoas que nem sabem que existe um programa de inclusão, mas querem fazer uma faculdade e não têm grana?

E – Eu nãoalaria para essas pessoas que não sabem; eualaria para quem sabe espalhar esta notícia, porque muitas vezes a gente mesmo, nós temos os nossos direitos e a gente não sabe deles. Então, se a gente tem essa oportunidade, o ideal era que todas as crianças soubessem desde o início da escola, desde o ensino médio, desde o 1º ano, para poder escolher o que eles querem fazer... Eu acho que a ideia seria essa.

P – Pensando um pouco na sua história de vida, o que mais lhe marcou de positivo e negativo durante a vida?

E – Durante a vida [pausa], de positivo, eu acho que é a batalha com a minha mãe. Porque somos só nos duas em casa para sustentar a casa. Eu acho que isso é bem positivo para a gente, porque uma ajuda a outra em tudo e não tem tempo ruim para nada. O ponto negativo é a questão financeira, porque, nossa, a gente trabalha, trabalha, trabalha, sempre faz “bico” aqui, faz “bico” ali e nem sempre a gente consegue cobrir o orçamento. Esse é o ponto mais negativo da minha vida. Quase nunca eu consigo dizer: “hoje a gente vai sair, vai gastar horrores”, vamos supor... Num parque. Não dá, é uma vez num mês, uma vez a cada seis meses e olhe lá se eu conseguir fazer isso.

P – Você atribui essa dificuldade financeira a quê?

E – Nossa, eu já trabalhei em eventos e uma vez a pessoa gastou tipo 300 reais em vinho, eu falei: “nossa, o mundo é muito diferente, né?” Para quem, no caso, tem dinheiro e para quem não tem, porque no meu caso, 300 reais é uma compra para minha casa, é alguma coisa que seria muito útil; agora, uma pessoa gastar com uma única coisa, sei lá, acho meio fútil, mas se eu tivesse o dinheiro também... [pausa] Eu acho que nem se eu tivesse eu pagaria 300 reais em uma garrafa de champanhe, não sei [risos].

P – Então, por que você acha que tem pessoas que tem tanto e outras não?

E – Acredito que essas pessoas também trabalham bastante, devem ter estudado muito também para isso, mas eu acredito também naquelas que já fizeram alguma coisa errada na vida para poder estar onde está.

P – Você já fez alguma coisa errada na vida para estar onde está?

E – Eu nunca!! [risos]. Acho que por isso eu não fui a lugar nenhum, continuo aqui [risos].

P – Qual mensagem você deixaria sobre o ProUni?

E – Sobre o ProUni... Para mim, o ProUni representou uma luz no fim do túnel, porque, quando eu achei que eu não tinha mais esperança, que eu não ia mais conseguir fazer a faculdade, que eu não ia mais ter opção porque não ia ter outra possibilidade para mim, apareceu o ProUni, então, nossa, levantei a mão para o céu e falei: “olha, não reclamo nunca mais de nada, porque tudo o que eu quero, tudo o que eu venho tentando conquistar, Deus vem me dando aos pouquinhos”.

P – Você falou que começou o curso com bolsa parcial e depois chegou a receber bolsa integral?

E – Eu comecei pagando... Eu comecei em [educação a distância] EAD, pagando total, só que na minha casa era impossível eu conseguir estudar, tanto que, nossa, no primeiro e segundo semestres, que eu fiz em EAD, eu só tirei nota ruim, eu não conseguia o tempo hábil para fazer as aulas, e fora que o movimento na minha casa era grande. Então era eu tentando estudar e um falando, o outro assistindo televisão... Nossa, era muito difícil. Então foi quando eu falei “não, para mim não vai ter jeito, vai ter que ser presencial”. O presencial já é mais caro que a EAD, então vamos lá, presencial, vamos pagar mais caro, mas eu vou aprender melhor, tanto que as minhas notas alavancaram, não tenho nem dúvida, nem sombra de dúvidas que foi a melhor coisa que eu fiz.

P – Nessa fase que você veio para o presencial você pediu a bolsa?

E – Não, eu só tinha feito a prova e me inscrevi pelo *site* do ProUni mesmo.

P – A prova do Enem?

E – Sim, a prova do Enem. Fiz a prova do Enem e estava aguardando me chamarem, esperando algum retorno. Eu fiz as três opções, três ou duas opções de universidades que eu queria e na verdade saiu, não... Na verdade, em janeiro eu

entrei no *site* do ProUni e eu não entrei por um lugar. Duas pessoas estavam na minha frente, a nota delas estava maior que a minha, a pessoa entrou e eu fiquei para trás, então eu fiquei em terceiro lugar em janeiro e duas pessoas acabaram passando. Então acabei não conseguindo a bolsa, só que eu não sabia que no meio do semestre eles chamariam de novo, e foi aí que a menina me informou: “olha, você se inscreveu para a bolsa do ProUni e seu nome está em primeiro lugar”.

P – Qual menina?

E – A daqui, da faculdade mesmo. Quando eu vim fazer a minha matrícula, ela disse: “olha, entra no *site*, olha direitinho para ver se é você mesmo e volta aqui com seus documentos até o dia ‘x’”. Era na mesma semana, segunda até sexta-feira, tinha que trazer tudo. “Puxa vida... E agora, como é que eu vou fazer?” Trouxe os documentos na quarta-feira, mas faltou um documento. Tive que voltar na quinta, acho que faltou a certidão de nascimento da minha mãe, aí voltei na sexta e graças a Deus deu certo.

P – Você quer registrar mais alguma coisa que acha importante sobre a sua história de vida, sobre o teu percurso na faculdade, sobre o programa?

E – Não, eu acho que seria uma mensagem mais de incentivo para todo mundo, que tudo que a gente sonha a gente não deve desistir, porque, querendo ou não, se a gente correr atrás a gente vai conseguir e é isso que eu penso que foi o que aconteceu comigo: eu não desisti e graças a Deus foi vindo uma coisa boa em cima da outra e deu tudo certo.

P – Você acha que conseguiria isso sozinha?

E – Não. É por isso que, às vezes, a gente fala que o ProUni tem que ser mais divulgado para as outras pessoas, porque às vezes a pessoa nem sabe, paga a faculdade sem nem saber que teria essa oportunidade.

P – Você acha importante ter essas políticas públicas?

E – Acho muito importante! [pausa]

P – Mais alguma coisa?

E – Não...

P – Obrigada pela sua participação.

E – Eu que agradeço.

4) Paula

Idade: 25 anos

Estado civil: casada

Residência: Bairro Aliança, Ribeirão Pires

Duração da entrevista: 44 m 53 s

Pesquisadora – Em primeiro lugar, Paula, agradeço por você me ajudar na pesquisa. Para falarmos do ProUni, peço que conte sua história de vida, desde quando nasceu até os dias de hoje.

Entrevistada – Bom, eu moro em Ribeirão Pires, sempre morei lá, nasci lá, fui criada numa família um tanto tradicional de formação, criada com meus pais e uma irmã mais nova. Minha mãe é da área de Educação desde que eu me conheço por gente. Eu tenho 25 anos e minha mãe, acho, tem 22 de carreira na Educação.

P – Ela leciona?

E – Ela é professora de educação infantil. Quando ela entrou na prefeitura, ainda era chamada de pajem. Foi todo um processo de transformação do cargo, mas a princípio, ela sempre trabalhou com educação infantil, nunca foi para o fundamental.

Antes não existia, não tinha uma formação necessária para isso, depois teve concurso. Ela trabalha na prefeitura. Trabalhou para a prefeitura de Ribeirão Pires. Na verdade, acho que minha família quase toda trabalha para a prefeitura. Meu pai sempre foi autônomo e, num momento da minha infância, acho que por volta dos 7 anos, assim que minha irmã nasceu, meu pai se envolveu com alcoolismo e aí houve o divórcio dos meus pais, mas a família continuou estruturada, sempre se relacionando com os dois durante toda a minha infância, com a família, tios e avós sempre por perto.

P – Seu pai trabalha em quê?

E – Ele é motorista...

P – Qual é a escolaridade do seu pai e sua mãe?

E – Meu pai e minha mãe [pausa], é bem diferente. Minha mãe terminou o ensino médio depois que eu nasci, porque quando eu nasci ela tinha 16 anos e o meu pai, ele parou no ensino fundamental.

Eu não vou lembrar em que época, mas ele retomou os estudos, concluiu o ensino fundamental através do supletivo a distância, que na época fazia por correspondência, alguma coisa assim, e aí ele chegou a entrar no supletivo para o ensino médio que é o presencial, tradicional mesmo, mas ele nunca chegou a concluir, porque ele já estava envolvido com alcoolismo. Quando ele ficou sem emprego, então teve que procurar o estudo, mas ele não chegou a concluir, meu pai tem só o ensino fundamental.

P – Você falou que sua mãe trabalha na área da Educação, mas ela não é professora?

E – Agora sim é considerado cargo de professor na educação infantil, antes era pajem.

P – Ela fez algum curso universitário?

E – Sim... Acho que faz uns dez anos que minha mãe fez o curso universitário. Ela fez o magistério, concluiu o ensino médio com magistério e depois fez Pedagogia, que a lei obrigou. Foi logo que mudou a legislação, a prefeitura financiou o curso, então foi um curso modular, na verdade, porque ela fez pela [Pontifícia Universidade Católica] PUC, mas era a distância.

Depois disso ela fez a pós-graduação também, agora não me lembro em qual universidade que ela fez, mas foi voltada à educação infantil, ensino lúdico, e aí foi onde eu comecei a acompanhar um pouco mais, a tentar entender um pouco a área, porque, como ela fazia *online*, às vezes eu acompanhava as aulas *online*, assistia com ela, começou a me despertar um pouco de interesse pelo segmento, mas até então eu não gostava, porque na minha infância foi um pouco traumático ter a minha mãe professora. Nos finais de semana, que eu podia ficar com ela, tinha atividade para elaborar, tinha uma série de coisas, então eu falava que eu nunca seria professora para trabalhar o final de semana. E depois, já na vida adulta, eu comecei a observar os passos dela e comecei a me interessar um pouco mais, mas ainda demorou para me engajar na faculdade.

Eu comecei a trabalhar com 18 anos e fiz um técnico em química, primeiramente, pela [escola técnica estadual] Etec, mas eu nunca consegui entrar na área. Eu sempre fui muito curiosa, então tudo me interessa um pouco: gosto de fotografia,

gosto de uma série de coisas e isso foi um pouco complicado para eu decidir uma carreira, mas depois do técnico em Química – que não me engajei no segmento – eu comecei a trabalhar. Trabalhei em *call center* por seis anos e iniciei como atendente, cresci na empresa, fiz vários cursos de gestão, que me abriu um pouco os olhos também. Conforme eu fui me aperfeiçoando na empresa, me despertou o interesse pela faculdade, então comecei a pensar que carreira seguir [pausa].

Eu sou meio preguiçosa para estudar, então eu nunca tive muita vontade ou aquele sonho de falar que queria me formar na faculdade, eu não tive muito isso, foi mais pela necessidade de crescer, de desenvolvimento mesmo que vi que a opção era entrar na universidade. Então eu fiz o Enem no ano de 2013, mas eu não tinha ainda uma perspectiva de que eu iniciaria a faculdade tão rápido.

P – Você já sabia da importância do Enem?

E – Sim, sabia, até porque na época eu ainda não tinha mudado de cargo na empresa, o meu salário era bem baixo e não tinha muita oportunidade para custear uma faculdade; eu precisava do Enem para concorrer a uma bolsa, para garantir os estudos, porque a gente sabe que o estudo não é só a mensalidade, interfere em uma série de outros fatores.

No primeiro Enem que eu prestei, me saí muito bem, acho que até eu me surpreendi com o resultado, e consegui a bolsa do ProUni. Foi onde eu conheci o programa, porque eu sempre ouvi falar, mas nunca fui a fundo para saber como funcionava: o que era, o que oferecia? Quem tinha oportunidade? Eu achava que o ProUni você só utilizava quando ia prestar para faculdades federais.

Acho que a mídia divulga pouco, muito mal explicado, eu vejo, por exemplo, a minha irmã, que saiu do ensino médio agora e ela nunca tinha ouvido falar na escola. Falta ressaltar a importância desses programas para que os alunos busquem mais, que vejam que todo mundo tem oportunidade. Eu sempre fui muito esforçada, sempre me dediquei bem, até posso dizer que me destaquei um pouco, mas não chego a ser a “*master*”, a melhor aluna, aqueles alunos que passam o dia inteiro estudando. Não, não é o meu perfil [risos], mas eu consegui enxergar que o programa é aberto para todas as pessoas.

P – Como você ficou sabendo que existia o ProUni?

E – Eu tenho que dizer que foi mais pela mídia, porque até na minha época de escola, quando eu fiz o Enem no ensino médio mesmo, era pouco divulgado. Tanto que, quando eu fiz o Enem no ensino médio, eu achava que eu só ia terminar, concluir o ensino médio se eu fizesse a prova do Enem, se eu não fizesse a prova do Enem não ia, eu ia ter que estudar tudo de novo. Os professores não falavam a respeito, só falavam que a gente tinha que fazer o Enem e a gente fazia simulados, tinha as questões para estudar, mas falar “você precisa fazer o Enem para entrar numa faculdade”, isso não tinha.

Bom... Eu não tinha o sonho de entrar na faculdade, então para mim era banal fazer ou não fazer o Enem, só fiz porque eu precisava concluir o ensino médio.

Eu acho que falta um pouco dessa abertura, olhar como que funciona, o que você precisa alcançar, quais os objetivos e principalmente o conceito; agora um pouco mais voltado para o Enem, o conceito da prova, o que ela oferece, porque, se for parar para pensar, não é uma prova para o ensino público, ainda mais agora. Na minha época até que não, a prova era um pouco mais tranquila; agora – eu peguei as provas dos últimos anos, que sempre pego para dar uma olhada – vejo que ela não é uma prova para pessoas que se formaram na escola pública, ela é muito mais abrangente, as questões são muito mais profundas.

P – Você sempre estudou em escola pública?

E – Sempre estudei em escola pública, mas quando eu fiz o Enem foi cinco anos depois que eu terminei, que eu concluí o ensino médio, não foi de imediato.

Quando passei foi meu segundo Enem, na verdade. Eu estava com objetivo, eu precisava entrar, ingressar na faculdade e eu me dediquei, mas particularmente, não foi por apoio da escola, foi por interesse próprio que estudei. Ainda achei que não estudei tanto, que eu poderia ter estudado mais, porque com a minha pontuação eu consegui só a bolsa de 50%.

P – Como você está fazendo com os outros 50%?

E – Eu pago.

P – Você utiliza o Fies?

E – Não, eu pago, mas foi fundamental eu ter conseguido essa bolsa, porque, como eu disse, não tinha essa perspectiva de fazer faculdade, de falar “eu preciso, eu tenho o sonho de fazer faculdade”. Foi mais por um engajamento profissional, e quando eu fiz o Enem em 2013 não imaginava que já em 2014 conseguiria ingressar na faculdade, até por questão salarial, primeiramente porque meu marido, na época eu já estava casada há um ano e a gente já pagava a faculdade dele, que já era bem caro. E quando eu consegui a bolsa foi o gatilho, porque aí eu pensei: “agora eu não vou perder a oportunidade, vou estudar mesmo”, então foi o empurrão que faltava para ingressar.

Para mim, ter conseguido a bolsa do ProUni foi fundamental. Se eu não tivesse conseguido a bolsa, talvez eu não tivesse começado a faculdade até agora, porque para custear mesmo eu não teria possibilidade.

Agora, o outro 50% fica bem mais razoável. Hoje, por exemplo, que eu estou no 6º semestre, eu vou olhar o boleto das minhas colegas e o meu, eu dou graças a Deus que eu consegui a bolsa, porque, se eu tivesse que pagar a mensalidade agora, eu não teria como [pausa].

P – Você trabalha em quê?

E – Agora eu trabalho na educação infantil, mas até o início do ano, em março me desliguei da empresa que eu trabalhava como supervisora de *call center* e consegui um estágio num colégio particular, comecei agora e tenho o contrato do meu estágio até o fim do ano.

P – Você trabalha meio período ou período integral?

E – Meio período, seis horas.

P – Como você administra a sua vida pessoal, lazer, família, estudos, com o trabalho e a distância da sua casa?

E – Nossa, a distância foi bem difícil, bem complicado, porque eu sempre trabalhei para esse lado, trabalhava aqui do lado da universidade, praticamente foi um dos fatores que me incentivou a buscar mais a bolsa aqui na faculdade, porque era próximo do trabalho, então não teria um trajeto a mais do que meu trajeto de casa.

Agora ficou muito mais fácil a minha vida, já passei por tanta coisa nesses dois primeiros anos da faculdade [pausa]. Teve uma época que eu saía daqui, da faculdade, 10 e meia da noite, eu chego em casa por volta de meia-noite, meia-noite e meia e eu tinha que levantar 3 e meia da manhã para ir trabalhar.

Eu fiquei acho que dois meses assim, foi por volta do 3^a semestre, nossa, foi péssimo conciliar tudo [pausa]. Em compensação, eu chegava aqui 5 horas. Chegava muito antes da aula e ficava muito acabada para assistir aula, mas fui levando e agora que eu estou no estágio, eu trabalho seis horas e estou no céu, porque eu consigo ter as minhas sete, oito horas de sono, acordo, faço alguma coisinha em casa e vou sentar no computador para estudar. Os meus trabalhos estão melhores, o meu desempenho está bem melhor, estou conseguindo me dedicar mais aos trabalhos e o final de semana não fica tão comprometido quanto era antes.

Quando eu trabalhava no período integral, vinha direto para a faculdade, eu só tinha o final de semana para fazer tudo. Teve uma época também que eu chegava mais cedo aqui, eu ia direto para o laboratório de informática e era onde eu fazia as atividades das aulas a distância, adiantava pesquisas para poder estudar. Agora, trabalhando seis horas, fico bem mais tranquila e dá para conciliar com lazer também.

P – Seu trabalho é perto da faculdade ou perto de casa?

E – É mais perto da faculdade; perto de casa é meio difícil, porque eu moro muito longe. Eu trabalho agora na Aclimação, ali perto do Parque da Aclimação, então é rapidinho para vir para cá e também o trajeto ficou mais curto de casa para o trabalho, só ficou longe mesmo da faculdade para casa, que continua sendo o mesmo trajeto.

P – Você falou que durante o curso enfrentou muitas dificuldades. Quais foram as dificuldades?

E – Eu acho que as maiores, o que complicou muito, foi o meu cansaço para estudar, porque eu trabalhava uma carga horária de quase dez horas no meu trabalho anterior. Era para trabalhar de segunda a sábado, mas eu fazia as horas durante a semana para não trabalhar aos sábados – no *call center* tem essa

negociação –, mas minha carga horária ficava mais pesada na semana e eu vinha direto para a faculdade, então eu chegava aqui muito cansada. Eu sempre entrei cedo no trabalho, entrava 7 horas da manhã, eu tinha que acordar às 5, às vezes às 4 e meia, para chegar às 7 no trabalho e depois ir dormir só meia-noite e meia. Então acho que o que mais me pesou mesmo durante todo este trajeto foi o cansaço.

Teve um outro fator também que acho que foi um período complicado: logo que eu comecei a faculdade, em 2014, meu marido estava desempregado, mas ele ainda estava recebendo seguro desemprego, então a gente conseguiu levar o primeiro semestre. No segundo semestre ele não tinha arrumado trabalho ainda, foi outro desgaste, mas as coisas sempre aconteceram muito simultaneamente: ao mesmo tempo que ele ficou desempregado eu fui promovida no trabalho, então minha renda supriu a renda que ele tinha, mas não supria todos os gastos da casa, porque eu moro de aluguel, então eu pagava as duas faculdades e o aluguel e mais as despesas comum de um casal.

Teve horas que eu queria desistir, porque eu não conseguia, então eu falo que o ProUni me salvou muito, foi a única coisa que me fez não desistir nesse período que a gente estava muito apertado, com dívidas. Eu falava: “se eu desistir agora que eu tenho a bolsa, quando eu não tiver a bolsa, como que eu vou fazer? Vai ser pior, então é melhor eu concluir”. Então foi onde, em determinado momento, a gente optou por trancar a faculdade dele, que não era bolsa, para poder retomar depois. Enfim meu marido começou a trabalhar, mas ele ficou dois anos desempregado, praticamente os dois anos da minha formação ele passou desempregado, ele começou a trabalhar no final do semestre passado que foi onde “deu um gás”, um respiro para a gente continuar e isso implicou diretamente nos meus estudos. Juntou a pressão do trabalho, a pressão das despesas de casa, mais o ser dona de casa [risos], são multitarefas para conciliar. Então foi bem complicado, mas eu consigo observar que, durante este percurso na faculdade, meu boletim evoluiu muito, muito, muito, então eu acho que a faculdade, ela desperta na gente [pausa], não sei a palavra [pausa], um sentimento de desafio, de “quanto mais eu testo os meus limites, mais eu vou conseguir avançar”, então eu chegava aqui chorando e falando: “ai, meu Deus, eu não vou aguentar... Não, eu vou aguentar! Eu já passei por isso,

por aquilo, então eu vou aguentar, eu vou fazer”, e o meu grupo me ajudou muito também. Acho que isso é muito importante, os vínculos que a gente estabelece com o grupo, com os professores, eu sempre tive ótimos professores, sempre me ajudaram bastante, eu acho que isso conta para a gente conseguir superar as dificuldades.

Aqui na universidade eu tive o prazer de conhecer pessoas que acreditam no nosso potencial, porque a gente tem professores que dão aulas nas faculdades federais e que conciliam com as aulas daqui. Eu ouvi de um professor: “se um dia você cursar História” – que eu falei que eu gostava – “você conseguirá entrar fácil numa PUC, numa USP com um pé nas costas”. Isso me deu “gás”, foi no segundo semestre, eu falei: “nossa, será que eu sou tudo isso mesmo?” Isso é tão bom, quando você vê que tem pessoas que acreditam no seu potencial, no que você está fazendo, e isso incentiva a ser cada vez melhor.

P – Por que você acha que não teria condições de estudar numa USP, numa PUC?

E – Não é que eu não teria condições... [pausa] Na verdade, eu nunca parei para pensar nisso, quando o professor falou eu fiquei pensando: “será que ele está falando sério mesmo?” Eu cheguei em casa e falei para o meu marido, fiquei com o ego sobressaltado, mas na verdade não cogitei essa possibilidade. Agora que estou concluindo o curso, penso em uma segunda graduação; aí, sim, é o momento que eu quero me empenhar mais, porque eu já sei até onde eu consigo chegar, se eu já passei por tudo isso, eu sei onde posso ir. Acho que a faculdade dá muito esse olhar, principalmente a faculdade privada que, no geral, recebe alunos de escola pública. Você vê o quanto a escola pública é defasada: tem pessoas que chegam aqui, não sabem falar, não sabem escrever, escrevem da maneira que falam.

A gente vai incentivando os colegas, um vai ajudando o outro, vai trabalhando isso, mas é difícil a gente acreditar no nosso próprio potencial e agora, chegando no fim da faculdade, eu vejo que, se eu quiser, eu vou conseguir, porque eu já consegui, aprendi muito e tenho muito mais a aprender, depende mais de mim do que das pessoas que me cercam. Mas eu nunca parei para pensar exatamente se eu quero entrar numa faculdade pública, nunca...

P – Você pensa em fazer a segunda graduação?

E – Sim, eu ainda estou muito na dúvida do que, porque eu sempre soube que gostava muito de Psicologia, quando eu entrei na faculdade essa foi uma das primeiras disciplinas que mais gostei, nossa! Aí os olhos brilharam mesmo! Eu falo que é isso que eu quero, dá aquela sede, mas agora que eu aprendi muitas outras coisas me deu sede também por História, me apaixonei por História, então eu quero cursar, mas as duas [risos] eu acho que não. Então ainda vou decidir, mas acho que isso mais lá na frente, posso colocar em um longo prazo, daqui uns dez, 15 anos. Inicialmente, eu quero sair da faculdade e fazer uma pós para me especializar mais e mais à frente, quando tiver oportunidade da segunda graduação, aí sim vou tomar essa decisão: História ou Psicologia.

P – Paula, você falou das dificuldades na vida pessoal e na sala de aula. Você enfrentou alguma dificuldade?

E – Várias... Sempre tem muitas dificuldades, mas acho que desenvolver o pensamento crítico foi a maior. Quando eu entrei na faculdade, percebi o quanto a minha cabeça era fechada para algumas verdades e o quanto a gente não pensa a respeito de algumas coisas. Nossa... Nem sei elencar o que, mas a disciplina de Filosofia, por exemplo, que eu odiava na escola e aqui na faculdade você fala: “meu Deus, como eu passei tanto tempo sem pensar nisso?” Eu saía espantada e falava: “nossa, estou ficando muito inteligente” [risos].

Conseguia refletir sobre essas coisas e principalmente eu conseguia perceber que, quando você entra em um curso e começa a ter esse pensamento crítico, é muito difícil, é muito difícil você sair da caixinha e pensar fora. Na realidade, todos os professores são muito bons, mas são poucos que te proporcionam isso, de você pensar fora. Não é uma questão de arme e efetue, uma questão fechada, é uma questão de você parar para pensar, não é copie e cola, é você refletir sobre o que você está fazendo, então eu acho que esse processo na faculdade, desde o início da graduação, foi muito difícil de ser construído. Hoje eu consigo ver a minha evolução, posso dizer que eu não estou 100%, mas evolui muito do que era a minha cabeça na época que eu entrei aqui, tanto para as questões de disciplina – porque tem coisas que a gente se afeiçoa mais, se interessa mais –, tanto quanto um pensamento crítico social mesmo, principalmente na nossa área da Educação, você começa a enxergar com outros olhos, né?

A formação é a primeira referência que a gente tem e eu fico até triste de pensar que eu só consegui entrar para trabalhar na Educação agora, porque quando eu entrei na escola, e você começa a ver o dia a dia, o cotidiano, a rotina, você vê o quanto a educação é difícil de ser transformada, é passinho de formiga. Mas se você não pensar a respeito dela você começa a robotizar, a fazer as mesmas ações sempre.

Hoje eu conversei com a minha coordenadora, que teve uma situação que eu fiquei um pouco nervosa com a escola e isso acabou refletindo na criança. Eu falei: “olha, eu não quero, eu não vou trabalhar assim, eu acredito que a gente está aqui dentro do colégio para transformar, é um indivíduo que eu estou transformando todos os dias e qualquer pequena ação minha vai marcar a personalidade, a ação dele, então eu não quero passar por essa situação e comprometer o desenvolvimento da criança, porque eu não posso ficar nervosa com uma situação e comprometer o trabalho com a criança”. É muito difícil você ver que existem profissionais assim. Não estou me vangloriando, não é isso, mas quero dizer que existem profissionais muito bons, mas que em determinados momentos se deixa robotizar, automatizar e aí toma uma atitude impensada com a criança ou age de modo tão infantil, tão imaturo quanto a criança.

Dá para refletir as suas ações, suas palavras, até o modo de se comportar, enfim, na educação infantil principalmente, isso interfere muito em como a criança vai agir, como ela vai pensar futuramente. Então, acho que esse pensamento crítico de parar e refletir sobre as ações, tanto dentro quanto fora da escola, na faculdade, na vida pessoal, acho que foi um processo de amadurecimento que eu enfrentei principalmente dentro da faculdade.

P – Nesse processo de amadurecimento, você passou por algum preconceito por ser bolsista?

E – Não, na verdade não, eu acho que na faculdade aqui nem se divulga isso. Quando eu entrei eu fiquei tão deslumbrada que eu tinha conseguido a bolsa, tão orgulhosa de mim, que eu achava tão surreal ser bolsista que eu queria saber quem eram os outros bolsistas, que tinham conseguido comigo a bolsa, e até hoje eu não descobri [risos].

P – Quais são os pontos positivos e negativos que você vê no ProUni?

E – Positivos e negativos [pausa]. Positivo, na minha visão pessoal, um dos pontos positivos é que eu acho que ele abre as portas, facilitando principalmente a questão financeira, ele vai custear a faculdade, então isso é muito bom para quem depende de um salário mínimo, por exemplo. A mensalidade da faculdade é um salário mínimo, e o que eu faço com o resto das dívidas de casa? Isso porque a gente não está nem falando da universidade mais cara entre as privadas, né? Então, eu acho que ponto principal é esse auxílio.

O ponto negativo [pausa]. Eu não sei dizer se é um ponto negativo, eu acho que o ProUni não é muito divulgado, mas eu só posso dizer pela minha visão, porque eu não conhecia tanto e eu achava que o ProUni só servia para entrar nas universidades federais, eu não sabia que as universidades privadas também participavam da bolsa.

Agora eu estou pegando no pé da minha irmã para ela ingressar na faculdade e por isso estou me informando um pouco mais, falando para ela que não é tão difícil assim, mas pelo que eu vejo hoje, desde que entrei algumas coisas mudaram, então eu acho que o nível de dificuldade ficou maior, um pouco mais concorrido, um pouco mais difícil de conseguir a bolsa. Se a gente for parar para pensar no ensino público, por exemplo, que é a massa, que os alunos vêm do ensino público, ficou muito mais inacessível.

O ProUni é um programa muito bom porque favorece muita gente, mas essa muita gente ainda é pouco para o que deveria favorecer. Eu acho que esses são os pontos negativos.

Ao mesmo tempo que é positivo, é negativo, o mesmo ponto é positivo e negativo, ele favorece, mas não consegue ser abrangente o quanto poderia ser.

P – Quanto o ProUni lhe favoreceu?

E – Ah... Muito, muito, muito, muito mesmo, definitivamente, se não fosse o ProUni eu não teria começado a faculdade, isso para mim é o ponto principal, se eu não tivesse conseguido a bolsa eu não teria ingressado na faculdade naquele ano, eu ia postergar, postergar, talvez agora eu já tivesse começado, mas não naquele momento, se eu não tivesse conseguido a bolsa, eu não teria ingressado. E pelas situações pessoais que eu passei, se não fosse pela bolsa eu teria desistido pelo

caminho. Então o ProUni foi fundamental para a minha formação, isso eu tenho plena certeza, que foi fundamental para eu estar aqui prestes a me formar, se não fosse ele, com certeza eu não estaria aqui.

P – Depois que você ingressou na universidade, o que mudou na sua vida pessoal e profissional?

E – [pausa] Primeiro profissionalmente... Mudou, mesmo não sendo na área que eu estou estudando, porque quando comecei a faculdade eu trabalhava em *call center*, mas já fez diferença. Na empresa que eu trabalhava me abriu outras portas dentro da própria empresa. Não digo que recebi promoção de cargo, porque eu já tinha mudado de cargo, mas ele me deixou mais, como posso dizer... Eu fui mais valorizada profissionalmente depois que comecei a cursar a universidade e até em momentos de corte na empresa eu não fui desligada por que eu era universitária.

Eu acho que é um pouco de preconceito com as pessoas que não estavam cursando uma graduação, mas em contrapartida eu acho que é uma valorização profissional, né? Valorização do profissional que está procurando se aperfeiçoar, se aprimorar enfim. Então, mesmo quando não estava dentro da área que estudo, que é a Educação, já tive benefícios por ser universitária.

Fazendo a faculdade eu também encontrei a minha identidade profissional, porque, quando eu comecei a Pedagogia, eu já tinha o desejo de estudar Psicologia, mas eu não tinha como custear, porque não consegui a bolsa para Psicologia, consegui a bolsa pra Pedagogia e eu achava que eu não ia me identificar, pela experiência que eu tinha com a minha mãe. Em vez da experiência da minha mãe me incentivar positivamente, me incentivava negativamente para a área da Educação; mas depois que eu entrei, nossa, eu me achei, me encontrei, eu nasci para isso! A faculdade me trouxe a minha própria identidade, algo que eu não conhecia de mim e [pausa] eu falei a minha mudança profissional, pessoal... Me perdi no que eu ia falar...

P – Você falou das mudanças pessoais e das sociais?

E – Mudou bastante também. Eu acho que no social tem um paradigma de *status* de você estar na faculdade. Na sociedade, é diferente você falar: “estou fazendo um cursinho de manicure”, todo mundo fala “nossa, manicure por quê?” Quando você fala “estou na universidade”, as pessoas falam: “nossa, que legal!” Depois você fala

que é Pedagogia e eles falam: “é a nossa professora” [risos], então tem uma série de preconceitos para superar, mas o *status* social existe.

No grupo de amigos, eu e meu marido, acho que somos os únicos que ingressaram na faculdade, nós somos em seis casais e nós somos os únicos. Meu marido não concluiu, ele trancou e não chegou a retornar, mas somos os únicos que ingressaram na faculdade. Desse grupo tenho mais uma colega que é formada em Pedagogia e os outros têm profissões aleatórias, profissões mesmo, não são cargos, são profissões, pessoas que não fizeram um curso técnico nem a faculdade, mas têm profissões.

P – Que tipo de profissão, por exemplo?

E – Por exemplo, tem uma colega que ela é decoradora de festa. É uma profissão, ela trabalha com isso, mas não tem um diploma e eu sinto que, nesse sentido, é como se ela fosse inferiorizada no grupo, porque é um trabalho, não é uma profissão.

P – Você consegue manter o mesmo grupo de amigos que tinha antes de ser universitária?

E – Sim, consigo ter o mesmo grupo de antes, mas eu acho que mesmo dentro deste grupo de amigos existem essas diferenças, entendeu? Que eu acho que não é nem pelo caráter da pessoa [pausa], como é que se fala? Não é estigma, são coisas que são implícitas na sociedade, pensamentos que, se você não reflete sobre, acaba sendo normal pensar assim...

P – Pensamentos preconceituosos?

E – É... Preconceitos, sim, em relação aos estudos.

P – Como sua família lhe vê agora, terminando a graduação?

E – A minha mãe está superorgulhosa [risos].

P – Até porque você escolheu a mesma profissão dela [risos].

E – Sim, sim, e é muito bacana a troca de experiências com a minha mãe, é muito legal. Eu pergunto: “o que é que você fez para turma do berçário, quando você era professora?” Aí a gente troca atividades, experiências, conto que tem uma criança

assim e assado na escola e, nossa, a minha mãe está superorgulhosa, agora está querendo me ajudar no direcionamento para a pós-graduação.

Meu pai, eu não posso dizer muito... Eu acho que ele tem sentimento de orgulho, mas a minha relação com meu pai mudou bastante por causa do alcoolismo, então eu não tenho mais parâmetro, ele não é uma referência para mim. Deixou de ser um pouco uma referência, mas eu tenho certeza que ele está orgulhoso, acho que um pouco, como que eu posso dizer, não sei a palavra, mas, assim [pausa] triste de não ter participado tanto da minha formação profissional, por ele não ter uma formação que me estruturasse, porque ele fez só até o fundamental, então ele queria me auxiliar em alguns momentos, mas não podia, porque ele não fazia parte dessa realidade, da realidade acadêmica dele [pausa]. O orgulho dele é ainda maior, por eu ter chegado onde ele não chegou.

Em relação à família, eu sou uma das primeiras netas que está fazendo faculdade, então ainda tem um pouco isso também. Acho que é uma valorização geral da família e social, em relação ao grupo de amigos e outros grupos, a gente sempre tem uma valorização quando conclui a faculdade, principalmente com superação.

P – Como você se vê antes e agora, terminando o curso?

E – Nossa, outra pessoa [risos]. Eu me vejo outra pessoa, porque acho que os meus ideais mudaram. Eu não me via cursando uma faculdade, não me via me descabelando por causa de trabalho e hoje eu vejo o quanto isso me potencializou. Consigo enxergar as minhas capacidades, consigo fazer planos de mais formação, que eu antes da faculdade eu não tinha ideia nem da primeira formação quem dirá das próximas, Então eu acho que a faculdade conseguiu desencadear em mim um desejo de crescimento profissional e um desejo de crescimento pessoal mesmo, de querer me conhecer mais, de não parar de ter, de buscar o conhecimento contínuo, de coisas novas para estudar, enfim, eu acho que eu mudei completamente.

P – O que vocêalaria para as pessoas sobre a sua experiência com o ProUni?

E – Ah... Se o objetivo da pessoa é fazer faculdade, o ProUni é o melhor caminho, um dos melhores caminhos e eu acho que, com um pouco de esforço – porque eu não posso dizer que eu estudei muito para conseguir a bolsa, eu não passei horas a fio estudando em cima de livros; eu estudei, mas não foi uma força sobrenatural que

as pessoas falam. Eu acho que essa é uma ideia vendida por aí, que para você ser bolsista, conseguir uma faculdade de graça, precisa ser um superestudante. Não, eu acho que, se a pessoa tiver determinação e empenho, o ProUni é o melhor caminho para estar na faculdade, porque você cursa despreocupado, a sua faculdade está paga e você tem a consciência tranquila para focar nos estudos.

O ProUni é mesmo um dos melhores caminhos, só que ele é mal divulgado, acho que ele é vendido como inalcançável. Uma bolsa do ProUni é, na verdade, algo que todo mundo tem capacidade de conseguir, basta um pouquinho de empenho e determinação, se você consegue – bom, pelo menos para mim foi assim, enquanto eu tinha o pensamento que era bolsista, consegui me empenhar mais para não perder a bolsa [risos]. Acho que eu me senti valorizada de ter conseguido entrar e manter a bolsa.

Eu acho que o ProUni tem um papel importante em relação a isso também, de você querer ser, querer fazer melhor, querer fazer mais. Mas eu acho que isso é uma questão muito pessoal também, porque para mim foi determinante conseguir a bolsa e para uma alta valorização, saber que eu não conseguiria custear a faculdade sozinha, mas isso é pessoal, não é um ponto que o programa oferece.

Durante o curso você também tem que conseguir se manter, manter a sua bolsa se empenhando cada vez mais no estudo, e eu acho que o fato de você não pagar a mensalidade é um tranquilizador enorme para se empenhar, aprender com mais tranquilidade, então no decorrer da graduação ele auxilia neste ponto.

P – Alguma outra coisa que você quer falar sobre o programa, algo que não falamos e que você tem vontade de falar?

E – Não, eu acho que falei tudo.

P – Muito obrigada pela sua participação na pesquisa.

E – De nada, espero ter ajudado.

P – Com certeza ajudou muito.

5) Tamy

Idade: 20 anos

Estado civil: solteira

Residência: Itaim Paulista, zona leste de São Paulo

Duração da entrevista: 34 m 20 s

Pesquisadora – Oi, Tamy, obrigada por ter se disponibilizado a participar da entrevista. Para começarmos, peço que conte a sua trajetória de vida, desde quando nasceu até os dias de hoje.

Entrevistada – Oi, professora. Então, meu nome é Tamy, eu moro no Itaim Paulista, na zona leste de São Paulo, com meus pais e mais duas irmãs. Éramos em três, mas a mais velha casou.

Eu sempre estudei em escola pública, desde a educação infantil até o ensino médio. A minha mãe também, ela não fez o ensino superior e sempre estudou em escola pública.

P – E o seu pai?

E – Meu pai também. O meu pai tinha parado de estudar e voltou quando eu já tinha 12 anos. Ele fez o [Centro de Educação de Jovens e Adultos *online*] Ceja.

P – Para que nível de ensino?

E – Para o ensino médio, ele não fez superior e minha mãe fez a [Educação de Jovens e Adultos] EJA para o ensino médio também, quando eu tinha 10 anos, mais ou menos.

P – Você tem irmãos?

E – Tenho, tenho três irmãs, a minha irmã Maria era bolsista do ProUni, cursou História; e tenho mais duas irmãs, a Fernanda, que está no superior agora, cursando Nutrição, e a Clara, que tem 14 anos.

P – A Fernanda é bolsista também?

E – Ela tentou, mas não conseguiu, porque este último ano foi muito difícil conseguir bolsa.

P – Ela começou o ensino superior esse ano?

E – Sim, entrou agora em 2016.

Quando eu terminei o ensino médio, fui direto para o superior, tentei o [Sistema de Seleção Unificada] Sisu, consegui bolsa de Química no Instituto Federal, mas não gostei do curso e saí [risos]. Depois eu esperei o ProUni e no meio do ano consegui a bolsa para fazer Pedagogia.

P – Como você ficou sabendo da existência do ProUni?

E – Na escola onde estudei, não tinha muita divulgação. Eu sabia por causa da minha irmã, porque ela já foi bolsista. Nós somos em quatro filhas, não tem condições da minha mãe pagar um curso para todas. Na época eu pensei: “eu tenho que conseguir uma bolsa, porque eu não posso parar de estudar”.

P – Você conseguiu a bolsa pelo *site* do MEC ou pela faculdade aqui?

E – Foi pelo *site* do MEC. Me inscrevi e na época a gente tinha que se inscrever, acompanhar durante três dias a nota de corte do Enem e no último dia era divulgado o resultado. Eu consegui a bolsa na primeira tentativa e comecei o curso no meio do ano.

P – Você trabalha?

E – Trabalho, eu sou estagiária da prefeitura. Foi um pouco difícil conseguir ser estagiária por ser bolsista do ProUni, eles dão preferência para quem não é bolsista. Na hora de assinalar a documentação e escrever sim ou não, eu pensei muito bem se eu ia colocar o ProUni ou não e coloquei, e mesmo assim fui chamada [risos]. Se você for ver a porcentagem de estagiários que têm bolsa é muito pouca, foi sorte mesmo.

P – Por que você acha que teve essa sorte?

E – Porque a escola era uma escola que quase ninguém queria ir, porque era de difícil acesso, daí eles me deixaram ficar...

P – Por que tem essa seleção de alunos bolsistas não poderem ser estagiários?

E – Eu acredito que é para manter a mensalidade. Se é um aluno da faculdade, tem que pagar a mensalidade, eu acho que para eles o estágio ajudaria a pagar a faculdade; como a gente não paga, também não pode fazer o estágio remunerado.

Eu queria muito entrar no [Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência] Pibid, mas não deixaram, por eu ser bolsista.

P – Você se sentiu discriminada?

E – Não, porque a regra é essa para todo mundo. É uma pena, porque se a gente é bolsista é porque não tem dinheiro para bancar uma faculdade, então precisa trabalhar até para conseguir fazer o curso, porque tem outros custos, não é só a mensalidade, e eles não veem isso.

P – Como você consegue conciliar estudo, trabalho, lazer, família?

E – Então, quando eu entrei na faculdade, eu tentei trabalhar como recreacionista em um parque, era das 8 às 2, então eu tinha que acordar muito cedo e sair de lá às 2 horas; eu ia ter que ficar aqui na faculdade até 7 e meia esperando começar a aula. Eu não fiquei nem uma semana nesse emprego, porque não deu. Eu não estava conseguindo comer, eu não estava conseguindo fazer nada, nem estudar, porque chegava morrendo de sono e aí não deu, então eu saí e fiquei alguns meses sem trabalhar. Quando eu consegui o estágio, foi melhorando, porque o estágio é perto de casa, eu entrava às 7 e saía às 11, ia para a casa, almoçava, conseguia fazer os meus trabalhos, passei a aproveitar a família, porque no outro eu não conseguia nem ver a minha mãe.

Agora mudou o meu horário, eu trabalho da 1 e meia às 5 e meia e é melhor ainda, porque eu venho direto da escola para a faculdade. Só que a questão da alimentação ficou ruim, estou sentindo muito, porque eu estou comendo muito mais besteira e vou jantar meia-noite, meia-noite e meia, quando chego em casa.

P – Como é o seu lazer? Nos finais de semana você faz o quê?

E – Então, como o estágio é só quatro horas por dia, eu consigo conciliar os trabalhos, estudar durante a semana e aos sábados eu decretei que não faço nada da faculdade para aproveitar a família, o namorado, as minhas irmãs. No domingo, se tem alguma coisa, provas na semana, eu estudo e não faço nada com eles, eu pego a tarde toda no domingo e fico estudando.

P – Você é religiosa?

E – Eu sou católica, mas porque a minha mãe é. Mas eu não sou praticante, não sigo a religião à risca.

P – Você falou que seus pais não cursaram o ensino superior, como eles veem você hoje, comentam algo sobre sua formação?

E – Bom, eles comentam com muito, muito orgulho, porque eu já sou a segunda que está terminando a faculdade e eles se enchem de orgulho para falar, porque na família são poucos que estudaram.

Eles também ajudam muito, porque no começo, quando eu não trabalhava, não tinha o passe livre e meu pai tinha que trabalhar o dobro para pagar minha passagem, para pagar a alimentação na rua, e agora que tem o passe livre e tem o estágio, está muito melhor.

A minha irmã, como ela não é bolsista, eles [os pais] estão ajudando ela. Todo mundo está trabalhando para ajudar ela, eu também ajudo, o dinheiro que consigo no estágio é para ajudar em casa, porque a minha mãe também está ajudando na mensalidade dela, então todo mundo ajuda para ela conseguir estudar.

P – Seus pais trabalham em quê?

E – A minha mãe não trabalha há cinco anos, só trabalha em casa mesmo, que é a mesma coisa que trabalhar fora. O meu pai é autônomo, ele trabalha com manutenção em postos de gasolina, ele não é de empresa, é ele e um sócio que fazem os serviços de manutenção elétrica, toda a manutenção elétrica dos postos de gasolina.

P – Entendi... Você sentiu algum preconceito por ser bolsista?

E – Eu comentei na sala, no primeiro semestre, que eu era bolsista, logo na apresentação, e o preconceito direto a gente não sente, mas indiretamente, sim. Quando a gente vai falar alguma coisa, a gente escuta: “mas você não paga a faculdade, tipo assim, do que você está reclamando?”

Por exemplo, se eu comento que pago a faculdade, eles falam que não, “não, você não paga a faculdade”. Isso para mim é um preconceito indireto... Camuflado.

P – Como você se sente diante desses comentários?

E – Eu me sinto mal, mas para mim eu estou pagando a faculdade, eu estou estudando, mas eu estou pagando a faculdade, porque não é fácil também, é muito difícil, eu sei que para eles é mais difícil, porque têm que trabalhar pensando que o dinheiro tem que dar para a mensalidade. Mas também lá atrás foi muito difícil para eu conquistar a bolsa.

Quando eu conquistei a bolsa era muito mais fácil que hoje, porque tinha mais bolsas que agora. Eu acompanhei isso por causa da minha irmã, tanto que ela conseguiu em 2015 a bolsa, quando chegou esse ano ela já não conseguiu mais, porque já tinha diminuído muito.

P – Ela perdeu a bolsa?

E – Ela conseguiu em 2015, mas ela estava no 3º ano do ensino médio, então ela não pôde cursar e aí tentou de novo em 2016 e não conseguiu [pausa], porque diminuiu muito, muito, muito, nem se compara.

Quando a gente é bolsista, acho que a gente acaba se dedicando mais ao curso porque, eu vejo as meninas da minha sala, elas ficam muito preocupadas com a mensalidade, ficam com muito sono na sala, sono de cansaço, e a gente sabe como é difícil mesmo. Agora, quando a gente tem a bolsa, a questão do trabalho para pagar a mensalidade não é assim uma coisa rígida e isso ajuda muito.

P – Você acha que esse preconceito das colegas continua o mesmo do início do curso até o final ou muda alguma coisa?

E – O preconceito continua o mesmo, não mudou nada [risos]. Agora, para mim é uma brincadeira delas, eu penso assim e não me sinto mal por isso, nem respondo... É melhor ficar quieta [risos].

P – Em que o curso universitário mudou a sua vida?

E – O curso [pausa]. Olha, eu sempre fui desse jeito, assim, eu sempre me dediquei aos estudos, desde o ensino médio. Agora, como é que fala [pausa], a minha postura mudou, eu me sinto muito mais madura, eu enxergo as coisas de outra forma, a questão da cultura, eu tento procurar ao máximo complementar a minha formação, pesquisar, ler...

O meu relacionamento com as pessoas mudou, na família, com os amigos, com o namorado mudou, porque antes a gente acabava aceitando tudo, depois que entrei na graduação a gente vê que não é desta forma e a gente entra com aquele senso crítico, rebatendo tudo. Com a minha mãe também mudou muito, porque agora eu não aceito qualquer coisa. Por exemplo, eu vou falar de alguma coisa da Psicologia para ela, da criança e ela fala: “para com isso, você está estudando, está se achando, não sabe de nada, não tem filho”, e eu tento explicar que não é assim.

Com os amigos [pausa]. Eu perdi muitos amigos por causa da faculdade, porque a gente entra na faculdade e acaba se dedicando aos estudos e eles não entendem isso. De dez amigos se manteve três, o restante não entendeu que não dava mais para sair aos sábados, porque eu tinha que estudar para prova, então foram se distanciando e não entenderam.

P – Por que você acha que eles se distanciam de alguém que estuda?

E – Na verdade, eu acho que eles acreditam que a gente só quer saber de estudar e não quer saber de mais nada, eu acho que é isso. Porque eu tenho três amigas que me apoiam muito, se não dá para sair então elas vão em casa, a gente assiste alguma coisa juntas, a gente bebe alguma coisa ali mesmo e elas entendem que não é só estudar.

P – O que você tem a falar do ProUni?

E – Bom, eu falo para as meninas até hoje que se não fosse a bolsa do ProUni eu não estaria estudando, porque na época eu estava muito apertada, não dava nem para imaginar... Tanto que eu lembro que eu nunca quis estudar Química, aí eu olhei a nota de corte do curso de Química no instituto e falei para a minha mãe: “olha aí, mãe, esse é o único curso que eu acho que dá para fazer”, e ela falou: “mas você não gosta de Química, Tamy”. “É, mas eu quero estudar”, e ela falou que era eu quem sabia, que era para eu decidir, e me inscrevi. Lembro que foram, assim, dois meses torturantes para mim, porque eu não estava gostando do curso, estava muito, muito pesado e ela via que eu não eu estava feliz. Eu acordava às 5 horas da manhã para ir forçada, só que eu também não falava para ela. Até que teve um dia que eu fiquei muito doente e eu sabia que era por causa daquilo, então ela não deixou eu ir para a faculdade e conversou comigo. Falou que eu não queria fazer aquele curso e eu olhando para cara dela, mas ela continuava: “você não quer fazer

isso, Tamy, se você não quer, você não é obrigada. Sai do curso, mais para frente você vai conseguir outra bolsa e se não conseguir, tenta de novo”. Foi aí que eu saí do curso, muito triste, porque eu tentei de tudo, tentei mudar para outro curso lá dentro, mas não deixaram porque tinha que esperar fechar o semestre e eu não podia ter, pegar nenhuma dependência e eu já sabia que eu ia pegar, então desisti...

Quando chegou em junho, abriu a inscrição do ProUni e eu nem sabia que abria no segundo semestre, para mim só abria uma vez e consegui a bolsa.

P – Como você ficou sabendo que abriu?

E – Uma amiga comentou comigo na época, ela falou: “você viu que abriu o ProUni? Eu vou tentar, tenta também!”

Eu ia me cadastrar no curso de História, só que eu sempre quis fazer Pedagogia. Aí eu vi a nota, dava para passar e consegui a bolsa integral, porque se fosse bolsa de 50%, na época, também não ia dar para pagar.

Então, para mim o ProUni é perfeito. É um programa que ajuda muita gente, tem muita gente que quer estudar e não tem condições de pagar. Eu conheço muita gente e faço de tudo para ajudar, eu acompanho a quantidade de bolsas, eu acompanho quando aumenta ou diminui para avisar e ajudar essas pessoas, porque eu sei que se não fosse o ProUni muita gente não estaria estudando e é muita gente mesmo!

Estou lembrando... Voltando à questão do preconceito... Tem muita gente contra o ProUni, que fala que o governo está gastando dinheiro nosso com besteira... É muito difícil escutar isso, aí a gente pega, fecha a cara e não responde.

P – Você acha o ProUni é uma besteira? É gastar dinheiro à toa?

E – Lógico que não! Tem muita gente querendo estudar, é um dinheiro investido na Educação. Por exemplo, eu estou fazendo Pedagogia e pretendo prestar concurso público para voltar para o ensino público, então o governo está influenciando a gente a voltar e ajudar, fazer a manutenção disso tudo aí fora.

P – Entendi... Fala um pouquinho dos pontos positivos e negativos que você vê no ProUni.

E – Positivo é que auxilia muita gente que quer estudar, ajuda a cursar o curso que a pessoa quer.

Negativo é que as faculdades acabam, as faculdades particulares, elas acabam restringindo o número de programas que a gente pode participar. Por exemplo, você é ProUni, não pode participar do Pibid, dos estágios remunerados, até da iniciação científica – que eu me cadastrei e a minha sorte é que eu vi que dava, porque eu pensava que também não daria.

P – O que representa o ProUni para você?

E – O ProUni para mim é um programa que o dinheiro é gasto com uma coisa ótima, é muita coisa boa investida e me ajudou muito, porque se não fosse o programa não ia dar para eu estudar.

P – Qual foi a transformação que este programa causou na sua vida?

E – Ah... Aprendi a dar valor a muita coisa, porque quando eu comecei a estudar percebi quanto a minha mãe queria que eu estudasse, percebi quanto dinheiro é gasto com coisa boa. Por exemplo, na escola pública o ProUni não oferece a bolsa-auxílio, mas na privada eles dão bolsa-auxílio para quem é bolsista.

P – Você tem a Bolsa Permanência?

E – Não, eu não consegui. Na época falaram que dava, fui procurar, mas não consegui e... [pausa].

P – Você estava falando o quanto mudou com o ProUni...

E – Eu percebi o quanto se gasta de dinheiro com o programa, gasta muito dinheiro e eu acho que é dinheiro gasto com coisa muito boa, porque eu vejo os novos candidatos, os novos políticos, por exemplo o presidente, ele é contra o programa.

P – Por que você acha que esses políticos são contra?

E – Porque eles não querem investir na Educação, para eles é ruim, é ruim ter quem critique eles.

Quando eu entrei na faculdade, eu brinco com as meninas que eu era uma criança, hoje eu me vejo de outra forma, eu já sou uma mulher, eu vejo o quanto amadureci. Quando eu entrei eu não ficava com brincadeiras, achando que era brincadeira estar

aqui. Eu sempre dei muito valor, quase nunca faltou, esses dias meu olho estava vermelho, todo mundo pensando que era conjuntivite, mas eu vim.

Para mim o ProUni me ajudou a amadurecer muito, estar na faculdade me amadureceu.

P – Em que sentido você amadureceu?

E – Eu era muito menina, muito criança, eu enxergava só aquilo, de um jeito, eu não via de outras formas. Por exemplo: brincava com o feminismo, agora não, não é assim, porque eu acabava pensando pequeno, agora eu penso grande, vejo de várias formas.

P – O que vocêalaria para alguém que quer estudar e desconhece o ProUni?

E – Eu apresentaria como um programa ótimo, que ajuda muito, tem muitas amigas que estavam querendo também e eu sempre saio divulgando o programa. A minha mãe fala que eu sou *merchandising* gratuito deles, porque eu apresento mesmo, quando abre as inscrições eu faço as inscrições de todo mundo que quer estudar.

P – Você acompanha a abertura das inscrições pelo site do MEC?

E – Acompanho, porque as pessoas não têm tempo e me pedem: “Tamy, me ajuda? Me inscreve no Enem?” Também acompanho para a minha irmã, para o meu namorado, para a minha amiga, entro todos os dias, vejo se tem bolsa, se não tem, se dá, se não dá, sou um *merchandising* deles!

P – Você acha que essas pessoas que você ajuda conseguirão fazer faculdade se não tiverem o ProUni?

E – O meu namorado não, ele está tentando de todas as formas. Agora tem outros programas que oferecem desconto e ele está tentando. A minha irmã, ela só conseguiu porque eu conversei com a minha mãe, falei para ela matricular ela e a gente se ajuda, vai indo, se a gente ver que não dá... Mas tem que dar, lá em casa todo mundo ajuda, o meu pai, a minha mãe não trabalha, mas o meu pai reserva o dinheiro dele, eu reservo o meu e a minha irmã que já é casada, fica de reserva, como auxílio, se a gente vê que não dá, pede socorro para ela.

A minha amiga não conseguiu a bolsa e não está estudando ainda, mas ela está tentando o ProUni, se inscreveu para o Enem esse ano de novo e vai tentar de novo, mas sem o ProUni não dá.

P – Você fala que as pessoas se sacrificam para conseguir a bolsa, se esforçam para conseguir a bolsa, então qual é a importância de um curso superior na vida de uma pessoa?

E – Na época que eu saí do ensino médio, o curso superior veio por influência da minha mãe, mas eu perguntava: “por que, mãe, tenho que estudar?” Ela respondia: “porque tem que estudar, tem que ser alguém”.

Hoje não, eu vejo que a importância do curso superior para uma pessoa vai muito além de qualificação para trabalho, é para a gente sair da nossa zona de conforto mesmo, porque a gente acaba se acomodando. A minha mãe, por exemplo, ela fala que é muito crítica, mas se você for conversar com ela, você dá risada, porque ela ainda está na zona de conforto dela, entendeu?

P – Que idade a sua mãe tem?

E – A minha mãe tem 46 anos.

P – Você acha que se ela voltasse a estudar, ela mudaria?

E – Acredito que sim, acredito que ela mudaria. O governo agora tem a [Universidade pública nos Centros de Estudos Unificados] Uniceu e tem o curso de Pedagogia, a gente inscreveu ela, eram cem bolsas, ela ficou em 101, ela quase entrou, mas ela ainda está tentando, ela vai conseguir...

Eu inscrevi ela na Pedagogia porque não tinha escolhido nenhum curso, então eu falei: “você vai gostar do curso”, e acredito que se ela estudar, vai mudar também.

P – Quais são as suas expectativas profissionais após terminar o curso?

E – Quando eu terminar, pretendo continuar me especializando na área; pretendo fazer especialização em alfabetização, porque no estágio eu acompanho turmas de 1º ano e é muito gostoso, eu estou gostando muito e quero continuar nessa área. Pretendo fazer mestrado, doutorado, tudo isso com bolsa, conquistando as minhas bolsas por aí.

P – Você tem alguma outra coisa para falar? Algo que não perguntei e que você gostaria de falar sobre o ProUni?

E – Eu vejo que muita gente ainda ignora o programa, ignora no sentido de não valorizar, achar que é gasto, gasto público feito de maneira incorreta. Eu vejo muito isso ainda, não na faculdade, mas do lado de fora. Eu acho que a gente deveria conscientizar mais as pessoas. As pessoas não entendem, elas acham que a gente está gastando, elas acham que o governo gasta dinheiro à toa.

P – Então, como você explicaria para essas pessoas que esse dinheiro não é gasto à toa?

E – Nossa, todo dia é um debate diferente, eu falo que o governo está gastando o dinheiro com a gente, eles não estão gastando com os jatinhos particulares nem com as praias, mas é muito difícil as pessoas entenderem.

Na verdade, tem um grupo de pessoas que elas se sentem superiores a mim porque têm dinheiro, porque estudam em escolas particulares melhores, porque pagam a mensalidade e acham que, pelo fato de eu ser bolsista, eu estou gastando o dinheiro do governo à toa, é isso.

P – É como se eles não reconhecessem que não é todo mundo que pode pagar e que precisam de um auxílio do governo para estudar, é isso?

E – É isso! Por exemplo, quando eu vou conversar com o meu avô, ele veio da Bahia, a vida lá era muito sofrida, ele senta comigo e fica falando: “Tamy, o Lula fez muita coisa pela gente e o povo crítica 50 reais de bolsa família, o tanto de dinheiro que esses políticos gastam e não dá em nada. O que é 50 reais, esses 50 reais ajudaram muito a gente, porque, olha, agora você pode estudar, com uma ajuda tão boa, na minha época não tinha nada disso, a gente passava fome e o povo fala que a gente gasta dinheiro à toa”, entendeu? É difícil. A maioria dos brasileiros não tem condição de vida, de poder pagar, de fazer, de ter essa grana agora.

O ProUni é muito bom, ele me ajudou muito e sempre que tiver bolsa eu vou estudar. É que não pode, porque eu faria outra graduação com a bolsa do ProUni [risos].

P – Obrigada, Tamy, você ajudou bastante, obrigada.

E – Ajudou mesmo, professora?

P – Muito!

APÊNDICE E – CATEGORIZAÇÃO

1 Análise do discurso da aluna Ellen Santos

Categoria	Subcategoria	Discurso	Significado
Origem familiar	Escolarização da família nuclear	– Na minha família ninguém tem [curso superior], só agora minha irmã, agora no final de 2015, não, agora em janeiro de 2016 ela concluiu o curso dela também, de Pedagogia, que foi quem me incentivou também a fazer o curso de Pedagogia. Ela terminou o dela, então ela foi a primeira na família a ter curso superior. [...] o meu pai só tinha até a 4ª série; a minha mãe só tinha até a 5ª série, terminou e ganhou a conclusão de ensino, antigamente chamava de supletivo, [...] Ela fez Telecurso 2000! – Ela... [a irmã] É um benefício que eles têm lá no estado de Alagoas. A faculdade também é privada, é particular, só que eles dão desconto porque ela já tinha o magistério, ela já trabalha na área, então ela ganhou esse desconto [Ela a mãe] fez isso [Telecurso 2000] e concluiu tanto o fundamental e o ensino médio, então eu acho que na minha família já vem de se superar, superar os obstáculos e é isso que eu estou fazendo.	Baixa escolarização da família Os pais possuem nível de escolarização menor que a aluna Presença do incentivo do Estado, por ser professora da rede A dificuldade de continuidade dos estudos
	Profissão dos pais	[não comentou]	-
	Visão dos pais em relação à filha universitária	– [...] a minha mãe chorou comigo ao telefone quando eu falei [que tinha entrado na universidade], ela ficou feliz e aí falou que eu tinha que buscar, que ir em busca do meu sonho mesmo, terminar, estudar, foi sempre o que ela incentivou.	A emoção de ver a filha atingir nível mais alto de escolarização

Categoria	Subcategoria	Discurso	Significado
Contexto social	Região de residência	Jardim Vista Alegre – [...] como a USP; mesmo que eu estudasse, ia ser difícil também, mesmo se eu conseguisse uma bolsa, para chegar até a USP...	zona norte São Paulo A distância da casa até a universidade dificulta a escolha de uma instituição com melhor qualidade de ensino
	Escolarização básica	– Sempre estudei em escola pública, desde a educação infantil, ensino fundamental e o ensino médio. – Eu estava com 15 anos e só fui conseguir vaga na escola depois que a minha tia foi à delegacia de ensino, porque eles falaram que eu era transferida. Minha tia teve que ir à secretaria, à delegacia de ensino e o juiz assinou toda a documentação e assim ela me matriculou. – Terminei o ensino médio e fiz alguns cursos. Cursos de informática, cursos de atendimento ao cliente e tenho outros cursos que agora eu não me lembro no momento [risos], mas eu fiz vários cursos até chegar aqui. – Aí foi a época que eu arrumei um emprego e falei: “então eu vou continuar e tentar ver se eu volto a estudar”. Eu demorei este tempo todo porque eu não estava tendo perspectiva de fazer a faculdade ainda, nem outros cursos, que eu já tinha parado [...] O dinheiro acaba rápido e você não pode assumir um compromisso que no final não vai conseguir pagar, você tem que conseguir um compromisso que você consiga pagar e consiga terminar ele. Então por isso que na época que eu terminei o ensino médio eu não fui logo fazer uma faculdade.	Mostra pertencer a uma classe social menos favorecida economicamente Dificuldade para conseguir uma vaga na escola, por ser migrante de Alagoas Enquanto não conseguia entrar na universidade continuava estudando A dificuldade de continuar os estudos

Categoria	Subcategoria	Discurso	Significado
Contexto social	Tipo de lazer que usufrui	– [...] quando consigo aí eu vou ao cinema, ao <i>shopping</i> , dar uma espairecida [...]	O lazer não é uma constante nem uma prioridade
O ProUni na vida da aluna	Mudanças pessoais durante a graduação	– [...] quando a gente entra na faculdade, acho que é, assim... Como se fosse uma lâmpada acendendo. Você cresceu, você precisa tomar um rumo e arcar com suas responsabilidades e verificar o que você quer do futuro. – [...] eu acho que socialmente melhorei bastante o modo de agir, o modo de falar, o modo de me colocar, isso mudou. – [...] eu acho que quando você está estudando, eu acho que você tem um foco, você deve ter um foco no que você quer. – Hoje em dia os meus amigos são os que, na maioria, pessoas que têm também faculdade. Não quer dizer que as pessoas que não têm não sejam mais amigas, mas até os seus amigos, eles mudam um pouco [pausa]. – [...] mudou o meu modo de ver o mundo e mudou a minha realidade. – [...] como dizem os mais velhos, ser alguém na vida, isso que eu estou buscando por enquanto: ser alguém na vida.	A vivência universitária provocou o amadurecimento da aluna Mudança dos comportamentos sociais A graduação é uma meta na vida A experiência universitária fez com que a aluna buscasse amigos semelhantes Mudanças internas e de vida Busca de valorização na sociedade
	Dificuldades durante o curso	– [...] com a bolsa você não pode tirar nota vermelha: ou você estuda, ou você perde a bolsa, porque eles te tiram a bolsa se você ficar pelo menos, eu acho que é, se você pegar três dependências. Então você acaba perdendo a bolsa. Isso incentiva você também, além de você já estar fazendo o curso,	As exigências do ProUni incentivam a aluna a estudar para não perder a bolsa

Categoria	Subcategoria	Discurso	Significado
O ProUni na vida da aluna	Dificuldades durante o curso	você quer ter seu diploma, e estudar com o ProUni, você tem que estudar 100% a mais que os outros alunos da sala, que foi isso que eu fiz desde o primeiro semestre.	
	Preconceitos vividos durante o curso	– [...] quando você fala que você é bolsista ou você tem Fies, eles meio que... Em qualquer situação na sala, acho que foi no terceiro semestre, cada semestre a mensalidade muda um pouco e eles ficavam reclamando, eu exatamente não posso reclamar, porque eu sou bolsista, então não posso assinar nada, não posso reclamar de nada, senão perco a bolsa. – Então, eles falavam que as pessoas que são bolsistas, têm Fies, não ligam para o direito dos outros, da sala, porque quem está pagando é o governo, e não é bem assim... – [...] só não posso assinar nada, porque sou bolsista.	Adota uma posição de submissão com receio de perder a bolsa Os colegas pagantes a veem em uma posição privilegiada e omissa Considera-se proibida de reivindicar algo na faculdade
	Pontos positivos e negativos do programa	– [...] mesmo conseguindo a bolsa do ProUni, só era 50% do curso. Não era 100%. Então, mesmo com os 50% da bolsa do ProUni eu não conseguiria manter o curso inteiro, então eu tinha que dar um jeito de arrumar os outros 50%, porque com o salário também que eu ganho como operadora de <i>telemarketing</i> , que dá assistência SAC, eu não conseguiria pagar o curso inteiro. Foi quando eu lembrei que tinha também o Fies, eu fui e fiz o Fies e consegui os outros 50%, a metade do curso.	A bolsa parcial não é suficiente para o acesso ao ensino superior

Categoria	Subcategoria	Discurso	Significado
O ProUni na vida da aluna	Pontos positivos e negativos do programa	– Eu acho, no caso do ProUni, que quem tem o ProUni 100%, amém. É uma benção realmente, porque, para você fazer particular e pagar o curso inteiro, dependendo do curso é caro, principalmente na faculdade particular. Pelo governo, para você fazer uma USP, é difícil. – [...] pena que também não tem ProUni para fazer pós, não existe. – Eu estudei para ganhar bolsa, como todo mundo poderia também entrar no site, ou concorrer à bolsa.	Para os menos favorecidos, o ensino superior é um curso caro Desconhecimento das bolsas para a pós-graduação O ProUni é um direito de todos
	O que pensa sobre o ProUni	– Com o ProUni, eu acho que abriu uma porta para mim. – Eu acho que ela é importante para mim porque hoje eu sou a segunda da família a ter um curso superior, graças ao ProUni [...] – [...] me incentivou mais a estudar, porque com a bolsa você não pode tirar nota vermelha: ou você estuda, ou você perde a bolsa. – Eu acho que o significado é esse, é importante para mim, na verdade, digamos assim, me deu o curso, porque está pagando o meu curso, independente que ainda vou pagar os outros 50%. – No sentido de importante para mim [pausa] eu acho que mudou, mudou o meu modo de ver o mundo, a minha realidade... o ProUni para mim é isso... Mudança. [...] foi mudança, a única palavra que eu digo é mudança e mudança para melhor.	É uma nova possibilidade de vida Permite que a classe de baixa renda dê continuidade aos estudos É um estímulo para não perder a bolsa É uma importante ajuda financeira para poder estudar O acesso à universidade proporciona expectativa de mudança, de ascensão social

Categoria	Subcategoria	Discurso	Significado
O ProUni na vida da aluna	Perspectivas profissionais	– [...] a minha irmã deu a ideia de eu também fazer Pedagogia, porque mais futuramente a gente pode até montar uma escola. – Acho que correr atrás, né? Tentar passar em concurso público, se eu não conseguir passar, mandar currículo, nem que seja em uma escola particular, aí conseguir pelo menos como estagiária, mas conseguir estar na área, engajada na área, trabalhando na área que estou concluindo, a Pedagogia. E futuramente eu quero fazer pós, eu ainda estou meio em dúvida, mas é em Psicologia, que foi uma área que eu estudei no primeiro semestre. Foi com a professora... E eu gostei da Psicologia, tanto que as colegas da sala pediram para eu fazer Psicopedagogia, porque envolve mais a Pedagogia, só que eu quero primeiro fazer a Psicologia, depois fazer Psicopedagogia.	Perspectivas de ascensão profissional Desejo de trabalhar e se desenvolver na área da Educação

2 Análise do discurso da aluna Shelly

Categoria	Subcategoria	Discurso	Significado
Origem familiar	Escolarização da família nuclear	– [...] e ele [o pai] falou: “será que não precisa ter o ensino médio? Porque eu só tenho até a 4ª série”. – Minha mãe toca órgão, mas ela não tem estudo, ela é bem sem conhecimento teórico [...]. – Eles [os irmãos] casaram cedo, por conta da religião, porque não podiam ter contato físico antes do casamento. Casaram cedo, tiveram filhos [...] – Ele [o irmão] parou de estudar no ensino médio, no 1º ano do ensino médio e não retornou os estudos. Tentou fazer supletivo, fez supletivo, tem supletivo, mas ele não terminou [...] eles [os irmãos] têm que arcar com as responsabilidades da casa [...]	Pais com baixa escolaridade A prematura formação familiar dificultando a continuidade nos estudos
	Profissão dos pais	– [...] ele [o pai] tem 65 anos e trabalha como motorista [...]	O pai exerce função que não exige muita escolarização e tem baixa remuneração
	Visão dos pais em relação à filha universitária	[...] eles [os pais] acham que eu sou muito para frente, que isso não é bom, ao mesmo tempo que é bom, não é, aquela coisa, assim, que eles falam para o meu esposo que ele tem que tomar cuidado porque ela é muito precoce, sempre está evoluindo. E na cabeça deles é isso que eles veem, agora nem tanto e não tem nada a ver, no começo recebi mais críticas...	Os pais são evangélicos e mostram receio em relação ao progresso da filha
Contexto social	Região de residência	Vila Sargento José de Paula	Centro de Barueri
	Escolarização básica	– Sempre fui aluna de escola pública	Característica de pertencer à classe social menos favorecida

Categoria	Subcategoria	Discurso	Significado
Contexto social	Tipo de lazer que usufrui	[não comentou]	-
O ProUni na vida da aluna	Mudanças pessoais durante a graduação	– [...] quando eu entrei na faculdade eu não concordava com as cotas para negros, por um pouco de ignorância da minha parte, porque eu pensava assim: “poxa, a pessoa é negra, ela vai entrar na faculdade porque ela tem cota, mas eles não vão avaliar o empenho dela e não é todos que vão entrar aqui e vão perseverar”. Era esse meu ponto de vista, como qualquer um, não só porque ela é negra ou só não, qualquer um ia ter este tipo de comportamento, mas eu achava que tinha que ter mérito para entrar [...] Eu tinha um conhecimento inválido sobre o Brasil. Ele não foi descoberto pelos portugueses, só que ela [a professora] conseguiu abrir a minha mente, mostrando o que os escravos passaram e que a escravidão ainda existe.	Mudança de ideias e valores via conhecimento
	Dificuldades durante o curso	– Eu queria fazer faculdade, mas os meus pais falam que mulher não nasceu para estudar, mulher nasceu para cuidar de casa e, como eu estava prestes a casar e cresci vivenciando isso, vivendo aquela coisa que mulher era submissa ao homem, que mulher tinha que ficar em casa cuidando de criança e cuidando do marido, que o marido tinha uma liberdade de sair e entrar na casa na hora que queria e a mulher tinha que abaixar a cabeça, então acho que eu fui crescendo [pausa], só que eu não cresci igual, eu cresci diferente, eu cresci buscando sempre mudar.	Falta de incentivo dos pais

Categoria	Subcategoria	Discurso	Significado
O ProUni na vida da aluna	Dificuldades durante o curso	– Eu sempre quis fazer Pedagogia, mas eu também tive muitas críticas na família por causa da Pedagogia. Minha mãe fala que ganha muito pouco, que Pedagogia é cuidar de criança. – Eu sei que, mesmo eu pagando metade desse valor – que é suado, muito suado [...] tiro por mim, que sou bolsista de 50% e consigo pagar com o meu suor. – [...] chego atrasada porque estou trabalhando agora, eu chego todos os dias às 8 horas, peço para as minhas colegas guardarem um lugar para mim e me sinto até perdida, porque eu perdi algum conteúdo. – Durante estes três anos eu mudei de grupo uma vez só e foi por opção, as meninas até pediram para eu retornar ao grupo, eu sou uma pessoa que... [pausa] eu sei que eu sou difícil, não porque eu sou perfeccionista, mas eu acho que todo mundo está aqui para estudar e aí as pessoas são muito levianas em alguns aspectos, então nisso que eu tive dificuldade, em lidar com as pessoas. Então... Essa é a minha maior dificuldade, lidar com o ser humano em si, em alguns aspectos e não entender eles, como conseguem ser assim? Queria entrar no mundinho deles. – Eu fui mandada embora por conta dos estágios. Eu tinha que fazer os estágios e era uma empresa de análises clínicas e eu era do financeiro e, como não tinha nada a ver com a graduação que eu estava	A mãe critica a escolha profissional da filha Não ter a bolsa integral é um dificultador financeiro A dificuldade de conciliar horário de trabalho e estudo e a importância da ajuda das colegas A dificuldade pessoal de ser flexível e empática com as colegas de classe As empresas só incentivam quem estuda na área em que trabalha

Categoria	Subcategoria	Discurso	Significado
O ProUni na vida da aluna	Dificuldades durante o curso	fazendo, toda a vez que eu falava que tinha que me ausentar por conta de trabalho da faculdade ou alguma coisa assim, era críticas e críticas, falavam: “você não trabalha na área, não está estudando na área e vai faltar e não sei o que...”	
	Preconceitos vividos durante o curso	– [...] quando você menciona que é bolsista, as pessoas [...] te ignoram pelo fato de te acharem inteligente. – Eu fiquei horrorizada no semestre passado ao saber que a última prova do semestre, que era uma prova que você tinha que ler um livro e que seria a distância. Se as notas principais para eu passar para o outro semestre ia fazer a distância... Aí eu fui conversar com as minhas colegas e elas olharam para mim e falaram: “como você é velha, careta” [...] P – Mas você acha que isso tem a ver com o fato de você ser bolsista, de ter esse outro pensamento? E – Eu acredito que sim [...].	A exclusão por parte dos alunos pagantes, por se sentirem inferiores A falta de parceria que o beneficiário do ProUni sofre diante das colegas de classe
	Pontos positivos e negativos do programa	– [...] hoje eu tenho o ProUni, mas amanhã eu não vou ter e aí eu também, se pudesse falar, eu queria falar que o ProUni tem que estender mais, para conseguir dar continuidade aos estudos.	O desconhecimento das bolsas de estudo para a pós-graduação
	O que pensa sobre o ProUni	– Eu consegui ainda ter essa sorte de pagar só 50%. [...] quando você tem esse privilégio de ganhar [a bolsa], é como se você tivesse ganho na loteria, porque, se você for parar para analisar, o valor que você ia gastar não é pouco [...] São 400 reais por mês, se juntar, no final do ano quanto que você tinha, dá para dar de entrada numa casa [...].	Usufruir a bolsa parcial ajuda a aluna financeiramente

Categoria	Subcategoria	Discurso	Significado
O ProUni na vida da aluna	O que pensa sobre o ProUni	– É um programa que, para mim, ele tem que permanecer, não só permanecer como ele tem que transpassar para os demais a importância do estudo. – Se não fosse pela bolsa eu não conseguiria concluir, porque em janeiro eu fiquei desempregada, saí da empresa e peguei minha rescisão, um valor simbólico, digamos, mas claro que, como qualquer um que recebe uma rescisão, você vai querer quitar suas dívidas mais antigas para poder ficar tranquila [...] – É assim eu luto e quero encontrar pessoas que lutem junto à inclusão social. Na inclusão social eu acredito que entre também o ProUni, que isso é uma inclusão [...]. Muitos falam que o Brasil é um país desinteressado na Educação, mas não é, senão não teria o ProUni. O ProUni, ele quer que o Brasil dê oportunidade para as pessoas que querem estudar, pessoas que não tinham condições de estudar, de continuar, de crescer profissionalmente.	O ProUni valoriza a escolarização O programa permite a permanência no ensino superior O programa favorece a inclusão social A importância das políticas públicas para os menos favorecidos continuarem seus estudos
	Perspectivas profissionais	– Eu admiro quem consegue dar continuidade, fazer mestrado, doutorado, eu tenho muito anseio por isso [...].	Pretensão de continuar os estudos

3 Análise do discurso da aluna Andressa Santos

Categoria	Subcategoria	Discurso	Significado
Origem familiar	Escolarização da família nuclear	– Nenhum, ninguém [da família tem curso universitário] [...] nenhum deles é formado [...].	A baixa escolaridade da família mostra a interrupção da educação formal dos menos favorecidos
	Profissão dos pais	[não comentou]	-
	Visão dos pais em relação à filha universitária	– Nossa, eles falam muito... Falam bastante, falam que têm muito orgulho de mim, que eu sou muito esforçada, que querendo ou não eles não tiveram este incentivo. Nossa!! A minha mãe então, dá força para caramba, me pergunta se tem como ajudar de alguma coisa. – [...] eles [os pais] não falam muito disso, dessa qualificação, até porque eles fizeram até o ensino médio, então eles não pensam que tem uma pós, um mestrado, eles acham que parei por aqui.	Os pais se orgulham de ver a filha na graduação e tentam ajudá-la a concluir o ensino superior Os pais desconhecem a possibilidade de continuidade dos estudos da filha
Contexto social	Região de residência	Vila Matilde	zona leste de São Paulo
	Escolarização básica	– [...] sempre estudei em escola pública [...] Desde a educação infantil até o ensino médio estudei em escola pública.	Cursar a educação básica pública é característica das classes menos favorecidas economicamente
	Tipo de lazer que usufrui	– O que eu faço mais é no final de semana, quando dá tempo para poder fazer alguma coisa de lazer: um cineminha, que eu gosto, com o namorado e a princípio é só. – [...] quase nunca eu consigo dizer: “hoje a gente vai sair, vai gastar horrores”, vamos supor... Num parque. Não dá, é uma vez num mês, uma vez a cada seis meses e olhe lá se eu conseguir fazer isso.	O lazer dos menos favorecidos é limitado pela falta de tempo A falta de dinheiro também limita o lazer da classe desfavorecida economicamente

Categoria	Subcategoria	Discurso	Significado
O ProUni na vida da aluna	Mudanças pessoais durante a graduação	– Mudou o meu temperamento, eu era muito nervosa, eu sempre fui muito explosiva e agora, com esse curso, consegui me controlar mais, consigo ser mais, como eu posso dizer, eu consigo ter mais calma, pensar um pouco mais com a cabeça, porque antes eu sempre fui muito explosiva. Se a pessoa brigasse comigo, a gente se matava e eu nunca, tipo, deixava a chance da pessoa tentar se explicar. Ou era do meu jeito ou era de jeito nenhum. [...] eu estou tão calma, muito tranquila, isso me ajudou muito e foi essa faculdade. – No meu trabalho eu acho que foi onde mais mudei, porque eles percebem que a gente tenta se esforçar, que a gente está fazendo o possível para se manter atendida [...].	O conhecimento como possibilidade de pensar e diminuir a impulsividade Mudanças de comportamento refletem-se no desempenho profissional
	Dificuldades durante o curso	– No início eu comecei a pagar curso e estava fazendo normalmente, até que chegou no terceiro semestre que foi aumentando o valor da mensalidade e eu me inscrevi para a bolsa. – [...] o prazo de entrega dos documentos: falaram até o prazo “x” e tipo tinha que ter certidão de nascimento da minha mãe, que foi difícil de achar, mas a gente conseguiu [...]. – Nossa, para mim, eu acho que foi mais o acesso. Eu não sou de uma família que tem dinheiro, então, para a gente é meio... Sei lá.	Antes de ter a bolsa, foi difícil se manter no ensino superior Dificuldade em cumprir as exigências iniciais do ProUni O ProUni ajuda os menos favorecidos economicamente a terem acesso à graduação

Categoria	Subcategoria	Discurso	Significado
O ProUni na vida da aluna	Dificuldades durante o curso	– [...] eu tive que me esforçar muito, na minha casa tinha dia que era eu estudando e meus irmãos pulando atrás e eu dando berros para eles pararem, para eu conseguir ficar em paz, então a minha maior dificuldade foi manter a disciplina para conseguir estudar e tirar as notas que eu tenho hoje [...]. – O ponto negativo é a questão financeira, porque, nossa, a gente trabalha, trabalha, trabalha, sempre faz “bico” aqui, faz “bico” ali e nem sempre a gente consegue cobrir o orçamento. Esse é o ponto mais negativo da minha vida [...]. – Eu comecei em EAD, pagando total, só que na minha casa era impossível eu conseguir estudar, tanto que, nossa, no primeiro e segundo semestres, que eu fiz em EAD, eu só tirei nota ruim, eu não conseguia o tempo hábil para fazer as aulas, e fora que o movimento na minha casa era grande. Então era eu tentando estudar e um falando, o outro assistindo televisão... Nossa, era muito difícil. Então foi quando eu falei “não, para mim não vai ter jeito, vai ter que ser presencial”. O presencial já é mais caro que a EAD, então vamos lá, presencial, vamos pagar mais caro, mas eu vou aprender melhor, tanto que as minhas notas alavancaram, não tenho nem dúvida, nem sombra de dúvidas que foi a melhor coisa que eu fiz.	Dificuldade de estudo por não ter um espaço adequado, reservado e tranquilo dentro de casa Apesar de ter a bolsa do ProUni, a aluna trabalha muito para subsidiar as despesas de casa Começou o curso em EAD por ter valor menor que o curso presencial
	Preconceitos vividos durante o curso	– [...] as minhas amigas achavam legal, falavam: “poxa, você é ‘maior’ inteligente, ainda bem que você conseguiu passar” [...].	As colegas acham que quem consegue nota no Enem e bolsa ProUni é mais inteligente que elas

Categoria	Subcategoria	Discurso	Significado
O ProUni na vida da aluna	Pontos positivos e negativos do programa	– [...] eu acredito que falta um pouco mais de informação, porque tem gente que não sabe que ele existe, que tem a possibilidade de entrar nesse sistema de programa. Eu acredito que, se as pessoas soubessem mais, se tivessem mais informações em relação a isto, muitas, muitas outras pessoas também teriam esta oportunidade. – O ponto negativo para mim é a questão da inscrição, que eles pedem uma sequência de documentos muito grande e às vezes é até um pouco difícil para a gente, porque, vamos supor, se eles pedem o [registro geral] RG da minha mãe, o RG dela está atual e está tudo certinho, então não tem por que, eu acredito, pedir a certidão de nascimento dela, eu acho que é coisa meio, um pouco, sei lá, forçado. Entendo que deve ser para evitar fraudes, mas com essas exigências e o prazo curto que eles dão para entregar tudo, fica bem corrido.	A falta de informação e de divulgação do ProUni impede que as pessoas o utilizem As exigências do programa e o curto tempo para cumpri-las dificultam o momento da inscrição
	O que pensa sobre o ProUni	– [...] e até então foi uma bênção na minha vida. O ProUni caiu do céu. – Estava numa época que eu já não conseguiria mais pagar, a faculdade estava indo para uns 600 reais por mês e, nossa, eu pensei: “a partir do semestre que vem eu vou ter que trancar a faculdade, porque para mim não vai dar mais”. E aí foi quando surgiu a oportunidade e eu consegui a bolsa, então pra mim caiu do céu. É incrível, não posso nem reclamar [...]	O ProUni é algo muito importante na vida da aluna É a possibilidade de continuar os estudos

Categoria	Subcategoria	Discurso	Significado
O ProUni na vida da aluna	O que pensa sobre o ProUni	– Para mim, o ProUni representou uma luz no fim do túnel, porque quando eu achei que eu não tinha mais esperança, que eu não ia mais conseguir fazer a faculdade, que eu não ia mais ter opção, porque não ia ter outra possibilidade para mim, apareceu o ProUni.	O ProUni é esperança, saída para fazer a graduação
	Perspectivas profissionais	– Eu comecei o curso, na verdade, para eu ganhar melhor no trabalho onde eu estou. Porque inicialmente eu não queria sair de lá, eu adoro o que eu faço, é muito legal trabalhar onde eu estou e eu estou “felizona”, tipo, eu trabalho do lado de casa, vou andando, não pego condução, então eu sempre adorei o que eu faço. Então a minha ideia era me preparar mais para ajudar eles onde eu estou, mas claro que se um dia eu tiver oportunidade de prestar um concurso, dar aula... [...] aí sim, mesmo gostando do meu trabalho, eu saio. – [...] no próximo ano eu posso pensar numa pós. Eu gosto da Neurociência, eu gosto do lúdico, a parte do brincar, aprender brincando, eu acho muito bacana, que é o que a gente faz no meu trabalho e acredito que seria minhas duas opções para a pós.	O ensino superior representa a possibilidade de mudanças profissionais Intenção de continuar os estudos na área da Educação

4 Análise do discurso da aluna Paula

Categoria	Subcategoria	Discurso	Significado
Origem familiar	Escolarização da família nuclear	– Minha mãe é da área de Educação desde que eu me conheço por gente. Eu tenho 25 anos e minha mãe, acho, tem 22 de carreira na Educação. – Ela é professora de educação infantil. Quando ela entrou na prefeitura, ainda era chamada de pajem. Foi todo um processo de transformação do cargo, mas a princípio, ela sempre trabalhou com educação infantil, nunca foi para o fundamental. – Meu pai sempre foi autônomo e, num momento da minha infância, acho que por volta dos 7 anos, assim que minha irmã nasceu, meu pai se envolveu com alcoolismo. [...] o meu pai, ele parou no ensino fundamental. Eu não vou lembrar em que época, mas ele retomou os estudos, concluiu o ensino fundamental através do supletivo a distância, que na época fazia por correspondência [...] Quando ele ficou sem emprego, então teve que procurar o estudo, mas ele não chegou a concluir, meu pai tem só o ensino fundamental. – Meu pai e minha mãe [pausa], é bem diferente. Minha mãe terminou o ensino médio depois que eu nasci, porque quando eu nasci ela tinha 16 anos [...] – Acho que faz uns dez anos que minha mãe fez o curso universitário. Ela fez o magistério, concluiu o ensino médio com magistério e depois fez Pedagogia, que a lei obrigou. Foi logo que mudou a legislação, a prefeitura financiou o curso.	Mãe é educadora desde que a aluna era criança Mãe é professora de uma escola municipal de educação infantil Pai interrompeu os estudos por causa do alcoolismo A mãe tem nível de escolarização maior que o pai A obrigatoriedade legal e a ajuda do Estado incentivaram a mãe estudar

Categoria	Subcategoria	Discurso	Significado
Origem familiar	Escolarização da família nuclear	Depois disso ela fez a pós-graduação também, agora não me lembro em qual universidade que ela fez, mas foi voltada à educação infantil, ensino lúdico, e aí foi onde eu comecei a acompanhar um pouco mais, a tentar entender um pouco a área, porque, como ela fazia <i>online</i> , às vezes eu acompanhava as aulas <i>online</i> , assistia com ela, começou a me despertar um pouco de interesse pelo segmento, mas até então eu não gostava [...].	A dedicação da mãe à profissão e aos estudos motivou a filha a seguir a mesma carreira
	Profissão dos pais	– Ela [a mãe] é professora de educação infantil [...]. – Ele [o pai] é motorista.	A mãe exerce uma profissão que exige maior nível de escolarização O pai tem uma função que não requer alto nível de instrução
	Visão dos pais em relação à filha universitária	– A minha mãe está superorgulhosa... [risos] [...] é muito bacana a troca de experiências com a minha mãe, é muito legal. Eu pergunto: “o que é que você fez para turma do berçário, quando você era professora?” Aí a gente troca atividades, experiências, conto que tem uma criança assim e assado na escola e, nossa, a minha mãe está superorgulhosa, agora está querendo me ajudar no direcionamento para a pós-graduação. – Meu pai, eu não posso dizer muito... Eu acho que ele tem sentimento de orgulho, mas a minha relação com meu pai mudou bastante por causa do alcoolismo, então eu não tenho mais parâmetro, ele não é uma referência para mim. Deixou de ser um pouco uma referência, mas eu tenho certeza que ele	A mãe incentiva a filha a continuar os estudos e seguir a mesma profissão dela O pai sente orgulho da filha, mas como não estudou muito e é alcoólatra não consegue ajudar a filha nos estudos

Categoria	Subcategoria	Discurso	Significado
Origem familiar	Visão dos pais em relação à filha universitária	está orgulhoso, acho que um pouco, como que eu posso dizer [...] triste de não ter participado tanto da minha formação profissional, por ele não ter uma formação que me estruturasse, porque ele fez só até o fundamental, então ele queria me auxiliar em alguns momentos, mas não podia, porque ele não fazia parte dessa realidade, da realidade acadêmica dele [pausa]. O orgulho dele é ainda maior, por eu ter chegado onde ele não chegou. – Em relação à família, eu sou uma das primeiras netas que está fazendo faculdade, então ainda tem um pouco isso também, acho que é uma valorização geral da família e social, em relação ao grupo de amigos e outros grupos, a gente sempre tem uma valorização quando conclui a faculdade, principalmente com superação.	Ela é uma das primeiras pessoas da família e do grupo de amigos a fazer faculdade e se sente valorizada por eles
Contexto social	Região de residência	Bairro Aliança, Ribeirão Pires	Município do estado de São Paulo, região do Grande ABC
	Escolarização básica	– Sempre estudei em escola pública [...].	O fato de ter cursado a educação básica em escola pública mostra a difícil condição financeira da família
	Tipo de lazer que usufrui	– Quando eu trabalhava no período integral, vinha direto para a faculdade, eu só tinha o final de semana para fazer tudo. Teve uma época também que eu chegava mais cedo aqui, ia direto para o laboratório de informática e era onde eu fazia as atividades das aulas a distância, adiantava pesquisas para poder estudar. Agora, trabalhando seis horas, fico bem mais tranquila e dá para conciliar com lazer também.	A carga horária reduzida de trabalho facilita os momentos de lazer

Categoria	Subcategoria	Discurso	Significado
O ProUni na vida da aluna	Mudanças pessoais durante a graduação	– Eu sou meio preguiçosa para estudar, então eu nunca tive muita vontade ou aquele sonho de falar que queria me formar na faculdade, eu não tive muito isso, foi mais pela necessidade de crescer, de desenvolvimento mesmo que vi que a opção era entrar na universidade, então... – Agora eu trabalho na educação infantil, mas até o início do ano, em março me desliguei da empresa que eu trabalhava como supervisora de <i>call center</i> e consegui um estágio num colégio particular e aí comecei agora e tenho o contrato do meu estágio até o fim do ano. – [O ensino superior] Mudou, mesmo não sendo na área que eu estou estudando, porque quando comecei a faculdade eu trabalhava em <i>call center</i>, mas já fez diferença. Na empresa que eu trabalhava me abriu outras portas dentro da própria empresa. Não digo que recebi promoção de cargo, porque eu já tinha mudado de cargo, mas ele me deixou mais, como posso dizer... Eu fui mais valorizada profissionalmente depois que comecei a cursar a universidade e até em momentos de corte na empresa eu não fui desligada por que eu era universitária. – Agora que estou concluindo o curso, penso em uma segunda graduação; aí, sim, é o momento que eu quero me empenhar mais, porque eu já sei até onde eu consigo chegar, se eu já passei por tudo isso, eu sei onde posso ir.	Busca seu crescimento profissional por meio do estudo, mesmo não gostando muito de estudar Mudou de emprego para trabalhar na área da Educação O fato de ser universitária trouxe-lhe valorização profissional O desejo de crescimento, de desenvolvimento pessoal e profissional por meio do curso universitário

Categoria	Subcategoria	Discurso	Significado
O ProUni na vida da aluna	Mudanças pessoais durante a graduação	– Aqui na universidade eu tive o prazer de conhecer pessoas que acreditam no nosso potencial, porque a gente tem professores que dão aulas nas faculdades federais e que conciliam com as aulas daqui. Eu ouvi de um professor: “se um dia você cursar História” – que eu falei que eu gostava – “você conseguirá entrar fácil numa PUC, numa USP com um pé nas costas”. Isso me deu “gás”, foi no segundo semestre, eu falei: “nossa, será que eu sou tudo isso mesmo?” Isso é tão bom, quando você vê que tem pessoas que acreditam no seu potencial, no que você está fazendo, e isso incentiva a ser cada vez melhor.	A importância do incentivo de um professor
		– Fazendo a faculdade eu também encontrei a minha identidade profissional, porque, quando eu comecei a Pedagogia, eu já tinha o desejo de estudar Psicologia, mas eu não tinha como custear, porque não consegui a bolsa para Psicologia, consegui a bolsa pra Pedagogia e eu achava que eu não ia me identificar, pela experiência que eu tinha com a minha mãe. Em vez da experiência da minha mãe me incentivar positivamente, me incentivava negativamente para a área da Educação; mas depois que eu entrei, nossa, eu me achei, me encontrei, eu nasci para isso! A faculdade me trouxe a minha própria identidade, algo que eu não conhecia de mim [...].	A aluna encontrou sua identidade profissional
		– Nossa, outra pessoa [risos]. Eu me vejo outra pessoa, porque acho que os meus ideais	Ser universitária aumentou sua autoestima

Categoria	Subcategoria	Discurso	Significado
O ProUni na vida da aluna	Mudanças pessoais durante a graduação	mudaram. Eu não me via cursando uma faculdade, não me via me descabelando por causa de trabalho e hoje eu vejo o quanto isso me potencializou. Consigo enxergar as minhas capacidades, consigo fazer planos de mais formação, que eu antes da faculdade eu não tinha ideia nem da primeira formação quem dirá das próximas, Então eu acho que a faculdade conseguiu desencadear em mim um desejo de crescimento profissional e um desejo de crescimento pessoal mesmo, de querer me conhecer mais, de não parar de ter, de buscar o conhecimento contínuo, de coisas novas para estudar, enfim, eu acho que eu mudei completamente.	Ser universitária aumentou sua autoestima
	Dificuldades durante o curso	– Teve uma época que eu saía daqui, da faculdade, 10 e meia da noite, eu chego em casa por volta de meia-noite, meia-noite e meia e eu tinha que levantar 3 e meia da manhã para ir trabalhar. – Eu acho que as maiores, o que complicou muito, foi o meu cansaço para estudar, porque eu trabalhava uma carga horária de quase dez horas no meu trabalho anterior. [...] Eu sempre entrei cedo no trabalho, entrava 7 horas da manhã, eu tinha que acordar às 5, às vezes às 4 e meia, para chegar às 7 no trabalho e depois ir dormir só meia-noite e meia. Então acho que o que mais me pesou mesmo durante todo este trajeto foi o cansaço. Teve um outro fator também que acho que foi um período complicado: logo que eu comecei a faculdade, em 2014, meu marido estava desempregado, mas ele ainda	O fato de trabalhar e estudar simultaneamente faz a aluna sentir-se muito cansada Morar distante do trabalho e da faculdade conduz a horário reduzido de descanso A ajuda financeira dos familiares é de suma importância para a continuidade da graduação

Categoria	Subcategoria	Discurso	Significado
O ProUni na vida da aluna	Dificuldades durante o curso	estava recebendo seguro desemprego, então a gente conseguiu levar o primeiro semestre. No segundo semestre ele não tinha arrumado trabalho ainda, foi outro desgaste [...]. – [...] praticamente os dois anos da minha formação ele passou desempregado, ele começou a trabalhar no final do semestre passado que foi onde “deu um gás”, um respiro para a gente continuar e isso implicou diretamente nos meus estudos. Juntou a pressão do trabalho, a pressão das despesas de casa, mais o ser dona de casa [risos], são multitarefas para conciliar. Então foi bem complicado [...]. – [...] eu acho que a faculdade, ela desperta na gente [pausa], não sei a palavra [pausa], um sentimento de desafio, de “quanto mais eu testo os meus limites, mais eu vou conseguir avançar”, então eu chegava aqui chorando e falando: “ai, meu Deus, eu não vou aguentar... Não, eu vou aguentar! Eu já passei por isso, por aquilo, então eu vou aguentar, eu vou fazer”, e o meu grupo me ajudou muito também. Acho que isso é muito importante, os vínculos que a gente estabelece com o grupo, com os professores, eu sempre tive ótimos professores, sempre me ajudaram bastante, eu acho que isso conta para a gente conseguir superar as dificuldades. – [...] sempre tem muitas dificuldades, mas, acho que desenvolver o pensamento crítico foi a maior. Quando eu entrei na faculdade percebi o quanto a minha cabeça era fechada para algumas verdades e o quanto a gente não pensa a respeito de algumas coisas.	A falta de dinheiro, o trabalho e as tarefas de casa afetam o aproveitamento nos estudos Sentiu-se estimulada diante das dificuldades por que passou Os vínculos afetivos ajudam a superar as dificuldades A maior dificuldade estava em si, em desenvolver o pensamento crítico, em se abrir para novas informações

Categoria	Subcategoria	Discurso	Significado
O ProUni na vida da aluna	Dificuldades durante o curso	– Conseguia refletir sobre essas coisas e principalmente eu conseguia perceber que, quando você entra em um curso e começa a ter esse pensamento crítico, é muito difícil, é muito difícil você sair da caixinha [...] então acho que esse pensamento crítico de parar e refletir sobre as ações, tanto dentro quanto fora da escola, tanto na faculdade quanto na vida pessoal, acho que foi um processo de amadurecimento que eu enfrentei, principalmente dentro da faculdade.	Cursar o ensino superior colaborou para o amadurecimento da aluna
	Preconceitos vividos durante o curso	– Não, na verdade não, eu acho que na faculdade aqui nem se divulga isso. Quando eu entrei eu fiquei tão deslumbrada que eu tinha conseguido a bolsa, tão orgulhosa de mim, que eu achava tão surreal ser bolsista que eu queria saber quem eram os outros bolsistas, que tinham conseguido comigo a bolsa, e até hoje eu não descobri [risos]. – Eu acho que é um pouco de preconceito com as pessoas que não estavam cursando uma graduação, mas em contrapartida eu acho que é uma valorização profissional, né? – Eu acho que no social tem um paradigma de <i>status</i> de você estar na faculdade. Na sociedade, é diferente você falar: “estou fazendo um cursinho de manicure”, todo mundo fala “nossa, manicure por quê?” Quando você fala “estou na universidade”, as pessoas falam: “nossa, que legal!” Depois você fala que é Pedagogia e eles falam: “é a nossa professora” [risos], então tem uma série de preconceitos para superar, mas o <i>status</i> social existe.	Dentro da universidade não sente haver preconceito com os beneficiários do ProUni A sociedade tem preconceito contra aqueles que não chegam ao ensino superior A sociedade valoriza quem tem curso superior

Categoria	Subcategoria	Discurso	Significado
O ProUni na vida da aluna	Preconceitos vividos durante o curso	– No grupo de amigos, eu e meu marido, acho que somos os únicos que ingressaram na faculdade, nós somos em seis casais e nós somos os únicos. Meu marido não concluiu, ele trancou e não chegou a retornar, mas somos os únicos que ingressaram na faculdade. Desse grupo tenho mais uma colega que é formada em Pedagogia e os outros têm profissões aleatórias, profissões mesmo, não são cargos, são profissões, pessoas que não fizeram um curso técnico nem a faculdade, mas têm profissões.	Os amigos não chegaram ao ensino superior
	Pontos positivos e negativos do programa	– O ProUni é mesmo um dos melhores caminhos, só que ele é mal divulgado, acho que ele é vendido como inalcançável. Uma bolsa do ProUni é, na verdade, algo que todo mundo tem capacidade de conseguir, basta um pouquinho de empenho e determinação [...]. – Acho que a mídia divulga pouco, muito mal explicado, eu vejo, por exemplo, a minha irmã, que saiu do ensino médio agora e ela nunca tinha ouvido falar na escola. Falta ressaltar a importância desses programas para que os alunos busquem mais, que vejam que todo mundo tem oportunidade. – Eu tenho que dizer que foi mais pela mídia, porque até na minha época de escola, quando eu fiz o Enem no ensino médio mesmo, era pouco divulgado. Tanto que, quando eu fiz o Enem no ensino médio, eu achava que eu só ia terminar, concluir o ensino médio se eu fizesse a prova do Enem, se eu não fizesse a prova do Enem não ia, eu ia ter que estudar tudo de novo. Os	O ProUni é divulgado como algo difícil de conseguir, mas é para todos Falta divulgação do ProUni na educação básica Desconhecia a validade do Enem para conseguir a bolsa do ProUni

Categoria	Subcategoria	Discurso	Significado
O ProUni na vida da aluna	Pontos positivos e negativos do programa	professores não falavam a respeito, só falavam que a gente tinha que fazer o Enem e a gente fazia simulados, tinha as questões para estudar, mas falar “você precisa fazer o Enem para entrar numa faculdade”, isso não tinha. – [...] na minha visão pessoal, um dos pontos positivos é que eu acho que ele abre as portas, facilitando principalmente a questão financeira, ele vai custear a faculdade, então isso é muito bom para quem depende de um salário mínimo, por exemplo. A mensalidade da faculdade é um salário mínimo, e o que eu faço com o resto das dívidas de casa? Isso porque a gente não está nem falando da universidade mais cara entre as privadas, né? Então, eu acho que ponto principal é esse auxílio. – Eu não sei dizer se é um ponto negativo, eu acho que o ProUni não é muito divulgado, mas eu só posso dizer pela minha visão, porque eu não conhecia tanto e eu achava que o ProUni só servia para entrar nas universidades federais, eu não sabia que as universidades privadas também participavam da bolsa. – O ProUni é um programa muito bom, porque favorece muita gente, mas essa muita gente ainda é pouco para o que deveria favorecer. Eu acho que esses são os pontos negativos. – [...] bom, pelo menos para mim foi assim, enquanto eu tinha o pensamento que era bolsista, consegui me empenhar mais para não perder... [risos]. Acho que eu me senti valorizada de ter conseguido entrar e manter a bolsa.	O ProUni ajuda o aluno pobre a estudar A divulgação do ProUni não deixa claro como o programa funciona O programa ajuda muitas pessoas, mas poderia favorecer muito mais gente O ProUni motiva o aluno a estudar para não perder a bolsa

Categoria	Subcategoria	Discurso	Significado
O ProUni na vida da aluna	Pontos positivos e negativos do programa	– Durante o curso você também tem que conseguir se manter, manter a sua bolsa se empenhando cada vez mais no estudo, e eu acho que o fato de você não pagar a mensalidade é um tranquilizador enorme para se empenhar, aprender com mais tranquilidade, então no decorrer da graduação ele auxilia neste ponto.	O programa oferece tranquilidade para estudar, porque o aluno não tem de se preocupar com a mensalidade
	O que pensa sobre o ProUni	– [...] foi fundamental eu ter conseguido essa bolsa [...] até por questão salarial, primeiramente porque meu marido, na época eu já estava casada há um ano e a gente já pagava a faculdade dele, que já era bem caro. E quando eu consegui a bolsa foi o gatilho, porque aí eu pensei: “agora eu não vou perder a oportunidade, vou estudar mesmo”, então foi o empurrão que faltava para ingressar. – [...] definitivamente, se não fosse o ProUni eu não teria começado a faculdade, isso para mim é o ponto principal, se eu não tivesse conseguido a bolsa eu não teria ingressado na faculdade naquele ano, eu ia postergar, postergar, talvez agora eu já tivesse começado, mas não naquele momento, se eu não tivesse conseguido a bolsa, eu não teria ingressado. E pelas situações pessoais que eu passei, se não fosse pela bolsa eu teria desistido pelo caminho. Então o ProUni foi fundamental para a minha formação, isso eu tenho plena certeza, que foi fundamental para eu estar aqui prestes a me formar, se não fosse ele, com certeza eu não estaria aqui.	É a possibilidade de continuar estudando Possibilidade de acesso e permanência ao ensino superior

Categoria	Subcategoria	Discurso	Significado
O ProUni na vida da aluna	O que pensa sobre o ProUni	– Para mim, ter conseguido a bolsa do ProUni foi fundamental. Se eu não tivesse conseguido a bolsa, talvez eu não tivesse começado a faculdade até agora, porque para custear mesmo eu não teria possibilidade. – Teve horas que eu queria desistir porque eu não conseguia, então eu falo que o ProUni me salvou muito, foi a única coisa que me fez não desistir nesse período que a gente estava muito apertado, com dívidas. – [...] o ProUni é o melhor caminho para estar na faculdade, porque você cursa despreocupada, a sua faculdade está paga e você tem a consciência tranquila para focar nos estudos.	Favorece o acesso da classe menos abastada ao ensino superior O programa permite a permanência no ensino superior O ProUni oferece segurança e tranquilidade ao estudante porque este não precisa se preocupar com as mensalidades
	Perspectivas profissionais	– [...] eu ainda estou muito na dúvida do que, porque eu sempre soube que gostava muito de Psicologia, quando eu entrei na faculdade essa foi uma das primeiras disciplinas que mais gostei, nossa! Aí os olhos brilharam mesmo! Eu falo que é isso que eu quero, dá aquela sede, mas agora que eu aprendi muitas outras coisas me deu sede também por História, me apaixonei por História, então eu quero cursar, mas as duas [risos] eu acho que não. Então ainda vou decidir, mas acho que isso mais lá na frente, posso colocar em um longo prazo, daqui uns dez, 15 anos. Inicialmente, eu quero sair da faculdade e fazer uma pós para me especializar mais e mais à frente, quando tiver oportunidade da segunda graduação, aí sim vou tomar essa decisão: História ou Psicologia.	A aluna pretende continuar estudando

5 Análise do discurso da aluna Tamy

Categoria	Subcategoria	Discurso	Significado
Origem familiar	Escolarização da família nuclear	– A minha mãe também, ela não fez o ensino superior e ela sempre estudou em escola pública. [...] minha mãe fez a EJA para o ensino médio também, quando eu tinha 10 anos, mais ou menos [...] O meu pai tinha parado de estudar e voltou quando eu já tinha 12 anos. Ele fez o Ceja [...] para o ensino médio, ele não fez superior [...].	Os pais não cursaram o ensino superior e fizeram ensino médio na EJA e Ceja, o que denota dificuldade de escolarização
	Profissão dos pais	[não comentou]	-
	Visão dos pais em relação à filha universitária	– Bom, eles comentam com muito, muito orgulho, porque eu já sou a segunda que está terminando a faculdade e eles se enchem de orgulho para falar, porque na família são poucos que estudaram. – Na época que eu saí do ensino médio, o curso superior veio por influência da minha mãe, mas eu perguntava: “por que, mãe, tenho que estudar?” Ela respondia: “porque tem que estudar, tem que ser alguém”.	Pais sentem-se orgulhosos ao verem as filhas no ensino superior, porque essa formação não é comum na família Embora com pouco estudo, a mãe valoriza a formação da filha
Contexto social	Região de residência	Itaim Paulista	zona leste de São Paulo
	Escolarização básica	– Eu sempre estudei em escola pública, desde a educação infantil até o ensino médio.	Cursar a educação básica em escola pública mostra que, por motivos financeiros, a família não teve escolha
	Tipo de lazer que usufrui	– [...] aos sábados eu decretei que não faço nada da faculdade para aproveitar a família, o namorado, as minhas irmãs, aí no domingo se tem alguma coisa, provas na semana, eu estudo e não faço nada com eles, eu pego a tarde toda no domingo e fico estudando.	Divide os finais de semana entre a família e os estudos

Categoria	Subcategoria	Discurso	Significado
O ProUni na vida da aluna	Mudanças pessoais durante a graduação	– [...] eu sou estagiária da prefeitura [...]. – [...] a minha postura mudou, eu me sinto muito mais madura, eu enxergo as coisas de outra forma, a questão da cultura, eu tento procurar ao máximo complementar a minha formação, pesquisar, ler... – O meu relacionamento com as pessoas mudou, na família, com os amigos, com o namorado mudou, porque antes a gente acaba aceitando tudo, depois que entrei na graduação a gente vê que não é desta forma e a gente entra com aquele senso crítico, rebatendo tudo. – [...] aprendi a dar valor a muita coisa, porque quando eu comecei a estudar percebi quanto a minha mãe queria que eu estudasse, percebi quanto dinheiro é gasto com coisa boa. – Quando eu entrei na faculdade, eu brinco com as meninas que eu era uma criança; hoje eu me vejo de outra forma, eu já sou uma mulher, eu vejo o quanto amadureci. – Eu era muito menina, muito criança, eu enxergava só aquilo, de um jeito, eu não via de outras formas. Por exemplo brincava com o feminismo, agora não, não é assim, porque eu acabava pensando pequeno, agora eu penso grande, vejo de várias formas. – Hoje não, eu vejo que a importância do curso superior para uma pessoa vai muito além de qualificação para trabalho, é para a gente sair da nossa zona de conforto mesmo, porque a gente acaba se acomodando.	Iniciou a carreira de professora Maior interesse cultural, pelos diversos conhecimentos Desenvolveu postura mais crítica no cotidiano Tem maior consciência do custo e benefício das coisas e do estudo As vivências no ensino superior promoveram amadurecimento pessoal Ampliou o repertório e alterou a visão de mundo O ensino superior muda a forma de viver, tira a pessoa da mesmice

Categoria	Subcategoria	Discurso	Significado
O ProUni na vida da aluna	Dificuldades durante o curso	– Então, quando eu entrei na faculdade, eu tentei trabalhar como recreacionista em um parque, era das 8 às 2, então eu tinha que acordar muito cedo e sair de lá às 2 horas; eu ia ter que ficar aqui na faculdade até 7 e meia esperando começar a aula. Eu não fiquei nem uma semana nesse emprego, porque não deu. Eu não estava conseguindo comer, eu não estava conseguindo fazer nada, nem estudar, porque chegava morrendo de sono e aí não deu, então eu saí e fiquei alguns meses sem trabalhar. Quando eu consegui o estágio, foi melhorando, porque o estágio é perto de casa, eu entrava às 7 e saía às 11, ia para a casa, almoçava, conseguia fazer os meus trabalhos, passei a aproveitar a família, porque no outro eu não conseguia nem ver a minha mãe. Agora mudou o meu horário, eu trabalho da 1 e meia às 5 e meia e é melhor ainda, porque eu venho direto da escola para a faculdade. Só que a questão da alimentação ficou ruim, estou sentindo muito, porque eu estou comendo muito mais besteira e vou jantar meia-noite, meia-noite e meia, quando chego em casa.	O cansaço de quem trabalha o dia inteiro e estuda prejudica a concentração, o desempenho nos estudos e a convivência familiar A menor carga horária de trabalho facilita os estudos, porém a falta de dinheiro é um dificultador para ter qualidade de vida
	Preconceitos vividos durante o curso	– [...] o preconceito direto a gente não sente, mas indiretamente, sim. Quando a gente vai falar alguma coisa, a gente escuta: “mas você não paga a faculdade, tipo assim, do que você está reclamando?” Por exemplo, se eu comento que pago a faculdade, eles falam que não, “não, você não paga a faculdade”. Isso para mim é um preconceito indireto... Camuflado.	O preconceito velado contra os beneficiários do ProUni consiste em considerá-los privilegiados, e suas opiniões não são bem-vindas

Categoria	Subcategoria	Discurso	Significado
O ProUni na vida da aluna	Preconceitos vividos durante o curso	– Eu me sinto mal, mas para mim eu estou pagando a faculdade, eu estou estudando, mas eu estou pagando a faculdade, porque não é fácil também, é muito difícil, eu sei que para eles é mais difícil, porque têm que trabalhar pensando que o dinheiro tem que dar para a mensalidade. Mas também lá atrás foi muito difícil para eu conquistar a bolsa. – [No final do curso] O preconceito continua o mesmo, não mudou nada [risos]. Agora, para mim é uma brincadeira delas, eu penso assim e não me sinto mal por isso, nem respondo... É melhor ficar quieta [risos]. – Eu perdi muitos amigos por causa da faculdade, porque a gente entra na faculdade e acaba se dedicando aos estudos e eles não entendem isso. De dez amigos se manteve três, o restante não entendeu que não dava mais para sair aos sábados, porque eu tinha que estudar para prova, então foram se distanciando e não entenderam. – Tem muita gente contra o ProUni, que fala que o governo está gastando dinheiro nosso com besteira... É muito difícil escutar isso, aí a gente pega, fecha a cara e não responde.	A diferente visão de quem desfruta da bolsa A aluna aprendeu a conviver com o preconceito, que permaneceu durante o curso O preconceito fora da faculdade também existe A desconsideração pela necessidade dos menos favorecidos economicamente
	Pontos positivos e negativos do programa	– [...] por ser bolsista do ProUni eles [a faculdade] dão preferência para quem não é bolsista. Na hora de assinalar a documentação e escrever sim ou não, eu pensei muito bem se eu ia colocar o ProUni ou não e coloquei, e mesmo assim fui chamada [risos]. Se você for ver a porcentagem de estagiários que têm bolsa é muito pouca, foi sorte mesmo.	Ser bolsista do ProUni é um impeditivo para utilizar outros programas do governo que geram renda

Categoria	Subcategoria	Discurso	Significado
O ProUni na vida da aluna	Pontos positivos e negativos do programa	– Eu acredito que é para manter a mensalidade. Se é um aluno da faculdade, tem que pagar a mensalidade, eu acho que para eles o estágio ajudaria a pagar a faculdade; como a gente não paga, também não pode fazer o estágio remunerado. – Eu queria muito entrar no Pibid, mas não deixaram por eu ser bolsista. – [...] quando a gente tem a bolsa, a questão do trabalho para pagar a mensalidade não é assim uma coisa rígida e isso ajuda muito. – Quando a gente é bolsista, acho que a gente acaba se dedicando mais ao curso [...]. – [...] auxilia muita gente que quer estudar, ajuda a cursar o curso que a pessoa quer. – Negativo é que as faculdades acabam, as faculdades particulares, elas acabam restringindo o número de programas que a gente pode participar. Por exemplo, você é ProUni, não pode participar do Pibid, dos estágios remunerados [...]. – Para mim, o ProUni me ajudou a amadurecer muito, estar na faculdade me amadureceu.	O estágio remunerado é direcionado a quem não tem bolsa Critica à limitação para entrar em outros programas governamentais remunerados A segurança da bolsa diminui a preocupação com a questão financeira Ter a bolsa é um incentivo para estudar O ProUni ajuda quem não pode pagar a graduação a estudar Não poder participar de mais de um programa de inclusão social é um ponto negativo para quem tem poucos recursos financeiros O ensino superior favoreceu o amadurecimento pessoal
	O que pensa sobre o ProUni	– Na época eu pensei: Eu tenho que conseguir uma bolsa, porque eu não posso parar de estudar [...] – [...] eu sei que, se não fosse o ProUni, muita gente não estaria estudando, e é muita gente mesmo!	A possibilidade de continuidade da escolarização da classe menos favorecida economicamente Facilita o acesso dos menos favorecidos economicamente ao ensino superior

Categoria	Subcategoria	Discurso	Significado
O ProUni na vida da aluna	O que pensa sobre o ProUni	– [...] eu falo para as meninas [colegas de sala] até hoje que, se não fosse a bolsa do ProUni, eu não estaria estudando, porque na época eu estava muito apertada, não dava nem para imaginar... – [...] para mim o ProUni é perfeito. É um programa que ajuda muita gente, tem muita gente que quer estudar e não tem condições de pagar. O ProUni para mim é um programa que o dinheiro é gasto com uma coisa ótima, é muita coisa boa investida e me ajudou muito, porque se não fosse o programa não ia dar para eu estudar. – [...] um programa ótimo, que ajuda muito, tem muitas amigas que estavam querendo também e eu sempre saio divulgando o programa. A minha mãe fala que eu sou <i>merchandising</i> gratuito deles, porque eu apresento mesmo, quando abre as inscrições eu faço as inscrições de todo mundo que quer estudar.	A ajuda financeira necessária para não parar de estudar O ProUni ajuda muitas pessoas que estudam, mas não têm dinheiro para pagar um curso O ProUni é um investimento do governo em algo bom A aluna divulga o programa entre os amigos e ajuda quem quer estudar e não tem condições de pagar
	Perspectivas profissionais	– Por exemplo, eu estou fazendo Pedagogia e pretendo prestar concurso público para voltar ao ensino público, então o governo está influenciando a gente a voltar e ajudar, fazer a manutenção disso tudo aí fora. – Quando eu terminar, pretendo continuar me especializando na área; pretendo fazer especialização em alfabetização, porque no estágio eu acompanho turmas de 1º ano e é muito gostoso, eu estou gostando muito e quero continuar nessa área. Pretendo fazer mestrado, doutorado, tudo isso com bolsa, conquistando as minhas bolsas por aí.	A aluna pretende trabalhar no ensino público para ajudar a mantê-lo Quer continuar estudando na área da Educação Almeja cursar o <i>stricto sensu</i> com bolsas de estudo